MARIA HERCÍLIA RODRIGUES JUNQUEIRA

A EXPANSÃO DO SELF DE PRESIDIÁRIOS:

ENCONTRO DA PSICOLOGIA COM A ARTE E A PROFISSÃO

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

São Paulo

2005

MARIA HERCÍLIA RODRIGUES JUNQUEIRA

A EXPANSÃO DO SELF DE PRESIDIÁRIOS:

ENCONTRO DA PSICOLOGIA COM A ARTE E A PROFISSÃO

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profª Drª Maria Júlia Kovács

São Paulo

2005

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Junqueira, Maria Hercília Rodrigues.
A expansão do self de presidiários : encontro da psicologia com a arte e a profissão / Maria Hercília Rodrigues Junqueira; orientadora Maria Júlia Kovács. --São Paulo, 2005.
272 p.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Terapia centrada no cliente 2. Autoconceito 3. Aprendizagem significativa 4. Detentos 5. Teatro 6. Profissões I. Título.

RC481

A EXPANSÃO DO SELF DE PRESIDIÁRIOS: ENCONTRO DA PSICOLOGIA COM A ARTE E A PROFISSÃO

MARIA HERCÍLIA RODRIGUES JUNQUEIRA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Aprovada em: ____/___/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição:_____**Assinatura:**_____

Prof. Dr._____

Instituição:_____**Assinatura:**_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____**Assinatura:**_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____**Assinatura:**_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____**Assinatura:**_____

DEDICATÓRIA

Deus, Pai de infinito amor e bondade, que me proporcionou um novo existir para novos aprendizados.

Jesus, o Rabi da Galiléia, psicoterapeuta de homens e de almas, que sempre me acompanha.

Maria, mãe divina, pela proteção em todos os momentos de minha vida.

Paulo de Tarso, por me ajudar a compreender que a energia que move aos descaminhos é a mesma que conduz à essência sagrada.

Meus pais, Hercílio e Horades, por me aceitarem como filha.

Meus irmãos, Cláudio Roberto, José Hercílio, Carlos Eduardo, Júlio César, Guiomar Otília e Lúcia Elaine, pelo aprendizado da convivência.

Meus filhos, Juliano, Danilo e Alexandre, luzes de minha vida, por me escolherem como mãe e me ensinarem o amor incondicional.

Àqueles que ainda hão de vir, minha aceitação amorosa.

Minha amiga, Expedita Fátima, pela certeza de poder contar com seus cuidados.

Meu amigo, Luiz, por acreditar em mim.

Meus colaboradores, por me aceitarem em suas vidas.

Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Essa minha longa jornada pelos caminhos do conhecimento só foi possível pelo apoio e suporte de algumas pessoas significativas que me estenderam as mãos nos momentos em que eu mais necessitava:

Maria Júlia Kovács, que amorosamente me acompanha nessa caminhada, por um longo período, com quem tive preciosos ensinamentos.

Elcie Manzini, a doçura do acolhimento do meu trabalho.

Maria Luiza Schmidit, pelas preciosas pontuações.

Nancy Vaicunas, que tantas e tantas vezes me deu colo nos meus momentos de aflição.

Iracema Neno Cecílio Tada, amiga de todos os momentos, de todas as horas, de todos os minutos, de todos os segundos, que sempre me acolheu.

Dulce Neno Cecílio e **Eleusipo Cecílio** por me acolherem fraternalmente.

Vanessa Aparecida Lima, amiga preciosa com quem muito compartilhei nessa caminhada e com quem muito aprendo.

Ana Maria de Lima Sousa, minha irmã existencial, desde longas e longas datas.

Neusa Tezzari, pelo respeito com a minha escrita e disponibilidade para ler carinhosamente meus textos, desde tempos imemoriais.

Adailde Miranda da Silva Carvalho que sempre procurou buscar uma solução prática para minhas dificuldades.

Luis Alberto Lourenço de Matos, meu irmão do coração, que se fez presente quando necessitei.

José Juliano Cedaro, por me permitir estar em sua vida, do meu jeito.

Melissa, **Marli**, **Elisabete**, **Ivonete** e **José Osvaldo**, parceiros incansáveis dessa jornada.

Miguel Nenevé que, com tanta presteza e cuidados, colaborou com a jornada do nosso grupo, facilitando nossa caminhada.

Ronilda Ribeiro, madrinha afetiva desse caminhar, que acreditou nesse meu trabalho, contribuindo nos seus intrincados meandros.

Marilene Proença, por sua participação ativa em todos os momentos.

Biblioteca Central da USP, pelo acolhimento prestativo às necessidades do caminhar.

Silene Lourdes de Oliveira, com quem pude contar num momento em que a jornada se mostrava turva.

Gustavo de Oliveira Rodrigues Ferreira, pela afetividade de sua presença e cuidados.

Ivanusa Davi Silva, por ter facilitado essa minha caminhada.

Luzimar Barbosa Chaves e **Cleide Maria de Medeiros,** companheiras de trabalho, muito me compreenderam e me ajudaram nos momentos em que precisei da Biblioteca Central de Universidade Federal de Rondônia.

Tânia Mara Monteiro Afonso Coêlho, sócia de todos os momentos, com quem sempre tive a certeza de poder contar.

Airton Marin, pela disponibilidade em orientar nas sinuosidades da trilha e por acreditar nas possibilidades de crescimento das pessoas.

Marcelo Felice, por me ensinar que as polaridades são muito mais próximas do que possamos imaginar.

Marcos D'Alacqua, que cantava, encantava e presentificava, através de sua voz sublime, a Ave Maria, Gratia Plena, durante a apresentação do Bizarrus.

Voluntários do Projeto Pontilhado, que ajudaram no aprendizado e crescimento de todos nós.

CAPES que acreditou e financiou nossa jornada interinstitucional.

Que as asas de Deus se abram sobre todos vocês!

RESUMO

JUNQUEIRA, Maria Hercília Rodrigues. **A expansão do self de presidiários: encontro da psicologia com a arte e a profissão.** 2005. 273 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

A crença no potencial humano de auto-regulação, na capacidade inerente da pessoa direcionar a sua vida em busca de algo melhor para si e na tendência direcional atualizante de todas as coisas do Universo foi o que moveu esse trabalho desde o início. A hipótese de que presidiários pudessem processar mudanças significativas em suas vidas desde que oferecidas as condições necessárias e suficientes para a expansão do self permeou as atividades oferecidas. Nessa busca de compreensão do processo de expansão do self no encontro da psicologia com a arte e a profissão, procurou-se os estudos de Carl Ramson Rogers e Augusto Boal. Este estudo buscou compreender como a psicologia (psicoterapia), a arte (teatro) e a profissão (emprego) poderiam facilitar o processo de crescimento de presidiários, ajudando-os a repensarem e a planejarem suas vidas, possibilitando o retorno ao meio social, familiar e pessoal. Foram colhidos onze depoimentos de oito colaboradores participantes do Projeto Pontilhado, na cidade de Porto Velho/RO, cuja peça teatral foi baseada em suas histórias de vida. Esse projeto foi desenvolvido do ano de 1999 a 2004. O estudo de abordagem qualitativa procurou seguir as especificidades da pesquisa-ação. O instrumento para coleta de dados foi a entrevista individual, não-diretiva, gravada em áudio. Na busca dos elementos significativos que compareceram em seus depoimentos, procurou-se agrupar as experiências comuns que os conduziram ao processo de transformação de suas vidas: O desvelar do self; Percepção de Psicologia; Percepção da Arte; Percepção da Profissão; Predisposição à mudança; Término do Projeto e Caminhos para tirar uma pessoa do mundo do crime. As percepções que os presidiários tiveram de seu organismo, de suas experiências, das relações entre elas, do mundo à sua volta e a consciência desses acontecimentos possibilitou-lhes a se desenvolver, crescer e a se transformar, num trabalho conjunto com o seu organismo. A abertura aos dados da experiência interior e do mundo externo, ampliando o campo da percepção, foi possibilitada pelos exercícios teatrais psicodramáticos, do trabalho psicoterapêutico, no desenvolvimento de uma atividade produtiva e remunerada além do acompanhamento fora das ações previstas. Foi um conjunto de atividades que possibilitaram aos presidiários e ex-presidiários se libertarem das barreiras psicológicas que impediam o crescimento. Esse estudo demonstrou que existe a possibilidade de se contribuir para a melhoria de vida das pessoas que se encontram presas, proporcionando novas formas de perceberem e enfrentarem a saída da prisão. Na expansão do self, as atividades psicodramáticas do teatro e o encontro psicoterápico ajudam nesse crescimento, a profissão sustenta essa determinação e o apoio ampara nos momentos de crise, quando a pessoa realmente se predispõe a sair do mundo do crime.

Palavras-chave: Terapia centrada no cliente. Auto-conceito. Aprendizagem significativa. Detentos. Teatro. Profissões.

ABSTRACT

JUNQUEIRA, Maria Hercília Rodrigues. **The expansion of the prisoner's selves**: the meeting of psychology with art and profession. 2005. 273 f. Thesis (Doctoral) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

The belief in the auto-regulative human potential, in the person's inherent ability to lead her or his life in search of something better and the faith in the updating directive tendency of everything in the Universe moved this work from the very beginning. The hypothesis that the prisoners could process significant changes in their lives once we offer the needed and sufficient conditions in order to expand the self permeated our activities. Searching to understand the expanding process of the self in the meeting of psychology, art and profession, we based on Carl Ramson Rogers's and August Boal's works as support. This study explored how psychology (psychotherapy), the art (theatre) and profession (job) may facilitate the growing process of prisoners, helping them to rethink and plan their lives, making the social, familiar and personal way back possible. We collected eleven reports from eight participant collaborators of the "Projeto Pontilhado" in the city of Porto Velho-Rondônia, Brazil, whose play was based on their history of life. This project was developed in the years 1999 and 2004. We use the qualitative approach taking into consideration the "action-research". The tool for the data collect was a non-directive personal interview recorded in audio. In the search for meaningful elements visible in their statements, we searched to gather the common experiences that led to the transformative process in their lives: the unveiling of the self; Psychology perception; Art Perception; Profession Perception; Predisposition to change; the end of the project and ways of taking a person out of criminality. The perception that the prisoners had of their own organism, their experiences, their relations among themselves, their surroundings and the consciousness of these happenings made them grow, develop and transform themselves in persons in a work together with their organism. The opening of their interior experience and of the outer world was possible due to psycodramatic theatrical exercises, psychotherapeutic work, in the development of a productive and paid activity, beside the work together out of the foreseen activities. It was a set of activities which made possible to the prisoners and ex-prisoners to get free from psychological barriers which prevented any human growth. This study revealed that there is a possibility of contributing to a better life of people who are in prison. It is possible to offer new forms of viewing life out of prison. In the expansion of the self the psychodrama and the psychotherapeutic meeting help this growth; the profession supports people in the moment of crime when the person is really willing to leave the criminal world.

PALVRAS CHAVES: Client-centered therapy. Self-concept. Significant learning. Prisoners. Theatre. Professions.

AÇÃO DE GRAÇAS

É maravilhoso, senhor,
Ter braços perfeitos,
Quando há tantos mutilados...
Meus olhos perfeitos,
Quando há tantos sem luz...
Minha voz que canta,
Quando tantas emudeceram...
Minhas mãos que trabalham,
Quando tantas mendigam...

É maravilhoso voltar pra casa,
Quando tantos não têm pra onde ir...

É maravilhoso:
Amar, viver, sorrir, sonhar,
Quando há tantos que choram,
Odeiam, revolvem-se em pesadelos,
Morrem antes de nascer...

É maravilhoso ter um DEUS para crer,
Quando há tantos que não têm,
O consolo de uma criança...

É maravilhoso Senhor, sobretudo,
Ter tão pouco a pedir,
E tanto a agradecer...

Michel Quoist

O mundo é uma irradiação de Deus, mas como é dotado com independência de existência e luta, ele está apto, sempre e em qualquer lugar, a formar a crosta em volta de si mesmo. Assim, a centelha divina vive em todas as coisas e seres, mas cada centelha é envolvida por uma concha que a isola. Somente o homem pode liberá-la e reuni-la com a Origem; faz isso através da conversa sagrada com essa coisa, e de seu uso, também de uma forma sagrada; isto é, de tal modo que sua intenção ao fazê-lo se mantenha direcionada para a transcendência de Deus. Assim, a imanência divina emerge do exílio das "conchas".

Buber (1958)

Vocês não só me salvaram do mundo do crime, não só me deram essa percepção, mas salvaram primeiramente a minha vida e a vida de tantas outras pessoas e de muitas famílias, que não atravessaram na minha frente para eu detonar através das drogas. Com isso, deixei de desestabilizar muita família.

Saturno

SUMÁRIO

Apresentação.....01

I- Bizarrus: história e problemática.....05

II- Bizarrus: pré-estréia na pesquisa.....18

III– Fundamentação teórica.....21

A- Ser ex-presidiário.....23

B– Contato com presidiários: estudos recentes.....26

C– Dramaturgia.....38

D- Noção de self.....52

E- Aprendizagem significativa.....59

F– Tendência atualizante.....65

G– Auto-regulação.....70

IV– Objetivos.....76

V– Método.....77

VI– Aspectos éticos.....85

VII– Apresentação dos colaboradores.....87

VIII- Compreensão dos depoimentos.....132

A– O desvelar do self 135

B- Percepção da Psicologia.....193

C- Percepção da Arte.....206

D- Percepção da Profissão.....223

E- Predisposição à mudança.....235

F- Término do projeto.....245

G- Caminhos para tirar uma pessoa do crime.....249

IX– Considerações finais.....256

REFERÊNCIAS.....266

ANEXOS

A- Carta de consentimento livre e esclarecido.....02
B- Estágios de desenvolvimento moral de Kolberg.....03
C- A palmeira marinha de Rogers.....06
D- As batatas no porão.....08
E- Transcriação dos depoimentos.....09

APRESENTAÇÃO

Em algum lugar do passado, principiei a mudança de meus preconceitos com relação às pessoas que cometiam algum ato delinqüencial. Eu era muito preconceituosa e achava que pessoas que estavam no presídio não eram dignas de afeto e nem de confiança. Vivia no meu mundinho pequeno e limitado por todo o meu orgulho (não sei de ou do quê) e indiferença com os estigmatizados, qualquer um deles. Não queria saber e nem ter contato, como se fosse possível eu viver como uma ilha, ignorante do que ocorria ao meu derredor.

Quando vi as mulheres, aflitas, chorosas à porta dos presídios em rebelião, a buscarem notícias dos parentes que ali se encontravam, comecei a perceber que essas pessoas eram seres humanos, iguais a mim que, independente do ato cometido, eram estimados por alguém. Aquelas cenas mexeram muito comigo e principiei a querer tirar o olhar do meu próprio umbigo.

Meu repensar culminou quando assisti, pelo noticiário televisivo, há muito tempo atrás, a cena de um adolescente dentro de um carro da polícia. Ele havia acabado de matar um rapaz, no Largo São Francisco, em São Paulo, numa tentativa frustrada de assalto. O garoto, encolhido dentro do camburão, estava muito assustado, trazia o medo no olhar e um tremor incontrolável em seu corpo. Pareceu-me tão desamparado... Tão só... Tão gente...

Essa cena escarafunchou o meu íntimo, o mais profundo do meu ser e foi nesse exato momento que deixei de julgá-los como pessoas intencionalmente criminosas e desprovidas de sentimentos. Percebi que essas pessoas tinham um nome, um pai, uma mãe, irmãos, amigos...

que os amavam! Iguais a mim! Não éramos diferentes. Sem ser conivente com os seus atos, percebi que também existia algo dentro deles que não os diferenciava das demais pessoas e muito menos de mim: sentimento, emoção, amor, dor, medo, raiva, ódio, solidão, desamparo... O desamparo daquele menino-adolescente doeu no fundo de minh'alma! Parecia um pedaço de mim! Senti-me na pele dele, com um medo terrível do que pudesse vir a acontecer. Nesse exato momento compreendi o que quer dizer empatia e aceitação incondicional! Ainda me emociono ao lembrar dessa cena que transformou a minha vida!

Ainda é com grande consternação que vejo nos noticiários as rebeliões nos presídios e prisões de todo país, especialmente as que ocorrem em Porto Velho, no Estado de Rondônia. Na Casa de Detenção (Urso Branco) as atrocidades que foram praticadas chegam às vias da barbárie... As cenas de violência, tanto dos detentos quanto da polícia, são indescritíveis. Nesses momentos, observa-se o desespero dos familiares, dos próprios rebelados, dos reféns, da polícia, de todos os que estão envolvidos nesse processo... É constrangedor!

Durante a realização dessa Tese fiquei pensando como é que o Universo conspira a meu favor! E essa conspiração nem sempre é fácil do jeito que eu gostaria que fosse; mostra-se, muitas vezes, de modo dolorido e com sabor amargo. É preciso ter disponibilidade para entender. De qualquer modo ainda continuo num processo de transformação: trabalho com detentos, com agentes penitenciários e tenho um filho policial, da Companhia de Operações Especiais! Às vezes sinto que a minha cabeça rodopia nesse infinito universo de situações e percebo que estou tendo a chance de experimentar o que é o amor e a aceitação incondicional. Sou obrigada a ver todos os lados: o do preso, o do agente e o do policial, sem falar das mulheres-esposas!

Meu primeiro contato com presidiários foi em agosto de 1996, num curso interdisciplinar de Relações Humanas, oferecido pela Universidade Federal de Rondônia, para

os egressos que lá prestavam serviços. Na ocasião, ministrei algumas dinâmicas de grupo para trabalhar as relações interpessoais.

O que muito me impressionou foi o quanto eles demonstraram, através da fala e dos exercícios, estarem "*sem chão*", sem suporte psicológico para enfrentamento das dificuldades, quaisquer que fossem. Não conseguiam bater os pés, parecia que flutuavam ao tentarem fazer isso. Essa cena foi impressionante: os pés não conseguiam bater apenas tocavam de leve o chão! Falavam do quanto se sentiam sem rumo depois que foram presos, do que tinham que passar para sobreviver e do medo do retorno ao convívio familiar e à sociedade. Apesar do pouco que cada profissional pode contribuir, ficaram imensamente agradecidos pelos parcos momentos oferecidos a eles.

Para mim, eles estavam apenas demonstrando o quanto necessitavam de atenção e tratamento digno, para que pudessem ter possibilidades de resgate da cidadania e de si mesmos. Parece que se sentiam esquecidos... Depois do encerramento das atividades, comecei a pensar sobre essa postura, essa necessidade de atenção, esse abandono...

Quatro anos após, reencontrei um deles que me reconheceu e disse-me o quanto tinham sido bons aqueles dias. Fiquei entristecida e sentindo-me impotente, pois ele estava vivendo nas ruas e fazendo uso de bebida alcoólica e, provavelmente, de drogas. Então... nada fiz! Muito menos serviu o processo de aprisionamento, como possibilidade de reabilitação, reintegração social ou mudança na maneira de ser e de enfrentar a vida! Pouco antes de retornar a São Paulo para terminar esse trabalho, revi um dos ex-participantes do Projeto, que tinha ficado apenas alguns meses, porque a atividade do teatro havia sido encerrada. Ele também estava nas ruas. Pediu uma passagem para ir encontrar a família no Estado do Acre, conseguiu a passagem; a pessoa o colocou dentro do ônibus e passadas duas semanas, estava de volta a Porto Velho! Não pude conversar com ele, até porque me senti ludibriada, mas percebi que não bastam apenas algumas atividades para que o processo de mudança ocorra.

Necessário se faz um acompanhamento mais profundo e mais diferenciado. É preciso pensar na possibilidade de se desenvolver trabalhos mais efetivos, nos quais se possa, realmente, ajudar as pessoas encarceradas a superarem seus conflitos, acreditarem em si próprios e trabalharem para diminuir seus próprios preconceitos. Propiciar oportunidades de auto-sustento de si e da família.

Fala-se tanto em ressocialização dos presos, em resgate da cidadania, em direitos humanos, em reinserção social daqueles que estão privados da liberdade... Mas, o que é isso? Como é esse processo de reintegração e ressocialização? O que isso significa para eles? O que cada um quer e necessita? O desejo é nosso e/ou deles? Será que falaríamos em ressocialização e reinserção social de pessoas como o juiz Lalau e tantos outros na posição social dele? Ou só utilizamos essa fala nos referindo aos pobres e oprimidos?

Pensar em ajudar o ex-presidiário a exercer a sua cidadania de modo responsável e participativo nos remete à complexidade humana, pois cada ser é único e singular. Esse exercício de cidadania não se dá por si só. É preciso uma mudança interna e não é tão simples quanto possa parecer. O exercício da cidadania de um presidiário precisa envolver seu modo de ser, de encarar a vida, sua predisposição para novos caminhos, sem preconceitos, deles e da sociedade. Tarefa nada fácil, pois envolve a transformação de conceitos e pré-conceitos de ambas as partes.

Para tratar dessas questões, subdividi este trabalho em capítulos, iniciando com a história e problemática de uma idéia. Depois de apresentar os objetivos, o método e os aspectos éticos, abordei na fundamentação teórica, o pensamento de Rogers com relação ao crescimento de uma pessoa e a dramaturgia psicodramática de Boal. Finalizei com a compreensão dos depoimentos.

I – BIZARRUS: HISTÓRIA E PROBLEMÁTICA

Entrar realmente no mundo do outro, com aceitação, cria um tipo de vínculo muito especial que não se compara a nenhuma outra coisa que eu conheça.
Carl Rogers (1986)

Depois de muito pensar e sofrer com a dicotomia terapeuta/pesquisadora, serenei minha alma quando vislumbrei a possibilidade de reunir as duas num só trabalho. Percebi o quanto de incongruência perpassava as minhas atitudes: eu, terapeuta, nesse momento, vou procurar ter um olhar científico sobre os resultados do trabalho desenvolvido, sob a ótica deles mesmos. Já não sou eu quem fala! O depoimento é deles! Para que o leitor possa compreender todo o processo, preciso contar como tudo se iniciou e a minha história com eles.

*** Começo, meio e fim de uma idéia**

No início de 1999, Luiz Carlos Marques, Diretor Operacional do SEST-SENAT/Porto Velho[1], abriu as portas da Empresa para o Projeto Cultural Pontilhado[2], para trabalhar com

[1] Luiz Carlos Marques é Diretor do Serviço Social do Transporte/Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte – Sest/Senat que desenvolve projetos com presidiários (Saúde para Todos); egressos (Re-egresso); adolescentes infratores (Vida Livre) e pacientes psiquiátricos (Mente Sã). Um dos idealizadores do Projeto Pontilhado.

[2] Marcelo Felice, Coordenador de Promoção Social do Sest/Senat/CAPIT 10, foi outro idealizador do Projeto Pontilhado. Diretor teatral, co-autor da peça Bizarrus e ator nas apresentações. Risomar Régis, ator, Assistente de Direção da parte teatral e participante ativo desde o início.

presidiários[3] e detentos[4] que freqüentavam a Escola do presídio. Objetivavam "integrar os apenados entre si e à sociedade que os rodeia; trabalhar a auto-estima do indivíduo através da arte em geral; vivenciar e participar efetivamente do aprendizado e aprimorar os conhecimentos". O Projeto Pontilhado foi proposto para início em 09 de abril de 1999. (SEST/SENAT, 2000)

A aprovação dessa idéia exigiu longos e dispendiosos esforços por parte de algumas pessoas interessadas na melhoria de vida dentro dos presídios, especialmente pelo Luiz, que foi o grande articulador desse Projeto. Nesse ir e vir, precisaram ultrapassar barreiras, quase intransponíveis, para levar adiante o Projeto.

Superados todos os obstáculos e com o apoio da Diretora de Escola do Presídio[5], Marcelo Felice e Risomar Régis reuniram um grupo de interessados e iniciaram as atividades com técnicas do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, em abril de 1999. Muitos presos desistiram ou nem mesmo quiseram participar por acharem que teatro não era coisa de homem. Após um período de três meses, que ocupou todas as tardes, com os ensaios, produção de textos e exercícios para impostação de voz e postura corporal, sentiram necessidade de realizarem seus trabalhos no palco do teatro do Sest/Senat, fora dos limites do presídio.

Foi outra árdua caminhada para se chegar à liberação de todos, especialmente os que estavam na Casa de Detenção[6] e outra jornada ainda maior, para liberá-los das algemas quando se deslocavam até a Empresa, para realizar os ensaios. Iam de manhã e só retornavam à noite, diariamente. Com a produção de um texto sobre suas histórias de vida, junto com o

---

[3] Do Presídio Ênio dos Santos Pinheiro.
[4] Da Casa de Detenção, mais conhecida como Urso Branco.
[5] Maria Josinete Marques de Souza.
[6] Popularmente denominada Urso Branco, em referência ao preso que recebia castigo, ia para o "tampão" e saía de lá "gordo" e "branco". Informação dada por Urano, colaborador da pesquisa.

Diretor Teatral, construíram a peça "*Bizarrus*" e formaram o **Grupo Sem... Nexo... Com... Plexo...**

Inicialmente, o Projeto contava somente com oito detentos e presidiários masculinos e uma presidiária[7], que não conseguia se envolver nos trabalhos propostos: era desligada, não participava das atividades do grupo e nem das técnicas de teatro, apesar dos esforços da equipe. Enquanto os rapazes iam de bom grado, parecia que ela estava sendo forçada. Acabou sendo substituída por uma atriz, que nunca entrou em um presídio, mas conseguiu integrar-se completamente ao papel e ao grupo, conquistando respeito e admiração.

Para as apresentações, contavam também com o apoio de outras pessoas que participavam como voluntários: um assistente de direção e ator (Risomar Régis), uma bailarina (Cláudia Rodrigues[8], telefonista), um iluminador (Hely Chauteaubriand), um cantor (Marco D'Alacqua, professor), uma cantora (Maud Dias, médica), um arranjador musical (Airton Marin, Promotor de Justiça), um lobista (Luiz Carlos Marques, diretor de empresa) e tantos outros que trabalhavam nos bastidores.

Os espectadores não conseguiam discernir quem era quem nas apresentações e, muitas vezes, eram confundidos, como se estivessem presos[9], tal o envolvimento de todos no Projeto. Com o desenrolar das atividades do teatro do oprimido, as emoções começaram a eclodir e necessitaram então de acompanhamento psicoterapêutico para o grupo.

Conseguiram realizar um espetáculo de qualidade e de uma beleza extraordinária. Impressionavam por suas histórias e pela expressão corporal que conseguiram desenvolver. Em quase todas as apresentações foram aplaudidos de pé pelos espectadores. Permaneceram

---

[7] Do Presídio Feminino.
[8] Posteriormente substituída por Paula Vidigal, estudante e professora de inglês.
[9] Um exemplo dessa situação ocorreu com o professor Marco D'Alacqua, que atuava na peça numa cena inicial, cantando atrás das grades: um ex-aluno, ao assistir ao espetáculo, comentou, consternado que o professor era uma pessoa boa, que era espantoso que ele estivesse preso e terminou refletindo sobre qual crime ele teria cometido.

em cartaz até o final do ano de 1999, com público pagante, mas sem ônus para as escolas públicas[10], que tinham direito a debate "*franco e aberto*" com esses jovens e adolescentes que ali estavam, objetivando a conscientização contra as drogas e a violência. Realizaram também apresentações com a presença de outros presos que foram liberados para se deslocarem até o Teatro do Sest/Senat para assistir ao espetáculo.

A repercussão do espetáculo foi tanta que, quando terminava de dar uma aula, um grupo de seis alunas do 6º. Período de Psicologia solicitou minha intermediação junto ao Projeto Pontilhado, para que pudessem realizar uma pesquisa. Estavam animadíssimas com a possibilidade de realizar essa pesquisa com o grupo; fiquei sem saber o que fazer porque era a minha pesquisa! Achei que não poderia arrefecer essa disposição para o trabalho científico e procurei colaborar acreditando que existiria um outro jeito para realizar a minha pesquisa. Desta forma, Cabral et al. (2000)[11] trouxeram alguns resultados que subsidiaram esse meu trabalho. Apenas mudei o enfoque.

No percurso de suas histórias, como atores, ocorreu algo inusitado: o grupo, anteriormente discriminado como as "*meninas do balé do careca*", passou a ser respeitado dentro do presídio e ter status e admiração entre os outros presos: agora eram "*O pessoal do teatro! Do Bizarrus!*".

Com o recesso de final de ano, a segunda etapa do Projeto retornou no início de março de 2000, contando com dezoito presidiários masculinos. Ao contrário do que ocorrera anteriormente, os presos desejavam fazer parte do "*grupo do teatro*", merecendo agora maior cuidado na seleção dos participantes. Houve um aumento significativo no número de participantes. O espetáculo sofreu pequenas, mas importantes transformações, no sentido de

---

[10] Foi firmado um convênio com o Governo do Estado para apresentação a quinze mil estudantes da rede estadual de ensino.

[11] "O teatro e a Psicologia como terapêutica na reabilitação de apenados: um estudo sobre o Grupo Teatral Sem... Nexo... Com... Plexo...", em dezembro de 2000. Realizada pelas acadêmicas do 6º período do Curso de Psicologia/UNIR/Rondônia.

um aprimoramento e enriquecimento. Durante o período em que ficou em cartaz, novamente até no final de 2000, os ensaios eram diários com apresentações à tarde ou à noite e, invariavelmente, aos sábados e domingos havia espetáculo.

No ano de 2001, no terceiro momento do Projeto, novos presidiários precisaram ser incluídos, já que parte do elenco anterior se encontrava em liberdade condicional, o que dificultava os encontros. Entretanto, quase todos permaneceram e os ensaios continuaram de forma intensiva. Mobilizados pelas dificuldades que estavam encontrando, ao saírem do presídio em liberdade, organizaram, juntamente com alguns voluntários, a Associação Cultural e de Desenvolvimento do Apenado e do Egresso, para dar apoio aos apenados, egressos e suas famílias, fundada em julho de 2001.

Apesar do envolvimento de todos e do sucesso do Projeto, no final de 2001, Marcelo Felice, diretor do espetáculo, retornou à sua cidade de origem, abandonando o grupo. Todos ficaram desolados, entrando num processo de luto, difícil de ser elaborado. Era uma das peças da engrenagem que faltava!

Marcelo Felice retornou em meados de 2002, mas o grupo mostrou-se um arremedo dos anos anteriores: sem vida, sem viço, com poucos exercícios teatrais apesar da inclusão de algumas outras técnicas como Canto[12], Reiki[13], Meditação[14] e massagem Ayurvédica[15]. Houve muita dificuldade em reunir o grupo para as atividades, pois quase todos se encontravam em liberdade condicional e estavam trabalhando. Em outubro de 2002 apresentaram-se para uma turma de formandos da Polícia Militar do Estado de Rondônia.

O trabalho psicoterapêutico também ficou prejudicado. Pouco pôde ser feito para o desembaraço desse constrangimento que tomou conta do grupo. No final desse ano, Marcelo

---

[12] Canto: aulas que envolvem exercícios para trabalhar a voz.
[13] Reiki: técnica de imposição de mãos que trabalha o reequilíbrio energético dos chackras.
[14] Meditação: técnica oriental em que se busca a mente vazia e a conexão com a essência.
[15] Ayurvédica: técnica de massagem para o corpo, que busca o benefício físico, mental e energético.

Felice foi embora novamente, não mais retornando, acabando com o projeto e com o entusiasmo de todos. O suporte psicológico continuou para os momentos em que necessitavam e somente dois permaneceram com acompanhamento psicoterapêutico regular.

O ano de 2003 foi de expectativa por parte dos integrantes do Projeto, de um retorno às atividades e, no segundo semestre, foram contemplados com a notícia de um reinício das atividades[16]. Júbilo de todos: presidiários, egressos e voluntários! Com uma pitada de desconfiança por parte de alguns, com muita razão: houve outro abandono. Desolação de todos!

Em março de 2004, Marcelo voltou e me pediu para realizar os grupos de encontro porque ele estava trabalhando com os sonhos de cada um, o que causou grande mobilização. Nessas alturas, os ânimos estavam arrefecidos, quase todos em liberdade, retomando suas atividades profissionais, sem muito tempo disponível. Fizemos uma reunião e os participantes preferiram atendimentos individuais. Expliquei a dificuldade nesse momento, pois estava desenvolvendo uma pesquisa e também destaquei que, anteriormente, quando foi oferecido este tipo atendimento, eles não compareciam. Depois de muita negociação optaram por continuar em grupo.

A participação em números diminuiu sensivelmente, mas a qualidade do grupo deu um salto: aqueles que não participavam e não falavam passaram a se expressar. Estava muito proveitoso o nosso trabalho. Inesperadamente, como sempre, fiquei sabendo do encerramento do Projeto. Novamente Marcelo abandonara o grupo! Estávamos em julho de 2004 e mal havíamos começado! A minha decepção e raiva eram transparentes! Senti-me terrivelmente desrespeitada como pessoa e como profissional! Mais calejados por tantos abandonos e por estarem desenvolvendo atividades profissionais, a dor da ruptura foi bem menor. Somente os

[16] Re-estréia em 29/09/2003. Apresentação para os Governadores dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Ceará e Rondônia, num evento coordenado pelas Primeiras-damas.

que estavam no presídio é que se sentiram mais abalados. Sem o Projeto não havia sentido nos encontros, estavam entristecidos com tantas idas e vindas e acharam melhor encerrarmos as atividades, até porque não tinha como Júpiter e Plutão[17] participarem, pois ainda se encontravam no regime fechado de penitenciárias.

A repercussão do espetáculo ultrapassou as fronteiras municipais (apresentou-se durante uma semana na cidade de Ji-Paraná) e estaduais (fizeram duas apresentações em 2000, no SESC/Pompéia[18] da cidade de São Paulo), além das aparições na mídia local e interestadual (Fantástico, Jornal Nacional, Vídeo Show e meios de comunicação de Porto Velho). Nesse período de cinco anos, realizaram outras viagens em que, infelizmente, não pude acompanhá-los. A experiência de estar com eles nessas viagens foi ímpar. Não tivemos nenhum problema de tentativa de fuga, apesar de dispormos apenas um agente penitenciário, para acompanhar 18 presos. Na ida, vivenciei o medo e o preconceito daqueles que conheciam a realidade dos participantes do grupo: fomos todos colocados na parte traseira do avião e monitorados no aeroporto e hotel. O retorno foi bem mais tranqüilo e sem tantos cuidados. Senti na pele o preconceito. Éramos apenas um grupo que procurava mostrar o seu trabalho!

Com o desenvolvimento dos trabalhos do Teatro do Oprimido, foram surgindo situações emocionais que as técnicas utilizadas não conseguiam sanar. Os exercícios corporais exigidos para melhorar o desempenho como ator abriram feridas profundas de alma que Marcelo, como diretor do espetáculo, não conseguia amenizar. Precisavam de uma psicoterapeuta! As emoções estavam sendo mexidas e remexidas, por meio de técnicas psicodramáticas, e não estavam tendo estrutura psicológica para saber como trabalhá-las. Foi

[17] Nomes fictícios dos colaboradores dessa pesquisa.
[18] Projeto Balaio Brasil, com apresentações no dia 15 e 16/10/2000.

nesse momento que necessitaram de um suporte terapêutico para aprenderem a lidar com os conteúdos que estavam sendo revolvidos.

*** Minha participação nessa idéia**

Quando do meu retorno do exame de qualificação para o Mestrado, em julho de 1999, fui convidada a trabalhar no apoio psicológico, como voluntária. A terapia surgiu como um prolongamento das encenações, passando a ser uma aliada dos atores, especialmente quando estavam desenvolvendo essa arte como mais uma atividade que os tirava do marasmo de um longo dia na prisão e, principalmente, vivenciando suas próprias histórias de vida. As emoções estavam sendo reviradas do avesso!

Não sabia bem o que fazer e o como fazer. Era uma população especial e eu não tinha experiência de trabalho prolongado com presos! Resolvi aceitar o desafio e deixar que o próprio grupo me orientasse, no caminho a seguir. As minhas formações em Psicoterapia Corporal, Gestalt-terapia e Psicoterapia Transpessoal além da Abordagem Centrada em muito contribuíram para a tranqüilidade do meu trabalho.

Acreditei que o desconhecimento do tipo de crimes que cometeram evitaria qualquer atitude preconceituosa que pudesse ter com relação a eles. Seria também uma forma de respeito a cada um, pois se quisessem que eu soubesse, eles próprios tomariam a iniciativa. Nesse momento, deixei-me guiar pelas orientações de Rogers (1991a, 1992, 1994) com relação ao respeito e à aceitação das pessoas. Parece que essa atitude foi muito acertada porque se sentiram resguardados em sua dor e mais livres para expressarem seus sentimentos.

Os encontros terapêuticos se davam todas as segundas-feiras, à tarde, com quatro horas de duração. Como a verbalização para eles era difícil, talvez pelo medo de exporem seus problemas ou pela própria dificuldade em se verbalizar, utilizei alguns recursos de

imaginação ativa de Jung, utilizados por Saldanha (1999) e assim descíamos às profundezas do inconsciente, resgatando de lá, suas dores e seus medos que eram expressos por meio de desenhos ou frases ou até mesmo no silêncio. Muitos se emocionavam e expressavam o que haviam vivenciado, outros se mantinham calados, olhando sua produção, pensativos e reflexivos. Quando se sentiam incomodados pelo que haviam produzido, tinham a liberdade de refazer de um novo jeito, mais agradável.

Em outras tantas ocasiões, utilizava recursos da Bioenergética, colocando-os em círculo para a "roda da fogueira". Íamos como um bando de índios, batendo os pés, trazendo a energia para baixo, buscando fazer um "grounding", um enraizamento. Com a perda da liberdade, demonstravam que estavam sem "chão", pois muitos não conseguiam bater os pés, apesar dos exercícios durante os ensaios. Como aceitavam muito bem essa vivência e gostavam, muitas vezes passamos por ela. Às vezes, desenhavam o que haviam sentido, outras vezes, emendávamos com a imaginação ativa. Era um misto de abordagem bioenergética e gestáltica, com uma visão transpessoal e um jeito centrado de ser, centrado neles. Muitas vezes, sugeriam os tipos de vivências, pois também eram trabalhadas como técnicas teatrais. Foram momentos muito produtivos.

Quando verbalizavam o que haviam realizado, parecia que muitos não se davam conta da profundidade de conteúdos do inconsciente que emergiam, evoluindo em direção ao crescimento. Se, durante o transcorrer de nosso trabalho terapêutico, tivesse mantido um caderno de campo, com todas as verbalizações dos encontros, teria um material rico e farto que poderia complementar os depoimentos. Mas, combinamos que haveria sigilo e, para mim, isso significava não anotar nada. Não se importavam em falar seus nomes durante as cenas ou até mesmo nos *folders* do espetáculo. A relação comigo era diferente. Ali, naqueles momentos, muitas vezes, falavam de suas dores e de seus crimes e era dever respeitá-los.

Todas essas informações se perderam na memória porque nada foi registrado. O sigilo e a confidencialidade das informações falaram mais alto, devido à especificidade do grupo. O cuidado tinha que ser maior, até mesmo porque passei por situações constrangedoras como terapeuta, já que tinha acesso a informações, tanto do grupo quanto das outras pessoas envolvidas no Projeto, que não podiam ser mencionadas. Senti-me no meio de um fogo cruzado com as desavenças e os problemas de relacionamentos. Ouvia os envolvidos sem tomar partido. Foi uma situação bastante difícil, mas acredito que essa postura foi fundamental para o desenvolvimento da confiança de todos e hoje não encontrei obstáculos para o desenvolvimento da pesquisa. Demonstraram estar satisfeitos em colaborar!

O desenvolvimento do trabalho terapêutico ia além dos grupos de encontro. Havia atendimento individual para quando necessitassem, escuta de algumas esposas, visitas domiciliares além da presença antes dos espetáculos de finais de semana. Um trabalho diferenciado e gratificante. Para mim, cada espetáculo era novo! Ficava encantada!

Não pensei que pudesse permanecer por todo esse período: até o ano de 2004, acompanhando-os, psicoterapeuticamente, em grupos de encontro, e que ficaria tão fascinada pelo trabalho deles, nas apresentações teatrais. Homens rudes e machistas que passaram a dançar, a movimentar o corpo e a voz num bailado fascinante. O que mais me chamou a atenção foi a expressão corporal, que se mostrou bastante significativa e expressiva. As minhas palavras não conseguem traduzir a beleza do espetáculo... e deles!

Durante este período de convivência semanal de quatro horas, pude observar alguns fatos. Os presos vivem em coletivo, mas são muito individualistas e buscam preservar o seu espaço, não permitindo intromissões nas decisões, mesmo que estas sejam prejudiciais ao outro (mexer nos objetos pessoais, decisões de fuga, de homicídios). Parece que se vêem impotentes diante da resolução do outro, condicionados pelo Código da cadeia. Obedecer é um meio de sobrevivência.

Embora, no processo de aprisionamento, as atividades sejam coletivas (banho de sol, celas, escola, oficinas), os prisioneiros revelam uma vida de muita solidão, uma ausência de espaço no qual possam expressar seus verdadeiros sentimentos, percepções e valores. O vínculo é desenvolvido apenas com alguns poucos. O teatro, a profissão, a intervenção terapêutica e as demais atividades buscavam resgatar a essência de cada um.

Ao se referirem aos trabalhos proporcionados ao grupo, são unânimes em falar de mudanças, de oportunidades, de novos rumos em suas vidas e do quanto estão modificados e de como tudo isso possibilitou o afastamento do mundo do crime. Todas essas verbalizações se deram dentro e fora do espaço psicoterapêutico e parecem estar relacionadas com o conceito de si mesmos, do self, com a proposta de Rogers (1977a; 1989): se for oferecido um ambiente propício e adequado, a pessoa é capaz de crescimento interno.

Esse ambiente propício foi o conjunto de todas as atividades oferecidas e o apoio irrestrito do Sest/Senat na pessoa do Diretor Luiz Carlos Marques. Além do teatro e da terapia, outras atividades foram fundamentais. Os participantes recebiam remuneração com a renda do espetáculo que os ajudava nas necessidades básicas da família. Fundamental foi o trabalho de alguns em empresas conveniadas, o que garantia a sobrevivência, dando trabalho àqueles que se encontravam em liberdade condicional. O aprendizado de uma profissão alternativa abria os horizontes para um novo modo de garantir o sustento da família.

Importantes também foram os encontros terapêuticos semanais, durante um ano, com as esposas dos participantes do Projeto, visando auxiliar na retomada conjugal e no restabelecimento de papéis dentro da família, visivelmente abalados. Era um espaço em que elas podiam colocar suas dores por esse período em que tiveram que sobreviver sozinhas e cuidar dos filhos. Estagiárias do Curso de Psicologia faziam esse trabalho sob minha supervisão. De fundamental importância foi a minha disponibilidade e de Luiz para o atendimento nos momentos em que precisavam, nos problemas domiciliares ou atendendo a

um convite para uma visita ou para uma festinha de aniversário de um filho. Nesses momentos, percebíamos, eu e Luiz, o quanto a nossa presença era significativa para a família.

*** Reflexões sobre essa idéia**

Na pesquisa desenvolvida por Cabral et al. (2000), foi verificado o posicionamento dos participantes do Projeto Pontilhado, com relação à terapêutica do teatro e do apoio psicológico, a importância de cada uma dessas atividades no processo de auto-conhecimento e auto-descoberta. Os entrevistados falaram em resgate de valores, na catarse de emoções e sentimentos, no restabelecimento da confiança e da auto-estima. Mas não chegaram a pontuar objetivamente quais foram as mudanças que ocorreram em suas vidas. A partir desses resultados, fiz as seguintes questões: Quais os tipos de mudanças que ocorreram na percepção de si mesmos, até onde essas duas atividades, o teatro e a psicoterapia, possibilitaram mudanças pessoais, sociais e familiares.

O importante foi verificar no próprio olhar deles, na percepção que têm de si mesmos, como estão assimilando e processando essas novas informações e o quanto houve de melhora em suas vidas. O que busco verificar não são os benefícios que as atividades desenvolvidas trouxeram, mas as mudanças que perceberam em si mesmos, na consciência de si e no seu self.

Outra informação importante foi saber como é que acham que as pessoas os percebem depois dessa mudança. Averigüei se o teatro e a psicoterapia puderam ajudar na recuperação de presidiários; se o potencial de mudança significativa pôde ser propiciado, por meio de atividades que os levem a refletir sobre si mesmos; se essas atividades podem ser consideradas condições propícias para torná-los homens capazes de conviver e produzir socialmente e mais em paz consigo mesmo e com os outros.

Esse estudo poderá contribuir para a melhoria da vida nos presídios e proporcionar novas possibilidades de se trabalhar a saída da prisão por meio de atividades que elevem a auto-estima[19] (consideração positiva de si) e estimulem o autoconhecimento, favorecendo, assim, o crescimento pessoal e interpessoal além de ajudá-los a exercer a cidadania de modo responsável e participativo. Os beneficiados não serão somente os presidiários e os egressos, mas a sociedade como um todo.

É uma forma de cumprimento da Constituição e dos Direitos Humanos.

[19] Justo (2000) em estudos mais aprofundados de Rogers utilizou a palavra auto-estima para designar a consideração positiva de si (Rogers, 1977a, p.198). Como meus colaboradores falam em auto-estima e Rogers também, utilizarei essa terminologia.

II - BIZARRUS: PRÉ-ESTRÉIA NA PESQUISA

...quanto mais desejamos verdadeiramente fazer bem aos outros, maior a força e a confiança que adquirimos e maior a paz e a serenidade que experimentamos.

Dalai Lama

(2000, p.146)

Apesar de ser o meu projeto para o Doutorado, percebi que, eu e as alunas do curso de Psicologia, podíamos pesquisar o mesmo grupo, mas sob enfoques diferenciados. Acreditei ser importante divulgar os resultados da pesquisa de Cabral et al. (2000), que participaram das atividades dos grupos de encontro, durante o período da coleta de dados.

Utilizaram entrevistas semi-estruturadas, gravadas comigo, com o diretor do espetáculo, o diretor de segurança da instituição, o ex-Juiz da Vara de Execução Penal (responsável pela liberação dos presos, na época), com os participantes do Projeto que se encontravam no presídio e em liberdade condicional. Efetuaram também observações sistemáticas semanais dos ensaios do espetáculo, da convivência do grupo, das sessões psicoterapêuticas em grupo, das atividades oferecidas aos detentos no presídio, bem como da estrutura física dessa instituição. Entrevistaram 11 presidiários e 07 egressos e verificaram suas vivências perceptivas em relação à experiência de serem prisioneiros.

Surgia no discurso, a participação no teatro e no grupo de apoio psicológico, a preocupação com a família e com o retorno à sociedade, o fato de se sentirem livres durante os ensaios e apresentações para, logo em seguida, retornarem à prisão.

Todos eles informaram que o ingresso na instituição prisional é um impacto ímpar e que o período de adaptação é transcorrido de modo muito doloroso e permeado por sentimentos de culpa, vergonha e raiva. Entretanto, os participantes se opuseram a expor minúcias dessas experiências, alegando ser insuportável a lembrança do ocorrido. Pontuaram que o código instituído internamente, dentro do presídio, é muito violento, chegando a agressões e a contaminações de seus valores, levando-os a mudarem os seus hábitos. Alguns deles chegaram a se envolver com o que não queriam. Resguardaram-se de entrar em detalhes quanto a esses envolvimentos.

Alguns evidenciaram as oportunidades que têm de aprender algo útil e que envolve seu tempo ocioso. Pontuaram que o estudo e a aprendizagem de uma profissão diminuem a angústia causada pela sensação do tempo perdido e do sentimento de inutilidade. Apesar de apontarem as oportunidades de aprendizado dentro do presídio, ressaltaram a necessidade de vigilância e filtragem das práticas "socialmente aceitas" que desejam assimilar.

A participação no teatro surgiu como uma experiência positiva e enriquecedora, propiciando a eles o resgate de vivências doloridas do passado. Como o espetáculo é baseado nas suas histórias de vida, o contato diário com essas feridas os levava à reflexão e à busca de superação desses conflitos. Como a maior parte deles não tinha noção de como se desenvolve um trabalho teatral, tinham muitos preconceitos, por isso não optaram pela participação no primeiro momento do Projeto. Os motivos que os levaram a fazer parte do teatro foram variados, envolvendo desde intenções de fuga até possibilidade de sair dos limites dos muros do presídio.

Um outro dado observado é que alguns dos integrantes se esforçavam para passar uma imagem idealizada de convívio familiar no grupo, livre de conflitos e desentendimentos. Entretanto, o que as pesquisadoras observaram é que a prática destoava dessa caracterização harmônica do grupo, pois, durante o convívio, houve dificuldades de relacionamento, de

entendimentos e sérios problemas com a distribuição de renda (que fora obtida com as apresentações) e de patrocínio (não tinham patrocínio). Apesar de toda a repercussão, os presidiários não contavam com remissão de pena por horas trabalhadas, pois o Juiz da Vara de Execuções Penais considerava a participação no teatro como horas de lazer. O único benefício era a participação na renda do espetáculo[20], o que os ajudava na manutenção da família.

As pesquisadoras acharam interessante que a figura do diretor do espetáculo ficou com a conotação do "pai totêmico", aquele que dispõe de poderes para incluir e excluir os integrantes do projeto e a psicoterapeuta, com a representação da figura maternal, aquela que é protetora e conselheira, num interessante complemento. Foi consenso no grupo, a importância terapêutica do teatro e a importância do apoio psicológico no processo de reabilitação.

Afirmaram que o apoio familiar é importante no processo de ressocialização e sentiram a desestruturação familiar e o abandono como desencadeadores de revolta e de tentativas de fuga, dados observados também por Rodrigues (2003). O retorno à sociedade, para os onze colaboradores que ainda estão no presídio, é uma preocupação constante, já que o estigma de ser ex-presidiário não é fácil de ser superado e a preocupação com o sustento da família pode aumentar o risco de retornar aos meios ilícitos de ganho fácil.

Sugeriram que fosse criada oficina de teatro, atendimento psicoterápico em grupo, dentro do presídio, numa busca de novos caminhos que os auxiliem na reflexão e que possibilitem mudanças.

[20] O Sest/Senat cedia gratuitamente a Sala de Teatro para os ensaios, para os grupos de encontro e para as apresentações o que permitia a distribuição da renda obtida.

III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

...um pressuposto básico meu é o de que não sabemos quase nada sobre a natureza de um ser humano vivo.
Miller O'Hara
(1983, p.97)

Para compreender como se processou essa passagem de um modo de ser para um outro mais condizente consigo mesmo, busquei apoio em alguns estudiosos para um aprofundamento sobre o tema.

Os estudos de Carl Ranson Rogers (1975, 1977a, 1983a, 1983b, 1987, 1989, 1991a) sobre o desenvolvimento do self, a auto-regulação, aprendizagem significativa e tendência atualizante oferecem um embasamento para se considerar as possibilidades de transformação de uma pessoa, quando são oferecidas condições para o seu crescimento.

Augusto Boal (1980, 1995, 1996, 1999), com as técnicas do teatro do oprimido, e o teatro terapêutico de Moreno (1984) subsidiado por Aguiar (1990) e Rojas-Bermudez (1970), utilizadas nos exercícios teatrais, foram os desencadeadores do processo de mudança, pois abriram as comportas do que estava armazenado atrás das máscaras que usavam para interpretarem a si mesmos, de modo distorcido.

Balestrin (1985) e Dutra (1996), de orientação rogeriana, desenvolveram trabalhos em penitenciárias usando as técnicas corporais como auxiliares no processo de grupo, demonstrando que é possível a conciliação entre os exercícios corporais e a abordagem centrada.

Com o trabalho de BOAINAIM (1996, 1998, 2003) percebi que não estava sozinha nessa caminhada. Outras pessoas também ousavam ousar, como Rogers. O jeito transpessoal de ser foi introduzido por Saldanha (1999) em suas oportunas vivências no curso que ministrava. Sempre procurei seguir o que Hycner (1995, p.63) postula, quando afirma que "não há nada de errado com as técnicas propriamente ditas, desde que não sejam impostas *arbitrariamente* na situação. Há sempre uma relação de confiança que dê 'permissão' ao terapeuta para usar certas técnicas". (grifo do autor).

Durante o transcorrer desse trabalho, abordei, mais enfaticamente, o teatro e a intervenção terapêutica devido à proximidade entre as duas atividades, numa complementação de técnicas teatrais, psicodramáticas e psicoterapêuticas. No entanto, a profissão surgiu como fundamental nesse processo de transformação do self.

A - SER EX-PRESIDIÁRIO

Para estarmos em plena liberdade, precisamos nos soltar,
fluir pelos ritmos da vida. Muitas vezes, é no "ato de perder"
que encontramos a razão da própria existência.
Hammed

Falar sobre privação de liberdade só é possível para quem já passou pela experiência, que sentiu na pele o cumprimento da lei, que visa a reabilitação da pessoa quando a envia para o cárcere. Algumas pessoas escreveram sobre suas experiências como trabalhadores dentro de um presídio: Prado (2003), Varella (2000) e Kübler-Ross (1998). Há também relatos de vivências como presidiários aliado ao trabalho desenvolvido dentro da prisão: Borja (2001) e Rodrigues (2003). Outros experimentaram a privação extrema dentro de um campo de concentração como se pode observar nas obras de Frankl (2001). Quase todos experimentaram a privação da liberdade.

Rodrigues (2003) faz uma triste e ao mesmo tempo, bela exposição do período de 514 dias que viveu dentro do Depatri[21] e Carandiru[22], aos 67 anos de idade. Refere-se à prisão como um lugar que não reeduca e ao Carandiru, (devido à sua superlotação e cuja população principal era constituída por jovens), como uma escola de crimes (aprende-se o que não se sabia antes). Quanto maior o número de pessoas numa cela ou pavilhão, maior a promiscuidade, o número de brigas e tumultos. Segundo seu relato, cadeia não corrige ninguém!

---

[21] DEPATRI: Departamento de Investigação sobre Crimes Patrimoniais, uma das maiores carceragens da cidade de São Paulo, construída para abrigar 80 presos mas na realidade abrigava 600 presos, alvo de denúncias sobre maus tratos de presos. Implantado em jan/82 e desativado em 18/01/2001.

[22] Casa de Detenção "Prof. Flamínio Fávero", em São Paulo, o maior complexo penitenciário da América Latina, inaugurado em 11/09/1956, por Jânio Quadros, com capacidade para 3500 detentos mas abrigando mais de 7000 presos. Iniciou sai desativação em 10/12/2001; os últimos presos deixaram o Carandiru em 15/09/2002. Implodido em 08/12/2002 os pavilhões 6, 8 e 9.

Nessa sua experiência, sem fazer apologia ao crime e ao criminoso, descobriu que os presos, em geral, são prestativos, companheiros, cordiais e solidários, se também assim forem tratados. Para eles, respeito e dignidade são fundamentais e, apesar de terem cometido deslizes, não permitem falsidade e delação e sempre têm uma palavra de estímulo e consolo. Rodrigues (2003) se surpreendeu ao encontrar esses princípios de honra, além dos relacionados com as visitas, à ausência de preconceitos (exceto com os estupradores) e com o modo todo próprio e especial de se comunicarem. Parece que estão unidos pela dor!

Verificou que o clima de tensão é muito grande, o que os leva a permanecerem atentos por 24 horas. O preso, além de perder a sua liberdade, sofre muita violência física e/ou moral e quem já passou pelo "corredor polonês" traz na alma a indignação, o rancor e o ódio e, no corpo, a expressão de dor, desamparo e medo. Sentiu na pele que, depois do espancamento, pela polícia, a dor é moral. Frankl (2001) também constatou, por experiência própria, que a dor psicológica e a revolta pela injustiça doem muito mais que a dor física causada pelos espancamentos. O escárnio do agressor é difícil de ser suportado. Parece ser um comportamento comum naquele que agride!

Jocenir (2001) e Rodrigues (2003) constataram que, no cárcere, o apoio de amigos e familiares é imprescindível para que não cheguem ao fundo do poço, a um naufrágio existencial. Vêem em Deus o conforto, a serenidade e a paz que tanto buscam.

Frei Betto (2003), Borja (2001), Jocenir (2001), Rodrigues (2003), Prado (2003) e Ottoboni (2001) abordam que a ociosidade, a falta de algo para fazer é uma escola de maus pensamentos e maus procedimentos. Pelas experiências, como presos, ou trabalhando com eles, os presídios têm poucas condições de reeducar um preso, até porque cursos profissionalizantes, eventos, estudo e lazer, encontram obstáculos para serem realizados. Sem alguma atividade de reabilitação, muitos presos saem do seu enclausuramento como verdadeiros párias da sociedade, cometendo novos crimes, tornando-se novos bandidos em

potencial. Rodrigues (2003) só conseguiu sobreviver porque traçou objetivos para si: escrever sobre sua experiência. A partir daí, sua estada ficou mais amena. Agora ele tinha um sonho! Tinha como ocupar sua mente... Assim como Frankl (2001) que, para sobreviver, passou a fazer discursos mentalmente e a reconstruir, com rabiscos estenográficos, em minúsculos pedaços de papel, o manuscrito do seu livro que fora obrigado a jogar fora quando chegou ao campo de concentração de Auschwitz. Para se preservar, na solitária do presídio, Frei Betto (2003) dava aulas, o dia todo, para alunos imaginários, abordando os mais diferentes assuntos.

Borja (2001) e Rodrigues (2003) criticam severamente a postura do psicólogo e do psiquiatra, que trabalham nos presídios, pois muito poderiam fazer em favor daqueles que realmente merecem, mas não o fazem. Não é o tempo que passa encarcerado que reeduca um preso, mas sim o tratamento que recebe. Trabalho e estudo adequados, durante o tempo de penitenciária preparam-no para enfrentar a vida para quando sair em liberdade.

Rodrigues (2003) vê a desativação do Carandiru apenas como paliativo, pois a solução seria diminuir o número de pessoas dentro dos presídios, por meio de penas alternativas para crimes leves, cuidar da higiene dentro do ambiente prisional e de uma alimentação mais adequada e programas de reabilitação, para todos aqueles que estão privados da liberdade. Só isso! Acredita que o sistema prisional é bastante complexo, intrincado, repleto de caminhos tortuosos, desumano, uma das grandes feridas de nossa sociedade e sobre a qual ninguém quer pôr a mão, isto porque a ponta do iceberg se encontra no desamparo social das crianças e nas condições precárias em que vivem as famílias. Infelizmente, ainda a escola do crime nas prisões continua com dor, sofrimento, solidão e abandono.

Infelizmente não há muito do que discordar dessas pessoas que passaram pela prisão ou que conviveram com os presos. Parece que a disposição para propiciar um ambiente adequado para aqueles que estão privados da liberdade ainda encontra muitas resistências. Falta fé no homem e na humanidade.

B – CONTATO COM PRESIDIÁRIOS: ESTUDOS RECENTES

A dor é um sensibilizador para a vida. Ao fugir da dor, perdemos a vitalidade, a capacidade de sentir e até amar genuinamente.

Rollo May
(1993, p.256)

Na busca de compreensão do processo de ampliação do self de detentos, foram encontrados alguns trabalhos que tratam do assunto.

A pesquisa de Rusche (1997) versou sobre teatro com um grupo de trinta presidiários, e investigou a possível mudança de atitudes por meio de técnicas dramáticas, avaliando o processo educativo desencadeado. Baseou seu referencial teórico, que fala sobre atitudes e mudanças, em Lígia Amaral, que conceitua as atitudes como manifestação expressiva do cotidiano cuja expressão das disposições psíquicas são quase corporificações das emoções e sentimentos; em Bertold Brecht, que acredita na possibilidade de se trabalhar as atitudes no teatro a partir da análise dos gestos; em Paulo Freire, quando pensa no processo educativo como transformação das atitudes. Augusto Boal serviu como suporte para as oficinas de técnicas dramáticas.

Os gestos, as expressões e os movimentos apresentados no transcorrer das cenas e durante o desenvolver dos exercícios foram correlacionados. Com isso, observou-se que as possibilidades dramáticas de se lidar com elementos afetivos estavam relacionadas com os gestos expressivos e que as incongruências nas expressões gestuais indicavam uma necessidade de desenvolver a linguagem gestual como fator para percepção de atitudes e reflexão das mesmas. A pesquisa de cunho qualitativo utilizou a gravação, em vídeo, das oficinas e o registro escrito dos relatos.

Santos (1994), nas suas experiências no presídio de Salvador, entre 1984 e 1986, e na penitenciária feminina de São Paulo, em 1991, verificou a importância de se fazer teatro com detentos, podendo vir a ser um instrumento de reintegração social. A pesquisa foi documentada em vídeo na qual se mostra os materiais e métodos utilizados.

O trabalho de Soares (1992), com presidiários, refere-se à comunicação educativa como forma de preencher o tempo ocioso dos detentos. As duas propostas que apresenta - a de conclamar os poderes executivos e os diferentes segmentos da sociedade e a criação de um setor de comunicação entre os presidiários e a administração pública - parecem ser amplas demais, fugindo à alçada de suas possibilidades e do cidadão comum.

A pesquisa de Rocha (1984) estudou a criminalidade, procurando compreendê-la sob a ótica das personagens oprimidas, observando-a como fenômeno determinado por processos sócio-político-econômico-institucional-ideológico, que abrange a população pobre. Em outro estudo, Rocha (1994) se propôs a verificar os fundamentos constitutivos da instituição penitenciária e de suas ciências clínico-criminológicas, a partir da relação prisão/presidiário. Os recursos de resistência de presidiários ao controle carcerário são verificados junto aos detentos. Examina os saberes judiciário dentro dos cenários e contextos histórico-sociais, sob o ponto de vista do prisioneiro. Verificou que o modelo de instituição carcerária, a partir de suas ações, da constituição das prisões e de suas ciências, é um sistema de guerra cujo inimigo são os prisioneiros pobres. A mesma observação é trazida por Rodrigues (2003) e Frei Betto (2003).

Massola (2001) realizou um estudo sobre a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados/APAC de São José dos Campos, e os motivos de sua desativação, no final de 1999, concluindo que as razões parecem estar relacionadas à redução do poder institucional sobre os presos, desconfigurando a política proposta pela ONG. Ottoboni (2001) destaca que a APAC foi fundada em 1972 por um grupo de quinze pessoas preocupadas com a inexistência

de atividades estruturadas que visassem a preparação do preso para sair do presídio e que se transformou num modelo de administração de instituição prisional, no qual os próprios presos são os responsáveis pela maior parte das atividades, inclusive a segurança. Foi motivo de críticas por Camargo (1984) e Frei Betto que fez o prefácio, pela utilização da religião como arma ideológica. Aborda o caráter repressor de muitas de suas atividades, mas que tem o mérito de procurar reduzir o índice de reincidência criminal, à sua maneira.

Lopes (2003) trabalhou na Casa de Detenção de São Paulo por quase treze anos, atuando em várias unidades, nas quais pode presenciar muitas histórias de dor e solidão, vivenciadas pelos presidiários. Procurou aprofundar um dos aspectos da sua dissertação de mestrado, pesquisando as atividades laborais desenvolvidas pelos presos; entretanto, não pôde continuar seus estudos devido ao campo perigoso que estava adentrando: o da ilegalidade e da corrupção.

Percebeu que "internos e funcionários compõe o tecido da corrupção. Uma 'máfia' ao estilo brasileiro, onde o trabalho não visa dignificar o homem, mas incentivá-lo a manter-se na delinqüência" (p.05), e que corria riscos ao tornar explícita suas descobertas. Mudou o tema da tese e o lugar de pesquisa.

Em sua reportagem sobre a rebelião em massa, ocorrida em 29 presídios de 19 cidades do Estado de São Paulo, Kaminski (2001) explicita com clareza o que ocorre no sistema carcerário brasileiro e aponta algumas soluções encontradas por outros países para a ressocialização dos detentos. Dentre as nove sugestões dos especialistas para amenizar os problemas, chama a atenção a proposta de estímulo ao trabalho, o que afasta os presos das organizações criminosas e possibilita a sua reinserção social.

Kohlberg, Hickey e Scharf (apud Biaggio, 1997), em 1980, trabalharam com os seis estágios sobre desenvolvimento moral, em uma penitenciária feminina, cujo objetivo era a trabalhar com o desenvolvimento moral das prisioneiras. Perceberam que seus esforços

estavam sendo prejudicados pela atmosfera da prisão desencorajando a resolução dos conflitos. O ambiente prisional, ao contrário do que se pretendia, estimulava uma resolução de conflitos do estágio 2, no qual a pessoa regula o comportamento pelo medo da punição e ainda não tem consciência das regras morais, frustrando aquelas que procuravam raciocinar em termos dos estágios 3, no qual o comportamento correto é o que ganha a aprovação dos outros e 4, no qual há respeito pela autoridade, por regras fixas e manutenção da ordem social, ou seja, o dever deve ser cumprido.

Descobriram que aquelas prisioneiras que eram capazes de raciocinar em termos do estágio 3 agiam como o estágio 2 em seus conflitos morais de sua vida diária, dentro do presídio, dificultando a proposta do trabalho. As prisioneiras percebiam os funcionários como arbitrários, exercendo sua autoridade sem procurar compreendê-las, mantendo o controle por meio da coerção física. Com relação ao relacionamento interpessoal com as outras prisioneiras, imperava a lei do mais forte e a necessidade de fazer acordos, entre elas, para obtenção de drogas, proteção e outros favores.

Esse comportamento moral feminino, ao que parece, não difere muito do comportamento moral dentro de um presídio masculino, como relatam Varella (2000), Rodrigues (2003) e Jocenir (2001) e, o que também observamos, nos depoimentos dos presidiários e egressos, colaboradores desse estudo.

Kübler-Ross (1998), no ano de 1991, enviou propostas de workshops a sistemas penitenciários de vários países, inclusive norte-americanos. Somente a penitenciária de segurança máxima de Edimburgo (Escócia) concordou com suas condições. Propôs realizar um workshop de uma semana em que todos dormiriam e comeriam nas mesmas condições que os presos e que o número de participantes fosse igualmente divididos entre prisioneiros e funcionários da prisão.

Os presos revelaram histórias de abusos sexuais e emocionais ocorridos na infância e funcionários também compartilharam as suas dores. Ao final desse encontro, instalou-se um clima de verdadeira compaixão, empatia e afeto entre os participantes. Reconheceram que todos viviam situações traumáticas e difíceis e, os presos, com o trabalho desenvolvido, conquistaram um sentimento de paz, que permitiu que vivessem uma vida plena, mesmo estando atrás das grades.

Boal (2000) lembra que, no período em que esteve preso, não tinha poder de decisão, mas era livre para ir e vir em seu pensamento:

> Meu corpo estava preso, no presente: não eu, que abranjo mais do que o instante! Minhas pernas não iam longe: minha imaginação flutuava. Do mim passado, desse eu era dono. Do mim possível, futuro, era também.
>
> Nos muros da cela, recobrei a liberdade: uma certa liberdade. Na prisão, fiquei livre: uma certa forma de ser livre. Nós que estamos livres no espaço, somos prisioneiros do tempo. Os que são presos no espaço, no tempo tornam-se livres". (p.21) (grifos do autor).

Kübler-Ross (1998) aponta ainda, de forma convincente, que uma condenação não reabilita o criminoso. Segundo a autora, somente quando consegue exteriorizar o trauma que o levou a cometer o crime, o preso consegue reabilitar-se. Rogers (1983b) ressalta que a prática psicoterapêutica aumenta a capacidade de consciência de si e que, quando um sentimento reprimido é aceito durante a relação terapêutica, pode se observar uma mudança tanto psicológica quanto fisiológica.

Em 1985, preocupada com a evolução dos casos de Aids, Kübler-Ross alertou o governo norte-americano sobre esse perigo dentro do presídio e, inclusive, manifestou a sua preocupação sobre como estavam sendo cuidados esse doentes, como forma de evitar a proliferação da doença. A única penitenciária que deu autorização para que fizesse um

trabalho foi a de Vacaville, na Califórnia. Descobriu as condições desumanas e deploráveis a que estavam sendo relegados os prisioneiros com Aids!

Alguns voluntários continuaram a desenvolver o trabalho, melhorando a qualidade de vida dessas pessoas, despertando o interesse do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Dez anos mais tarde, esse presídio foi transformado num hospital para prisioneiros doentes e era um local de respeito e compaixão pelo ser humano.

Referindo-se ao fenômeno da sobrevivência da palmeira marinha[23], Rogers (1989) observou que nela se manifestava a tenacidade da vida levando-a ao impulso em direção à vida e à habilidade de impor-se ao ambiente incrivelmente hostil e agressivo. A sua habilidade não era apenas de manter-se viva, mas de adaptar-se àquelas condições, desenvolvendo e sendo ela mesma. A sua busca era de encontrar meios que lhe possibilitassem sobreviver num ambiente adverso.

Lembra ainda que a vida é um processo ativo para qualquer ser vivente, desde o verme até o homem. O estímulo pode vir de dentro ou de fora, num ambiente favorável ou desfavorável, tanto faz. O que importa é que o comportamento de um organismo será sempre em direção ao sentido de manter-se vivo, de crescer e reproduzir.

É essa tendência direcional, sempre operante a qualquer momento, considerada fundamental, motivando o comportamento dos organismos, que foi estudada por outros pesquisadores como Goldstein (1947[24]), Angyal (1941[25]), Maslow (1954[26]) e Szent-Gyoergyi (1974[27]). Dentro do Carandiru, Rodrigues (2003) observou que uma pessoa pode ter a capacidade de adaptação, de transformação e manipulação de idéias, circunstâncias e objetos e, que a fé de que há uma razão para os acontecimentos trágicos conduz à superação das

---

[23] Anexo C.
[24] Goldstein, K. Human nature in the light of psychopatology. Cambridge: Harvard University Press, 1947.
[25] Angyal, A. Foundations for a science of personality. New York: Commonwealth Fund, 1941.
[26] Maslow, A. H. Motivation and personality. New York: Harper and Brothers, 1954.
[27] Szent-Gyoergyi, A. Drive in living matter to perfect itself. Synthesis, Spring, 1974. p.12-24.

dificuldades e à capacidade de sobreviver, mesmo nas condições mais indignas. Frankl (2001) vivenciou essa tendência direcional à sobrevivência e ao crescimento quando esteve nos campos de concentração.

Essa tendência atualizante significa também uma tendência à auto-regulação: é o próprio organismo no domínio, se auto-controlando, movendo-se em direção ao desenvolvimento e à independência dos controles externos. Quando se busca propiciar as condições necessárias, a própria pessoa busca sua tendência direcional positiva, produzindo resultados construtivos.

Um organismo vivo tende a superar as dificuldades e completar suas mais complexas potencialidades, não se acomodando a simples satisfações. A busca de algo maior parece que nunca cessa, mesmo que se trilhe por caminhos tortuosos. O organismo parece que está sempre motivado, em potencial, a buscar o melhor para si, apesar dos obstáculos que tenha que enfrentar, porque a tendência à realização é seletiva e sempre em direção à vida. De acordo com Rogers (1989, 1991a) e Reich (1982, 1995), basta propiciar-lhe as oportunidades de que necessita e não aquilo que julgamos ser o melhor.

Desde que não haja fatores perturbadores graves, o desenvolvimento da pessoa tende a seguir em direção a um desenvolvimento adulto e sadio, isto é, no sentido da maturidade. Rogers (1989) pontua que, quando há barreiras que impedem a expansão total de tudo o que está organicamente presente, a potencialidade para a consciência de seu funcionamento fica distorcida, alienando a pessoa, incapacitando-a de enfrentar a vida ou ainda frustrada, infeliz e dividida enveredando por caminhos não conscientes.

Entretanto, pode-se refletir se todas essas reações não deixam de ser o modo como a pessoa encontrou para sobreviver nessas condições adversas, se auto-regulando para manter-se íntegra, no seu modo de ser.

O conflito se desenvolve quando a pessoa se move organismicamente em uma direção enquanto sua vida consciente a conduz para outra. Isto ocorre devido à dinâmica pessoal de cada um, introjetada na infância, pois o amor dos seus pais ou de pessoas significativas foi ou ainda é condicional. Assimilou conteúdos e valores dessas pessoas como se fossem seus, precisava ser percebida como merecedora e digna de afeto, amor, carinho e atenção.

Essas crenças e construtos introjetados podem se tornar rígidos e estáticos porque não provêm do interior da pessoa e sim, foram absorvidos de fora. Não passaram pelo sistema de avaliação da experiência de modo fluído e dinâmico, o que ocorreria se, quando criança, fosse amada incondicionalmente. Precisou dissociar, eliminar o seu centro de referência interna, de seu funcionamento orgânico, o que pode acarretar sérias conseqüências psicológicas, já que passou a se regular pelo centro de referência externo.

Essa alienação é algo aprendido e não é parte necessária da natureza da pessoa, pois são comportamentos guiados por conceitos e construtos rígidos, provenientes do mundo externo. A satisfação da tendência realizadora bifurcou-se em sistemas comportamentais incompatíveis, sendo que um deles se torna dominante num determinado momento, e o outro, em outro momento, tudo isso à custa de um contínuo esforço de tensão e ineficiência. Esta dissociação existe na maioria de nós e é a responsável pelo padrão e pela base de toda a patologia psicológica e social da humanidade. (Rogers, 1989).

Rogers (1975, 1992) acredita que a pessoa possui uma tendência em potencial para exercer a capacidade de buscar se defender das condições adversas. Entretanto, o exercício desta capacidade requer um ambiente que seja desprovido de ameaças à imagem que a pessoa faz de si mesma, um ambiente que seja favorável à conservação e valorização do self da pessoa (Kinget, 1977).

Essa fonte central de energia existe no organismo humano cuja função verdadeira é uma tendência a realizar-se constantemente e não apenas a manter o que já foi conquistado

por meio de adaptações, mutações e ajustamentos. É a vida que vai fluindo nas suas mais diversas formas, corrigindo os erros e caminhando em direção ao seu próprio desenvolvimento e crescimento (Rogers, 1989).

Em todo organismo existe uma tendência inerente para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades bem como para desenvolvê-las de modo a favorecer sua conservação e seu enriquecimento, como postula Rogers (1977a). Pensando nos presidiários, quando saírem da prisão, mesmo que retornem ao crime, nunca mais serão os mesmos porque adquiriram um conhecimento que não mais pode ser esquecido. Quando há crescimento não há retorno, pois ninguém sai ileso de um encontro.

A tendência atualizante conduz o exercício de todas as funções do organismo, tanto físicas quanto experienciais, cujo objetivo é desenvolver as potencialidades da pessoa, assegurando, assim, a sua conservação e seu enriquecimento, sem deixar de levar em conta as possibilidades e os limites do meio em que vive (Kinget, 1977). Ou seja, a tendência atualizante norteia atividades complexas e mais evoluídas do organismo no sentido de uma maior autonomia. Essa tendência da expansão/crescimento do organismo é contínua e se manifesta em sua totalidade.

Rogers (1989) acentua que a trágica condição do homem hoje é que ele perdeu a confiança em suas próprias direções internas, inconscientes, como exemplificado na fala de Saturno, quando diz que quer sair do mundo do crime, mas não sabe como fazer. A solução seria permitir a esse homem, crescer e desenvolver-se em um relacionamento contínuo e confiante, no qual pudesse desabrochar a sua tendência realizadora, tanto consciente quanto inconscientemente e ser guiado por ela, restaurando a unidade e a integração da pessoa.

Quando a tendência ao crescimento é tolhida, é importante que se identifiquem as causas da dissociação. Isso ocorre quando o amor e a estima se tornam condicionais. Uma pessoa situada no polo oposto àquela que está dissociada, é um ser completamente aberto aos

dados da experiência interior e do mundo externo. A tendência realizadora, quando deixada livre, conduzindo-se por si só, tende a uma totalidade integrada, guiando o comportamento da pessoa nas experiências interiores e na consciência que tem dessas experiências.

É preciso que se descubra e aumente o número de pessoas que estejam mais próximas de se tornarem pessoas completas, que estão em busca do conhecimento de suas experiências internas e que percebam, sem buscar atitudes defensivas, todos os dados que partem das pessoas, dos objetos, do mundo de seu ambiente externo. (Rogers, 1989).

Para Kinget (1977), as proposições de Rogers de que o comportamento da pessoa é determinado pela tendência à atualização e pela noção do self contêm todo o seu pensamento e o seu trabalho.

O termo organismo não se limita apenas a aspectos físicos ou corporais. Refere-se à interpenetração dos aspectos físicos e psíquicos e sua inseparabilidade. Os sentimentos, emoções e pensamentos influem na saúde e no bem-estar da pessoa tanto quanto os aspectos físicos. O comportamento da pessoa é produzido tanto pela bioquímica de seu organismo quanto pelas suas experiências. A distinção entre o que é corporal ou psíquico já não tem mais função de ser. O homem é um todo. Desse modo, a tendência à atualização das potencialidades do organismo opera tanto na ordem ontogenética (desenvolvimento do indivíduo) quanto na ordem filogenética (desenvolvimento da espécie).

Rebatendo as críticas de que essa concepção seria por demais otimista, Kinget (1977) responde que o que interessa é a percepção que a pessoa tem destas condições positivas, da possibilidade de sua ocorrência. Qualquer mudança só é possível a partir da consciência que a pessoa tem de si e das necessidades de mudança. Tudo faz parte do mundo fenomenológico, tanto o indivíduo, como sua tendência à atualização, quanto sua noção do self.

Rogers pontua, em sua entrevista para Evans (1979), que é muito ameaçador para o auto-conceito da pessoa defrontar-se com o que está fugindo; por isso, procura excluir de sua consciência toda atitude, comportamento ou sentimento que possa vir a destruir parte desta percepção de si. Os exercícios utilizados pela técnica de Boal (1980, 1995, 1996, 1999) procuram derrubar as couraças tornando o corpo consciente e a terapia ajuda a pessoa a ultrapassar essas barreiras, passando a perceber-se tal qual é.

A tendência à atualização faz com que a pessoa aja e busque, constantemente, a conservação e o enriquecimento do seu self, opondo-se a tudo o que o compromete: diminuição, desvalorização ou contradição. O sucesso ou eficácia de qualquer ação vai depender de como a pessoa percebe a experiência. Isto quer dizer que a percepção do mundo se dá por meio do prisma do self.

O que não tem relação com seu self tende a ser vagamente percebido e até mesmo negligenciado. É a noção que se tem do self que vai determinar a tendência atualizante. O modo como a pessoa percebe o seu self é o modo como se apresenta ao mundo. Se se percebe incapaz, as oportunidades que se lhe são apresentadas, ao invés de se tornarem situações de enriquecimento, representarão um perigo em potencial, uma ameaça à conservação do seu self.

O caráter realista da noção do self é responsável pela eficácia da tendência à atualização, ou seja, quanto maior for a correspondência ou a congruência entre aquilo que a pessoa acredita possuir, como recurso interno e o que de fato possui, maior a percepção de si.

A questão que nos conduz neste trabalho: Será que os detentos têm essa percepção de si, de ser aquilo que realmente acreditam que são? Ou será que necessitam de um trabalho mais profundo e que abranja mais especificamente suas necessidades?

Para que a pessoa possa verificar o caráter realista da percepção de si ou da sua noção do self, pode recorrer a duas fontes de critérios: 1) à sua própria experiência vivida (sentimentos, desejos, ansiedades, angústias) e 2) ao testemunho de outras pessoas à respeito de si ou pela conduta do outro em relação a si.

Muitas vezes, para realizar seus desejos, a pessoa propõe a si mesma objetivos e fins inatingíveis, o que redundará em frustrações e fracassos e que causam obstáculos ao bom funcionamento psíquico. Kinget (1977) lembra o quanto é importante e necessário que a noção de self seja realista e se fundamente na experiência autêntica da pessoa, naquilo que realmente experimenta e experiência.

C - DRAMATURGIA

Consideremos nossa alma como um castelo, feito de um só diamante ou de limpidíssimo cristal. Neste castelo existem muitos aposentos, assim como no céu há muitas moradas.

Santa Teresa de Jesus

(2003, p.19)

A dramaturgia, em seu início, era uma festa popular, a céu aberto, cantada e dançada pelos aldeões ou tribos. Ator e espectador coexistiam numa mesma pessoa. Com o progresso, esta coexistência deixou de existir e foram constituídos espaços fechados para a expressão popular. Algumas pessoas se especializaram e se tornaram atores e outras viraram espectadores, nascendo, assim, as formas teatrais tais quais as que se conhecem atualmente, separando-se os atores-ativos dos espectadores-receptivos. (Boal, 1995).

A arte teatral, desde tempos remotos, tem encantado e fascinado as pessoas, os que assistem e os que interpretam. A mágica se repete a cada encenação e não cansa aos olhos a beleza de uma interpretação bem feita. A magia do teatro persiste até os dias atuais.

Muitas vezes, dependendo do que está se interpretando, a encenação pode ser catártica, quando o personagem tem muito dos conteúdos do ator. Os exercícios utilizados para expressar as emoções, por si só, podem conduzir à catarse. Esse potencial curativo do teatro existe desde os primórdios, quando os povos primitivos se preparavam para ir à caça. Nesses rituais religiosos, os povos encenavam toda a façanha dos confrontos, exorcizando o medo, aumentando a coragem e a força do caçador. Todas as religiões, desde a Antigüidade até os dias atuais, utilizam-se de rituais litúrgicos para renovação dos laços com a divindade.

Quando se busca a história do teatro, observa-se que existe um traço comum nos enredos que é a procura da solução dos conflitos existenciais "...através da denúncia dos

responsáveis pelos malefícios, da exaltação dos heróis e dos virtuosos...” (Aguiar, 1990, p.17). Essa prática é observada desde a encenação das tragédias gregas, ao teatro religioso cristão da Idade Média. Nas encenações de formas mais elaboradas, a platéia se identifica com os heróis, trabalhando também suas emoções e seus sentimentos.

1- TEATRO DO OPRIMIDO

Augusto Boal, dramaturgo, nasceu no Rio de Janeiro em 1931. Estudou nos Estados Unidos, na School of Dramatic Arts da Universidade de Colúmbia e trabalhou em vários países, aprimorando a sua técnica. (Boal, 1999). Autor de textos fundamentais para o teatro, criou oficinas e técnicas teatrais para trabalhar o ator e especialmente o não-ator, além de apresentar algumas formulações teóricas que visam transformar o simples espectador-passivo em agente de mudança, por meio de sua inserção na ação dramática.

Nos últimos anos, tem-se dedicado ao Teatro do Oprimido que trabalha em três vertentes principais: educativa, social e terapêutica e, apresenta dois princípios fundamentais: ajudar o espectador a se transformar em ator e extrapolar a aprendizagem para a sua vida real. (Boal, 1988).

A primeira invenção do homem, segundo Boal (1996), é o teatro, pois é o momento em que ele pode percebe-se e ver-se em ação, em atividade, ou seja, observa-se a si mesmo durante a sua atuação. A partir daí, pode criar, inventar e descobrir todas as coisas durante a sua encenação. Começa a perceber-se tal como é, a descobrir o que não é, imaginando o que pode vir a ser. Torna-se capaz de agir, sentir e pensar a si e ao outro por meio do eu observador, do eu em situação e do não-eu (o Outro), à semelhança do self de Rogers (1992).

O encenar possibilita que a pessoa trabalhe suas dificuldades, verifique as implicações de seu ponto de vista e passe a refletir sobre seus posicionamentos. Esse coexistir de ator e espectador não acontece somente nos palcos teatrais. As pessoas convivem no seu dia-a-dia

com o ser espectador de si mesmo e o representar um papel, em ser o ator de sua vida. Um age sobre o outro, não tendo como dicotomizá-los.

A vocação teatral pertence a todas as pessoas, pois o teatro é uma atividade inerente ao ser humano. Com base nisso, Boal (1996) desenvolveu uma série de jogos e exercícios com o objetivo de resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação inerente ao homem, ajudando-o na compreensão e na busca de soluções para o existir humano, para os problemas sociais e interpessoais. É importante que a pessoa possa rever sua vida, seus valores, seu modo de ser e de agir, depois de coexistir nas duas funções ator-espectador e desenvolver um novo modo de pensar, mais livre das máscaras sociais.

Para Boal (1995), o teatro é uma forma de comunicação entre os homens, que atende a determinadas necessidades sociais e a momentos específicos. Ele é realizado para o espectador e, se o espectador muda, o espetáculo também mudará; por isso, não se pode universalizar as formas de arte porque o espectador é um dos elementos fundamentais da comunicação por meio do teatro. Entende que o teatro precisa ser popular, ir aonde o povo está ou levar o povo até ele, nas grandes salas de teatro. Considera que todo teatro é político da mesma forma que todos os homens são humanos; não há como desvencilhar um aspecto do outro.

Para que o grupo teatral se comunique com o público popular é preciso utilizar símbolos que sejam conhecidos por esse público. Caso contrário, não haverá identificação com o que está sendo encenado. Como o teatro é uma forma de linguagem, pode ser utilizado por qualquer pessoa, quer tenha ou não atitudes artísticas. É preciso colocar o teatro a serviço dos oprimidos, permitindo-lhes a expressão de seus conteúdos, a utilização de uma nova linguagem e a descoberta de novos conceitos. Por isso, essa proposta se adaptou tão bem aos presidiários! O domínio de uma nova linguagem possibilita um novo modo de conhecimento

da realidade, de se relacionar com ela além da conseqüente transmissão, ao outro, do que foi modificado.

Essa é a nossa questão principal: quais mudanças ocorreram no self daqueles que passaram pelo teatro do oprimido e pelo grupo de encontro?

Para Boal (1995), a proposta de se trabalhar com o Teatro do Oprimido é apresentar um teatro que liberte o espectador da sua passividade, da sua condição de testemunha, convertendo-o num ser ativo, num protagonista do fenômeno teatral: o espectador pode interferir no que está sendo apresentado e mudar a cena. A mesma proposta é evidenciada por Moreno (1984), quando propõe o teatro como ferramenta terapêutica. O que se espera é que essa sua experiência transcenda os palcos e possa levar para sua vida as ações que ele aprendeu na prática teatral.

No caso específico da encenação da peça *Bizarrus*, os espectadores não têm participação no desenrolar do espetáculo, mas o que está sendo encenado mobiliza os que estão assistindo. Deste modo, deixa de ser uma participação passiva dos espectadores, pois mexe e remexe com os conteúdos e preconceitos da platéia, podendo levá-la a repensar e questionar seus posicionamentos. A técnica de intervenção, na qual um se coloca no papel do outro, é utilizada somente com os participantes do Projeto.

O teatro para Boal (1995), é uma das formas mais poderosas de comunicação e de grande utilidade nas transformações sociais; por isso, propõe que é preciso pensar algumas questões importantes:

a- As representações teatrais não devem ser restritas aos profissionais; toda e qualquer pessoa pode começar a representar, desde que queira.

b- É preciso mostrar os rituais que escravizam o homem, falando diretamente à consciência do povo e mostrando a necessidade de construir sistemas mais justos.

c- Que as máscaras psicológicas utilizadas nas representações possam ser substituídas pelas máscaras sociais. Para se representar as máscaras sociais, é preciso ir em busca dos rituais que as formam, realizando uma profunda investigação desses rituais. As pessoas agem em função de suas necessidades sociais (núcleo da máscara) que têm um peso maior do que suas características psicológicas.

Na dramaturgia, para se trabalhar essas máscaras sociais, que são incorporadas pelos atores, seria necessário que as cenas fossem representadas, a cada vez, por um ator diferente (ao que Boal denomina de sistema Coringa), eliminando, assim, a identificação ator-personagem, responsável pela dificuldade de o espectador distinguir entre a necessidade social e a vontade individual. Utilizando do desempenho de certos rituais, especialmente os sociais, acaba-se criando uma máscara social, uma forma rígida de ser, tanto no andar, como no rir, pensar, chorar e amar.

O ritual é um sistema de ações e reações que são pré-determinadas e necessárias para o relacionamento interpessoal, apesar de não conter respostas originais. Concomitantemente, eles devem ser destruídos e substituídos por novos rituais para que o homem possa evoluir. O teatro tem esse poder de modificar o espectador, pois oportuniza-o à consciência da realidade e à possibilidade de modificá-la, por meio de sua inserção na cena que está sendo mostrada. Santos (2000, p.71) enfatiza que

> O teatro é um poderoso meio para conhecer e entender a realidade. Cada vez que um grupo social teatraliza seu cotidiano, seus problemas e suas questões, consegue entendê-los melhor, porque o teatro amplia e redimensiona a realidade. Transformar um problema em ação teatral é criar a possibilidade de vê-lo de um outro ângulo, vê-lo de fora, tendo o distanciamento necessário para compreender seus diferentes aspectos.

Quando a pessoa passa a ter consciência do que está ao seu redor, está num processo de mudança e de transformação, possibilitando-lhe novas experiências de vida.

Um outro dado muito importante, para Boal (1995) é que, na dramaturgia, para que exista comunicação, é preciso que haja uma relação dialética artista-público. Por isso, a importância de se compreender a identidade do trinômio idéia-emoção-forma, na formação do personagem: parte-se da emoção da personagem e se permite que o ator se expresse livremente, determinando, ele mesmo, a sua forma de ser naquele personagem.

É na emoção dialética, rica e contraditória que se pode mobilizar o público a intervir. A partir do momento em que se sente incomodado com o que está sendo expressado pelos artistas, ele pode apresentar a sua idéia e modificar a cena. Esse trabalho é desenvolvido nos ensaios com os presidiários e egressos.

A dificuldade de se trabalhar as emoções é que o corpo do ator se encontra mecanizado, insensível em sua grande parte e sua musculatura automatizada. É preciso haver um desbloqueio para que ele seja capaz de sentir as sensações e emoções mecanizadas, do personagem que irá interpretar (ou numa linguagem reichiana, trabalhar as couraças musculares desenvolvidas como defesas). Para tanto, Boal segue as indicações de Stanilawsky (1976a[28], 1976b[29]) para a construção da personagem, utilizando alguns exercícios sensoriais: musculares, de memória, de imaginação e de emoção.

Para a realização desses exercícios que tanto mexem com a emoção e que podem ser extremamente perigosos, Boal (1995) utiliza o recurso de racionalizar a experiência. Leva o ator a compreender a experiência e não somente senti-la, buscando compreender como se emociona, quais as causas e origens dessa emoção. Saber o significado da experiência é mais importante que desvendar o porquê; é um conhecimento dos fenômenos, especialmente as leis

[28] Stanislavsky, C. A preparação do ator. 3e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
[29] Stanislavsky, C. A construção da personagem. 2e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

que os regem e saber que se pode transformá-los. Esse processamento da racionalização da emoção não ocorre somente depois que a emoção desaparece, ela deve estar presente durante sua expressão. Não se pode dissociar razão e emoção porque o sentir e o pensar convivem simultaneamente.

Um outro recurso utilizado por Boal (1980, 1995, 1996, 1999), são os exercícios em que busca ordenar subjetivamente as experiências vividas pelo personagem por meio das reminiscências do passado, de reconquistar o tempo perdido, sem se afastar da cena, dos outros personagens e de seus conflitos.

Quando o ator é o personagem de sua história de vida (como no teatro terapêutico de Moreno), busca suas experiências passadas e revive cenas conflitantes. O ator precisa ir até as reminiscências de seu personagem sem perder o elo com o que está ocorrendo no momento. Trazemos novas questões: Como conseguir esse entrar e sair de suas emoções quando se está lidando com presidiários e egressos? Talvez seja necessário o suporte psicoterapêutico, onde não precisam racionalizar as emoções, mas sim vivenciá-las.

Na experiência teatral, a entrega do ator deve ser completa e total. O importante é que o ator esteja presente e que suas mensagens conscientes e inconscientes sejam absolutamente idênticas. Não se pode falar uma coisa e pensar em outra, levando à mecanização do personagem. Santos (2000, p.70) aborda que é preciso desmecanizar o personagem para que o novo possa entrar. Para tanto, precisa-se mudar a forma de pensar o presente e o futuro, preparando-se para a construção de uma outra realidade.

> Precisamos nos capacitar, nos preparar, para repensarmos nossa atuação, revermos nossas atividades, reavaliarmos nossas idéias e nos transformarmos. Precisamos *desmecanizar* nossos corpos e nossas mentes, para vislumbrar o futuro não como uma idéia pré-determinada pelo passado ou prevista pelo destino, mas como algo a ser construído.

> Pois só é capaz de transformar a realidade quem é capaz de se transformar.

É preciso ir a fundo ao personagem! Mas, como desmecanizar, se o personagem é ele mesmo, sua própria história de vida, sua realidade? Esse processo parece ser bastante dolorido para aqueles que vivenciam sua própria história, pois é necessário arrancar as máscaras com que se utilizaram durante tanto tempo.

Boal (1995) considera importante dar mais valor e aprofundar o conflito vivenciado pelo personagem, trabalhar com a emoção dialética, ou seja, buscar a emoção que se encontra no inconsciente: buscar o conflito entre o querer e não querer, amar e não amar... A pureza da emoção não existe. Por isso, o ator tem que descobrir a contravontade (não a vontade contraditória), de cada uma das vontades de seu personagem, para que ele possa viver efetivamente o papel a que se propôs, aprofundá-lo em suas emoções e ser dinâmico em cena. "O conflito interno da vontade e da contravontade cria a dinâmica, cria a teatralidade da interpretação e o ator nunca estará igual a si mesmo, porque estará em permanente movimento para mais ou para menos." (Boal, 1995, p.53). Depois dessa análise, o ator precisa retornar à vontade dominante que é formada pelo conflito de todas essas vontades.

Esse entrar e sair das emoções, quando estão muito feridos, torna difícil retornar à vontade dominante. As feridas foram abertas e não houve possibilidade de fechá-las, pois são profundas! Moreno (1984), ao propor as encenações, tem por objetivo a busca da cura da criança interior ferida. No jogo de Boal, há uma busca pelo amadurecimento, um entrar e sair ileso. Com os presidiários e egressos, que poucas oportunidades tiveram de entrar em contato com suas emoções, é um escancarar de dor e sofrimento. Torna-se, então, imprescindível que se cure a ferida. É um respeito que se deve ao outro! Deixá-lo sangrando a sua dor, sem poder expressá-la, pode conduzi-lo na contramão da vida, como observa Kübler-Ross (1998).

2-TRABALHANDO O CORPO

O corpo humano é a principal fonte de som e movimento, por isso, a pessoa precisa aprender a conhecê-lo para conseguir torná-lo expressivo. No Teatro do Oprimido, todas as pessoas são atores, porque podem agir, intervindo na cena que está sendo representada e são também espectadores, porque observam o que está sendo encenado (Boal, 1999, 2000). Libertando-se de suas couraças (Reich, 1995b), sai da sua condição de espectador e assume a de ator; deixa de ser objeto e passa a ser sujeito; da posição de testemunha transfere-se para a de protagonista de sua própria vida.

Isto porque pode interferir na cena e mudá-la como a vê, percebe, vivencia ou desejaria que fosse. A partir desse momento, se torna o ator. Para a conversão de espectador em ator, Boal (1999) traça um esquema de quatro etapas: conhecimento do corpo, tornar o corpo expressivo, teatro como linguagem e teatro como discurso.

a- Conhecimento do corpo

As pessoas desenvolvem máscaras sociais de comportamento de acordo com o trabalho que desempenham e isto acontece para todos, em qualquer função ou status social. Por isso, as pessoas que realizam os mesmos papéis são muito parecidas entre si. Os corpos se alienam, de uma determinada forma, dependendo do trabalho que realizam. É preciso um trabalho corporal intenso para que a pessoa possa conhecer o seu corpo e eliminar as suas tensões. (Boal, 1999).

Para vencer as resistências dos participantes, é conveniente iniciar as atividades com o que lhe é familiar, ou seja, principiar com exercícios que trabalhem o próprio corpo. Nesta etapa, utilizam-se exercícios e jogos com o objetivo de ajudar a pessoa a desentorpecer o corpo, alienado, que se tornou mecanizado, ritualizado pelas tarefas cotidianas impostas pela sociedade (Boal, 1995). A pessoa precisa ter conhecimento de seu corpo, de suas limitações e

possibilidades, de suas deformações sociais corporificadas e da possibilidade de recuperação, como aborda Reich (1995a).

Os exercícios dessa etapa são utilizados com o objetivo de desfazer as estruturas musculares, tornando-as conscientes. Desmontando, verificando e analisando para, depois, montar estruturas musculares de outras profissões e de status sociais. Só assim, a pessoa estará mais capacitada para interpretar outros personagens, outras histórias diferentes de si mesmo (Boal, 1999). À medida que a pessoa se torne cada vez mais consciente de seu corpo, são trabalhadas as deformações corporais impostas pelo seu trabalho.

b- Tornar o corpo expressivo

A capacidade de expressão corporal torna-se limitada devido ao hábito da comunicação por meio da palavra, mas os recursos do corpo como formas de expressão podem ser desenvolvidos usando-se técnicas e jogos nos quais desempenham papéis que só podem expressar/falar com o corpo. O importante, nessa etapa, não é adequar ao que foi proposto, mas o esforço para poder se comunicar por meio do corpo, num exercício de auto-conhecimento.

c- Teatro como linguagem

É nesta etapa que se enfatiza o tema a ser discutido, levando o espectador à participação progressiva no espetáculo, abandonando a condição de objeto, assumindo o papel de sujeito. É dividida em três partes: dramaturgia (o espectador intervém, sem participar); teatro-imagem (o espectador intervém diretamente, sem falar) e o teatro-debate (o espectador representa).

d- Teatro como discurso

Nesta fase, o espectador-ator é levado a apresentar o espetáculo de acordo com suas necessidades. Propõe-se um tema ou uma ação e é encenada com possibilidades infinitas de

refazê-la, em todos os aspectos. É nesse momento que pode expressar suas idéias, confrontá-las com outras percepções, aceitar propostas e verificar possibilidades de alteração.

Com esses passos fundamentais, insere-se o espectador na ação de ator, de participante reflexivo das ações sociais, favorecendo o autoconhecimento. A função terapêutica inicia quando se trabalha as couraças musculares para uma melhor percepção de si.

Os detentos passaram de espectadores de suas vidas para a ação de atores de suas próprias histórias de vida, como num despertar de si mesmo, acordar o corpo adormecido para uma consciência mais plena.

3- TEATRO TERAPÊUTICO DE MORENO

A intervenção corporal leva ao compromisso total com o que se está realizando, que é primordial para o processo psicoterápico, levando-o a melhorar a comunicação com aqueles que o cercam. Moreno (1984) considera importante que, no início do psicodrama se estabeleça contato corporal com os participantes. O trabalho que Boal desenvolve está muito próximo de uma sessão psicodramática que, por seu lado, está muito interligada com a representação teatral.

O psicodrama, técnica psicoterápica desenvolvida por Moreno (1983), teve sua origem nos experimentos de improvisação teatral, envolvendo preocupações de ordem social, política, filosófica e religiosa. Toda a obra de Moreno, em seus fundamentos, está marcada por esse esforço de busca de respostas para os questionamentos levantados por essa crise.

Para Aguiar (1990), alguns sistemas políticos, por serem autoritários, não se coadunam com pessoas que buscam uma relação de crescimento, que constróem e reconstróem suas vidas. Preferem aquelas que são pouco criativas, alienadas, inertes em suas vontades e desempenhos. As relações de crescimento desafiam o poder do sistema político porque influem e transformam as questões sociais.

Para contornar as dificuldades advindas dos agentes inibidores que enfraquecem o caráter teatral do psicodrama, utiliza-se como roteiro a ênfase no psiquismo do participante, levando ao espaço cênico, seus conflitos pessoais. (Aguiar, 1990). É um processo de ação, de interação entre os participantes cujo núcleo principal é a dramatização.

No psicodrama, a encenação é bem sucedida se se aproximar da realidade da pessoa. Para se fazer uma leitura crítica do que ocorre, é preciso ter uma teoria da personalidade ou de desenvolvimento ou de psicopatologia, como base. (Rojas-Bermúdez, 1970). A diferença com o Teatro do Oprimido é que, no psicodrama, sempre se trabalha com uma hipótese diagnóstica, de modo que a dramatização ajude para a definição de uma patologia bem como possibilitar durante a ação cênica, a correção de algumas inadequações que se supõem, sejam responsáveis pelo sofrimento da pessoa.

Na prática teatral psicodramática, o que se prioriza é a representação de si. O que diferencia o modelo teatral do modelo psicodramático é que, nesta última, a questão terapêutica é vista como processo. Os processos de cura têm uma seqüência que devem ser cuidadosamente acompanhadas por um profissional competente, enquanto que, no teatro, o espetáculo é um evento singular com potencial curativo que precisa ser explorado. Buscar o acesso a esse potencial curativo junto àqueles que se encontram privados da liberdade é um meio de favorecer o seu crescimento pessoal.

Para Aguiar (1990) nas artes cênicas, em qualquer espetáculo, há sempre uma fase preliminar que antecede a apresentação. É durante essa fase que se processa o amadurecimento dos atores nos preparativos (cenários, iluminação, guarda-roupa) bem como durante os ensaios (leitura e memorização de textos, ensaios, marcações). Depois da estréia, ocorrem outras adaptações necessárias, mas o espetáculo continua o mesmo, diferentemente da psicoterapia psicodramática, que pretende realizar um processo de modificações sucessivas, por meio do controle do fluxo dos acontecimentos.

Para Moreno (1984), a mera explosão emocional, como a descarga de tensões acumuladas, é desprovida de significado porque impossibilita a pessoa de crescer. É por meio do protagonista que o grupo vai se expressar porque ele traz em sua história as contradições que o grupo enfrenta. Na "catarse de integração" de Moreno, a pessoa consegue superar seus conflitos pois os problemas são trabalhados de forma a propiciar crescimento. No teatro, a proposta básica é envolver o público no drama apresentado para que se consiga uma integração total com o texto, trazendo benefícios pela mobilização.

No teatro espontâneo psicodramático, corre-se um risco menor de não conseguir mobilizar o espectador porque, geralmente, o tema apresentado tem a ver com aquele público específico. Traz à cena a experiência comunitária e tanto o protagonista quanto os coadjuvantes interagem com suas histórias pessoais, seus corpos, sua criatividade e suas respostas. O incidente crítico (experiência passada) que está sendo trabalhado passa a ter novo significado, pela repetição catártica restituindo o que dele se desprenderá. (Aguiar, 1990).

Essa mobilização autor-diretor-atores-espectador, que é a catarse de integração, propicia uma re-integração de todos os participantes no drama coletivo e na totalidade existencial. Na proposta do teatro espontâneo de Moreno, os atores são convidados a retirar as máscaras e a desnudar-se diante dos espectadores, exibindo seus dramas interiores (Aguiar, 1990).

Boal (1999) também se utiliza desse recurso bem como a ênfase corporal. Admite que seja um método eficiente para evidenciar as defesas conscientes e inconscientes, as condutas e os comportamentos patológicos dos participantes. A expressão das dificuldades se dá a partir dos personagens na construção e reconstrução das cenas, abordando também o contexto social em que se desenvolveram. A pessoa é tratada como um todo, alguém inserido em seu meio, que influencia e é influenciado.

Para Moreno (1984), nas técnicas de produção, o terapeuta e seus egos auxiliares se introduzem no mundo do participante, auxiliando-o na percepção de si mesmo, como se estivessem no mundo real. Assim, é possível ver sua atuação, sua fala, suas ações, pensamentos, sentimentos e percepções, que não partem de si mesmo, mas do outro, que são duplos e espelhos de sua dor. Esta atitude do terapeuta e egos auxiliares facilita a pessoa ver-se a si mesma, proporcionando a oportunidade de falar de sua dor, de seus medos, abrindo espaços para que possa se transformar.

Boal (2003) destaca que "ver em cena um ato praticado é a melhor forma de compreendê-lo", e por isso os trabalhos com o Teatro do Oprimido que estão sendo desenvolvidos em alguns presídios, como os de Vieira (2001), Roncalli (2000), Ramalho (2003) e Heritage (2001), estão ajudando os presos a compreenderem os erros cometidos e buscarem formas alternativas de sobrevivência. De acordo com Roncalli (2000, p.38), depois de participarem ativamente das atividades, "encontraram no teatro forças para se manter fora da criminalidade e hoje participam de movimentos culturais da cidade e foram contratados para trabalhar com adolescentes infratores". Conseguiram superar a si mesmos a partir do momento em que puderam colocar-se no lugar do outro, com o olhar do outro, vendo-se e analisando-se.

Verificar essas possibilidades entre aqueles que participaram do Projeto e poder desvendar as expansões do self será de grande valia para o desenvolvimento de outros projetos junto aos presídios.

D - NOÇÃO DO SELF

Todos nós temos mecanismos de autocura muito poderosos, os quais corrigem os desequilíbrios assim que estes se manifestam, a não ser em situações de enfermidade.

David Furlong

(1997, p.21)

A noção do self é a concepção central da teoria da personalidade de Rogers (1977a, 1992, 1995) que, juntamente com seu grupo de psicólogos, foi um dos primeiros a dar mais ênfase a este constructo. Foi forçado a estudar o significado do self porque seus clientes sempre usavam esse termo em suas falas, com as mais variadas significações, demonstrando o quão importante era a sua compreensão. Kinget (1977) afirma que o self é a percepção que a pessoa tem de si mesma, é a estrutura perceptual que abarca todas as experiências da pessoa em cada momento de sua vida. Para Rogers (1992):

> O conceito de self, ou estrutura de self, pode ser visto como uma configuração organizada de percepções do self que são admissíveis para a consciência. É composto de elementos como as percepções das próprias características e habilidades; os objetos da percepção e os conceitos do self em relação aos outros ou ao ambiente; as qualidades de valor que são percebidas em associação com experiências e objetos; e metas e ideais que são percebidos como tendo valor positivo ou negativo. (p.159).

A estrutura do self é formada a partir da interação avaliatória com o ambiente e com as outras pessoas. O self se forma a partir das experiências do bebê com o seu meio ambiente. Conforme vai interagindo com seu ambiente, vai construindo "conceitos sobre si mesmo, sobre o ambiente e sobre si mesmo em relação ao ambiente" (Rogers, 1992, p.566), começa a dar significados a essas experiências constituindo o seu campo fenomenal. E, dentro desse campo fenomenológico, passa a destacar determinadas percepções e significações sobre si

mesmo, o que passa a constituir o seu self. Passa a valorizar experiências que percebe como positivas e atribuir um valor negativo àquelas que percebe como ameaçadoras. É a partir desse momento que percebe a avaliação do seu self pelas outras pessoas e esta valoração passa a constituir campo significativo de sua percepção.

Rogers (1991c) propõe que o self se desenvolve a partir dessas condições de valor: se a criança introjetar valorações condicionais de uma pessoa significativa, provavelmente também irá se valorar condicionalmente. Com isso, poderá experimentar um estado de incongruência se a experiência consciente de si e a experiência organísmica estiverem em desacordo. Ou seja, há uma contradição entre o self e a experiência. Para Rogers (1992), "parece que é nesse estágio que se desenvolvem uma simbolização distorcida da experiência e a negação de experiências para a consciência, que têm um significado importante para o desenvolvimento posterior de desajustamentos psicológicos". (p.567).

Essa simbolização distorcida é utilizada para preservar o conceito ameaçado do self: introjeta conceitos e valores dos outros como se fossem seus, como se tivessem sido experimentados por si mesmo. Entretanto, é a própria pessoa que tem que ser o centro de seu processo de avaliação e quando esse centro de avaliação é deixado à mercê das outras pessoas ou das normas, a pessoa em desenvolvimento suprime o valor de suas experiências. (Rogers, 1983b). Mas, quando a pessoa é o seu próprio centro de referência, ocorre o ajustamento, pois as experiências relativas ao self são corretamente simbolizadas e integradas na estrutura do self. (Rogers, 1977a).

Deste modo, a pessoa apresenta acordo entre o self e a experiência. "O ajustamento psicológico existe quando o conceito de self é tal que todas as experiências sensoriais e viscerais do organismo são, ou podem ser, simbolicamente assimiladas para formar uma relação coerente com o conceito de self". (Rogers, l992, p.582). As percepções que as pessoas possam vir a ter de seu organismo, de suas experiências, das relações entre elas, do mundo à

sua volta, a consciência desses acontecimentos, poderá possibilitá-las a se desenvolverem, crescerem e a se transformarem, num trabalho conjunto com o organismo. Ou seja, quando a imagem que a pessoa tem de si mesma corresponde ao que está acontecendo dentro de seu organismo, ocorre o ajustamento psicológico, que é o estar bem consigo mesma, segundo a definição deste autor.

Como a formação do self é um processo, constitui desajuste do comportamento quando a imagem que a pessoa faz de si mesma não corresponde àquela que está acontecendo em seu organismo:

> Há desajustamento psíquico quando o organismo deforma ou intercepta elementos importantes da experiência. Considerando-se que estes elementos não são representados ou são incorretamente, na estrutura do *self*, resulta que o *self* e a experiência total não correspondem – o que dá lugar a conflitos, tensões e confusões. (Rogers, 1977a, p.170).

O desajustamento psíquico é o resultado da incongruência entre self e experiência. Rogers (1975) dá ênfase à noção de uma imagem do self unificada e complexa, que se expande e engloba todas as experiências da pessoa em todo e qualquer momento de sua existência, incluindo novas experiências e excluindo as mais ameaçadoras. A pessoa se esforça para preservar o conceito ou imagem que tem de si, e uma mudança brusca dessa imagem pode intimidar, já que toda mudança pode provocar alguma destruição da segurança da pessoa, podendo tornar a mudança difícil e conflituosa.

Quando a pessoa está experimentando alguma tensão interna e se propõe à mudança, está aberta a rever suas percepções do self e do self-em-relacionamento com o ambiente e com os outros. Se encontrar ajuda terapêutica, esta pessoa pode explorar seu campo perceptual e descobrir generalizações falhas, "experiências das quais nunca fora consciente, experiências que contradizem profundamente a percepção que tem de si mesmo – e isto de

fato é ameaçador". (Rogers, 1992, p.222). É um movimento de desorganização e reorganização das percepções do self que "...torna-se possível sem uma perda muito desastrosa da auto-estima e sem um pulo muito assustador do velho para o novo". (Rogers, 1992, p.223).

Esse processo de desorganização e reorganização é bastante doloroso porque se a pessoa não tem um conceito firme de si mesmo, fica difícil determinar um comportamento apropriado. Ela passa a vivenciar comportamentos próximos do antigo self, mas contrabalançados por uma nova e vaga estrutura do self.

> ...uma configuração nova ou revisada do self está sendo construída, contendo percepções anteriormente negadas; envolvendo uma simbolização mais exata de uma gama muito mais ampla de experiências sensoriais e viscerais; envolvendo uma reorganização de valores em que a experiência pessoal do organismo é claramente reconhecida como a fonte que proporciona as evidências para as valorações. Lentamente, começa a emergir um novo self, muito mais próximo do "verdadeiro", porque se baseia muito mais na experiência global do cliente, percebida sem distorção. (Rogers, 1992, p.223).

O homem é o único animal que tem consciência de seu passado, de seu presente e ainda pode fazer escolhas sobre o seu futuro pois, durante a sua evolução, desenvolveu essa capacidade de conscientização.

> Havendo maior autoconsciência torna-se possível uma escolha mais bem fundamentada, uma escolha mais livre de introjeções, uma escolha *consciente* mais em sintonia com o fluxo evolutivo. Essa pessoa está potencialmente mais consciente, não só dos estímulos como também das idéias e sonhos, do fluxo de sentimentos, emoções e reações fisiológicas advindas do seu interior. Quanto maior essa consciência, mais a pessoa flutuará segura numa direção afinada com o fluxo evolutivo. (grifos do autor) (Rogers, 1983b, p.46).

Isto não significa que a pessoa esteja consciente de tudo o que está acontecendo dentro de si. Significa que não vai impedir a sua vivência integral do que está presente no organismo, vai se permitir ir em direção a uma vida unificada.

Rogers, entrevistado por Frick (1975), pontua que o ambiente não sendo favorável e a pessoa não estando plenamente cônscia de si mesma, pode realizar escolhas destrutivas, agressivas e socialmente indesejáveis que não a beneficiam. Entretanto, se forem oferecidas às pessoas condições que promovam o crescimento sadio, sem simbolizações distorcidas, a sua escolha recairá sobre o social, podendo vir a desenvolver relacionamentos e entrosamentos saudáveis e equilibrados com as outras pessoas e consigo mesmo. Quando a pessoa adquiriu plena consciência de experiências que havia negado, podem ocorrer mudanças psicológicas e fisiológicas, resultando numa mudança de comportamento. (Rogers, 1983b).

Essa é a idéia mestra da concepção terapêutica de Rogers: a pessoa possui uma capacidade inerente de autoregular-se, autorealizar-se, autoatualizar-se, de desenvolver todas as suas capacidades, de ir em busca do melhor para si, de modo a preservar e enriquecer seu organismo. Para isso, basta proporcionar-lhe as condições adequadas. Entretanto, para muitas pessoas, as condições de crescimento e desenvolvimento são muito diversas daquelas que promovem um desenvolvimento sadio.

Rogers (1983a, 1992) acreditava que todos os seres humanos e todos os organismos vivos possuem potencialmente essa tendência natural à realização construtiva, à auto-compreensão, à modificação de auto-conceitos, atitudes, idéias, posturas e comportamentos, mesmo nas situações mais adversas. Pontuava que a tendência ao crescimento pode ser frustrada ou desvirtuada, mas não se pode destruí-la porque sem destruir também o organismo. Entretanto, esta tendência, quando estimulada, pode levar a pessoa a introjetar aprendizagens significativas (Rogers, 1991b).

A possibilidade de que a pessoa possa vir a expandir o seu self, quando se cria um ambiente propício, para que possa estar aberta tanto aos dados da experiência interior, quanto aos dados do mundo externo é assegurada por Miller O'Hara (1983), quando pontua que precisamos ser conscientes de que somos capazes de crer nessa capacidade intrínseca das pessoas em se auto-regularem, buscando o crescimento e a cura.

Podemos pensar que o processo terapêutico e o teatro, vivenciados pelos presidiários, exerceram um papel de desfazer as discrepâncias de funcionamento, dissolvendo as condições de valor introjetadas, permitindo, assim, a ampliação do self mais congruente com sua experiência, restaurando o processo organísmico.

Rogers (1989) acentua que a trágica condição do homem atual é que ele perdeu a confiança em suas próprias direções internas, inconscientes, como exemplificado na fala de Saturno[30], quando diz que quer sair do mundo do crime, mas não sabe como fazê-lo. Considerando a tendência atualizante, a solução seria permitir que ele crescesse, buscando desenvolver relacionamento contínuo e confiante, consigo e com o outro, no qual pudesse desabrochar a sua tendência realizadora, consciente e inconsciente, deixando-se guiar por ela, restaurando-se a unidade e a integração de si.

Entretanto, muitas vezes, a pessoa, para se realizar, propõe a si mesma objetivos e fins inatingíveis. Essa atitude redundará em frustrações e fracassos que causam obstáculos ao bom funcionamento psíquico, de assassinos ou traficantes, de neuróticos ou psicóticos, ou para qualquer pessoa com nossas pré-concepções ou pré-conceitos. É importante e necessário que a noção do self seja realista e se fundamente na experiência autêntica da pessoa, naquilo que ela realmente experimenta e experiencia (Kinget, 1977).

O ser humano evolui no sentido da maturidade quando pode viver suas experiências, especialmente as que se referem ao seu *s*elf, quando tem plena consciência de seus

[30] Nome fictício de um dos colaboradores da pesquisa.

sentimentos, pensamentos e desejos, quando representa na consciência as experiências negativas (inferioridade, hostilidade e medo) tão bem quanto as experiências positivas (afeto, segurança e sucesso). Como é a percepção do self que dirige o comportamento, quando há correspondência entre a experiência real e a percepção que tem de si, a pessoa apresenta um comportamento mais coerente em relação à vida e a si própria. Essa disponibilidade da experiência permite o jogo das funções de auto-avaliação e de auto-correção que dirigem o comportamento no sentido da maturidade pessoal.

Ir em direção ao crescimento é o resultado da conjugação de forças internas e externas. Entretanto, para o desenvolvimento favorável (mais os processos de auto-avaliação e auto-direção), é necessário que a experiência esteja disponível à consciência. Se os elementos significativos são inacessíveis ou falsificados, as decisões conduzem ao fracasso, à confusão e o desequilíbrio já existente se agrava, gerando novas frustrações.

Neste trabalho, buscaremos observar esse aspecto da expansão do self dos presidiários, nos seus relatos sobre as mudanças, o que reconhecem como descritivo de si e que percebem como sua identidade: características, limites, valores, atributos, qualidades e defeitos.

E - APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Quem acumula muita informação perde o condão de advinhar: divinare.

Manuel Barros

Divinare! Nossa capacidade de ir além do conhecimento. Sabedoria que nos conduz às nossas informações internas, à nossa capacidade de escuta do nosso organismo.

Para Rogers (1977b) o conhecimento sem sentir pode levar a pessoa a cometer as maiores atrocidades sem qualquer senso de culpa. Recorda-se dos episódios de guerra no Sudeste Asiático, dos bombardeios do Vietnã do Norte e do Sul como também dos de Cambodja. Se estivesse vivo, nos dias de hoje, citaria as guerras contra o Irã, Iraque e países menos desenvolvidos, sem esquecer do atentado à torres gêmeas. Violência gerando mais violência.

Sontag (2003) reforça esse posicionamento de Rogers, questionando nossos sentimentos e posicionamentos diante das crueldades a que somos bombardeados diariamente por meio das imagens envolvendo a natureza da guerra, os limites de nossa solidariedade e nossos deveres de consciência.

Parece que aprendemos a ser desumanos diante de tanta desumanidade! Parece que deixamos nossa consciência no mais recôndito de nosso ser para podermos fingir diante do sofrimento alheio. Ou será que introjetamos somente esses valores da indiferença? É como se separássemos o eles e o nós, como se a dor do outro não fizesse parte de nossa realidade. Somente conseguimos perceber o "outro lado" quando passamos por ele. Deveríamos poder rever nossos posicionamentos diante da vida e mudar a nossa percepção de mundo sem ser necessário atravessarmos estes mesmos caminhos.

Rogers (1977b) considera que esse nosso comportamento faz parte do ensino cognitivo compartimentalizado, no qual somos levados a conhecer os fatos intelectualmente, sem sentirmos nosso conhecimento. O treino a que fomos submetidos ressalta apenas o cognitivo, evitando qualquer sentimento relacionado à aprendizagem, provocando uma cisão, o que nos leva a negar uma parte importante de nós mesmos: a aprendizagem afetivo-vivencial.

> Se eu tentasse, então, encontrar uma definição grosseira do que significa aprender como pessoa inteira, diria que isto envolve aprendizagem de uma espécie *unificada*, a nível de cognição, dos sentimentos e das vísceras, além de uma *percepção* clara dos diferentes aspectos deste aprender unificado. (grifo do autor) (Rogers, 1977b, p.145).

Em seus estudos, Morato & Schmidt (1998, 1999) verificaram que a aprendizagem significativa se manifesta como um processo de vida, de desenvolvimento e de crescimento, presentes nos organismos e que esse processo pode ser propiciado pelos grupos de encontro, pois se constitui num espaço informal, caloroso, autêntico e não hierárquico, que facilita a articulação de conteúdos afetivos e cognitivos.

Essa aprendizagem por inteiro proporcionaria, então, uma nova forma de ser e de estar diante da dor e do mundo. Tornaria difícil a aceitação de tanta violência aos outros e a nós mesmos. Poderíamos tentar ouvir mais as nossas reações organísmicas diante dos acontecimentos e tomar posições em favor da vida.

A esse fenômeno da aprendizagem, entrelaçando as dimensões afetiva, cognitiva e vivencial, Rogers (1991c) denomina de aprendizagem significativa. Os elementos cognitivos (o intelecto em funcionamento pleno), os elementos afetivos (curiosidade, vibração, paixão, sentimentos) e os elementos vivenciais (prudência, autoconfiança, autodisciplina, emoção da

descoberta) envolvem esse tipo de aprendizagem que chega a ser visceral. (Rogers, 1977b). É uma aprendizagem baseada na experiência da pessoa e não em símbolos. (Rogers, 1995e).

Manzini[31] acrescenta que a aprendizagem significativa é uma aprendizagem "...dialética, que emerge de uma elaboração e que surge de alguma transformação, de alguma totalidade que estou percebendo".

Mas, não é somente por meio dos bancos escolares e dos livros que podemos entrar nessa dança a três: afetivo, vivencial e cognitivo. Rogers (1991a) confirmou que na relação terapêutica, a aprendizagem significativa também é facilitada. A pessoa aprende novas maneiras de se relacionar consigo mesma, com os outros e novas maneiras de agir e atuar sobre o meio em que vive constituindo também uma aprendizagem significativa.

> Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é muito mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas de sua existência. (Rogers, 1991, p.258).

É uma aprendizagem que transforma, que pode provocar modificações do comportamento e da personalidade da pessoa, orientando-a em relação às suas atitudes e às ações futuras. Pode-se observar a transformação de seus comportamentos desadaptados e, por mais arraigados que estejam, podem levá-la a uma maior aceitação de si, com menos rigidez em suas percepções, ao que Rogers (1977a) denominou de liberdade experiencial.

Essa liberdade experiencial refere-se essencialmente à experiência e aos fenômenos internos. É importante que a pessoa se sinta livre para reconhecer e elaborar suas experiências

[31] Elcie Manzini na Banca do Exame de Qualificação em 31.10.2003, no Instituto de Psicologia da USP.

e seus sentimentos, não necessitando negar ou deformar seu campo perceptual, suas opiniões e atitudes íntimas, para manter o afeto das pessoas que representam um papel importante em sua auto-estima (consideração positiva de si).

Para Rogers (1991b), aprender a ser livre "é a experiência de se tornar uma pessoa mais autônoma, mais espontânea e mais confiante. É a experiência da liberdade de ser quem se é". (p.53). No processo terapêutico, passa-se por esse processo autônomo de aprender a ser livre. A pessoa pode deixar de ter medo e não se defender mais de seus sentimentos mais íntimos, permitindo que eles existam, aceitando-os como parte de si. Pode-se observar uma comunicação íntima mais livre e mais consciente do que ocorre em seu interior, passando a pessoa a fazer escolhas por si mesma e não movida por forças interiores (que não compreende) e exteriores (que não percebe), e que estão fora de seu controle. Todo aquele que se predispuser a essa busca, poderá encontrar os meios. Observamos que aqueles que participaram do Projeto Pontilhado e permaneceram durante todos esses anos, desejavam, de fato, sair do mundo do crime, desejo presente antes de entrarem no Projeto.

A existência dessa liberdade é possível quando a pessoa se dá conta de que pode expressar (experiências, desejos, emoções e pensamentos) tudo aquilo que experimenta independentemente das normas sociais e morais de seu ambiente.

Rogers (1995) considera o processo terapêutico como uma experiência libertadora, por isto, previsível em seus resultados: libera as forças internas de crescimento, envolvendo os seguintes aspectos:

1) Expressar atitudes intensas e motivadas;

2) Ter condições de explorar suas próprias atitudes e reações, de modo mais pleno, observando conscientemente aspectos de suas atitudes que negava anteriormente;

3) Conseguir uma apreensão consciente, mais clara dos motivos que o levam a determinadas atitudes, aceitando-se mais completamente;

4) Buscar novos objetivos, mais satisfatórios que os anteriores, por sua própria iniciativa e responsabilidade;

5) Optar por novos comportamentos, mais espontâneos e menos tensos, mais harmoniosos com as necessidades de outros, para poder alcançar os novos objetivos propostos.

A liberdade experiencial é condição essencial para que essa experiência autêntica possa ocorrer. Rogers, em sua entrevista a Frick (1975), aborda que a pessoa pode sempre ir mais além, pode desenvolver novos e significativos canais para si mesmo. Entretanto, a aprendizagem significativa que possa vir a mudar a imagem de si mesmo ou o modo de como se reage diante das situações, pode ser muito ameaçadora e perturbadora, pois o processamento da mudança requer um desejo forte de experimentar novas possibilidades, mesmo que possam ser doloridas.

A razão dessa previsibilidade reside no fato de que, na maioria das pessoas, existem forças de crescimento, tendências para a auto-atualização que necessitam ser despertadas. Essas forças internas impelem a pessoa a explorar suas próprias atitudes e sua relação com a realidade. Desde que haja aceitação de seu modo de ser e o reconhecimento dessas capacidades internas por pessoas significativas, a pessoa torna-se capaz de descobrir e perceber as inter-relações entre as suas atitudes e o seu relacionamento com a realidade, distinguindo os passos que a conduzirão a desenvolver um relacionamento mais maduro e mais confortável com a realidade.

Rogers (1989) aponta que homens e mulheres abandonados em enfermarias públicas, dos hospitais pelos quais passou, desenvolveram-se em condições desfavoráveis, e sub-

humanas. Apesar de parecerem derrotadas, “estão lutando, do único modo que lhes é possível, para alcançar o crescimento, para tornar-se alguém. Para nós, os resultados podem parecer bizarros inócuos, mas são tentativas desesperadas de vida para tornarem-se elas próprias” (p.17).

Poderíamos considerar que os presidiários e os egressos que participaram desta pesquisa também estão buscando a tendência direcional atualizante, apesar da situação de aparente fracasso a que estão submetidos. Por isto, é tão necessário permitir o desenvolvimento e o florescer de suas potencialidades.

Rogers (1975) pontua que uma pessoa que não tenha um sistema consistente ou estável de valores concebidos pode, por meio de terapia, se permitir a abertura à experiência e ao contato com o que experiencia, num processo de avaliação mais amadurecida das experiências de si e dos outros.

O conhecimento de si pode partir de vários caminhos e o teatro, com suas técnicas, pode ser uma delas, principalmente quando aliado ao acompanhamento psicológico. O importante é não somente permitir o aflorar de conteúdos e, sim, sedimentar as mudanças para que a pessoa possa funcionar de maneira integrada, unificada, tornando-se confiante em suas escolhas e opções.

F - TENDÊNCIA ATUALIZANTE

A compreensão de que existe no universo uma inteligência superior, uma força ou energia criativa que é a fonte e a substância de toda a existência é o alicerce para a vida do novo mundo.

Gawain e King

(1998, p.29)

Tendência atualizante ou tendência à atualização do self possuem o mesmo significado para Rogers. A tendência formativa corresponde à tendência atualizante do Universo. Segundo Kinget (1977), a tendência atualizante é a idéia mestra da teoria da terapia de Rogers.

A tendência atualizante conduz o exercício de todas as funções do organismo, tanto físicas quanto experienciais, cujo objetivo é desenvolver as potencialidades da pessoa, assegurando, assim, a sua conservação e seu enriquecimento, sem deixar de levar em conta as possibilidades e os limites do meio em que vive. É a tendência atualizante que norteia as atividades mais complexas e mais evoluídas do organismo, no sentido de uma maior autonomia. Essa tendência de expansão/crescimento do organismo é contínua e se manifesta em sua totalidade.

Rogers (1989), quando observou o fenômeno da sobrevivência da palmeira marinha, pode constatar a manifestação da tenacidade do viver, conseguindo sobrepujar o ambiente adverso, adaptando-se e desenvolvendo-se.

> Quando a tendência atualizante pode se exercer sob condições favoráveis, isto é, sem entraves psicológicos graves, o indivíduo se desenvolverá no sentido da maturidade. Sua percepção de si mesmo e de seu ambiente – e o comportamento que se articula de acordo com

> essas percepções – se modificarão constantemente num sentido de uma diferenciação e de uma autonomia crescentes, típicas do progresso em direção à idade adulta. A personalidade representará, portanto, a atualização máxima das potencialidades do "organismo". (Kinget, 1977).

O ser humano possui a tendência para exercer essa capacidade e tanto a capacidade quanto a tendência não resultam da educação ou aprendizagem, elas são potencialmente inerentes a todo ser humano. O que pode impedir o exercício dessas capacidades são as lesões ou conflitos estruturais que impedem a defesa nas condições ordinárias da vida. Entretanto, para que essa capacidade e essa tendência possam se manifestar, são necessárias algumas condições, um contexto de relações humanas positivas, desprovidas de ameaça ou de desafio ao conceito que a pessoa tem de si mesma. Essas atitudes favorecem a conservação e valorização do self.

Para Kinget (1977), as proposições de Rogers de que o comportamento da pessoa é determinado pela tendência à atualização e pela noção do self, contém todo o seu pensamento e o seu trabalho. A tendência à atualização é o fator dinâmico do comportamento, que fornece energia e busca desenvolver todas as potencialidades da pessoa: "O ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado" (Kinget, 1977, p.39). Acredito que a maldade não é o estado permanente dos homens. Mesmo os mais perversos têm dentro de si capacidade e tendência atualizantes. Basta oferecer-lhes as condições necessárias para que as manifestem, cada qual a seu tempo e a sua hora.

Rogers (1975, 1992) acredita nessa tendência, nesse potencial para a pessoa exercer essa sua capacidade, para buscar se defender das condições adversas. Entretanto, o exercício desta capacidade requer um ambiente que seja desprovido de ameaças à imagem que a pessoa

faz de si mesma, um ambiente que seja favorável à conservação e valorização do seu self. (Kinget, 1977).

Essa fonte central de energia existente no organismo humano possui uma tendência a realizar-se constantemente e não apenas a manter o que já foi conquistado por meio de adaptações, mutações e ajustamentos. É a vida que vai fluindo nas suas mais diversas formas, corrigindo os erros e caminhando em direção ao seu próprio desenvolvimento e crescimento (Rogers, 1989). A tendência atualizante norteia atividades complexas e mais evoluídas do organismo no sentido de uma maior autonomia. Essa tendência da expansão/crescimento do organismo é contínua e se manifesta em sua totalidade.

Com referência aos colaboradores desta pesquisa, quando saírem da prisão, mesmo que retornem ao crime, nunca mais serão os mesmos porque adquiriram um conhecimento que não será esquecido. Quando ocorre o crescimento, não há retorno, pois ninguém vai sair ileso de um encontro consigo mesmo.

Kinget (1977) traça a gênese da desordem do sistema de comunicação interna que ameaça a liberdade experiencial da pessoa:

1) Inicia-se com a proibição de sentir e expressar o sentimento que experimenta diante de uma determinada experiência, sob a pena de perder a estima ou afeto de pessoas importantes em sua vida (condições responsáveis pela atualização);

2) Como conseqüência dessa ameaça, passa a sentir-se angustiada.;

3) Essa angústia leva-a a reprimir a exteriorização dos seus sentimentos;

4) Em seguida, a angústia conduz à repressão da existência desses sentimentos;

5) Se esse procedimento lhe restitui as condições da conservação e da revalorização do self, passa a adotá-lo como parte integrante do seu modo de viver;

6) Como parte de sua experiência real escapa-lhe ao conhecimento, da mesma forma, o controle de seu comportamento escapa-lhe na mesma intensidade;

7) Desenvolvem-se, então, as decepções e os dissabores;

8) Com isso, a pessoa torna-se confusa, desorientada, ou seja, neurótica.

Essa ameaça à integridade da pessoa, esses atentados à sua liberdade experiencial podem causar uma ruptura constante de suas experiências e sua representação. Aí, a pessoa pode perder a tranqüilidade, a autoconfiança e a eficácia, submetendo-se a uma angústia generalizada, sem saber o que pensa e quer. Sua capacidade de tomar decisões ou de se sentir satisfeita fica comprometida, encontrando-se desprovida de valores já comprovados, enraizados na sua experiência pessoal, servindo de base a comportamentos relativamente mais estáveis, eficazes e satisfatórios. (Kinget, 1977).

Esta alienação à experiência vivida é característica da personalidade neurótica, que se desenvolveu a partir de uma reação às condições psico-sociais adversas, especialmente quando se sentiu ameaçada ou violada num determinado período de sua vida, por pessoas significativas. Impediram-na de uma apreensão autêntica de suas experiências e de vítima que eram no começo, tendem a se tornar cúmplices dessas forças destrutivas, pois não conseguem se desvencilhar delas.

Por outro lado, quando a homeostase psicológica é pouco perturbada, não há estímulo suficiente para o desenvolvimento de potencialidades e isso pode conduzi-la a um equilíbrio próximo da estagnação. É preciso certo grau de tensão para que a homestase psicológica possa se manifestar (Rogers, 1975; Frankl, 2001).

O comportamento emitido pela pessoa deve estar coerente com seu conceito de self e congruente com seu auto-conceito, o que significa que a pessoa está ajustada psicologicamente. (Gobbi & Missel, 2002).

O desajustamento é a negação à consciência dessas experiências sensoriais e viscerais significativas; não sendo simbolizadas e organizadas pela estrutura do self, gera-se uma tensão psicológica. Por outro lado, o organismo, quando ameaçado, busca defender-se. As experiências consideradas ameaçadoras podem ser simbolizadas de modo inadequado ou nem serem simbolizadas, pois tudo aquilo que desvaloriza a imagem que a pessoa faz de si mesma, não condiz com a sua tendência à atualização. O organismo pode sentir essa reação como um corpo estranho e procura eliminá-lo: ignorando ou mascarando, para torná-lo aceitável pela consciência. O que era uma reação ocasional passa a ser uma atitude, um fator da personalidade e do pensamento, fazendo com que a experiência não tenha mais livre acesso à consciência. Essa diferença entre a experiência e sua representação consciente pode levar a pessoa a desordens mais ou menos graves no sistema organísmico de comunicação interna, que é a base do funcionamento adequado da pessoa. (Kinget, 1977).

É muito comum essa espécie de desnível no qual a pessoa não consegue expressar os sentimentos que experimenta, conduzindo-a a fazer escolhas que podem não beneficiar nem a si e nem ao outro.

Para Rogers (1983b) existe em cada organismo "...um fluxo subjacente de movimento em direção à realização construtiva das possibilidades que lhe são inerentes" (p.40), além da tendência natural a ter esse desenvolvimento mais completo e mais complexo. Essa tendência se encontra presente em todos os organismos vivos. É a tendência realizadora. A vida é um processo ativo e todos os comportamentos de um organismo se voltam para a sua manutenção, crescimento e reprodução, não importando se o meio ambiente é favorável ou desfavorável. Todo ser humano tem uma tendência em direção à totalidade e à realização de suas potencialidades.

Para que essa tendência direcional positiva leve a resultados positivos é preciso que se crie condições que permitam o crescimento.

G - AUTOREGULAÇÃO

...Jesus, que já era, antes que fôssemos...
Joana de Ângelis

1 - NAS PEGADAS DO TEMPO

Poderíamos buscar as origens do termo auto-regulação, mas interessa-nos especialmente a sua compreensão e seu uso na psicologia. Baseamo-nos em Goldstein (1961), em seus estudos sobre auto-regulação. Hall & Lindzey (1973) apontam que Goldstein nasceu em 1878 numa província alemã e viveu até 1965. foi neuro-psiquiatra, cientista e professor. Por oito anos, foi diretor de Hospital Psiquiátrico, realizando um grande número de investigações e escrevendo vários artigos.

Foi durante a I Guerra Mundial, como diretor de um Hospital para soldados com lesões cerebrais, que realizou estudos sobre as conseqüências comportamentais dessas lesões, tendo como base teórica as concepções da psicologia fenomenológica da gestalt. Este período serviu de base para o desenvolvimento do seu ponto de vista organísmico e para a elaboração do livro "Der Aufau des Organimus", publicado em 1933, lançando as bases da psicologia organísmica. Em 1935, após a tomada do poder pelos nazistas, transfere-se para os Estados Unidos, onde ocupou posições acadêmicas e clínicas em diversas instituições. Foi também palestrante e conferencista.

Loffredo (1994) nos dá uma idéia das influências desse estudioso, quando assegura que se deve a Goldstein a concepção do organismo como um todo. Ele rompe com a tradição clássica cartesiana de que nossos órgãos funcionam de forma isolada. Fonseca (1996) pontua que Goldstein foi influenciado pelas idéias de Reich quanto à auto-regulação do organismo humano. Valorizou fundamentalmente essa capacidade, passando a tê-la como base de compreensão do ser humano e da psicologia organísmica.

A importância de Goldstein para a Psicologia se deve, portanto, aos seus estudos e à formulação dos conceitos básicos da dinâmica do organismo:

- **O processo de equalização ou de centragem do organismo**: o organismo possui uma provisão de energia que é constante, cuja tendência é a de distribuir-se de modo uniforme. Quando em estado de tensão normal, mantém a energia constante e uniformemente distribuída e quando um estímulo muda a tensão, a tendência natural do organismo é retornar a esse estado inicial de equilíbrio.

- **Auto-realização**: Goldstein considera a auto-realização um processo fundamental em todo organismo, uma tendência criativa da natureza humana na qual o organismo se desenvolve plenamente e que, apesar de ser um fenômeno de natureza universal, varia de pessoa à pessoa devido às suas potencialidades inatas. Acreditava que o organismo, quando está organizado, é capaz de fazer, em seu meio, escolhas favoráveis e de manipular as desfavoráveis, pois é governado pela tendência a atualizar, da melhor maneira possível, suas capacidades individuais. Essa postura o coloca muito próximo de Carl Rogers, de Viktor Frankl e de Wilhelm Reich, para os quais a auto-regulação é um conceito crucial.

- **Colocar-se de acordo com o meio ambiente**: apesar das duas postulações anteriores, ele não adota uma atitude extremista de negar as influências do meio externo, pois acredita numa interação constante entre o organismo e o meio ambiente (Marx & Hillix, 1974). Goldstein[32] (1961, p.167) considera que a pessoa "...não pode auto-realizar-se sem levar em consideração, até certo ponto, o meio que o rodeia e, em especial, as outras pessoas".

Muitas vezes, a auto-regulação é dificultada pelas pressões e ameaças provenientes do meio externo; outras vezes, as ameaças são tão fortes que o comportamento fica paralisado pela ansiedade, incapacitando a pessoa de progredir e alcançar seus objetivos; em outras, é

[32] As citações de Goldstein (1961) foram por mim traduzidas.

bloqueada pela carência de condições e objetos necessários. Entretanto, um organismo saudável é capaz de ajustar o seu comportamento às necessidades de cada situação, pois existe no interior da pessoa a tendência à auto-realização que se sobrepõe aos problemas diários, que surgem na luta com o mundo, não como um mero produto de ansiedade, mas pela satisfação da conquista (Hall & Lindsey, 1973).

Para Goldstein (1961, p. 169) "o homem não pode viver harmoniosamente com o mundo, sem esforço. Tem que buscá-la de um modo ativo, e é livre para adotar suas próprias decisões". Ele pode decidir entre a valoração positiva ou negativa dessa liberdade, ou seja, optar por uma conduta submissa ou agressiva perante seu ambiente. Entretanto, não são condutas antagônicas porque ora ele precisa de uma delas, ora de outra. Requer um equilíbrio.

Para Fonseca (1996), a concepção organísmica ofereceu subsídios tanto para as psicologias quanto para as psicoterapias de abordagem fenomenológica existencial. Dessa forma, o pensamento de Goldstein com relação ao organismo e ao meio ambiente, a auto-regulação e organismo como um todo, aproxima-o dos fenomenologistas e existencialistas.

2 – NO CAMINHO CENTRADO

Rogers (1992), partindo da observação de sua própria experiência e de anos de pesquisas, traçou uma teoria de homem que acompanha seu crescimento como pessoa e como profissional. A sua linha mestra é a crença de que existe no interior da pessoa um impulso auto-suficiente em direção à saúde mental, uma capacidade de buscar o que é melhor para si.

Considera que as pessoas possuem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras. (Rogers, 1983b, p.38). Desse modo, demonstra sua crença na capacidade da pessoa de autodirigir-se, desde que se lhe ofereça um

ambiente propício, receptivo, caloroso e compreensivo (Morato, 1987). É importante lembrar que ele não postula a conivência com tudo o que a pessoa deseja fazer, até porque o limite é sinal de afetividade e de cuidados com o outro.

Acreditando no potencial humano, Rogers (1977a) desenvolveu uma postura terapêutica de atendimento clínico, no qual o cliente é o condutor do seu processo de crescimento. O terapeuta é apenas o facilitador desse processo, possibilitando a saída da rigidez para que caminhe em direção à flexibilidade, à auto-aceitação, facilitando a tendência à realização. Entretanto, a conclusão de seus estudos, com relação à postura terapêutica, pode ser ampliada para a vida como um todo, no processo de aprendizagem significativa.

Para Rogers (1992, p.549), a pessoa "...existe num mundo de experiências em constante mutação, do qual ele é o centro" no qual a estrutura de referência interna é o caminho para compreender o seu comportamento. A pessoa reage ao campo fenomenal de acordo com sua percepção desse campo.

Com o tripé compreensão empática, consideração positiva incondicional e congruência, além da escuta ativa, Rogers (1987, 1992) desenvolve todo um trabalho em psicoterapia, em grupos e na educação, comprovando suas idéias sobre a auto-regulação. Acredita que todos os seres humanos e todos os organismos possuem potencialmente essa tendência natural à realização construtiva, à auto-compreensão, à modificação de auto-conceitos, atitudes, idéias, posturas e comportamentos, mesmo nas situações mais adversas.

> Envolver-se nesse processo de vir-a-ser ele mesmo é uma profunda experiência de escolha pessoal. O cliente percebe que pode escolher continuar a esconder-se atrás de uma "fachada", ou aceitar os riscos envolvidos em tornar-se ele mesmo, como um agente livre com poder de destruir o outro, ou a si próprio, mas também com o poder de melhorar a si e aos outros. Frente à realidade nua da decisão, ele escolhe mover-se em direção a ser ele mesmo. (ROGERS, 1995e,

p.129).

Entretanto, a descoberta de si mesmo não resolve os problemas que a pessoa possa ter, apenas aponta formas mais satisfatórias de resolução e enfrentamento das dificuldades. Torna-se capaz de escolher um novo modo de vida no qual há maior profundidade e amplitude de seus sentimentos e uma maior variedade e maior abrangência no experienciar esses sentimentos.

Rogers (1983b) admite a influência de alguns estudiosos, além de Goldstein, que defendiam concepções semelhantes e influenciaram seu modo de pensar, já citados anteriormente, além de alguns trabalhos de Biologia, especialmente, os experimentos de Hans Driesch[33] com ouriços do mar. As suas observações pessoais também comprovaram essa tendência à auto-realização: as batatas no porão[34]; a palmeira marinha[35], a situação terapêutica e tantas outras.

Quando a situação se apresenta muito adversa, a pessoa é levada a introjetar crenças ou construtos que provém de fora, podendo provocar dissociações. Torna-se incapaz de avaliar suas experiências de maneira fluida, dinâmica, não conseguindo levar em conta seu processo de experimentação, principalmente quando se vê em conflito com esses construtos ou crenças externas, deturpando a direção natural da tendência à realização. Essa alienação e essa dissociação são aprendidas e introjetadas pela maioria das pessoas, o que é o padrão e a base de todas as patologias psicológicas e sociais da humanidade.

Rogers (1989), assim como Reich (1975), se preocupou com a prevenção dessas patologias acreditando que a identificação das influências ambientais que produzem harmonia interna nas crianças poderiam ser utilizadas preventivamente evitando a aprendizagem da dissociação. Acredita que se possa ajudar as crianças a se tornarem pessoas completas e

[33] Rogers, 1983b, p.41.
[34] Nos anexos.
[35] Nos anexos.

unificadas, seres que utilizam continuamente a sua tendência realizadora para desenvolver relacionamentos mais ricos e satisfatórios.

Essa é a crença de Rogers: criar um clima propício para que a pessoa seja completamente aberta tanto aos dados da experiência interior quanto aos dados do mundo externo ou, como pontua Miller O'Hara (1983): devemos ser capazes de crer na capacidade intrínseca de todas as criaturas vivas para crescerem, se curarem, se auto-regularem.

O homem é um ser pleno, assim como o Universo, que tem dentro de si um potencial rico e incalculável. Quando ele se defrontar com sua Awareness[36] poderá descobrir o seu tesouro interno.

[36] O nível mais elevado da consciência; consciência da consciência; consciência organísmica. Ou seja, consciência mais profunda dos próprios processos experienciais.

IV - OBJETIVOS

Para o melhor encaminhamento deste estudo, procurei seguir a orientação de Thiollent (1996, p.18) que afirma que uma das especificidades da pesquisa-ação é o relacionamento entre os dois tipos de objetivos. O objetivo prático que visa "...o levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às 'soluções' para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação". Com relação ao objetivo de conhecimento, propõe: "..obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc.)".

Dessa forma, proponho os dois tipos de objetivos:

1 - Objetivos práticos:

- Verificar, a partir de depoimentos de presidiários e ex-presidiários, como pensam e planejam suas vidas após a participação em grupo de teatro, na psicoterapia e na atuação profissional.
- Verificar como esta experiência tem possibilitado considerarem o retorno ao meio social, familiar e pessoal.

2 - Objetivo de conhecimento:

- Compreender os elementos significativos que compareceram nos depoimentos que revelaram situações ou sentimentos que os conduziram ao processo de transformação de suas vidas, por meio de experiências em grupo de teatro, psicoterapia e na profissão.

V - MÉTODO

Para atender aos objetivos do presente estudo, optei pela abordagem qualitativa que me proporcionou conhecimento e compreensão mais aprofundados do fenômeno estudado, centrando minha atenção nas características individuais, específicas e peculiares de cada um dos participantes, buscando a compreensão dos fenômenos. (ANDRÉ, 2000; BOGDAN & BIKLEN, 1999; LÜDKE & ANDRÉ, 1986).

A linha de pesquisa utilizada foi a pesquisa-ação por ser orientada para a resolução de problemas, objetivando a transformação dos participantes e supondo um caráter social da atuação do pesquisador. Thiollent (1996, p.14) define-a como:

> ...um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Essa foi a forma de trabalho desde o início das atividades: uma ação conjunta, participativa e cooperativa entre a arte, o trabalho e a intervenção psicológica. Além destas atividades, havia a disponibilidade para o suporte a cada um dos participantes, quando necessário, envolvendo visitas domiciliares, conversas com os familiares, resolução de problemas, orientações, acompanhamento das atividades de trabalho. Sempre que solicitavam ou buscavam ajuda procurava atendê-los, juntamente com o Luiz Marques ou João Gaspar,

funcionários do Sest/Senat, que viviam mais próximos dos participantes do Projeto, que sabiam que podiam contar com esse apoio. Thiollent (1996, p.15) pondera sobre o papel ativo do pesquisador no "equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas". Acredito que essas ações foram de fundamental importância para os resultados alcançados.

No processo de escuta, utilizei a entrevista não diretiva (BARBIER, 2002; MEIHY, 1991; ROGERS, 1997a, 1983b, 1992; THIOLLENT, 1996) e procurei ir além do que eles verbalizaram (entonação de voz, pausas longas ou curtas, repetição de palavras, mudança de assunto, postura corporal) para poder compreender o conteúdo e a intenção de cada um. A interrogação do mundo é um dos objetivos da pesquisa qualitativa e, para Martins & Bicudo (1989), o melhor modo de fazê-lo é questionando as idéias que as pessoas têm sobre o mundo. A interrogação da estrutura de referência interna dos colaboradores, suas percepções das mudanças ocorridas no self e a consciência que têm de si mesmos, e como isso os ajudou na transformação de suas vidas. Estes foram os fatores preponderantes investigados em seus depoimentos e suas histórias. Utilizei também algumas propostas elaboradas por Thompson (1992) e Meihy (1991, 1996).

Chizzotti (1998) considera que pessoas são capazes de se conhecer e interpretar os fenômenos de sua vida, atribuindo-lhes um significado. Rogers (1992) concluiu, a partir de suas pesquisas, que somente a pessoa é quem pode acessar o seu mundo interno e passar a sua percepção dessa estrutura de referência interna.

Busquei nos seus relatos o que os presidiários e ex-presidiários queriam dizer com suas palavras e entender o que estava por detrás delas, buscando-lhes os significados. Procurei manter uma postura de empatia, aceitação e congruência (ROGERS, 1977a, 1989), mas muitas vezes, a minha postura de terapeuta se entrelaçou com a de pesquisadora, mesclando-se os papéis. Os depoimentos gravados foram de extrema valia e agregadas às impressões

percebidas, a partir da postura corporal, volume e tom de voz, disponibilidade para falarem de si e também da aparente incongruência entre o que era expresso e o que era sentido, possibilitaram uma compreensão mais profunda do que foi dito. (ROGERS, 1983b).

Ao investigar o fenômeno da transformação de todos eles, a minha tarefa consistiu nesse estudo do vivido e de seus significados (AMATUZZI, 1996), da relação dinâmica entre o mundo real e a percepção deles (ROGERS, 1992) notando a interdependência viva e a indissociável entre essas duas realidades. Devido ao tempo de convivência com os presidiários, por estar diretamente relacionada com as mudanças por ser a terapeuta do grupo, foi difícil manter uma postura de envolvimento existencial na experiência e, ao mesmo tempo, manter um distanciamento reflexivo, como propõe Forghieri (1993). Baseando-me em Sato e Souza (2001) procurei transformar os dados em "fatos", desenvolvendo uma compreensão dos mesmos, ao admitir que eu também estava inserida nesse processo de mudança.

Para conseguir adentrar essa estrutura de referência interna dos participantes da pesquisa e chegar à compreensão das mudanças ocorridas no self, parti de uma questão disparadora: "Fale um pouco sobre a sua vida e a sua experiência no Projeto Pontilhado". A minha participação se restringiu a comentários e reflexões, ou eventuais questões, com o intuito de facilitar a continuidade, evitando interferir nos avanços e recuos que eles faziam, conforme orientação de Queiroz (1984). Os depoimentos, a disponibilidade deles em participar e o caderno de campo foram de suma importância para a coleta dos depoimentos.

A – CAMPO

Os colaboradores da pesquisa foram presidiários e egressos do Complexo Penitenciário Ênio dos Santos Pinheiro, da cidade de Porto Velho, Estado de Rondônia, com idades e tipos de pena variáveis e que participaram do Projeto Cultural Pontilhado. Foram oito colaboradores com um total de onze depoimentos, coletados em diferentes momentos. Para a

realização dos depoimentos, todos assinaram a Carta de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo), conforme as diretrizes do Ministério da Saúde, aspecto que será mais bem especificado nos Aspectos Éticos, que nortearam esta pesquisa.

1 – COLETA DOS DEPOIMENTOS

A escuta dos depoimentos dos colaboradores sobre suas experiências se deu a partir de encontros individuais. Foram coletados onze depoimentos com oito dos participantes do Projeto. Saturno[37] contribuiu com três depoimentos, por ter sido o primeiro a dar entrevista em 2001 e Mercúrio com dois depoimentos, também um dos primeiros colaboradores. Os depoimentos foram coletados em períodos diferentes. Não incluí os vários encontros que tive com os colaboradores, em que não pude realizar as gravações, por necessitarem naquele momento do suporte psicológico. O período da coleta dos depoimentos deu-se entre 2001 e 2004.

A gravação dos depoimentos foi uma grande aliada, pois assim pude captar aspectos que talvez não conseguisse perceber de outra maneira. Favoreceu o alcance de uma riqueza de dados possibilitando a escuta, várias vezes, permitindo-me ir além do explícito, conforme orientação de Queiroz (1983), para poder mergulhar no conteúdo do relato, deixando-me envolver, resgatando as referências de como estavam transformando o self e a sua vida.

2 – DIÁRIO DE CAMPO

Lüdke & André (1986) propõem que a compreensão do que foi verbalizado seja confirmado com outras informações. O diário de campo, como propõe Queiroz (1983), foi usado como instrumento importante para o registro e o resgate dos encontros com os colaboradores, muitas vezes utilizados para recuperar os lapsos de memória. Forneceu elementos importantes para a minha reflexão, envolvendo as narrativas, nossa interação e

[37] Nomes fictícios explicados ao final deste capítulo.

relacionamento bem como os acontecimentos corriqueiros, os percalços dos encontros e todo tipo de ação que não ficou registrado no material gravado.

B – PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa marquei os encontros com cada um dos colaboradores, necessitando apenas da autorização deles, pois a maioria se encontrava em liberdade. Devido à minha participação no Projeto Pontilhado, tinha acesso franqueado ao presídio, como terapeuta do grupo. Precisei ir mais de uma vez ao presídio porque o Projeto havia sido encerrado e por isto estava há certo tempo sem falar com aqueles que ainda estavam presos e por isso, quando eu chegava, priorizava a terapeuta. Somente quando percebia que podíamos gravar o depoimento é que me transformava na pesquisadora. Por isto, perdi alguns depoimentos muito importantes.

Em primeiro lugar, esclarecia aos colaboradores a razão do meu projeto de pesquisa e a importância da participação deles no estudo. Dei garantias do sigilo quanto às informações dadas e ao anonimato; entretanto, nem todos os vestígios puderam ser eliminados, pois perderia muitos dados. Eles consentiram em participar porque são conhecidos pela exibição do espetáculo *Bizarrus*, onde eles se expõem abertamente com nome completo, idade, cidade e nome do pai e da mãe.

As quatro primeiras coletas dos depoimentos foram efetuadas em salas fechadas, o que prejudicou muito a escuta e a transcrição. Acidentalmente, por não ter espaço disponível realizei uma gravação ao ar livre, à sombra de uma frondosa árvore no bosque do Sest/Senat e, para minha surpresa, esta ficou de excelente qualidade. O mais incrível é que tivemos completa tranqüilidade, não fomos interrompidos nenhuma vez, o que não ocorreu quando estávamos na sala, com a porta fechada.

C – COMPREENSÃO DOS DEPOIMENTOS

Para o aprofundamento da compreensão dos conteúdos dos depoimentos, relacionando-os com as mudanças ocorridas no self dos colaboradores, apropriei-me do método que Rogers (1991a, p.110) utilizou para suas pesquisas na área da psicoterapia:

> ...passei muitas horas a ouvir gravações de entrevistas terapêuticas – tentando ouvi-las tão ingenuamente quanto possível. Procurei assimilar todas as informações que fosse capaz de apreender referentes ao processo e aos elementos significativos nas alterações verificadas. Procurei em seguida extrair as minhas idéias das reações mais simples suscetíveis de serem descritas. (...) A fase seguinte consistiu em formular essas observações e essas abstrações elementares de modo a poder-se destacar imediatamente hipóteses verificáveis.

O foco principal se voltou para a compreensão dos elementos significativos das mudanças que estavam sendo comunicadas, tornando presente a realidade vivida por eles, após a participação nas atividades do teatro, da intervenção terapêutica e da atividade profissional (elemento significativo que surgiu na fala dos participantes).

Para empreender essa compreensão busquei fundamentação no trabalho de Amatuzzi (1989, p.15) quando propõe que "o saber e o posicionar-se não são assim separáveis. O saber vivo, isto é, o que realmente interessa, é o saber do estar sendo, do estar se dizendo. Por isso, o dizer-se é uma *dimensão* e não uma *parte* do processo". (grifos do autor)

Todos os relatos foram transcritos na íntegra (incluindo as pausas e observações), textualizados e transcriados, realizando pequenas correções, acertando pontuação, repetição e vícios de linguagem, para uma melhor compreensão do leitor, de acordo com a orientação de Meihy (1991). Os depoimentos foram mantidos na íntegra e trouxeram o modo de ser e de funcionar de cada um deles, num jogo de se esconderem e se desvelarem, permitindo, assim, a

observação do emergir do self em transformação. Procurei manter as falas e as características de cada um deles, realizando apenas pequenos ajustes de palavras.

Para a compreensão dos depoimentos e buscando desvendar o seu significado, especialmente aqueles que se referiam à imagem que faziam de si, segui os passos de Rogers (1987, 1989, 1991a) na busca dos elementos significativos:

1 – Realizei várias escutas das gravações e releituras do material impresso, procurando assimilar todas as informações referentes ao processo deles.

2 – Procurei apreender nos depoimentos, as falas referentes à mudança de vida.

3 - Agrupei esses elementos significativos em categorias, conservando o texto transcriado, e procurando manter uma seqüência temporal das idéias, com início, meio e fim.

4 - Busquei a repetição dos elementos significativos para agrupá-los em categorias temáticas significativas.

5 - Procurei o auxílio nos autores de base para uma melhor compreensão do processo de mudança ocorrida no self dos colaboradores que conduziu a uma atitude de transformação frente à vida.

O grupo pesquisado é pequeno e muito conhecido. Talvez por ser a terapeuta do grupo e estarmos juntos nesse percurso por quatro anos, os colaboradores foram muito sinceros em seus depoimentos realizando, a meu ver, uma verdadeira catarse ao relatar suas histórias de vida, alguns mais outros menos, entretanto, comprometedores. Devolvi o depoimento transcrito na íntegra para possíveis ajustes e todos me devolveram sem fazer nenhuma alteração.

Entretanto, devo ressaltar que algumas pessoas do meio que tenham acesso aos depoimentos facilmente identificarão o autor, sem necessitar muito esforço. Optei, então, por modificar e eliminar alguns fatos comprometedores para que não se identificasse o autor da

fala. Ao realizar os cortes, perdi muito da riqueza dos relatos, mas devo preservar os colaboradores em primeiro lugar.

Todos os nomes são fictícios, e a escolha dos nomes foi aleatória, conforme eu ia realizando o levantamento dos temas. Como estou trabalhando com a proposta da auto-regulação, busquei no Universo algo que remetesse a esse processo quando me lembrei dos planetas de nossa galáxia: todos estão num compasso da mesma dança!

A dança que rege o Universo.

VI - ASPECTOS ÉTICOS

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, respeitei a Resolução N.196, de 10 de outubro de 1996, do Ministério da Saúde, que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos; da Resolução do Conselho Federal de Psicologia, n° 016/2000, de 20.12.2000, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos; o Código de Ética Profissional do Psicólogo, especialmente os artigos 30 a 38 e a assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido[38], em duas vias (uma via para o colaborador e outra para o pesquisador).

Além disso, considerando a realidade vivida por eles, precisei tomar cuidados redobrados para não provocar danos aos colaboradores, especialmente com relação aos fatos que apareceram nos depoimentos. Para tanto, as questões éticas se tornaram imprescindíveis e cuidei dos seguintes aspectos:

- Respeitar a dor, o sofrimento, os medos e o momento que cada um está vivendo.
- Garantir o sigilo das informações, dando-lhes a certeza do anonimato.

[38] Em anexo.

- Aceitar, na medida do possível, incondicionalmente o que for exposto, não emitindo juízo de valor, crenças e valores pessoais, quer seja na entrevista ou na análise das informações obtidas.

- Abrir espaço para a escuta e a orientação, se necessário, após a realização da pesquisa.

- Respeitar o desejo de não gravar a entrevista, ou de não dar depoimento.

- Esclarecer os objetivos da pesquisa e os procedimentos, garantindo a possibilidade de participar ou não da pesquisa, sem prejuízo das demais atividades das quais participam.

- Fazer uma devolutiva à Superintendência de Assuntos Penitenciários/SUPEN, ao Juiz da Vara de Execuções, ao Diretor do Presídio, ao Diretor do Serviço Social do Transporte/Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte/ SEST-SENAT, à Universidade Federal de Rondônia/UNIR e Universidade de São Paulo/USP sobre as mudanças ocorridas na vida dos colaboradores.

- Realizar um encontro com os colaboradores da pesquisa para apresentar os resultados obtidos e entregar um volume da Tese para cada um deles.

- Utilizar as informações obtidas somente em interesse da Ciência, não divulgando os dados de forma aleatória e inconseqüente.

VII – APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES

O amor é o rosto e o corpo do Universo. É o tecido conetivo do universo, o material de que somos feitos. O amor é a experiência de ser total e ligado à Divindade Universal.
Barbara Brennan

Para uma melhor compreensão dos resultados, vou apresentar meus colaboradores seguindo a ordem dos planetas. Usei a metáfora dos astros que giram em torno do sol, da mesma forma que os colaboradores giram em torno de algo maior que é a busca de si mesmos com a finalidade de saírem do mundo do crime. Incluí uma breve apresentação de cada um deles e, em seguida, a história de vida com partes do texto dos depoimentos, falando de si mesmos. Posteriormente, apresento a minha compreensão dos depoimentos, encerrando-a com frases significativas que traduzem o crescimento a que se permitiram.

1 - MERCÚRIO

RETRATO FALADO[39]

Mercúrio tem cerca de trinta anos de idade, primeiro grau incompleto, casado, padrasto de três filhos. Foi preso por tráfico de drogas e atualmente trabalha numa empresa como monitor de adolescentes infratores, em regime de liberdade assistida, tendo carteira assinada.

A – MINHA HISTÓRIA DE VIDA[40]

A minha infância! A minha família era carente, pobre. Meu pai parava muito pouco em casa! O máximo que ele ficava em casa era um mês, um mês e meio e já voltava de novo e ficava fora três meses, dois meses! É! Ficava fora! Quando ele voltava, ficava sempre em casa mesmo, deitado. Meu pai era carpinteiro. Ele sempre trabalhou com carpintaria, solda... sempre trabalhou com isso. Faz uns vinte anos que eles se separaram. Vinte anos! Meus pais hoje eles têm uma relação boa, os dois. Depois que eles se separaram que vieram se acertar! É! Depois! Mas quando viviam juntos, não era legal não! Não era legal! Depois meu pai ficou doente e não podia trabalhar.

Nós somos treze irmãos: onze homens e duas mulheres. Eu sou o antepenúltimo. Eu fui criado no sistema de que homem tinha que ser homem! Homem não chora! Não abraça! Não dá beijo em homem! Eu fui criado desse jeito! E fui crescendo também desse jeito. Eu não tenho facilidade de conversar. Sou calado demais. Muito calado! Acho que isso já é de nascença!

Cedo fui para o garimpo! Com doze anos de idade fui para o garimpo! Eu fui sozinho: só eu e minha muchilazinha! Fui embora! Não fugi de casa. Saí para trabalhar. Saí sozinho.

---

[39] Utilizo a idéia do retrato falado simbolizando o que no mundo do crime é a primeira imagem.
[40] Utilizando o depoimento deles.

Depois disso eu não acostumei mais dentro de casa. E lá no garimpo rola de tudo: droga, de tudo... de tudo! Fui convivendo com aquilo desde os doze anos de idade e fui praticando também. A única coisa que eu não fiz foi não usar droga, mas chegou perto (até hoje... não uso), mas o resto...! Com os quatorze anos de idade, comecei participando, praticando mesmo! Larguei o garimpo e fui para o lado da bandidagem mesmo: droga, arma e... aí vai! Mas só ficava detido. Como era de menor eu saía. Saía!

Quando eu estava do lado da bandidagem eu me sentia o cara! Eu me sentia bem! Eu me sentia bem por um lado, porque nunca passei necessidade! Todo dia tinha dinheiro no bolso! Hoje está muito difícil! A única preocupação, na bandidagem, é que tranqüilidade comigo mesmo, eu não tinha! Porque se alguém chegasse na minha porta e batesse... eu já saía pelos fundos! Não tinha tranqüilidade! Eu não tinha a tranqüilidade que eu tenho hoje. Eu dormia durante o dia para sair durante a noite! Durante o dia eu não saía na rua! Não saía não! Eu saía de noite! De noite eu saía! Se eu fosse dormir, se eu quisesse dormir, eu botava a arma na cintura e eu ia dormir no mato, porque nem em casa eu dormia! Não dormia em casa!

Para mim o crime era quase uma profissão! Era quase uma profissão! Que eu tinha que fazer aquilo! Desde pequeno eu vivia nessa vida! Com dezoito anos, peguei minha primeira cadeia por tráfico de droga. Foi na Bolívia. Quando saí de lá estava com vinte e poucos anos. Eu não podia sair da bandidagem porque eu sabia demais! Aqui em Porto Velho, em 1995, eu caí de novo! Saí! Em 1997 caí novamente. Fiquei quatro anos preso.

Foi quando começou o *Bizarrus*. Eu só queria participar para sair lá de dentro! Eu perturbei tanto o Marcelo porque ele não queria me deixar participar. Ele sabia que eu não queria nada com nada mesmo! Eu queria só sair lá de dentro! Eu vi que o negócio não era brincadeira. Fui pegando um pouco de responsabilidade e vi que não podia mais sair. E foi até hoje! Hoje o Projeto acabou não sei porque, mas ainda tenho esperança que vai voltar! Até hoje ainda tenho esperança que vai voltar!

Eu vivia bem dizer, jogado no mundo! Não tinha ninguém, não tinha um pinto para dar água. Depois que eu peguei um pouquinho de responsabilidade com essas crianças, os filhos de minha companheira, que a gente sabe o que a gente passa para criar um filho, que eu eu vim dar um pouquinho de valor para a minha mãe e para o meu pai. Porque não é fácil criar um filho hoje! Todo dia para mim é uma provação! Provação não. É um teste! Todo dia para mim é um teste! Hoje eu trabalho como monitor dos adolescentes infratores que estão em liberdade assistida. E todo dia eu tenho que falar para mim que eu posso! Mas tem duas coisas que eu tenho hoje e que eu não abro mão: a minha liberdade e a minha tranqüilidade! Eu não abro mão disso! A minha liberdade e a minha tranqüilidade!

B – COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO DE MERCÚRIO

Em seu primeiro depoimento, Mercúrio foi bastante franco e aberto, mas falava quase que maquinalmente como se estivesse discorrendo sobre a vida de uma outra pessoa, sem entrar em contato com o que estava falando. Houve uma mudança radical em seu segundo depoimento: estava alegre, radiante e... falador. Parece que vivia um momento de profunda reflexão sobre a sua vida. Repetia muito, ia e voltava sempre no mesmo assunto: a sua opção pelo mundo do crime. Comparava-se com outras pessoas que conseguiram superar as contingências da vida. Acredito que confiou em mim pois dificilmente conversávamos sobre a sua vida.

Com relação à estrutura familiar, disse que vem de uma família muito pobre e carente, sem a participação paterna. O pai sempre foi muito ausente concreta e simbolicamente: passava meses fora de casa, e quando chegava, ficava no quarto. Mercúrio não pode introjetar uma figura masculina participativa e atuante, pois seu pai era uma figura distante. E assim, Mercúrio se apresentou perante à vida: sozinho e indiferente aos perigos, sem formar laços e

raízes por onde passava. A mãe é quem atendia às necessidades da família, mas com treze filhos ficava difícil, sozinha, ser a provedora da casa. Parece que, por isso, Mercúrio saiu de casa ainda pré-adolescente para trabalhar no garimpo, onde a lei que impera, "*ou mata, ou morre ou corre*[41]". Parece que Mercúrio correu para poder sobreviver.

A sua inserção no mundo do crime deu-se de maneira instintiva, sem muita reflexão e quando percebeu onde estava metido não podia mais sair, porque já sabia demais. Passou todos esses anos, desde a pré-adolescência, inserido na bandidagem. Inicialmente não era preso por ser adolescente; quando completou a maioridade, foi preso. Envolvido como estava, neste submundo, parou de estudar e o crime passou a ser quase uma profissão. Hoje, sente que faz muita falta do estudo e de uma profissão. Acredito que grande parte de sua timidez provém da ausência desse domínio cognitivo.

Apesar de ter todas as suas necessidades e da família serem supridas pelo que conseguia no mundo do crime, não tinha sossego, nem tranqüilidade para sair de casa durante o dia e não conseguia dormir. Estava sempre alerta para a possibilidade de uma tocaia.

Conta que, certa vez, tinha um dinheiro guardado em casa e um dos irmãos que sabia o que tinha feito, apareceu com um policial que levou todo o seu dinheiro. Foi uma decepção muito grande já que ele sustentava toda a família com o dinheiro do tráfico. Para minha surpresa, não ficou com raiva desse irmão. E outra dor maior foi quando ele precisou da família, especialmente dos irmãos que estão bem de vida, não recebeu ajuda de ninguém. Por isso, achou que era melhor ficar longe, aproximando-se apenas dos pais. Acredita que essa aproximação foi favorecida pela convivência com a esposa que tem três filhos e que cuida como se fossem seus. A responsabilidade advinda dessa responsabilidade levou-o a refletir sobre as dificuldades para se criar e educar uma criança bem como a de criar raízes e constituir família.

---

[41] Fala do espetáculo.

A sua família não manifestava contato físico e afetivo, por isso acredita que se tornou uma pessoa quieta e calada. Somente depois de adulto é que ouviu alguém dizer que o amava e hoje é capaz de falar de amor para a mãe e ouvi-la dizer que também o ama. Talvez por essa carência afetiva não consiga acessar seus sentimentos. Chega a acreditar que a convivência é que leva a sentir falta dos outros, questionando se o que sente é realmente amor.

Ao fazer essas afirmações, Mercúrio deixa transparecer o desamparo e a sua dor diante de uma traição em família. A falta de carinho e de afeto parece permear as suas palavras. È com muita dor que ele vai contando a sua história de vida. Mantém uma relação afetiva intensa com seu irmão caçula, como se fosse um filho.

Resolveu mudar de vida quando "*caiu*" na cadeia pela segunda vez. Sente que a vida lhe propiciou duas oportunidades: ainda estar vivo e sair do mundo do crime. Essa predisposição à mudança foi o que possibilitou Mercúrio a tirar proveito das atividades desenvolvidas pelo Projeto apesar de que sua participação não ter sido intencional, ele apenas queria sair lá de dentro, ainda não tinha consciência de sua responsabilidade. Acredito que não tinha um outro modelo no qual se espelhar, a não ser o mundo do crime. Quando teve possibilidade de conhecer outras formas de viver, vislumbrou a possibilidade de mudar de vida.

Aponta a importância de apoio para quando a pessoa sai do presídio, porque senão vai voltar para o mundo do crime, pois não tem como sobreviver, e o assédio das pessoas da bandidagem é muito grande. Geralmente, se aproximam quando o ex-presidiário está passando por dificuldades financeiras, o que torna o convite irresistível. Mercúrio tem feito um esforço muito grande para permanecer numa vida livre de tensões e sobressaltos. Valoriza suas conquistas especialmente poder circular a qualquer hora do dia para atividades de lazer ou outros afazeres. Acredito que o apoio da esposa tem sido fundamental para ele continuar

nessa busca de mudança de vida. O seu sonho, de comprar uma "*casinha*" para sair do aluguel foi conseguido com o pouco que ganha!

Gosta do trabalho que está desenvolvendo junto aos adolescentes que estão em regime de liberdade assistida, embora seja uma atividade que o coloca em confronto consigo: precisa lidar com sua criança ferida e adolescente abandonado. Está tendo a possibilidade de trabalhar a si mesmo a partir dos comportamentos dos adolescentes. Demonstra uma grande aceitação da vida, apesar de ser uma luta diária em que tem que provar a si mesmo que é capaz de desenvolver outras atividades que não sejam envolvidas com o crime. A aceitação tem a ver com a sua atitude perante a vida: está colhendo o que plantou.

Apesar de ganhar um salário muito mais baixo que o que ganhava com o crime, tem medo de perder o emprego, pois, por menor que seja o dinheiro que entra, tem a certeza de que no final do mês está presente. Está fazendo cursos para poder aprender uma profissão. Sabe da importância do Projeto Pontilhado em sua vida, especialmente pelo apoio e confiança que recebe do Diretor da empresa em que trabalha. Parece que a figura de Luiz[42], autoritário mas afetivo, exigente mas compreensivo, rude, muitas vezes, mas amorosamente confiante na capacidade latente de escolha do saudável, se tornou muito significativa e era exatamente o que Mercúrio estava precisando.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE MERCÚRIO

Quando eu estava do lado da bandidagem eu me sentia o cara! Eu me sentia bem!

E hoje eu deito, boto a minha cabeça no travesseiro e durmo! Durmo tranqüilo!

[42] Diretor do Sest/Senat.

2 - VÊNUS

RETRATO FALADO

Vênus tem cinqüenta anos de idade, primeiro grau completo, separado, pai de quatro filhos. Trabalhava como vendedor ambulante. Na época da pesquisa não trabalhava por encontrar-se preso.

A - MINHA HISTÓRIA DE VIDA

A minha vida... Eu fui o mais danado da família e o mais querido! Eu era a ovelha negra da família! É! A ovelha negra! Eu tenho uma irmã, essa que eu encontrei quando nós viajamos. Eu passei três anos brigado com ela! Porque, às vezes, eu queimava maconha lá em casa! Eu queimava muito e dormia! Eu pegava o resto da maconha, punha aqui, no braço e ia dormir! Essa minha irmã ia lá, achava e mostrava pra minha mãe! E falava que eu era um maconheiro e que não prestava! E a mamãe: "Larga mão do teu irmão. Deixa ele em paz!". Pegava a maconha e guardava. Quando era no outro dia de manhã que eu acordava, eu tomava café e ia querer fumar uma maconha e não tinha. Aí eu queria brigar com o meu irmão, porque ele fumava também junto. Aí a minha mãe: "Não, eu guardei, tome!".

E a minha mãe me dava de volta. Me dava! Me dava de volta! Ela dizia: "Meu filho, se você fuma isso, no lugar de você estar fumando por aí, com alguém, fuma aqui dentro da tua casa... sozinho! Pode fumar! Não tem problema não". Minha mãe me dava conselho para eu largar, mas ela viu que eu era viciado mesmo, aí ela foi me apoiando. Toda mãe, o filho pode ser o mais errado que ela apóia. Pode ser o mais errado! E essa minha irmã se casou com um cara e o camarada fumava muita maconha! Ele também foi preso, mas já saiu! Eu disse: *"Ah! É! Minha irmã era contra eu fumar maconha naquele tempo*!". Hoje ela quer que eu vá morar com ela! Ela quer que eu vá pra lá, mas eu não vou não. Eu vou para a casa da minha

mãe e pronto. Não quero ir para a cidade dela não. Ela quer que eu vá de todo jeito lá! Mas eu não vou.

Eu vim lá do Nordeste, para trabalhar com minha madrinha. Cheguei lá, arranjei uma mulher, tive quatro filhos com ela e depois nos separamos. A gente se separou porque eu estava metido com as drogas. Por causa das drogas! Porque ela era contra as drogas, tudo! Depois das brigas foi que separamos! Foram as amizades! Aí cheguei aqui em Porto Velho. Eu não tinha dinheiro para comprar a droga e o cara dizia assim: "Tu quer fumar droga? Então, está aí! Quatorze paradas de drogas! Você vende essas dez para mim que essas quatro aqui são tuas". Aí eu pegava! Se eu fosse um menino não tinha problema nenhum[43].

Eu caí três vezes por causa de drogas. Eu era avião! Porque eu nunca tive nada na vida, com esse negócio de droga. Eu só fumava! Eu entrei na cadeia com trinta e dois anos, estou com quarenta e oito anos! Eu terminei o primeiro grau lá no Padre Moretti!

Eu pelo menos, já estou... eu vou fazer cinqüenta anos... com droga há trinta anos! Trinta anos nas drogas!! Quinze anos de cadeia que eu estou puxando! A minha cadeia era quatorze anos e meio, esticou para quinze anos! Não sei como foi isso!

B - COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO VÊNUS

A compreensão do depoimento de Vênus ficou comprometida pela qualidade da gravação aliada à sua dificuldade de dicção. Vênus trouxe, com grande entusiasmo, o reconhecimento e os aplausos a partir de sua participação no espetáculo. Sentia vontade de chorar por esse reconhecimento. Com isso, melhorou muito sua auto-estima, passando a se sentir uma pessoa importante, como uma outra qualquer. Acredito que desenvolveu com o presídio "laços familiares", pois está sempre num sair e retornar. Parece que lá é a sua casa,

[43] Tornou-se um "avião" para conseguir se sustentar no vício.

um lugar para onde voltar, com pessoas conhecidas e com quem pode se relacionar. Deixa transparecer essa boa convivência "familiar" dentro do presídio.

Pouco falou de si mesmo, não entrou em contato com suas experiências, com sua dor, com suas vivências dentro ou fora do presídio. Não trouxe rancor ou mágoa com relação a situações vivenciadas em família. Demonstra ser uma pessoa de fácil relacionamento, mas com as emoções congeladas.

O envolvimento com o mundo do crime veio por intermédio do uso de maconha e, como não tinha dinheiro para suprir o seu vício, precisou ser avião para poder tirar a sua droga para consumo. Pouco expôs de sua vida pregressa. Em situações outras em que estávamos a sós entrou muito mais em contato consigo mesmo. Demonstra uma aceitação da agruras da vida que dificilmente eu conseguiria.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE VÊNUS

Até na cadeia eu fazia coisa errada!

Eu penso duas vezes, antes de fazer uma coisa errada!

3 - MARTE

RETRATO FALADO

Marte tem trinta anos, solteiro, foi preso por praticar assaltos. Tem seis irmãos. Quando estava na Colônia Penal trabalhou na Universidade como serviços gerais. Quando saiu do presídio em liberdade condicional, este ano, montou junto com um dos seus irmãos uma granja de ovos de codorna. Adquiriu essa experiência dentro da Colônia.

A - MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Apesar de saber que o meu pai gostava da gente, a minha mãe... assim... A mãe ainda abraçava a gente, mas o meu pai! A única pessoa que mais conseguia dar um abraço assim era a mãe! Nem o pai! Primeiro que ele já era distante, ele era desse jeito.

O meu pai não era de abraçar os filhos, não. Não era só com os filhos homens não! Menino também! Minhas irmãs também! Era do mesmo jeito. Os meus irmãos também são do mesmo jeito! Ninguém! Não tem essa! Até hoje é assim! Se eu vou dar um abraço num irmão meu, ele tem dificuldade! Eles aceitam mas não é assim, aquele negócio caloroso! É meio distante! Eles ficam assim, meio longe! É que eu era igual! Eu não aceitava abraço! Antes eu era do mesmo jeito deles! Eu também não aceitava abraço! Não! Eu acho que mudou por meio do teatro!

Eu já fugi três vezes! Em 1994, chegou uma carta falando que minha mãe estava muito doente. Eu fugi para ir lá ver minha mãe! Quando eu cheguei lá... ela já tinha morrido! Ela morreu em 1994!

Depois eu fugi mais duas vezes ainda. Uns tempos desses, em 1995, quando eu estive lá, e o meu pai já estava mais mudado um pouco. Acho que é porque todos os filhos foram

embora. Eram muitos e todo mundo saiu de casa. Acho que agora ele sentiu mais falta porque minha mãe morreu!

Eu fui recapturado no lugar menos informatizado! Era onde eu estava! Foi onde eu fui pego! A polícia só tinha um computador lá. Só numa informática, onde eles me levaram. A delegacia nem tinha! Daí imagina, eu estava no mato onde só tem um computador! Um só! Que eu sabia que tinha, era só um! Aí levaram o meu nome lá para puxar na internet e deu que eu era fugitivo aqui em Porto Velho!

Eu não tinha feito nada! Foram pessoas que me conheceram daqui! Elas tinham ido no interior de Rondônia para pegar terra do Incra, me reconheceram e falaram para a polícia que eu era fugitivo. Foi bastante gente, de lá do interior e eles pensavam que eu estava fugido de lá. Eles nem sabiam que eu já tinha sido pego e vindo aqui para Porto Velho. Já estava fugido daqui, de novo! Pela segunda vez! Fui recapturado em 1997 e foi aí que eu decidi pagar mesmo. Foi em 1997 que eu decidi pagar a minha cadeia! Aí eu parei de ficar fugindo!

Eu acho que eu entrei na segunda turma do *Bizarrus*. Eu não sei o que me levou a participar do teatro! Assim de momento, eu acho que foi só para sair mesmo lá de dentro! Ou não! Eu não tenho bem certeza! Mas eu acho que foi mais para sair de lá mesmo. Logo quando foi a primeira turma eu achava que a Justiça não ia liberar para sair assim. Eu não acreditava mesmo! Depois que levaram a primeira turma, e começaram a sair todo dia, saía sábado, domingo, feriado, tudo!!! Porque lá na prisão, a maior dificuldade é de sair nos feriados e sábados e domingos. E aí, eles estavam saindo! Acho que foi isso mesmo! Me deu vontade de ir, de participar. De sair!

B - COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO DE MARTE

Em seu depoimento, Marte se ateve apenas aos fatos relacionados com o Projeto. Não entrou em detalhes mais profundos de si mesmo, como, muitas vezes, o fez em outras situações, contando os fatos acontecidos. Por mais que a ocorrência fosse mórbida, ele contava rindo como que procurando uma postura de proteção.

Acredito que, para Marte entrar em contato com sua dor, é bastante difícil, por ter congelado suas emoções, para preservar a si mesmo. Entretanto, as pessoas que o conheceram são unânimes em dizer que ele passou por um processo profundo de mudança em seu comportamento. Ele também tem consciência de algumas de suas mudanças.

Proveniente de uma família simples, que não tinha contato corporal, tornou-se uma pessoa arredia, violenta e brusca que não aceitava toque de maneira nenhuma. Introjetou a postura da figura paterna que não abraçava os filhos e nem as filhas. Para ele, o contato físico tinha uma outra conotação: invasão de privacidade. Com o desenvolvimento das técnicas teatrais, da convivência com outras pessoas fora do mundo do crime, vislumbrou um outro modo de ser e de se movimentar no mundo. Assim, pode perceber mais a si mesmo e passar a admitir brincadeiras e o abraço de um amigo.

Não tinha consciência de que as pessoas se sacrificavam para adquirir seus pertences. Percebe que até ele pode ter acesso aos seus desejos de consumo desde que tenha paciência para esperar. Passou a respeitar mais a propriedade do outro. Esse limite ele mesmo se impôs por perceber a realidade do outro e se colocar no lugar dele. Com isso, tornou-se também uma pessoa mais sociável, aberta para o outro.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE MARTE

Se eu conseguir um emprego vou ganhar pouco... É melhor fazer um assalto!

Eu acho que eu adquiri paciência. Pensar uma coisa de cada vez!

4 – JÚPITER

RETRATO FALADO

Júpiter tem cerca de trinta e quatro anos de idade, casado, pai de dois filhos, foi preso por assalto a mão armada. Dentro do presídio montou um salão de cabeleireiro e é representante da companhia de telecomunicações de Rondônia para venda de cartão telefônico.

A - MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Quando eu caí na cadeia, eu caí muito machucado! Lógico! Caí machucado! Eu apanhei muito da polícia. Quando comecei a me recuperar, eu pensava mesmo era só em fugir! Sair da cadeia! De qualquer forma fugir! Eu achava que eu não ia conseguir puxar tanta cadeia! Ficar na prisão e sem poder fazer nada. O meu negócio era só fugir! Mas a partir do momento que entrou o Projeto Pontilhado, eu comecei a sair para ensaiar. Mas o objetivo era para poder fugir. Meu negócio era fugir! Mas eu comecei a gostar do trabalho! Começamos a ensaiar e foi a apresentação do espetáculo. Na apresentação, eu já peguei o gosto pela coisa! A partir daí começou para mim aquela questão da responsabilidade! E já não teve mais aquele problema de pensar em fuga. Pensei em reconstruir nova vida! Fui colocando na cabeça a questão da responsabilidade, de não prejudicar o colega e nem o Diretor da peça.

O pensamento de fuga, hoje eu não tenho mais. Hoje eu sou consciente é da cadeia que eu tenho que pagar. Aqui dentro, eu sobrevivo através de um salão que eu tenho. Depois do Projeto, eu consegui fazer um curso de cabeleireiro na Casa de Detenção “Urso Branco” e coloquei um salão de cabelo. Foi através do Projeto, trabalhando nele, que eu conheci uma pessoa maravilhosa que está na minha vida hoje. Estou casado e tenho um filho de quase dois anos!

Ah! Antes era difícil! Antes eu não tinha minha mulher, eu não tinha meu filho. Eu só tinha a minha mãe que morava no interior. Eu dependia da minha mãe para sobreviver. Hoje, em vez de receber isso da minha família, eu posso sustentar minha mulher e meu filho. Eu posso! Hoje eu tenho dinheiro para sustentar a minha família! A minha mãe deixou de trazer esse dinheiro que ela trazia.

Meu filho! Ele hoje é tudo para mim! Tudo o que eu tenho! Um moleque! Minha esposa me deu um filho maravilhoso! Ele tem um ano e dois meses! Porque o Projeto está parado, a gente se vê hoje uma vez por semana, mas a gente fala duas, três, quatro vezes por dia por telefone. É muito bom isso! Minha esposa é agradável! Eu ligo em casa, falo com meu filho. É muito bom!

Isso é outra glória que eu recebi na minha vida e que é um ponto de apoio para mim. É uma graça! Uma estrutura legal que eu tenho! Quando eu falo da minha família eu falo com amor, com alegria! Porque é paixão mesmo! Eu construí uma vida! Eu estou muito feliz! Muito feliz mesmo!

Eu só tenho o que agradecer!

B - COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO DE JÚPITER

Em seu depoimento, Júpiter foi muito preciso sem entrar em detalhes de si mesmo. Falou que quando foi preso não queria cumprir a pena e, por isso mesmo, só pensava em fugir. Não colocou os motivos de sua prisão e muito menos a sua vida dentro do presídio. Permaneceu na sua vida atual e restringiu-se mais às atividades benéficas do Projeto. Lembrou que o Sistema Penitenciário não dá suporte de material de higiene para os presidiários, o que obriga a ajuda de familiares.

Parece que Júpiter mudou radicalmente sua vida em função do Projeto. Deixou claro em seu depoimento que, quando foi preso, se sentia como um animal. Ao entrar no mundo das drogas, passou de uma pessoa que estudava e cumpria seus compromissos à uma pessoa marginalizada e discriminada por todos. Ao ser preso, não perdeu só a sua liberdade, mas também os seus valores e a esposa que foi embora para outro estado com o filho ainda bebê. Não conhece e nunca acompanhou pessoalmente o desenvolvimento desse filho, fazendo-o só por telefone. Fiquei com a impressão de que Júpiter carregava um peso por se encontrar nessa situação.

Ele nunca se abriu sobre sua vida, falando apenas superficialmente. Quando se descobriu um ser humano com valores, pode resgatar a si mesmo. E a responsabilidade foi considerada por ele como o maior de seus resgates. O respeito e a consideração pelo outro também estão entre seus valores resgatados. A impressão que tenho é que ele estava num estado profundo de depressão, sem sentido para a sua vida talvez em função de sua pena ser de mais de oitenta anos. Demonstrou, por meio de sua fala e de sua atitude corporal, o quanto sofre por estar enclausurado.

Com o Projeto, saiu de seu marasmo e vislumbrou uma outra possibilidade de vida: fez um curso dentro do Urso Branco (do lado do presídio onde estava) e se profissionalizou, conseguindo o sustento para si e para a família, que também conseguiu por estar participando das atividades do Projeto. Resgatou a si mesmo, casou-se, tem outro filho e uma razão para viver.

Percebe a importância do apoio às pessoas que saem do presídio, para que possam encontrar outro meio de sobrevivência sem ser o mundo do crime e, assim, evitar a reincidência. Citou os colegas que tiveram esse apoio a partir do Projeto e que não retornaram ao presídio. Estão conseguindo sustentar a família a partir de seus empregos.

Demonstrou ser um fã incondicional do Projeto, afirmando que o teatro é o melhor meio para ajudar uma pessoa que está presa. Eu diria que o teatro de Moreno é a porta para se adentrar a vida interna dessas pessoas resgatando o que ele tem de melhor. Colocar-se no lugar do outro e no lugar de si mesmo, num jogo que esconde e desvela, propicia a pessoa olhar para si mesma e refletir sobre suas percepções.

Parece que Júpiter resgatou a si mesmo.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE JÚPITER

Meu negócio é fugir! Eu não tenho responsabilidade!

Eu resgatei os meus valores! Eu construí uma vida!

5 - SATURNO

RETRATO FALADO

Saturno tem cerca de trinta e dois anos de idade, cursando segundo grau, separado, três filhos. Foi preso por tráfico de drogas e trabalha atualmente como monitor de adolescentes infratores, em regime de liberdade assistida, tendo carteira assinada. Acompanha outros projetos da empresa em que trabalha. Desenvolve atividade voluntária junto à Casa do Adolescente.

A - MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Ah! A minha vida! Eu me lembro bem que o meu pai brigava muito. Batia muito na minha mãe! Agredia a minha mãe com tessado[44]! Me agredia muito também! Eu me lembro que, aos sete anos de idade, meus pais se separaram. Eu me lembro que nesse dia eu estava no colégio e quando eu cheguei em casa não tinha mais ninguém. Minha mãe começou a trabalhar em área de garimpo: tinha uma boate. Eu e meus irmãos fomos criados praticamente sem pai e sem mãe. Geralmente, quando a gente não tem mais essa estrutura de família, começam as más companhias, as amizades. E eu fui crescendo...

Dos meus doze anos em diante, ia passar férias com minha mãe e comecei a freqüentar o garimpo. É uma área muito perigosa e a gente só conhece pessoas extremamente violentas. Tem pessoas boas também, mas, infelizmente eu me aliei às pessoas negativas, me juntei com essas pessoas. Eu não sei se pela falta de um pai, comecei a me espelhar naqueles caras que queriam mandar na área. Eu pensava que eu também podia. As más companhias me induziam a isso: querer ser aquele cara forte!

---

[44] Tessado: facão.

Comecei a me envolver com armas, drogas, prostituição. Eu não estudei muito, conclui só o primeiro grau. Lembro-me de que eu e outro irmão mais novo, compramos uma arma de fogo, nos envolvemos com essas pessoas e nos inserimos no mundo do crime praticando vários delitos. Eu sempre fui uma pessoa disciplinada: eu raramente bebo, não fumo e não uso droga. Eu sou uma pessoa de muito controle do meu eu. Aos dezessete anos, quase completando dezoito, me casei pela primeira vez.

Com mais ou menos vinte anos, fui preso por suspeita de crimes, aliás, delitos não comprovados! Só mais pela suspeita! Eu achava que minha prisão tinha sido injusta porque eles não tinham provas. Fiquei preso por determinado tempo e numa jogada de suborno também saí da carceragem. Foi quando me juntei fortemente com essas pessoas que eu já conhecia. Com a experiência de armamento e essas coisas que aprendi, fiquei pior! Fiquei pior porque eu entrei no garimpo! Formei grupos de pessoas que andavam comigo e giravam em torno de mim. Tudo que ia ser feito me consultavam! Mandava praticar crimes. Eu mesmo praticava. Ia com dois ou três colegas e praticava delitos, assaltos, fornecia armamentos para assaltos em outros barracos, comprava ouro, traficava drogas.

Levava para dentro do garimpo droga e bebida alcoólica. Era área indígena e não podia entrar bebidas, drogas, mulheres. Mas eu sempre dava um jeito! Tinha certa amizade e eu não sei se as pessoas me respeitavam pela opressão ou se porque não tinham consciência e faziam o que eu mandava. Não sei como não morri nessa época! Chegou um determinado tempo que eu era perseguido pela polícia, pelos rivais e por outras pessoas. O círculo foi se fechando contra mim de uma forma que eu acabei tendo que sair dessa área corrido.

Como eu não tinha uma profissão definida, eu não tinha escape! Eu não tinha andado realmente por muito longe! Eu ia e voltava sempre para a mesma base e, dessa vez, eu precisei sair e não mais voltar. Eu estava num círculo fechado porque tinha aprontado lá. Precisei sair de avião porque a situação estava muito feia para mim! O piloto do avião era um

traficante que mexia com drogas e que conhecia minha história. Convidou-me para trabalhar com ele. Eu não sabia fazer outra coisa a não ser cometer crimes e crimes e mais crimes. Juntamente com essa quadrilha, conheci outras pessoas, comecei a rodar o Brasil e alguns países da América do Sul, mas acabamos nos alojando na cidade de Porto Velho. O piloto tinha fazenda com gado e numa das operações da Polícia Federal, no final do ano de 1996 para 1997, fui preso na fazenda com aproximadamente cento e vinte quilos de drogas. No dia anterior, eu havia entregado cento e vinte quilos para uma pessoa que estava comprando essa droga da gente.

Fui encaminhado à Superintendência da Polícia Federal e fiquei oito meses preso sem direito a banho de sol ou visita. Era um lugar terrível! Fui condenado a quinze anos de prisão Recorri da sentença e, por ser réu primário e ter bom comportamento, foi determinado que eu pagasse somente a três anos e quatro meses. E os outros três anos restantes eu pagaria na condicional. Fui muito perseguido dentro do presídio pela quantidade de droga com que havíamos sido presos. Achavam que tínhamos dinheiro.

No ano de 1999, comecei a trabalhar com artesanato junto com outro colega. Fazíamos bandejas de madeira. Nesse mesmo ano, apareceu uma pessoa que entrou com um Projeto extremamente diferente: queria trabalhar com teatro! Eu nunca tinha visto resultado nenhum dentro do presídio. Fiquei três anos e meio preso e saí do presídio em liberdade condicional, no dia primeiro de março do ano de 2000. Saí acompanhado desse Projeto e eu entrei numa linha de terapia com muita vontade. Hoje eu trabalho no Projeto Vida Livre que aplica medidas sócio-educativas a adolescentes infratores. Eu sou monitor desses jovens!

Essa história é um geral da minha vida, meio por cima. É mais ou menos isso! Agora, se eu fosse entrar em detalhes de crimes, de operações de crimes, de como foram feitos... Aí é muita história! É muita, muita coisa que até as pessoas acabam se espantando!

B – COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO DE SATURNO

Foi uma catarse intensa! Em seu depoimento, Saturno foi além do esperado e colocou o mais profundo do seu ser. Trouxe o que foi e o que fez sem medo de não ser compreendido e nem aceito. Tinha certeza de que o que fosse colocado não seria alvo de críticas, julgamentos ou preconceitos.

Em sua vida, a figura paterna mostrou-se violenta e agressiva, demonstrando um poder de mando e de força, submetendo a esposa e filhos às suas ações violentas. Essa foi a imagem de homem que Saturno internalizou: forte, violento, poderoso, desrespeitador, ausente da família e dos filhos. Com a internalização das ações do pai, aliou-se às pessoas de mesma índole, talvez buscando a imagem dessa figura paterna. Tornou-se igual ao pai, mas voltou-se para o crime. Por onde passou, sempre se aliou à banda do poder corrupto até ser detido em suas atividades por meio da condenação à prisão. Até para ser preso, precisou de muitas viaturas, pois era muito poderoso! Esta foi a sua identidade inicial.

Com a separação dos pais, Saturno vivenciou uma situação traumática pois, além da desestruturação familiar, ficando sem alguém que pudesse colocar os limites, vivenciou o abandono: o pai deixou a família e a mãe necessitou trabalhar para sobreviver com os filhos. Outro abandono. Parece que isso marcou muito a sua vida, tanto que sentiu dificuldades para desenvolver as atividades com os adolescentes infratores por se ver refletido neles. A internalização das atitudes paternas ainda se fazia presente no seu cotidiano. Hoje, está buscando resgatar a relação com a mãe de modo mais equilibrado, procurando compreender e analisar suas atitudes à luz do conhecimento que tem buscado. Talvez, venha, de certa forma, reproduzindo na sua família atual o que vivenciou na sua família de origem.

A sua inserção no mundo do crime não foi perceptível: quando deu por si, já estava envolvido. Parece que não tinha consciência de seus atos e nem percebia o quanto estava inserido na criminalidade, pois não se recorda de seu primeiro delito grave, ainda adolescente. O não se perceber um criminoso, por estar representando um papel, faz sentido porque buscava a figura do pai: o todo poderoso! Saturno queria mostrar que também era forte! Que podia decidir quem estava certo ou quem estava errado. Era o sentir-se maior que Deus. Por isso, não existe o sentimento de culpa. A consciência era outra. Entretanto, ele percebia que algo o consumia por dentro que o levava a cometer delitos! Será que não era o vingar-se do mundo por ter sido criado sem pai e sem mãe?

O ato de ser condenado à pena máxima e não ter, de imediato, empreendido uma fuga, levou-o a sentir a sensação de ser tolhido em sua liberdade, sentir as perdas por estar encarcerado, e a partir daí, refletir em suas atitudes e perceber que não tinha outra saída: ou sair do mundo do crime ou morrer matado. A dor maior que sentiu dentro da prisão foi o ser tolhido em sua liberdade de ir e vir. Nas coisas mais simples! Esta é a verdadeira prisão!

Saturno tem um bom relacionamento com a morte, gosta de visitar cemitérios! Ao mesmo tempo em que ela o fascina, ele não quer morrer! E quando isso vier a acontecer, quer que seu corpo seja encontrado, visto, descoberto e velado! É muito importante para Saturno que a família, especialmente a mãe, saiba que ele morreu e traga o seu corpo para os funerais. É o não perder a identidade, o ser lembrado, o ter um local que identifique a presença de seu corpo, de sua existência.

Inicialmente, aborda que morte e cemitério não estão ligados, mas, posteriormente, fala que o cemitério é como uma terapia e que essa sua ligação pode estar relacionada com o mundo do crime em que vivia. Faz sentido, ao pensar que o seu inconsciente o conduz para a revisão ou repensar dos seus atos. As pequenas mortes simbólicas que vivencia hoje lhe propiciam uma parada e uma reflexão sobre os seus atos, o se perguntar sobre qual o

significado desse acontecimento, o que isso tem a ver com as suas atitudes no momento atual. É um outro relacionar-se com a morte que o conduz ao crescimento.

O ato de sua prisão, causou um estresse profundo, levando-o a experienciar um estado ampliado de consciência que o regrediu aos anos de infância. O medo da morte levou-o a sentir dormência corporal, desejo de se matar e receio de que sua mãe não soubesse que havia morrido. Só pôde compreender o que vivenciou depois que tomou contato com um livro que falava alguma coisa sobre o assunto. Nesse estado ampliado de consciência, não sentiu dor física porque estava num momento de tensão extrema. Parece que sentia o suicídio como uma solução para os agravantes provocados pela sua vida, mas que também não se podia atentar contra a própria vida. Auto-punição? Percebi que, para Saturno, era difícil falar desse momento de sua vida, o momento da prisão, pois ficava num ir e vir, contando e recontando a ampliação de sua consciência. Nesse ato de ser preso, perdeu o controle da situação e de si mesmo. O "*fodão*" deixou de existir!

A religião parece ser um objeto de preocupação em sua vida. Parece que, como não teve os limites colocados em sua infância, sente dificuldades em lidar com os limites impostos pela religião. Poderia conviver com o ambiente religioso sem se deixar contaminar pelos direcionamentos ou procurar uma religião que não fosse tão repressiva. Parece ser um ponto nevrálgico em sua vida que não consegue lidar bem. Revelou-se autodidata na busca de um direcionamento e encontrou um Deus que não proíbe e nem pune: desvinculado de religião. Antes de buscar Deus, disputava com ele o poder de decidir sobre o destino das pessoas. Era uma disputa de poder em que procurava desafiar o pai opressor. A religião pode estar também vinculada a esse pai.

Mediante os diversos trabalhos terapêuticos a que se fez participar, desenvolveu um conhecimento mais ampliado de si mesmo que lhe possibilitou refletir sobre os papéis que

representava, questionar essas interpretações e verificar que a sua vida toda foi uma interpretação do papel de "*machão, fodão, poderoso!*".

Essa busca interior possibilitou-lhe realizar um mergulho em si mesmo, verificar as suas polaridades e trabalhar questões mal resolvidas desde a sua infância. Ainda permanece numa luta interna, mas consegue reconhecer o seu erro. Quando há questões pendentes, tem procurado se questionar, refletir, buscar o entendimento, resolvendo primeiramente consigo para, depois, procurar o outro para clarear suas reflexões e decisões. Realizou um trabalho de desvendar e desvelar a si mesmo percebendo o quanto o mundo do crime prejudicou-o no relacionamento consigo mesmo e com as pessoas. O arrependimento de suas atitudes anteriores é marcado pela ausência do ato da reflexão sobre o prejuízo que suas atitudes causariam ao outro.

O desejo de sair do mundo do crime foi a mola mestra para as suas atitudes posteriores na busca de um meio de dar uma guinada na sua vida. Passou por vivências que o levaram às descobertas que o conduziram ao crescimento pessoal, interpessoal, profissional e social. De homem rude e grosseiro, poderoso e dono de si, parece que está desenvolvendo um contato maior com uma energia superior, que o leva a sentir-se melhor consigo e com o outro. A paz interior que adquiriu, sem perder contato com aquilo que fez e saber das conseqüências de seus atos, é um processo que está em contínua busca. Sabe do passado, mas não vive grudado nele e nem permite que ele atravanque seu progresso. Tem consciência de que deve ao Universo, mas está fazendo a sua parte para reconciliar-se consigo, com o outro e com Deus.

Um dado muito importante foi a sua abertura para o trabalho e a sua disposição para sair do mundo do crime. Essa necessidade de encontrar uma outra profissão, fora do mundo do crime, deu-se somente depois que sentiu a sua liberdade cerceada. Com isso, pôde aproveitar as oportunidades de participar de atividades que o levassem a realizar o seu desejo.

Procura aplicar o que aprendeu se envolvendo em projetos de cuidados com o outro. Parece ser conseqüência de ter sido cuidado!

Não se pode esquecer que foi o trabalho que lhe deu suporte para sair do mundo do crime. O teatro ajudou, as terapias colaboraram, o desejo de mudança foi fundamental, mas se Saturno não tivesse como sobreviver, mesmo com salário irrisório, teria voltado a se envolver com a criminalidade. Alguém acreditou nele, proporcionou-lhe emprego e isso é inquestionável.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE SATURNO

Eu sou maior que Deus! Eu sou um homem durão, poderoso, fodão!

Eu sou uma figura doce, sensível, flexível!

6 – URANO

RETRATO FALADO

Urano tem trinta e oito anos, primeiro grau completo, casado, dois filhos. Era policial militar. Foi preso por tráfico de drogas. Depois que saiu de presídio tornou-se artesão, trabalhando com Biojóias da Amazônia e está vinculado à Associação dos Artesãos de Rondônia. Cria e desenvolve peças com sementes da Região Norte. Participa de várias Feiras pelo país (especialmente nos grandes centros). Tornou-se um micro empresário.

A - MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Eu sou policial antes da Constituição de 88 e a polícia ela tinha poder de prender as pessoas por vadiagem. E isso fazia com que a gente sentisse poder. Pô! Passou das nove horas da noite eu podia prender! Não tinha carteira assinada, podia prender! Eu era tipo um deus. Eu achava que eu tinha um poder. Achava e tinha esse poder de decisão! Eu era tipo um deus porque as pessoas me temiam porque eu andava armado e eu fazia e acontecia! E para mim quem entrava no presídio era vagabundo, era porque não prestava.

E um crime, por menor que seja, ele vai puxando outro! E a gente vai se evolvendo e vai se deixando envolver, por isso que, quando a gente percebe, já está num mar de lama. E teve umas vezes que eu "*vacilei*" e fui parar no presídio. E lá dentro eu conheci pessoas que eram muito melhores que eu! Como tinha, também, pessoas piores que eu! E fui vendo essa outra forma de vida. Mas, mesmo assim, a gente vai entrando, vai entrando cada vez mais e essa pouquinha percepção que a gente tem da pessoa boa vai se transformando também no mal. Eu ouvia cada história! E eu tinha que contar uma história mais feia ainda que aquela para mostrar que eu era homem, ali dentro! Mesmo que não fosse verdade! Tinha que contar

ou então agir mais forte que o outro! Porque ali dentro é uma medição de forças! O mais fraco vai se arrebentar!

Fui indo, fui indo, foi quando pintou, como se diz aí a "*oportunidade*" dentro do presídio: um cara querendo recrutar gente para trabalhar para ele na Colômbia! Trabalhar de segurança! Devido ao meu currículo! Imagina o meu currículo: presidiário, ex-policial, eu servi o exército dois anos, polícia militar dez anos e cinco anos de cadeia! Poxa! Eu tenho um currículo excelente para o mundo do crime! Os traficantes da Colômbia queriam me contratar para trabalhar com eles na Colômbia! E eles armaram toda a fuga! E eu ainda quis ir! Tem um colega meu que me abriu os olhos e disse: "Pô! Urano! Só faltam dois anos para ti!". E eu desisti, para ver o que acontecia.

Isso acontece, porque, na realidade, o presídio ele é formador de bandido! De monstros! Monstros! Se você entra num hospital, está com a perna quebrada, vai sair de lá com a perna emendada. E o presídio é ao contrário! Matou? Tem que ir para lá pagar cadeia mesmo! Tem que sofrer! Deveria ser ao contrário: se ele matou, ele tem que sair de lá, recuperado, perceber que ele matou e não tem que matar mais! Ou então, se ele roubou, ele tem que sair de lá recuperado. Saber porque roubou! Ter um acompanhamento psicológico, não no final da cadeia dele, mas no começo, quando ele entra, não quando ele sai!

Agora você imagina, eu sendo ex-policial ali dentro! Para mim foi ralado! Foi por isso que eu fazia e acontecia ali dentro! Eu fazia muita coisa! Tudo para sobreviver mesmo! E sobrevivi! E lá dentro eu fui me afundando, me afundando... Foi quando entrou o Marcelo com o Projeto do teatro e eu entrei no Bizzarrus na quarta turma! Aí eu comecei a tentar mudar a minha vida. Foi quando chegou a minha condicional. Fiquei preso cinco anos!

Mas quando eu saí, que eu tentei ir atrás de emprego era como se estivesse escrito na minha testa: ex-presidiário. Ah! Eu quase que saía correndo! Ainda existiam alguns preconceitos meus! Quando eu saía para eu andar de bicicleta! Pô! Eu que era acostumado a

andar de moto, de carro, tendo casa boa, e agora andando de bicicleta! Pô! Como eu não estava produzindo nada, dentro do presídio, pensei no que eu poderia fazer. Eu tinha começado a fazer aqueles palitos de cabelo[45] e resolvi comprar a máquina e fazer palitos de cabelo. Aí eu coloquei um objetivo na vida, de ganhar um real por dia. Isso aí foi fundamental para mim! Passei também a fazer cursos pelo Sebrae e no Sest/Senat. Quando fico desanimado, eu começo a ver o maquinário que eu já tenho. Eu estava contando esses dias: só de motor eu tenho dez motores! E comprei o meu computador para minha oficina![46]

Quando você se dedica a querer mudar, muda mesmo!

Meus sobrinhos trabalham comigo! Um tem dezenove e o outro tem dezesseis. O de dezesseis já é mais cabeça! O de dezenove, ele ainda não pensa direito não! Mas, a gente está conseguindo. Esse de dezenove, o problema dele é que ele mora comigo porque mataram o pai dele, a mãe dele o abandonou cedo e ele foi criado ao léu. Então, ele tem esse probleminha. Mas, comparando quando ele começou a hoje, a evolução dele, pô! Ele estava na época, na terceira série, hoje já está no primeiro ano! Porque o estudo, eu pego mesmo no pé! Eu sou um carrasco mesmo no estudo com eles! E o de dezesseis ele está bem, ele está adiantado. E os meus meninos são tranqüilos! Eles me ajudam bem!

O artesanato é um trabalho até gratificante! Mas tem vezes que estressa! Por exemplo, quando você aplica em alguma idéia e não dá certo! Ano passado eu apliquei em cinto. Nós fizemos uma produção de quinhentos cintos. Eu não vendi cinqüenta! Mas, em compensação, tem outras coisas que você não aposta, que arrebenta! Coisas pequenininhas que eu não dei valor para os meninos, eu falei: "Ó, faz aí uns imãs de geladeira!". Eles fizeram mais de mil imãs de geladeira e eu não dei valor àquilo! Mas foi o que vendeu! Então, é por isso que eu fico atento a tudo! E, ao mesmo tempo, ainda escapa as oportunidades.

---

[45] Palitos para prender o cabelo.

[46] A informação dos dez motores, do computador e de ser instrutor de Bio-jóias, foi através de contato pessoal com Urano quando veio participar do Salão de Turismo: roteiros do Brasil, no Center Norte, em junho de 2005.

Eu, até hoje, eu nunca passei fome, mas teve um dia, uma semana que eu passei dois dias sem o dinheiro do pão! Ali me incomodou! Aprendi que existe uma troca, que tudo tem que ser trocado, que se você não trocar, você enche, estagna ali e pronto! Não desenvolve mais o seu trabalho! Hoje, trabalho com biojóias da Amazônia e já fui para o Rio, São Paulo, Manaus! Várias vezes! Sou instrutor de artesanato!

Além de Belo Horizonte! Que era o meu sonho!

B – COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO DE URANO

Foi como andar num carrossel! Tal era a alegria de Urano ao realizar seu depoimento. Ele ia deslizando sobre as mais diversas passagens de sua vida como um menino deslumbrado com suas descobertas do mundo. Demonstrou satisfação consigo mesmo e com suas conquistas de modo contagiante.

Urano estava muito à vontade para falar de si. Em seu depoimento, parecia que estava entusiasmado diante de tantas descobertas, da importância do seu trabalho com relação à preservação da natureza e da conquista de seu espaço a família. Demonstrava em sua fisionomia o quanto estava satisfeito por estar vencendo seus próprios preconceitos. Narrava sua história como um participante ativo da mesma.

Restringiu-se à sua vida atual, nada pontuando sobre sua família e sua infância. Em outras situações de conversa, falou muito mais de si. Parece que o poder de mando e o poder material (carros, motos) eram perspectivas muito atraentes. Sentia prazer e satisfação nessa atitude, dedicando mais tempo às coisas externas, relegando ao esquecimento o seu mundo interno.

Mediante pequenas concessões, foi se inserindo no mundo do crime que foram tomando vulto até se envolver com o tráfico. Nessa época, sentia-se forte, poderoso, com dinheiro, só vagabundo é que entrava no presídio. Quando foi preso, este fato parece ter mexido com o homem poderoso que existia dentro dele, por isto, continuou a se mostrar mais forte que os outros para poder sobreviver, tomando conhecimento das nuances da vida dentro da prisão. Percebe que se envolveu demais com o mundo do crime e no presídio passou a ficar insatisfeito com o que tinha feito de sua vida. Falava rápido, procurando lembrar detalhes de suas vivências.

Senti o quanto se emocionou ao não citar o seu terceiro objetivo, quando ainda estava preso. Parece ser uma situação bastante dolorida e sufocante. Mobilizou-se também ao se referir à carga de energia negativa que sente quando vai ao presídio e o quanto se sente indignado diante de tantos jovens condenados a altas penas.

A percepção da mudança física dos colegas foi um dos motivos para que pudesse pensar na possibilidade de encontrar uma outra forma de viver. Quando saiu do presídio entrou em contato com o seu próprio preconceito por ser ex-presidiário. A impressão que tenho é que ficou envergonhado de perder o poder material e de intimidação quando foi preso. Parece que estes fatos mexeram muito com sua auto-estima! Agora estava pobre, sem emprego, sem dinheiro e sem poder. Precisou lidar com todas essas questões para poder superar a si mesmo. E nesse confronto dolorido do velho com o novo, aprendeu a tirar proveito de sua história de ex-presidiário. Parece que luta consigo para superar essa dicotomia de ter ou não dinheiro. Está tendo conquistas a partir de seu próprio esforço, e conhecimento que está tendo de si mesmo, tomando a decisão de fazer de outro modo.

Deixou aflorar a criatividade daquele menino que queria conhecer Belo Horizonte e que a está utilizando em seu favor no seu trabalho com as biojóias da Amazônia. Recorda-se daquele menino, entusiasmado com as suas possibilidades e com o seu potencial e quer

repartir com as outras pessoas o seu conhecimento, adquirindo novas informações. Acredita que tudo no universo é uma troca e quanto mais se reparte mais se recebe.

Com essa nova percepção de si, passou a rejeitar a energia das pessoas que pertencem ao mundo do crime. Atribui muitas de suas mudanças à conquista de sua auto-estima: a valorização de si, dos outros e do Universo em que vive, manifestado pelo respeito à preservação da natureza, que não tinha antes. Descobriu valores e possibilidades em si que desconhecia. Ama o que faz, mas acredito que a vida de policial, apesar de ser muito mais limitada do que sua vida de artesão, ainda é um atrativo de poder e de status que ele está procurando superar. Acredito que ainda não está consciente destes processos, mas está a caminho.

A sua principal conquista está no resgate do espaço dentro do seu lar, com a esposa e filhos. Percebe que agora é respeitado por todos, ao invés de ser temido como era, antes de mudar sua percepção de mundo.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE URANO

Eu era tipo um deus! Eu achava que eu tinha poder!

Hoje eu já não preciso mais de emprego porque eu dou emprego!

7 - NETUNO

RETRATO FALADO

Netuno tem trinta e dois anos, superior incompleto, separado, dois filhos. Era policial militar e foi preso por tráfico de drogas. Está na Colônia Penal e trabalha como motoboy de uma empresa e faz entregas no horário que o cliente desejar. Depois que sair do presídio, quer retomar os estudos.

A - MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Na minha vida, eu tive tudo para ser um doutor! Que nem meus amigos são. Todos são! O que me impediu de ser um doutor? Eu não tinha condições financeiras! A minha família sempre foi humilde! Se eu tive oportunidade de ir para fora? Não! Alfenas!!! Mesmo que se eu ganhasse a Bolsa não dava para mim lá na cidade! Tiveram alguns que ganhavam Bolsa, mas só que a família sustentava! A minha família não tinha condições! Sempre foi humilde! Meus amigos foram para fora. Todos foram para fora!

Mas eu era inteligente pra caramba! Naquele tempo! Tudo o que eu fazia passava! Sabia de tudo! Era inteligente! Discutia! Eu com dezesseis anos, eu fazia correção de textos na SEDUC[47]! De erro ortográfico! Eu era bom pra caramba! Eu era inteligente! Quer dizer, eu tive todas as oportunidades: estudei legal, tive a infância legal! Emprego eu fiquei de escolher! Fiquei de escolher! Passei em ciiinco concursos de uma vez! Correios! Ministério Público! Secretaria da Fazenda! Polícia Militar! Polícia Civil! Tudo no mesmo ano! Assim: tam, na pancada! Fiquei de escolher... Foi um em seguida do outro! Fiquei de escolher entre cinco empregos! Eu fiquei de escolher!

[47] Secretaria da Educação.

Escolhi da Polícia Militar. Eu entrei na Polícia com dezoito anos. Estava no meio do curso quando me chamaram para o Ministério Público! Você imagina aquele garoto envolvido, com aquele negócio Há! Hu! Há! Há! Que nada! Bacana! Polícia! Tá! Aquele negócio todo! Eu recusei de ir! Aí fiquei! Fui fazer faculdade Educação Física na Unir! Fazia música!

Aos dezenove anos me casei. A minha esposa estava grávida. Tudo uma coisa em cima da outra! Tudo de uma vez: casado, parei com a faculdade, tive que parar de estudar música e me dediquei só à família e ao trabalho. Lá na Polícia Militar, passei três vezes em concurso interno! Três vezes! Passei em tudo: teste físico, psicotécnico tudo! E me cortaaavam! Eu não tinha alteração. Na polícia, eu não tinha alteração. Me cortaram três vezes! Fui cortado três vezes! Aí comecei a me decepcionar. Mas não justifica os erros que cometi! Não!

O meu salário era 10 reais a mais que um salário mínimo! PM era uma miséééria, cara! Ah! Você não sabe o que passei na minha vida! Só não passei fome por causa da minha mãe, por causa da minha família! Nas minhas folgas, eu trabalhava de segurança fazendo bico. Trabalhava igual louco! Eu me endividei! Tive que procurar outros meios e... cheguei aonde cheguei! Se foi isso que me levou para a outra banda? Não! Não foi por isso. Eu entrei mais para o crime porque eu fiz muita conta e não conseguia pagar. Quando chegava o final do mês eu já devia tudo.

Porra! Ia só de bicicleta! Só ônibus! Às vezes, vestia farda para não pagar ônibus! E era baaaixo o salário naquela. Hoje em dia está ótimo! Está bom! Dá para você respirar! Naquele tempo era terrível! Para completar, eu depois me divorciei! Não deu certo! Acabou o amor! Fiquei casado quatro anos. É a mãe de meu filho. E ainda pagava 30% de pensão. Eu não tinha dinheiro não! E ainda vem gente para te dar sugestão e te convidar! Meu erro foi aí!

No mundo do crime, eu desejava o mal para as pessoas. Desejava e até fazia. Até fazia! Até fazia o mal! Tanto desejava como fazia, e mandava fazer. Eu não estava nem aí! Para mim, um prejuízo a mais, um prejuízo a menos não tinha a mínima importância para quem quer que seja! Eu não dava importância! Eu ganhava muito no mundo do crime. Ganhava muito! Gastava muito! Tinha tudo: tinha carro, tinha casa, tinha um bocado de coisa. A moto que eu queria, o carro que eu queria, eu tinha! Praticamente! Era muito dinheiro! Sempre muito dinheiro, muita festa!

Fiquei oito anos preso! Eu entrei no Projeto Pontilhado meio por acaso! Precisavam de alguém que tocasse e cantasse. Eu sou da primeira turma. Sou de 1999. Quando eu cheguei o grupo já estava formado e já tinha estreado o espetáculo *Bizarrus*. Eu só fiz complementar. Foi assim que eu entrei no grupo

Hoje era para eu ser um... Se eu não tivesse feito o concurso para oficial, mas para sargento mesmo, eu seria hoje um primeiro sargento! Eu estava tranqüilo! Era só esperar a hora de aposentar! Eu ia aposentar com quarenta e um anos, quarenta e dois anos! Ia dar para trabalhar mais vinte ainda! Por fora!

E aí, não pintou na minha vida! Não pintou!

B - COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO DE NETUNO

Um insigth seguido de uma catarse! Assim percebi o depoimento de Netuno. Estava expressando toda a dor da percepção de suas experiências passadas na juventude. Quando falou da questão do vácuo na vida da pessoa onde nada se desenvolve, ele fala do redemoinho do qual estava no centro dele, inconsciente. Quando eu perguntei se era dessa maneira que se sentia, pareceu sair de um transe. Essas lembranças pareciam muito doídas. Eu também me

senti nesse espaço em que não acontece nada! Sinto que, para Netuno, é muito difícil e dolorido fazer esse mergulho em si mesmo.

Netuno vinha de uma família muito pobre, viu seus sonhos desvanecerem. Queria, mas não pôde ir a Alfenas estudar, como seus amigos. Não conseguiu terminar a faculdade que havia começado, não conseguiu se aposentar como policial como seus colegas, não permaneceu casado e não se realizou financeiramente por meio da profissão. Com tantos fatos negativos não agüentou ter uma vida modesta. Partiu, então, para o mundo do crime e foi preso, não conseguindo permanecer livre. Não conseguiu desfrutar de sua juventude.

Toda a sua vida passava como numa grande tela cinematográfica a qual ele assistia passivamente, sem poder modificar ou dar outro rumo. Parecia estar estarrecido com o que estava vendo. Não estava arrependido, mas tomava consciência do que deixou a vida levar embora por não ter conseguido fazer suas escolhas, na hora certa. Deixou todas as oportunidades escorregarem por entre os dedos. Optou pelo mundo do crime por querer desfrutar do luxo: festas, carros, motos, dinheiro. Ganhou, em troca, a prisão.

A consciência do que deixou passar doía muito. Pela primeira vez, vi Netuno falar profundamente de si. Tem consciência do próprio preconceito com relação ao seu trabalho atual, e tem vergonha de que o vejam com a moto e a caixa de entrega. Acredito que sente vergonha de não ter dinheiro e de não poder desfrutar do poder que tinha antes. Está resolvido a sair do mundo do crime por causa da mãe e do filho que são a sua segurança, entretanto necessita trabalhar com esses conteúdos para fortalecer a sua vontade.

A sua impaciência diante das mentiras dos companheiros de presídio, vangloriando-se de uma mudança que não ocorreu, somente para se mostrar, parece estar relacionada aos seus anseios perante a vida: não consegue ser visto e valorizado por seus méritos. Sente que essas pessoas que mentem estão sendo mais valorizadas que ele, que é sincero e diz a verdade. Tal como aconteceu na sua vida, quando tentou uma graduação maior no seu trabalho: não foi

reconhecido. A sua reação corporal ao falar destas experiências é expressiva e profundamente significativa.

Está sempre enveredando por caminhos que o prejudicam. Ainda está em processo de mudança, descobrindo-se. Está consciente de que precisa fazer uma longa caminhada para dentro de si mesmo. Está apenas no início desta busca de entendimento do que ocorreu nesses oito anos de sua vida. Conforme ia falando e expressando toda a sua angústia, parecia que sua dor e decepção perante a vida se estampavam, quase podíamos pegar com as mãos, numa concretude energética.

Netuno está fortemente imbuído de processar a mudança em sua vida, mas vai precisar de apoio para se manter firme em suas decisões e não se enveredar novamente por caminhos tortuosos do crime, em prejuízo próprio. Com relação ao Projeto Pontilhado, percebe que este apenas deu as coordenadas e que o restante vai depender dele mesmo. O Projeto não foi o responsável pelas mudanças ocorridas, as pessoas é que buscaram a saída. Somente a própria pessoa é capaz de processar, de fato, a mudança. Acredito que o fato de estar preso é muito pesado e dolorido para ele, talvez até vergonhoso. Tenho dúvidas.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE NETUNO

Na minha vida, eu tive tudo para ser um doutor!

O mundo está aberto para mim! Não vou me desesperar agora!

8 - PLUTÃO

RETRATO FALADO

Plutão tem cerca de trinta e cinco anos, segundo grau completo, casado, uma filha. Era policial civil e professor de esportes. Foi preso por homicídio, como mandante de chacina ocorrida numa cidade do interior do Estado. Ainda se encontra preso no Centro de Correção da Polícia Militar.

A - MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Eu era policial civil e eu era muito frio até mesmo pelo trabalho que eu desenvolvia: trabalhava com morte, só com homicídios. Na delegacia, eu não era eu! Talvez eu fosse assim pelo trabalho que eu fazia. Eu não tinha que demonstrar emoção! Não tinha! Eu tinha que ser uma pessoa forte! E eu achava que ser forte era não me envolver emocionalmente com os casos que eu tinha! Quando eu chegava lá na delegacia, eram muitas pessoas chorando! Chegavam mães reclamando que mataram o filho dela e aquilo para mim era só mais um caso. Era só mais uma mãe chorando! Porque eu via aquilo todos os dias!

Eu me sentia imbatível[48]! Eu me sentia imbatível mesmo! Eu era chamado para resolver qualquer problema! Tinha muitos amigos! Tinha muitos amigos! Era chamado para qualquer problema que eles tinham: Ah! Chama o Plutão que ele pode resolver! Era assim comigo!

É! Eu também lidava com crianças! A parte do meu trabalho com crianças eu dividia muito bem. E na academia, trabalhando com crianças, eu já me transformava! Quando eu colocava roupa de professor para dar aula, já tinha uma transformação! Eu teria que passar

[48] História de vida e fala do primeiro ator que participou do Projeto e que já havia saído do presídio e abandonado o grupo.

uma educação pra elas ali! Passar uma filosofia de vida, mas não mostrar quem era o Plutão. Porque, por trás daquela roupa, daquela farda, tinha um cara muito duro! Mas isso eu não transmitia pra eles! Eu não transmitia essa minha frieza que eu tinha, até porque eu, lá dentro, eu era uma pessoa muito carismática, tinha o respeito de todos e de todas as crianças. Tinha muitas crianças! Eu trabalhava com muitas crianças! Eu passava essa tranqüilidade até mesmo com os alunos adultos! Eu tinha o respeito de todos!

O meu erro é uma coisa tão pequena! Por ser amigo das pessoas que estão diretamente envolvidas com este caso! Por ser amigo mesmo! Eu estou preso porque eu era amigo! Porque o cara liga pra minha casa!!! E eu não sei o que é que vai acontecer! E de repente, o Promotor lá tece uma história totalmente diferente! Daquela pessoa que você não é!?!?! E ele te pinta dum jeito que você não é! Fala de uma pessoa que você não é! Isso me dói muito porque bota uma história no processo que não sou eu que estou ali! Se ele falasse que eu era um cara frio! Que eu era trabalhador! Que eu era um bom pai! Era um bom professor! Isso aí, ele estaria falando a verdade! Então, é isso que os homens não enxergam! A pessoa que você é!

O promotor falou que eu era um assassino, que eu era um cara mau! Não é! Isso não é verdade! Isso não era verdade! Se ele falasse que eu era um cara que tinha empenho no meu trabalho, de resolver os casos que me eram dados! Ele estava falando a verdade. Mas o que ele falou de mim, não foi verdade! Eles analisam papéis e histórias que eles fantasiam! Isso me magoou muito! Me magoa muito! Aí eu me fechei mais por causa disso!

Na minha Academia eu passava uma imagem boa e, de repente, eu estava sendo preso! Por uma coisa muito ruim! Que era por homicídio! Como os pais dos alunos iam me olhar agora? Como os alunos mesmos iam me olhar? Isso me deixou muito magoado, isso me deixou muito ruim! Até porque eles iam saber de uma história que não era verdadeira! Não era verdadeira!

Fui condenado há 48 anos por quatro homicídios como mandante. Fui julgado e condenado por júri popular numa cidade do interior onde aconteceu a chacina: mataram três presos num albergue. Quando fui preso, passei pelo Urso Branco e Ênio Pinheiro. Posteriormente, consegui ir para o Centro de Correição da Polícia Militar onde o espaço é bem melhor porque não há muros, somente uma cerca de arame. Como posso cumprir somente 1/6 da pena, o tempo de prisão cai bastante. Já estou há seis anos preso e, no próximo ano, em março, poderei sair.

Como é a vida! Quando eu ainda estava trabalhando na Delegacia, mais ou menos umas duas vezes por semana, eu estava levando presos para o Presídio Ênio Pinheiro. Passava pelo portão e soltava as pessoas lá dentro! Uma vez, eu cheguei, tirei a algema do preso e ele entrou no portão. Quando eu olhei para o pátio, por meio de uma greta, tinha vários presos soltos. Eu pensei comigo mesmo: "Porra! Aqui só tem vagabundo!". Eu pensei e não falei isso para ninguém: "Porra! Só tem vagabundo!". Isso foi em 1997! Em 2000, eu estava passando naquele mesmo portão! Veio na hora a lembrança daquilo que eu tinha pensado no ano de 1997! Três anos depois, eu estava passando por aquele muro ali! Porra! Eu dava uma resposta para mim mesmo porque aquilo veio na minha cabeça: "Porra! Eu falei que só tinha vagabundo aqui! Agora eu venho pra cá! Eu estou passando pra cá. E eu não sou vagabundo!!!".

O meu chão foi tirado! Foi! Foi! Eu fiquei sem o chão! Por muito tempo! Até porque esse chão eu descobri no teatro! Eu falava antigamente que eu ficava... eu não estava em mim! Eu estava aéreo! Eu não sabia o que tinha acontecido! Aí esse chão, eu vim descobrir no teatro! Que você fica fora de si! E você não é você mais! Você se fecha! Porque você é uma pessoa, antes de ser preso. Depois, você é preso, você descobre que você nunca mais vai ser o Plutão! Você nunca mais vai ser o Plutão porque toda vez que forem falar do Plutão: "Ah! Aquele que esteve preso... assim... assim... assim!". É isso que eu penso!

Eu sempre tive uma vida muito dinâmica: eu nadava, eu treinava esportes, eu corria, eu trabalhava! O que é que eu ia ficar fazendo ali? Eu ia ficar parado, sem fazer nada! Ia ficar no ócio?! Eu precisava fazer alguma coisa ali dentro! Aí, nós montamos uma academia de musculação lá dentro. Posteriormente, eu comecei a dar aula de esportes lá dentro. Eu queria que o meu tempo ficasse ocupado. Eu queria só chegar na cama e dormir! Não pensar mais em nada! Mas eu ainda ficava a parte da tarde, das duas da tarde sem fazer nada! De manhã, eu trabalhava lá em cima, na Administração e fazia, com permissão, o levantamento dos processos dos presos verificando o tempo de pena. Isso ajudava a mim mesmo e a muitos outros presos. Ficava ocupado e não tinha muito tempo para pensar no ocorrido. De dez até as duas horas, fazia musculação! Então, eu tinha que fazer alguma coisa! Estava ficando com o meu tempo muito vago!

Foi quando surgiu a oportunidade de participar do Projeto. Eu sou da segunda turma. Eu entrei não para fazer o teatro. Eu queria sair dali! Eu queria sair dali! Eu quis fazer teatro para poder sair dali de dentro! E a minha vontade foi tanta que a vergonha ficou de lado e fui! Quando eu entrei, fazia um dos palhaços! Minha primeira apresentação no palco foi um palhaço. Era escondido! Eu vinha maquiado e aquilo me dava mais segurança! Mas eu fiquei pouco tempo como palhaço! Depois eu já fui para os tambores! E, no tambor, a gente se expõe. Mas eu expunha uma história de outra pessoa! Eu não estava contando a minha história! Eu estava muito à vontade! Eu estava falando de outro cara! Mas, depois de dois anos, o Diretor do espetáculo achou que estava muito cômodo para mim e que tinha que falar da minha história! Aí ficou difícil!

Eu ia contar a minha história para um grupo de formandos de policiais militares! Eu ia contar a história de um policial civil que seria eu! Aquilo para mim foi doído porque eu contei que eu fui policial! Aquilo para mim foi muito dolorido! Eu falei que fui policial! Eu falei! Mas foi com muita dor! Foi com muito pesar mesmo! Eu entrei em catarse!!! Chorei! Chorei

muito! Até na hora do circo! Na hora do circo ainda estava chorando! Porque eu entrei em catarse! Eu não estava legal mesmo! Isso me machucava! Podia contar tudo, tudo, tudo, tudo, tudo que... Mas, falar que eu fui policial! Isso aí para mim... era... Era muito, isso!

Quando acabou o espetáculo, eu fiquei mal pra caramba! Aí teve o debate! Que eu fui e olhei para as pessoas! No meio dessa turma de formandos de policiais, tinha muita gente conhecida! Inclusive ex-alunos meus que treinavam comigo quando eram crianças! Era todo mundo conhecido! Aí sim! Foi muito ruim para mim porque, apesar de só enxergar eles, depois do espetáculo! Eu só enxerguei depois! E eu estava ruim! Eu vim pra casa ruim! Deprimido mesmo!

Pelo Projeto, eu já tive duas oportunidades de viajar! Eu tenho uma pena alta e poderia ter ido embora lá de Pimenta Bueno! Poderia ter ido embora lá de São Paulo! Mas não vou! Eu volto e me apresento até dois dias antes do dia predeterminado para se apresentar. Me apresento antes! Eu me apresento antes! Porque eu quero sair daqui por onde eu entrei, por ali, pelo portão e ir para a minha casa, estudar, cuidar da minha filha, da minha esposa, cuidar da minha casa!

Já faz quatro anos que estou no teatro. Quatro anos!

Hoje eu estou aqui preso, já estou preso aqui há cinco anos e dez meses! Eu estou preso!

B - COMPREENSÃO DO DEPOIMENTO DE PLUTÃO

O depoimento envolveu mais que uma catarse! Foi um momento em que ele pode compartilhar com um alguém a sua dor. Estava extremamente mobilizado pelo que ia falando. Envolveu-se intensamente com sua história da prisão, a vergonha por estar preso por homicídio, a certeza de sua inocência, o afastamento das pessoas, o reencontro com ex-alunos.

Todas essas informações foram dadas com muita dor. Parecia jorrar como numa cachoeira represada por muito tempo. Fiquei pensando o quanto foi difícil para ele sair da frente do camburão para a parte de trás, algemado, como tantos outros que levou ao presídio. A sua dor era tão forte como se viesse das vísceras, de suas entranhas, de tão forte que era.

A sua dor ficou ainda mais intensa quando se referiu ao sofrimento do pai e da mãe. Dava a impressão de que não queria ter perdido a imagem de bom filho, de pessoa honesta e comprometida com seu trabalho e sua vida. Sente-se muito mal por estar nessa situação, pois é o único de sua família a estar preso. Antes ficava com vergonha e queria se esconder de tudo e de todos, mas hoje tem uma vontade forte de chegar e falar para as pessoas conhecidas que não matou e nem mandou matar ninguém. Parece que a sua dor se concretizava à minha frente. O mesmo ocorreu quando se referiu aos formandos da polícia militar. A dor era profunda e energeticamente concreta, tal a veemência e intensidade com que dizia. A impressão que dá é que está carregando um peso imenso às suas costas, que faz o seu corpo se curvar. Apesar de ele não ter verbalizado, parece que sua dor e vergonha se estendem à sua filha, devido à imagem que possa estar passando para ela, já que está preso por chacina. Quer quer gritar ao mundo que é inocente.

Verbalizou o quanto se sentiu constrangido quando de uma batida da COE no Centro de Correção. Viu-se frente a frente com um ex-aluno de um amigo seu. O policial cumprimentou-o educadamente, chamando-o de professor. Mesmo assim, sentiu vontade de chamá-lo e explicar o motivo de estar ali. Falava do ocorrido com muita dor. Sem conhecimento das partes, soube que o policial percebeu o seu constrangimento. Parece que os dois vivenciaram momentos difíceis! Esse mesmo sentimento Plutão tem diante de outras pessoas conhecidas. Percebe que a cobrança é dele e não do outro.

Uma das maiores dores vividas dentro do presídio foi observar as pessoas que ele prendeu, fugirem na sua frente e ele não poder fazer nada por ser um presidiário igual a eles:

eram seus companheiros de prisão. Não gosta da falácia dos projetos quando dizem que estão ressocializando presos. Por tudo que vivenciou, acredita piamente que não precisa de ressocialização porque ele sabe conviver aqui fora, mas não descarta a possibilidade de se aplicar essa medida a outras pessoas. A sua fala me levou a refletir sobre esse termo ressocialização e outros semelhantes como reintegração, reinserção... Aprendi que usava essas palavras de modo indiscriminado como se fosse detentora da verdade. Percebi que, com Plutão, eu não usaria essa palavra. Talvez por conhecê-lo, só por nome, devido às suas atividades como professor. Preciso parar para refletir. Fiquei pensando se eu ousaria falar em ressocialização com presos do colarinho branco. Tenho certeza de que usaria outros termos! Foi um grande aprendizado para mim!

Ao se referir à sua participação nas atividades do teatro, lembra que, quando chegou, era uma pessoa sem emoção e que nada o sensibilizava. Parece ter congelado a sua emoção para poder lidar com as situações de sua profissão: prendia pessoas que matavam. Conseguiu entrar em contato com uma parte de si e conseguiu desenvolver sua sensibilidade. Com isso, passou a valorizar pequenos momentos, os mais simples. Essa sua nova percepção de mundo reaproximou-o da filha e da esposa, que passaram a ter um grande valor pelo que elas representam em sua vida.

A fatídica apresentação para os formandos da Polícia Militar expôs a sua ferida. Escancarou a sua dor. Ele se viu pela primeira vez! Foi um momento terrificante quando declarou que foi policial também. Assim como ele! A cada vez que entro em contato com o depoimento de Plutão parece que estou me vendo nesta situação e eu me pergunto: E se fosse eu? Acho que por isso me mobiliza tanto. Eu também ficaria envergonhada.

C - IDENTIFICAÇÃO DO SELF DE PLUTÃO

Eu era muito frio! Tratava as coisas com muita frieza!

Eu sou um homem sensível, muito apaixonado pela minha mulher, pela minha filha, pela minha casa!

VIII- COMPREENSÃO DOS DEPOIMENTOS

...onde o amor pelo próximo, a afeição, a bondade e a compaixão estão vivos, verificamos que a conduta ética é espontânea. A prática de ações eticamente íntegras é natural onde há compaixão.

Dalai Lama
(2000, p.147)

À busca de compreender os depoimentos de cada um deles, realizei o levantamento dos elementos significativos, seguindo a orientação de Rogers (1987, 1989, 1991a) procurando destacar, nas suas falas, o que eles trouxeram com relação aos seus processos de vida, baseando-me no que propõe Amatuzzi (1989). Agrupei os elementos significativos em tópicos, procurando manter uma seqüência das idéias, com início, meio e fim das histórias. Após esse levantamento inicial, destaquei aqueles elementos que diziam respeito às minhas perguntas, objetivos e hipótese.

Como os colaboradores dos depoimentos são pessoas facilmente identificáveis pelo desenvolvimento do espetáculo *Bizarrus* e pelo tipo de trabalho que desempenham, cerquei-me de maiores cuidados com o que verbalizaram. No espetáculo, que era baseado em suas histórias de vida, eles apresentavam pequenas partes do que haviam vivenciado mescladas, muitas vezes, com as experiências de outros companheiros. As vivências mais comprometedoras eram omitidas para preservarem a integridade física. Como a maior parte dos depoimentos se configurou como catarse para eles, tive também que omitir alguns fatos que pudessem vir a comprometê-los.

Para a compreensão dos depoimentos, procurei agrupar os elementos significativos nas mudanças em grandes categorias que foram denominadas, por mim, de modo mais genérico, e por sua vez, subdivididas, em sub-categorias temáticas significativas, mas conservando a fala dos colaboradores. Os elementos significativos comuns que apareceram nos vários depoimentos foram:

O desvelar do self: percepção de si; percepção do outro; despertar da consciência; desenvolvimento da auto-estima; sentimentos vivenciados; necessidade do auto-conhecimento e importância do apoio.

Percepção da Psicologia: eu não confiava na terapia; a terapia me ajudou a mudar; arranquei minhas máscaras; experimentei o amor incondicional; aprendi a trocar de lugar com o outro e invisto em mim mesmo.

Percepção da Arte: sair para ensaiar era como ter a liberdade; todos nós tivemos mudanças; os benefícios que o Projeto trouxe; percebi a diminuição da incidência e da reincidência; tivemos experiências desagradáveis; tinha minhas expectativas na participação e tive ganhos importantes.

Percepção da Profissão: eu valorizo o meu trabalho; é difícil se manter com pouco dinheiro; está dando para sobreviver; se eu não tivesse trabalho eu teria voltado para o mundo do crime; eu aprendi uma profissão; tem pessoas que não reconhecem o meu esforço; eu amo o que eu faço; meu trabalho com os adolescentes (eu me vejo neles, eles têm falta de atenção e de afeto, eu aprendo com os adolescentes) e meu trabalho com biojóias.

Predisposição à mudança: a mudança é uma decisão interna; tomei a decisão de mudar de vida no presídio; comecei observando os participantes; minha decisão de mudar foi na apresentação e penso sempre nos debates com os alunos.

Término do Projeto: expressaram os sentimentos vivenciados com o término do Projeto Pontilhado.

Caminhos para tirar uma pessoa do crime: a sociedade deve assistir mais de perto; o teatro pode recuperar as pessoas e importante é ter a confiança das pessoas.

Cada categoria de elementos significativos será detalhada com a própria fala dos colaboradores, seguida da minha compreensão, aliada à teoria apresentada.

Outros elementos significativos surgiram nos depoimentos: modelo de figura masculina, mundo do crime, prisão, vida na prisão, morte, estado ampliado de consciência, religião e espiritualidade. Estes elementos, embora muito importantes, não serão incluídos, pois o volume de informação é muito grande.

A – O DESVELAR DO SELF

A individualidade está associada a uma ampliação de consciência e a um amadurecimento pessoal.

Hammed

Para poder compreender o desvelar-se do self, necessário foi caminhar junto com a fala deles num ir e vir constantes. A disponibilidade para processarem mudanças nas suas vidas favoreceu a reorganização do campo perceptivo de cada um, com um novo modo de se perceber e um novo modo de ser e agir, mais coerentes com a expansão do self.

Para Boainain (1998, p. 262), na visão da abordagem centrada,

> ...a pessoa saudável é vista como aquela envolvida num ininterrupto processo de crescimento e de transformação, e a doença considerada como a estagnação em uma identidade (ou conceito de eu[49]) rígida e impermeável às fluidas modificações internas e externas do campo total da experiência.

Estavam buscando esse crescimento, pois o modo como simbolizaram suas experiências estava causando prejuízos a si mesmos, por isso desejavam sair do mundo do crime, mas não sabiam como o fazer.

A partir de seus depoimentos, procurei agrupar as diversas formas com que eles perceberam a si mesmos depois da participação nas atividades do Projeto Pontilhado: Percepção de si, Percepção do outro, Consciência, Auto-estima, Sentimentos vivenciados e Importância do apoio.

---

[49] Tenho utilizado o termo self, por considerar o termo mais abrangente. Nas traduções, ora se encontra sefl, ora "eu".

1 - PERCEPÇÃO DE SI

Somente a própria pessoa é quem pode acionar as forças curativas naturais que existe dentro de si que a levam ao crescimento e ao aprendizado. Essas forças construtivas ocasionam a mudança na percepção de si e do outro, por meio da expansão do self e, conseqüentemente, a aprendizagem significativa. A auto-percepção é abordada por Rogers (1977b) como fundamental na formação do auto-conceito da pessoa e na sua escolha de alternativas de comportamentos.

Demonstraram que a percepção dos objetos de seu campo fenomenológico sofreu uma mudança em direção a uma diferenciação maior. Hoje são capazes de ter outra percepção diante da dor alheia, desenvolveram sensibilidade e responsabilidade, melhoraram o relacionamento interpessoal e conseguiram manter um contato corporal sem preconceitos, percebendo a própria afetividade.

Desenvolveram o respeito às pessoas e conquistaram o respeito de tantas outras. A ressocialização e a recuperação foram lembradas, mas alguns não percebiam a mudança pela qual estavam passando. Em muitos momentos, sentiram-se valorizados e foram unânimes quando se referiram à importância da família. Continuam as mesmas pessoas, mas significativamente diferentes, como diria Rogers (1992).

a* Eu não me sensibilizava pela dor do outro

Saturno: Eu não me sensibilizava pela dor do outro! Eu tinha um ato de crueldade muito grande!

Plutão: Eu fiquei muito frio! Nada me emocionava!

Urano: O importante para mim era o lucro de imediato!

Netuno: Eu queria que todo mundo se ferrasse! Não estava nem aí!

Não ter sensibilidade pela dor do outro apareceu como uma atitude adotada por alguns deles antes de serem presos. Saturno relatou que agia cruelmente e que a dor das pessoas não o sensibilizava. Se a pessoa errasse, tinha que pagar pelo erro. Não conseguia fazer uma análise crítica daquilo que estava acontecendo. Urano, para atingir seus objetivos, pouco se importava se precisasse atropelar ou machucar alguém, porque, para ele, o que interessava era o lucro imediato, enquanto Netuno queria que todos se "*ferrassem*", pouco se importando com as outras pessoas.

Plutão, que era policial civil e que trabalhava com homicídios, afirmou não ter vivido no mundo do crime, mas também não se mobilizava diante da dor dos outros, especialmente das mães que tinham seus filhos assassinados. Para ele, era somente mais um caso a ser resolvido, nada o emocionava. Era uma pessoa fria diante da dor expressa pelo outro.

Se observarmos a trajetória de cada um deles, perceberemos o quanto isso é verdadeiro e real. Parece que a vida e a morte tinham o mesmo peso para eles. O viver e o morrer tinham a mesma conotação e emoção: eles não se emocionavam diante da vida e nem diante da morte. Isso pode ser verificado em suas histórias de vida e em seus depoimentos posteriores.

Rogers (1977a, 1992) pontua que o organismo reage ao meio que o cerca de acordo com a percepção que a pessoa tem dele. Não perceber-se pode levar a pessoa a introjetar atitudes que a defendam da dor e do sofrimento. É uma forma de auto-regulação a fim de evitar o sofrimento.

O que pode ter levado essas pessoas a buscar essa forma de auto-regulação com mecanismos de defesa para se defrontarem com a dor do outro? Eram homens aparentemente durões, poderosos, fortes, destemidos e que intimidavam! Acredito que posso conjecturar que passaram a disfarçar e a dissimular seus sentimentos para poder conservar a afeição de pessoas que lhes eram muito importantes. Com o transcorrer do tempo, não reconheceram mais seus reais sentimentos.

b* Hoje sou uma pessoa sensível

Plutão: Hoje eu sou um homem sensível!
Saturno: A minha sensibilidade pelo outro é muito grande.
Netuno: Eu sempre luto para não desejar mal a ninguém! Uma coisa que eu percebi que eu absorvi, foi o lado de respeitar mais o outro!
Urano: Eu consigo ver as oportunidades que vão surgir à frente sem precisar machucar alguém.

Após a participação nas atividades desenvolvidas pelo Projeto Pontilhado, conseguiram mudar a percepção que tinham da dor das pessoas. Plutão percebe-se hoje como um homem sensível e emotivo, que valoriza os pequenos momentos, especialmente os relacionados com a esposa e a filha. O seu olhar mostra a emoção diante das coisas mais simples e cotidianas, o que não acontecia anteriormente. Saturno observou que a sua sensibilidade pelo outro é muito grande, porque ela não existia anteriormente e tanto ele quanto Netuno já não revidam quando se sentem insultados por alguém.

Netuno aponta que luta para não desejar mal a ninguém e que mesmo que sinta que as pessoas lhe desejam mal, consegue não reagir da mesma forma, como fazia antes. Aprendeu a respeitar os outros. Urano consegue ver as oportunidades para si, sem prejudicar ninguém, atitudes totalmente opostas à que tinha anteriormente. Hoje tudo tem valor, "*até um capim*".

O desvelar-se para si próprio de forma a poder simbolizar corretamente a sua experiência e assimilá-la à estrutura do self, permite que o nível de angústia fique reduzido e as defesas diminuam, corroborando o que Rogers (1977a) aponta. Parece que os colaboradores desenvolveram uma amplitude maior de autopercepção, o que acarretou mudanças no modo de perceberem e de se relacionarem com o mundo à sua volta. Tambara e Freire (1999, p.74) pontuam que "Quanto menos atitudes defensivas a pessoa utiliza para preservar o seu auto-conceito, mais realista ela se torna não somente em relação a si mesma como também em relação aos outros".

Perceber e preocupar-se com o outro é uma das conseqüências do crescimento. Um fato muito significativo, que verbalizarem, é a percepção que têm de si mesmos, de que não mudaram, que ainda estão no processo de esforçarem-se para manter esse novo modo de perceber o mundo e as pessoas.

c* Eu tenho responsabilidade

Júpiter: Hoje eu só penso na minha responsabilidade!

Plutão: Eu estou ficando porque eu tenho responsabilidade!

Mercúrio: Fui pegando um pouco de responsabilidade.

Plutão sentiu-se impotente, diante da fuga de pessoas que havia prendido, observando que não fazia o mesmo porque tinha responsabilidade e ia cumprir a sua pena, saindo por onde entrou: "*pelo portão*". É interessante que essa fala de "*sair por onde entrou*" parece que faz parte da verbalização daqueles que optaram por cumprir a pena. A fuga aparece, então, como falta de responsabilidade.

Júpiter, que, antes de cair no mundo das drogas por meio do vício, tinha emprego e se sentia útil para a mesma sociedade que hoje *lhe atira pedras*[50], quando "*caiu*" na cadeia, acreditou que havia perdido todos os seus valores e se percebeu na condição de viver como bicho ou animal. Acreditava-se irresponsável. Depois, se descobriu como ser humano e percebeu que a responsabilidade é um valor que resgatou. Pagar a sua pena, que é alta, é sinal de que ainda é uma pessoa responsável. Tanto Plutão quanto Júpiter têm "*cadeia alta*" e resolveram pagá-la integralmente, mesmo à custa de muita dor e sofrimento.

Mercúrio, desde os doze anos, perambulava pelo mundo do crime e por isto não desenvolveu o senso de responsabilidade por algo ou por alguém. Diz que "*não tinha um pinto para dar água*", ou seja, não era responsável por nada, nem por ninguém. Conforme foi participando das atividades desenvolvidas pelo Projeto, foi "*pegando um pouco mais de responsabilidade*", porque, se desistisse, tinha agora a responsabilidade de encontrar outra pessoa e treiná-la para ficar no seu lugar. Se saísse ou se ficasse, tinha que ser responsável. Optou por continuar participando do Projeto.

Interessante observar que ter responsabilidade foi um resgate importante que conseguiram realizar, seja no presídio ou durante a participação nas atividades desenvolvidas pelo Projeto Pontilhado. Segundo Rogers (1995d), eles tiveram condições de explorar suas próprias atitudes e reações, de modo mais pleno, observando conscientemente aspectos de suas atitudes que negavam anteriormente, como no caso de Júpiter e Mercúrio, liberando as forças internas de crescimento diante da atitude dos outros, como ocorreu com Plutão.

Para Rosenberg (1977), quando a pessoa volta para si mesma, passa a aceitar "real e gradualmente a responsabilidade por seus atos. Luta por conseguir ser e agir de acordo com critérios seus e não os da moral ou da convenção vindas de fora, que tão repetidamente se

[50] Trecho de sua fala no espetáculo Bizarrus.

denunciam mesquinhas" (p.57). Posso dizer que eles puderam optar por serem eles mesmos e irem em busca de um viver melhor, mais satisfatório.

d* Melhorei na minha relação com os outros

Marte: Eu acho que eu fiquei mais solto assim para conversar com as pessoas.

Mercúrio: Eu não falava antigamente! Mas acho que a gente vai pegando mais confiança!

Saturno: Eu assumi esse erro no meu trabalho.

Marte era uma pessoa de difícil relacionamento, de acordo com os seus colegas, com o que ele concorda. Acha que se tornou uma pessoa mais solta para conversar, até mesmo com pessoas estranhas.

Mercúrio relata que sempre foi muito só. Quando saiu de casa, ainda pré-adolescente, foi para o garimpo, lugar onde não se pode confiar em ninguém, e por isto se tornou mais fechado. Tornou-se uma pessoa quieta, calada, ensimesmada. Agora, se percebe mais aberto para falar, acreditando que essa atitude se relaciona ao fato de ter mais confiança nas pessoas e sentir amizade por elas.

Saturno foi criado, praticamente, sem pai e sem mãe e não confiava nas pessoas. Quando saía de/ou para qualquer lugar, fazia uma rápida varredura pelos arredores, por medo de emboscada. Quando se sentava em algum local público, escolhia um lugar estratégico: de costas para uma parede e de onde pudesse ter uma visão geral do movimento, buscando sempre um lugar que permitisse uma saída de emergência.

Percebeu que melhorou muito seu relacionamento no trabalho, onde passou a assumir erros que, anteriormente, não era capaz. Melhorou também o seu modo de se relacionar com as pessoas e consigo mesmo. Continua uma pessoa cuidadosa em seus relacionamentos, mas

sem o exagero que tinha quando vivia no mundo do crime. Hoje, já há algumas pessoas em quem confia, tem amigos.

Parece que todos tinham uma desconfiança do mundo em função das simbolizações distorcidas, anteriormente estabelecidas. A percepção da realidade era ameaçadora; por isso, desenvolveram o afastamento e a falta de confiança em quem quer que fosse.

Rogers (1992) afirma que quando a pessoa aceita a si mesma, aprimora suas relações interpessoais. Assim, à medida que foi "*pegando mais amizade*", de acordo com Mercúrio, ou "*ficando mais solto*", como diz Marte, ou "*assumindo o erro no meu trabalho*", como relata Saturno, passaram a confiar mais em suas percepções da realidade e, assim, melhoraram o relacionamento interpessoal.

e* Consegui abraçar outro homem

Plutão: Abraçar outro homem! Hoje é normal! No teatro eu aprendi isso!
Mercúrio: Eu fui criado no sistema de que homem tinha que ser homem!
Marte: Eu não aceitava abraços! Eu tinha vergonha de tudo!
Urano: Os caras davam boa tarde e se abraçavam! É isso que eu quero! E mesmo assim a gente ia relutando, relutando.

O contato corporal sempre foi muito difícil para todos. Para alguns, era muito complicado, especialmente com pessoas do mesmo sexo. Plutão tinha preconceito de abraçar outro homem que não fosse o pai e os irmãos. Descobriu que a convivência com outras pessoas pode torná-los mais próximos, como a irmãos, e podem ser abraçados. Consegue ver o abraço como uma atitude normal mesmo entre pessoas do mesmo sexo. Foi uma aprendizagem adquirida no teatro. Percebeu também o quanto sua atitude anterior tinha de preconceito.

Mercúrio também foi criado num sistema em que não havia abraços. Em sua casa, a concepção de que "*homem tinha que ser homem*" e, por isso mesmo, não se podia chorar, abraçar ou dar beijo em outro homem. Marte foi educado nesse mesmo sistema, como Mercúrio e Plutão e, por isso, também não aceitava abraços, era rígido e violento quando se sentia invadido em sua intimidade corporal. Até hoje é motivo de risos e brincadeiras essa sua atitude junto ao grupo. Ele mesmo acha graça desse seu comportamento. Atualmente, se sente bem e gosta quando recebe abraços calorosos.

Urano, depois que entrou na polícia, afastou-se do contato corporal, percebeu o quanto havia perdido por ter se esquecido de abraçar, lembrando o quanto esse jeito de ser era bom. Apesar de querer esta proximidade, relutou para entrar no grupo.

O corpo humano é a principal fonte de som e movimento e, por isso, é necessário aprender a conhecer o próprio corpo para conseguir torná-lo expressivo. Em seu trabalho psicoterápico com presos, Dutra (1996, p.06) percebeu que "uma intervenção corporal pode facilitar a evolução do processo de sentimento que está ocorrendo no cliente".

Segundo Boal (1999), quando não são tocados, os corpos se alienam, sendo preciso trabalho corporal intenso para que a pessoa possa conhecer seu corpo e eliminar as tensões. Moreno (1984) considera importante o contato corporal com os participantes de um grupo, para melhorar a comunicação com aqueles que os cercam.

Boff (2003, p.120), ao se referir à ressonâncias do cuidado, especialmente em relação ao contato corporal, à carícia essencial que qualifica a pessoa em sua totalidade postula:

> O órgão da carícia é, fundamentalmente, a mão: a mão que toca, a mão que afaga, a mão que estabelece relação, a mão que acalenta, a mão que traz quietude. Mas a mão não é simplesmente mão. É a pessoa humana que através da mão e na mão revela um modo-de-ser carinhoso. A carícia toca o profundo do ser humano, lá onde se situa

> seu centro pessoal. Para que a carícia seja essencial precisamos afagar o eu profundo e não apenas o ego superficial da consciência.

Os colaboradores entraram em contato com a carícia essencial e isso foi importante para que pudessem resgatar a si e o relacionamento com pessoas próximas e familiares, envolvendo o simples afagar, abraços, um aperto de mãos ou um aplauso! Recordando Rogers (1977a), pode-se dizer que o nível de consideração positiva de si (auto-estima) se elevou, e puderam reduzir o processo de defesa. Aquelas experiências que eram sentidas como ameaçadoras começaram a ser simbolizadas corretamente e assimiladas à estrutura do self de cada um deles.

f* Expresso e recebo afeto

> ***Mercúrio***: Acho que nunca teve uma pessoa assim para falar assim: eu te amo!
> ***Vênus***: Quando ele saiu, ficou sem graça! Eu senti falta dele! Senti!

É muito difícil para Mercúrio admitir que ama alguém, a não ser o pai e a mãe. Hoje consegue falar para a mãe que a ama e ela também consegue dizer que o ama. Mercúrio diz que "*depois de homem barbado*" é que foi ouvir isso, não se lembra de ter ouvido alguém dizer que o amava, talvez, por isso, a palavra é tão pesada para si. Não tem certeza se o que sente por uma pessoa é amor ou é só costume pela convivência. Ainda não consegue discernir seus sentimentos com clareza.

Vênus acredita que o trabalho terapêutico ajudou nas relações afetivas entre ele e os colegas do presídio. Lembra o fato de ter convivido, por três anos, com um dos participantes do Projeto e que não passava nem na porta da cela do colega, não conversavam. Passou a freqüentar a cela dele para conversarem, tomarem café e assistirem televisão. Recorda de outro companheiro de presídio que não gostava dele e que fez tudo para que o diretor de arte não o colocasse no Projeto Pontilhado, mas passaram a se entender, tornaram-se amigos e

quando o colega saiu do Projeto, sentiu muito sua falta. Era uma pessoa que se preocupava com ele e que, muitas e muitas vezes, dava-lhe carona na moto: Vênus morava numa "*boca de fumo*", no centro da cidade, e o amigo estava na Colônia Penal, distante uns vinte quilômetros.

Este amigo talvez fosse o único a dar atenção a Vênus. Se tivesse recebido apoio e atenção do Projeto, quando de suas saídas para a liberdade, talvez não tivesse retornado tantas vezes ao presídio. A família dele mora em outro Estado e Vênus estava só, sem ninguém que pudesse ajudá-lo a se ajudar.

Essa falta de expressão de afeto, tanto de Vênus quanto de Mercúrio, pode estar relacionada à liberdade experiencial. Kinget (1977) observa que essa desordem do sistema de comunicação interna, que ameaça a liberdade experiencial, é iniciada quando se proíbe o sentir e o expressar dos sentimentos que a pessoa experimenta diante de uma determinada experiência.

A ameaça é a possibilidade de se perder a estima ou o afeto de pessoas significativas em sua vida (condições responsáveis pela atualização do self). Neste caso, provoca-se a angústia levando a pessoa a reprimir a exteriorização dos seus sentimentos e, posteriormente, a repressão desses mesmos sentimentos, passa a ser adotada como parte integrante do modo de viver. Para que a noção do self possa se exercer de modo pleno, é preciso que esteja fundamentada na experiência autêntica da pessoa.

g* Percebi que eu existo

Saturno: Dentro dos trabalhos terapêuticos passei a perceber a minha existência! Eu passei a existir! Não posso mais perder uma conquista!

Júpiter: Eu tenho outra vida! Eu construí uma vida!

Vênus: Eu tinha vergonha disso! Além de que eu ia dar mal exemplo!

Saturno passou a perceber sua existência quando mergulhou nos diversos trabalhos terapêuticos: eneagrama[51], biodança, dramatização gestáltica, constelação de relacionamentos e ordens do amor, SATs[52] e psicoterapia.

Nessa busca interna, passou a perceber sua existência, como cidadão e como pessoa. Passou a ter família, amigos, emprego, endereço e telefone, conquistas que não quer perder. Ao pedir perdão para o Juiz, observa que fez isso para si e não para mostrar ao outro, pois sabe da importância que isso tem para ele. Essa atitude de pedir perdão luarizou seu mundo interno, clareando as sombras da angústia que permeavam suas experiências, produzindo inquietude e sofrimento. Conseguiu superar o sentimento de vingança e ódio por meio da simbolização correta da realidade.

Júpiter conseguiu reconstruir sua vida, passou a valorizar mais a si mesmo, a respeitar o outro e a ter a confiança da direção do presídio, dos agentes penitenciários e dos colegas de prisão. Constituiu família, que é o seu ponto de apoio hoje. Tudo isso junto, lhe dá forças para continuar cumprindo sua pena, de oitenta anos, superar os conflitos relacionados ao tempo que ainda tem que ficar trancafiado.

Vênus, com trinta anos de vivência com drogas, esforça-se para sair do vício porque tem medo de que os alunos, a quem deu conselhos para não entrar no mundo das drogas, descubram que foi preso por estar fumando maconha. Tem vergonha de isto vir a acontecer.

---

[51] Eneagrama: "antigo sistema de desenvolvimento humano, que descreve os nove diferentes tipos de personalidade e suas inter-relações". Palmer (2000, p.23).

[52] Workshop intensivo do SAT- Seekers After Truth (Buscadores da Verdade) em Brasília/DF.

A experiência real vivida anteriormente foi deformada para torná-las condizentes com seus modos de perceberem o mundo. Observava-se desacordo entre a experiência e o self, provocando uma discordância interna. Viviam à sombra de si mesmos. Mas, quando há aceitação do self, Rogers (1992) observa que a pessoa começa a perceber a si mesma como digna de valor e de respeito, permite que suas experiências passem a ser guias, percebendo seus sentimentos e suas experiências pessoais e sociais, pois "a mudança mais básica ocorre no modo como ele percebe a si mesmo" (p.161).

Parece que conseguiram uma percepção mais adequada de si mesmos, dando mais valor à vida, demonstrando também uma maior predisposição para enfrentarem as vicissitudes de seu viver.

h* As pessoas me respeitam e me aceitam

Urano: Hoje eles me respeitam! Eles já viram as minhas atitudes! Você vai repelindo as pessoas que eram do mal!

Saturno: As pessoas me aceitam como eu sou, me pedem opinião, me dão opiniões.

Urano percebe, hoje, que as pessoas o temiam por ser um policial, andar armado, acostumado a mandar e a desmandar. Hoje, essas pessoas o respeitam pelo seu modo de vida. Saturno, quando vivia no mundo do crime, também mandava e desmandava e era respeitado, chegou a questionar se não era assim, porque as pessoas o temiam. Hoje, Saturno percebe que as pessoas pedem sua opinião, diferentemente do que acontecia antes. Percebe que tudo isso ocorreu em conseqüência de um conjunto de situações como teatro, psicoterapias e trabalho.

Tanto Urano quanto Saturno sentiram que detinham o poder, que eram importantes, quando estavam inseridos no mundo do crime, mas perceberam que não era respeito e sim temor pelo modo como agiam. Hoje, se sentem aceitos pelas pessoas.

Urano, depois que se afastou do mundo do crime, foi criando uma aversão, uma repulsa pelas situações ou pessoas que poderiam reconduzi-lo novamente às atividades do sub-mundo. Percebeu, também, que essas pessoas, elas mesmas se repelem e se afastam. Urano fez a observação interessante de que essas pessoas percebem que ele já não manda mais, perdeu o poder! Como Saturno, quando é chamado de mole, ou Mercúrio, quando dizem que está "*chocando*", parado, sem fazer nada na "*bandidagem*".

A mudança é um processo e como tal envolve o ambiente em que a pessoa vive, como um todo. Quando a pessoa consegue que suas experiências relativas ao self sejam corretamente simbolizadas e integradas em seu modo de ser, significa que enfrenta os problemas de uma maneira mais integrada, de um modo mais independente e mais responsável, em direção ao crescimento, à saúde e ao ajustamento, conforme aborda Rogers (1989). Com esse novo modo de ser, conseguiram que as pessoas os respeitassem de uma forma também mais saudável e construtiva.

¡* Percebi o que fiz da minha vida

Netuno: Perdi oito anos da minha vida! Oooito anos!!! Imagina!!! Ooooito anos! Eu acho que vai aparecer oportunidade!

Mercúrio: É a gente mesmo que procura complicação na vida da gente! Tem gente que nasce, cresce, trabalha e não faz nada errado, vive a vida tranqüila!

Netuno percebeu o que fez de sua vida. Esse insight lhe trouxe uma dor profunda. Parecia imerso em profundo sofrimento ao descobrir que perdeu oito anos de sua vida dentro de um presídio, especialmente os anos de sua juventude. Percebeu também que teve muitas oportunidades, mas que não soube aproveitá-las. Acredita que por ser ex-presidiário, está em defasagem para enfrentar o mercado de trabalho. Seu desejo de retornar aos estudos possibilitar-lhe-á esse enfrentamento em melhores condições. Acredita que outras

oportunidades surgirão e que não serão mais as mesmas, mas vai estar atento para não perdê-las, como fez no passado. Acredito que, nesse momento, Netuno precisa de alguém mais perto para poder ajudá-lo a fazer essa transição e não se perder em si mesmo, mergulhando no desamparo.

Mercúrio parece que fez uma ponte entre sua dependência do cigarro e sua inserção na "*bandidagem*": "*é a gente mesmo quem procura por essas complicações*". Percebeu que tem tantas pessoas que nascem, não ficam dependentes do cigarro, trabalham e não entram no mundo do crime. Foi um momento de profunda reflexão de sua vida, um repensar responsabilidade pelas escolhas que fez no transcorrer de sua existência.

Rogers (1995a), citando Snyders[53] e suas descobertas, observa que a "fase inicial da catarse é substituída por uma fase em que o insight torna-se o elemento mais significativo, e esta, por sua vez, passa para uma outra fase marcada por um aumento de escolha e ação positivas" (p.22).

Parece que, tanto Netuno quanto Mercúrio iniciaram um repensar as suas vidas, verificando que deixaram o campo perceptual de suas experiências serem simbolizados de maneira distorcida. Para Rogers (1977a), eles estão num processo de revisão e de modificação da imagem de si mesmos, procurando estabelecer acordo entre a imagem e a experiência.

---

[53] SNYDER, W.U. An investigation of the nature of non-directive psychotherapy. *Journal of General Psychology*, Vol. 33:193-223, 1945.

j* A ressocialização e a recuperação

Plutão: Esse nome: ressocializar! Eu não gosto! Ele soa muito cheio de falsidade! Eu diria: "Acredite mais em você! Você é capaz!".

Saturno: Eu acredito sim nessa recuperação!Desde que você se permita se conhecer. Independente de você ter duzentos anos de prisão para cumprir!

Plutão fica indignado com a palavra ressocialização. Não gosta da palavra porque acha que ela soa com muita falsidade quando as pessoas se propõem a ressocializar o preso. Acredita que não precisa de ressocialização, porque sabe conviver fora da prisão. Essa indignação é causada pela generalização que a palavra faz com todos aqueles que estão presos, indiscriminadamente, entretanto, sugere que alguns presos realmente necessitam de ressocialização, e que esse desejo tem que partir deles. Para as pessoas que vão para a prisão, propõe que sejam utilizadas para elas palavras diferentes: "*Acredite em você. Você não faz parte desse mundo*". Ou seja, vá para a prisão e não se deixe contaminar pelos maus procedimentos, assim como ele fez.

Plutão possibilitou-me um grande aprendizado, porque, até então, eu percebia que a "*ressocialização*" deveria ocorrer com todos, indiscriminadamente, principalmente pela constatação de que somente os pobres é que são presos. Esta percepção não se justifica. Depois disso, comecei a pensar se eu utilizaria esse mesmo termo para outras pessoas, como para um ex-juiz, um ex-presidente da república, um ex-governador de estado e um ex-promotor. Eu nunca tive um olhar de "*ressocialização*" para Plutão, até por conhecê-lo pela fama de ser um bom professor de esporte, nunca pensei que estava sendo "*ressocializado*" (e nem aos outros), mas nunca, anteriormente, havia realizado uma reflexão profunda sobre essa questão. Oportunizar o auto-conhecimento é imprescindível, mas *ressocializar*... não sei para

quem, onde e porque. Passei a me questionar se via os outros participantes da mesma forma! É um ponto que necessita maior reflexão.

Por outro lado, Saturno acredita que esse processo de mudança pode ocorrer com qualquer pessoa, independentemente do tempo que ela tenha para cumprir dentro de uma prisão. O importante é a pessoa se conhecer, porque só assim pode mudar sua vida para atitudes mais saudáveis para si e para o outro.

Ao se reportarem ao uso indiscriminado da ressocialização e das possibilidades de mudanças, Plutão e Saturno parecem estar se utilizando de uma percepção realista dos fenômenos observados e experimentados dentro do presídio. Para Rogers (1977a, p.173) a pessoa que percebe dessa forma,

> situa suas percepções no contexto espaço-temporal dos fatos; seu pensamento se deixa guiar por observações, não por opiniões e teorias, avalia os objetos de sua percepção baseando-se em múltiplos critérios; reconhece que há vários níveis de abstração; submete suas conclusões ou suas teorias à prova da realidade.

Tanto Saturno quanto Plutão estão em busca de um melhor entendimento de si mesmos, deixando-se guiar pelas próprias percepções e experiências.

k* Senti-me valorizado

Vênus: Eles iam lá e aplaudiam a gente como se fosse um... qualquer pessoa! Porque preso não está com nada, preso não vale nada!

Netuno: O Projeto, ele nos introduziu à sociedade novamente, ao público, à vida: Olha! Eu existo! Tem gente me aplaudindo! Eu sou alguém! Eu não sou qualquer um não!

Urano: Isso é importante para a pessoa, para o ego da pessoa: Pô, eu ainda sou... ainda posso! Legal! Que bom! Eu existo! Que bom!

Vênus faz uma referência importante sobre os aplausos que recebiam quando apresentavam o espetáculo. Observou que naquele, momento, parecia que toda a platéia se esquecia de quem estava em cena: "*presos que não valem nada*". Esse era o sentimento de Vênus, aplaudido "*como uma pessoa qualquer*". Vejo o sorriso de satisfação de Vênus no espetáculo, quando, vestido com uma toga e cabeleira de juiz, sendo carregado numa biga, puxada por um deles, um "cavalo adestrado". É impressionante como deixava transparecer o quanto era prazeroso estar ali. O sorriso era parte do espetáculo, mas a satisfação era dele. Foi muito bom para a sua auto-estima e para a consideração positiva de si a simbolização dessa experiência.

Netuno observa que a importância do Projeto foi de trazê-los de volta à sociedade, ao público e à vida. Do mesmo modo, Urano também se sentiu valorizado como pessoa quando aplaudido. Os aplausos tiveram importante significado, pois perceberam que existiam como pessoas capazes de produzir algo digno de respeito, que não eram qualquer pessoa. Existiam!

Esses aplausos e o reconhecimento do público significaram muito para cada um deles. Percebe-se facilmente que a aceitação incondicional deles pelo público foi fundamental para a diminuição da angústia provocada pela situação de serem presos. Na cena final, quando todos aparecem vestidos de fraque e óculos escuros, deixam transparecer uma energia e uma expressão corporal de satisfação plena: sentiam-se bonitos, bem vestidos e valorizados (especialmente depois do assédio das meninas da platéia e dos ciúmes das esposas). Lembrei-me do carnavalesco Joãozinho Trinta, quando, por experiência própria, afirma que, quem gosta de pobreza é intelectual, o povo gosta mesmo é de luxo. E eles estavam luxuosamente bonitos! Todos!

Para que a tendência ao crescimento possa se manifestar, é necessário que o ambiente seja desprovido de ameaças à imagem que a pessoa faz de si mesma, um ambiente que seja favorável à conservação e à valorização do self da pessoa, como aborda Kinget (1977). Penso

que se pode refletir sobre o fato de que, para eles, a valorização pela sociedade é de importância fundamental, pois é essa mesma sociedade que os condenou. Entretanto, é imprescindível que algumas condições favoráveis, como um contexto de relações humanas positivas, desprovidas de ameaças ou de desafios ao conceito que têm de si mesmos, estejam presentes. Essas atitudes de aceitação por parte das pessoas favorecem a conservação e a valorização do self.

Acredito que seria necessário parar para refletir sobre o que acontece com pessoas que são trancafiadas em prisões. A prisão acaba com qualquer sinal de estímulo à vida que ainda possa existir. Certamente, são fatos importantes que merecem ser pesquisados, para que verifiquem o estrago que se faz e que se permite fazer com pessoas, que são muito mais próximas do que se possa imaginar.

E o que dizer dos que ainda estão no adolescer da vida e vão para esse mundo, no qual a consideração por si parece não existir? Um outro fator preponderante a ser refletido é a indiferença perante a responsabilidade pessoal e individual que se deveria ter para com o social, especialmente os estigmatizados.

I* Eu não percebia a mudança

Saturno: Eu não percebia a mudança!

Urano: A princípio são as outras pessoas que notam a mudança!

Saturno: Me sinto um homem em recuperação! Ainda vem o desejo de fazer coisas erradas!

Netuno: Eu não mudei! Eu estou mudaaando ainda!

Saturno: Eu reconheço que estou errado, mas me vem a ira para não querer aceitar.

Urano: A gente não acredita na mudança! É porque é o novo que vai entrar na vida da gente!

Saturno e Urano verbalizaram que, ao mudarem o modo de ser e agir, eram as outras pessoas que percebiam essas mudanças que as vinham pontuar para eles. Na percepção das pessoas do mundo do crime, Saturno ficou "*mole*". Entretanto, ele se sente uma pessoa com mais disposição e com uma perspectiva de vida mais longa: dificilmente vai morrer assassinado.

Urano afirma que, quando entrou no Projeto, sabia que as mudanças iriam acontecer, mas, a princípio, não acreditou que pudesse ocorrer com ele. Justifica que é difícil deixar um modo de ser, acostumado com coisas erradas, para se permitir aceitar um novo jeito de ser e de estar. Afirma que o físico e a fisionomia também se modificaram e que algumas pessoas não o reconheceram mais. Percebeu que, quando uma pessoa se predispõe a mudar, ela realmente atinge seu objetivo, como aconteceu com ele.

Os colaboradores, de maneira geral, sentiram que a mudança é um processo dolorido, mas não percebiam o quanto haviam caminhado, nesse processo de busca interna. Hoje, têm mais facilidade para perceber como estão processando essa mudança. Interessante é que a maior parte deles reafirmou que ainda estão em pleno *processo*.

Netuno tem essa mesma percepção de que ainda está mudando, de que até hoje não cometeu e nem pretende cometer nenhum crime, que está se esforçando para isso. Não faz questão de demonstrar essa mudança, numa crítica aos colegas que falam muito e na realidade, não mudaram em nada. Considerando Rogers (1987, 1992), que afirma que tudo aquilo que a pessoa fala para ela é verdadeiro, talvez seja a vontade e o desejo de serem aceitos e amados por meio de uma mudança, que não é nada fácil de processar. O importante, nesse momento, é considerar como verdade o que disseram.

O desejo de fazer coisas erradas ainda persiste, mas encontram maneiras de não fazê-lo, cada um do seu jeito e da sua forma: Netuno se esforça para não voltar ao crime, Saturno reflete sobre esse desejo e Urano procura manter a rejeição às pessoas do mundo do crime.

Talvez tenham medo de trilharem caminhos em que têm que fazer escolhas responsáveis, em que não são mais dirigidos ou forçados a agirem por forças exteriores, fora de seus controles.

O centro de referência passou a ser interno, aquilo que resulta da própria experiência. Passaram de um comportamento de "desconfiança nos aspectos espontâneos e inconscientes de si mesmo para uma confiança básica no que sente, e em seu organismo, como um instrumento seguro para enfrentar a vida", conforme propõe Rogers (1991b, p.55). Perceberam que podem ter maior confiança em seus aspectos pessoais mais profundos, nessa experiência de aprenderem a ser livres e mais confiantes em si mesmos.

Para Rogers (1978), é muito ameaçador para o auto-conceito da pessoa, ver-se e defrontar-se com aquilo do que se fugiu por tanto tempo. Para que a pessoa possa verificar o caráter realista da percepção de si ou da sua noção do self, pode recorrer a duas fontes de critérios: a sua própria experiência vivida, que são os sentimentos, desejos, ansiedades, angústias, e o testemunho ou comportamento de outras pessoas em relação a si. Foi o que ocorreu com eles, ao reconheceram que ainda têm muito que caminhar, mas estão dispostos a realizar novas descobertas. Percebem o quanto o caminho é árduo, mas sentem-se recompensados pela confiança das pessoas significativas.

m* A família é muito importante

Mercúrio: A gente tem que ficar é junto da família mesmo!

Urano: Hoje o que importa mais é família, é estar bem com a família!

Netuno: Lá dentro eu refletia na minha família, no sofrimento da minha mãe e dos meus filhos! Porque tudo refletia neles, todo sofrimento refletia neles. Eu sempre achei que quem sofre mais é a família.

Plutão: Poder acordar de manhã, olhar para a tua mulher, olhar para a tua filha! Isso é de uma importância muito grande!

Saturno: Eu descobri que eu vinguei dos meus filhos nas sessões de psicologia.

Júpiter: Minha família! É uma graça, uma estrutura legal que eu tenho! Quando eu falo da minha família eu falo com amor! Com alegria!

Vênus: Hoje ela quer que eu vá morar com ela! Eu não vou não. Eu vou para a casa da minha mãe e pronto.

Marte: Eu fugi para ir lá ver minha mãe!

Todos eles enfatizam a importância que a família tem em suas vidas. Alguns verbalizam mais, outros menos, mas todos buscam esse apoio. Urano, quando foi preso, sentiu que o chão lhe foi tirado e da mesma forma se sentiu quando retornou ao lar. O lar já não lhe pertencia e sentiu-se novamente sem chão, precisando de muita garra e de muitos encontros psicoterápicos para vencer seus preconceitos e reconquistar seu espaço no núcleo familiar, depois de cinco anos de afastamento. Reconquistou seu lugar de modo mais maduro, experimentando os prazeres de conviver com a esposa, os filhos e os sobrinhos que moram com eles, favorecendo o diálogo constante com todos eles.

Netuno, que ficava num entrar e sair da cadeia, começou a pensar no sofrimento da mãe e dos filhos optando por cumprir sua pena para poder cuidar da mãe e estar mais presente junto ao filho pré-adolescente. Plutão descobriu os pequenos prazeres da convivência com a mulher e a filha. Descobriu a importância do seu lar, do seu quarto, e até do muro de sua casa! Não pensava que essas pequenas coisas tivessem tanto valor. Antes não enxergava. Descobriu-se um apaixonado!

Mercúrio, que foi em busca do mundo com sua "*muchilazinha nas costas*", percebeu a importância de criar raízes e de ficar junto à família. Resgatou os laços afetivos com o pai e a mãe. Percebe também que pode ser um apaixonado pela esposa e pelos filhos dela. Ainda é muito difícil de admitir, mas já se permite pensar sobre a possibilidade de estar amando.

Saturno, depois de sentir-se abandonado pela filha que não veio morar com ele, depois desses anos de afastamento, resolveu não entrar mais em contato com os filhos e a mãe,

descobriu que essa atitude foi uma forma de vingança. Está buscando entender os motivos deles, para poder se reaproximar dos filhos e da mãe, buscando contatos telefônicos mais freqüentes, ousando até mesmo pensar numa visita deles em Porto Velho. No seu processo de auto-conhecimento, procurou resgatar a figura do pai, falecido, perdoando-o pelo abandono. Essa vivência foi muito importante para ele, já que quase concretizou a presença paterna. Consegue falar no pai sem rancor ou mágoa, percebendo o seu grande amor por ele.

Quando da vinda do espetáculo para São Paulo, para apresentação no Balaio Brasil, Vênus fez questão de reencontrar a irmã que fazia dez anos que não via. Não conseguia esconder a satisfação ao revê-la. Apresentava a mesma irmã que o "*dedurava*" para a mãe, quando usava maconha, a todos os integrantes do Projeto, com muito orgulho e um largo sorriso. Hoje, ela quer que, quando ele sair do presídio, vá morar com ela, embora ele queira voltar para a casa da mãe, talvez num desejo recôndito de colo materno e reaproximação familiar. Está há anos sem ver a família e os filhos e quando fala com eles ao telefone e procura exercer sua função de pai, dando algum conselho ou orientação, eles do outro lado, distantes, retrucam: "*Mas pai! Eu já sou um homem!*". Para ele os filhos ainda são crianças, como no registro da memória!

Júpiter, quando foi preso, era casado e foi abandonado pela esposa que levou o filho recém nascido embora. Até hoje não o conhece, mas seu sonho é conhecê-lo. Sempre faz contatos telefônicos com ele, que vive em outro Estado. Hoje está se sentindo realizado depois que constituiu uma nova família e tem um filho que é a sua alegria. Percebe que é uma força muito grande para que possa continuar sobrevivendo. Marte, sempre que fugia, ia ao encontro de seus familiares. Empreendeu uma das fugas para ir ver a mãe que estava doente, mas não teve tempo de encontrá-la com vida.

No mergulho que deram em si mesmos, encontraram a família que haviam deixado para trás. Durante esse período de convivência, pude perceber o quanto se indispuseram com

a família e o quanto isso tem afetado suas vidas. A necessidade de amar, serem amados e principalmente, serem perdoados, parece ser uma constante em todos eles.

Rosenberg (1977, p.61) observa que:

> cada espécie de organismo requer do meio externo, para sua melhor evolução, provisões específicas e *contínuas*. No caso do ser humano, uma dependência marcante se estabelece em relação ao afeto, ao conforto, à avaliação, ao reconhecimento, etc., que outras pessoas possam lhe dar. (grifo do autor).

Todos eles perceberam a importância do relacionamento familiar que, anteriormente, foi simbolizado de maneira distorcida. Hoje, conseguem satisfazer a necessidade de serem amados e aceitos.

2 - PERCEPÇÃO DO OUTRO

Muitas vezes, a pessoa não percebe a própria transformação, mas se torna mais perceptível àqueles com os quais convive. É muito mais fácil perceber no outro que em si mesmo.

Rogers (1989, p.235) pontua que "a trágica condição da humanidade deve-se ao fato de que ela perdeu a confiança em suas próprias direções internas não conscientes", por isso, a maior facilidade na percepção do processo do outro. Pela percepção de alguns, os colegas passaram por mudanças significativas depois que iniciaram as atividades do Projeto.

Com relação ao processo de mudança, Rogers (1987) afirma que, quando a pessoa é capaz de enfrentar e aceitar suas reações de caráter defensivo, como fazendo parte de si, torna-se capaz de assumir papéis mais coerentes com a sua nova visão do self. Se a pessoa abandona parte de seus comportamentos defensivos enfrenta com maior clareza as dificuldades à sua volta. E essa nova maneira de ser e de agir não passa despercebida para aqueles com os quais convivem.

a* Percebi a mudança do outro

Urano: Eu comecei a perceber a mudança nos olhos dele!
Plutão: Eles estavam e vinham sempre com bom astral, não tinham depressão! Isso eu via muito neles!
Plutão: O Marte teve uma mudança considerável!
Plutão: O Urano se preocupa muito com todo mundo!
Plutão: O Netuno quer dar um rumo na vida dele e cuidar da mãe!
Netuno: Todo mundo sabe quem é quem ali! Só vocês que não!
Netuno: A falsidade me incomodava muuuito! Eu não agüentava não! Eu explodia na hora!
Urano: Hoje eu até tento me convencer de que cada um tem seu tempo para abrir de novo as portas e caminhar!

Mesmo antes de entrar para o Projeto, Urano observou que os colegas estavam passando por uma mudança. Percebia isso especialmente nos olhos deles. Ficava admirado de ver como estavam e como se portavam uns com os outros: riam, se abraçavam, conversavam. Plutão também fez essa mesma observação, da diferença, tanto no aspecto físico quanto emocional. Dava para perceber "*na cara deles que eles estavam, apesar de estarem ali, eles estavam diferentes da gente, sempre com bom astral e sem depressão*". Estavam sempre cantando e o "*Urano sempre com brincadeiras!*".

Mercúrio recorda que, no início das atividades, Marte era uma pessoa muito arredia que não gostava de proximidade. Numa das cenas do espetáculo, em que havia vários palhaços, Mercúrio precisava pegar na cintura de Marte e teve dificuldades, porque ele não aceitava. Marte ri quando se lembra do episódio e relata: "*Quando ele começou a se aproximar de mim por trás, daí eu dei uma cotovelada nele. Eu me lembro desse episódio até hoje. Não sai da cabeça!*". Mercúrio percebe a mudança ocorrida em Marte, pois "*hoje é um brincalhão, virou um brincalhão!*". Da mesma forma, Plutão afirma que, apesar de não ter

conhecido Marte anteriormente, as pessoas que conviveram com ele diziam que ocorreu uma mudança considerável, pois antes era uma pessoa muito violenta e, atualmente, abraça, brinca e é muito sincero.

Fazendo uma retrospectiva de outros colegas, Plutão percebe também que Urano "*era muito egocêntrico*" e se tornou uma pessoa que se preocupa com os outros e está sempre disponível para ajudar em qualquer situação. Quanto a Netuno, que foi seu companheiro de infância, vindo a se reencontrarem no presídio, também passou por mudanças consideráveis. Ele voltou várias vezes para o presídio, o que o impediu de ir para a condicional e alcançar a liberdade. Percebe que o amigo decidiu cumprir o restante da pena, pois quer dar um novo rumo para sua vida e cuidar da mãe.

Por sua vez, Netuno aponta o outro lado da moeda, dizendo que "*todo mundo sabe quem é quem ali! Só vocês que não!*". Observa que o comportamento de alguns colegas se modifica quando não estão nos debates e nem na presença dos voluntários do Projeto. Afirma que há muita representação de mudança, muita mentira sobre a "*transformação*" que não se processou: "*Aqui fora que a gente sabe quem é quem!*". Algumas pessoas querem demonstrar o que não são e isso o incomodava demais. Explodia na hora, mostrava a incongruência, acabando por se indispor com alguns. Atualmente, não se aborrece e não fica com raiva: "*quem quiser ser falso que seja, eu sei que faço a minha parte*". Passou a não dar mais importância às incoerências.

Urano também se incomoda com aqueles colegas que não se propuseram à mudança e estagnaram: "*é como uma cadeia, como se eles ficassem presos*". Por isso, tenta se convencer de que "*cada um tem seu tempo para abrir de novo as portas e caminhar!*". Algumas pessoas entraram antes dele no Projeto e não exploram o potencial que têm, continuam "*parado, lá, estagnado*", não conseguem nem procurar emprego, apesar de serem bons profissionais.

Percebo que são pessoas que não receberam acompanhamento mais de perto, ou talvez, não queiram ser ajudadas, pois não procuraram e nem buscaram ajuda, como fez Urano, ao perceber que ninguém queria expor suas peças. A porta estava sempre aberta para quem desejasse.

A percepção de si pode levar a pessoa a caminhar com os próprios pés, assumindo responsabilidades conscientes em relação aos seus atos. Esse movimento de crescimento é pontuado por Rogers (1991a, p.68) dizendo que a pessoa,

> Evolui para a fluidez, para a possibilidade de mudança, para o imediatismo dos sentimentos e da experiência, para a aceitação desses sentimentos e dessa experiência, para tentativas de construção, para a descoberta de um eu que se transforma numa experiência mutável, para a realidade e proximidade das relações, para uma unidade e integração do funcionamento.

Esse despertar permite ter um olhar diferenciado sobre os outros, percebendo nuances sutis de seu comportamento. No entendimento de Boal (1999), a mudança se processa porque "os atores devem ter uma expressão corporal que exprima com clareza as ideologias, o trabalho, a função social, a profissão, etc. dos seus personagens, através dos movimentos e gestos" e os personagens a serem representados eram eles mesmos, interpretavam seus próprios papéis. Com isso, remexiam profundamente em suas emoções e entravam em contato com suas dores, percebiam que os outros atores também tinham dores e vivências semelhantes às suas. As experiências vivenciadas a partir das técnicas teatrais provocaram uma modificação na percepção de si mesmos.

Como o corpo é a principal fonte de som e movimento, pode-se pensar que afinavam as cordas sonoras de seus corpos, deixando transparecer aos outros o aspecto harmonioso deles. Os desequilíbrios interiores sofreram uma transmutação quando puderam trabalhar seus conflitos no teatro e na terapia. Deixavam fluir o seu interior e transparecer pelos seus corpos:

nos olhos, na pele, no sorriso, no bom humor, na alegria. Este estado de bem estar é contagiante e afeta todos que estão à volta, conseguindo passar para os colegas de presídio que havia uma outra possibilidade de se viver, mesmo estando presos.

Lembra Kübler-Ross (1998) no seu trabalho vivencial dentro de um presídio que, mesmo estando presos, conseguiram ficar melhores consigo mesmos e, assim, suportar melhor as adversidades. Assim como Boal (2000) que se descobriu livre quando cerceado em sua liberdade.

3 – DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA

As águas turvas da inquietação e do sofrimento absorveram os modos de se posicionar diante da vida que os levaram ao desencontro consigo mesmos. Realizando um mergulho em suas dores, apresentaram modificação na percepção de si, das pessoas e do mundo. Passaram de uma postura desadaptada, para atitudes mais arraigadas, que os levaram a uma maior aceitação de si, a uma menor rigidez de suas percepções, ao que Rogers (1977a) denominou de liberdade experiencial. Esse processo é muito pessoal, pois cada um sente e age de forma diferente.

Estar ciente de si, de suas atitudes e das suas conseqüências para aqueles que estão em volta, possibilita o acesso às simbolizações corretas da realidade. Para Gobbi e Missel (2002), a consciência engloba tudo que a pessoa percebe em seu momento atual, além das experiências pessoais ou periféricas que entraram no campo da sua percepção. Rogers (1977a) utiliza os termos representação, simbolização e consciência como sinônimos intercambiáveis. A consciência de si é uma mensageira de harmonia e de prazer, simbolizando corretamente as experiências que a pessoa possa ter. Tudo aquilo que estiver acessível ou disponível na consciência pode ser simbolizado de uma maneira que conduza ao crescimento.

a* Resgatei a mim mesmo

Saturno: Tudo eu fiz consciente na vida. Mas, eu não tinha esse grau de parar para refletir e de não fazer, de voltar atrás! Eu ignorava esse grau de consciência!

Urano: Começo a analisar e eu vejo o tanto que eu cresci!

Netuno: Eu acordei para sair da vida errada!

Netuno: Eu sou realista do que eu seria capaz de estar fazendo e onde eu poderia estar.

Júpiter: Se eu não tivesse consciência eu não sentia gratidão por esse trabalho.

Júpiter: Respeito é responsabilidade de uma pena que você está cumprindo! Hoje eu sou consciente da cadeia que eu tenho que pagar!

Mercúrio: Botei consciência na cabeça e dei um pouco de sossego para minha mãe.

Saturno falou que sempre fez tudo consciente na vida só não tinha o grau de consciência de parar, refletir e voltar atrás na sua impetuosidade. Por mais que percebesse que não devia tomar determinada atitude, "*ignorava esse grau de consciência*" e não recuava. Hoje, quando se lembra das pessoas que o insultaram e que estão mortas, pára, reflete e percebe que não precisa ser assim, um valentão: "*é uma conversa muito interna que eu tenho comigo, com essa consciência!*".

Especialmente quando entra em crise, Urano gosta de parar e refletir à noite e percebeu o quanto cresceu e se desenvolveu. Investiu em si mesmo por meio dos cursos e do acompanhamento psicológico. Por seu lado, Netuno se conscientizou das coisas erradas que praticava, por isso resolveu se afastar do mundo do crime. Entretanto, afirma que é muito realista quanto ao que é capaz de fazer e de onde poderia estar. Por isso, procura ser consciente de si mesmo para poder enfrentar as tentações de voltar ao mundo do crime.

Júpiter resgatou valores que acreditava estarem perdidos e um deles é a consciência de pagar a cadeia, mesmo que seja de oitenta anos. Percebe que a pessoa que pensa em fuga é

porque "*não tem consciência de que, se cometeu um erro, se foi condenado, tem que pagar!*". Está disposto a terminar o tempo que ainda falta. É provável que vá para a colônia penal em 2006. Estava muito satisfeito com essa probabilidade. Acredita que respeito "*é responsabilidade pela pena que você está cumprindo*" e não se pode pensar em fugir. Como aprendeu a ter responsabilidade, vai "*sair pela porta da frente*", como entrou, não pensa mais em fugir. Para Júpiter, foi muito gratificante participar desse Projeto, sentindo gratidão por isso.

Tanto a mãe de Mercúrio quanto a de Urano viviam preocupadas com o destino dos filhos. Esperavam angustiadas um telefonema dando notícias de que tinham sido mortos. Mercúrio, depois de idas e vindas da prisão, conscientizou-se do caminho a seguir e, a partir daí, permitiu que sua mãe ficasse mais tranqüila, aproximando-se mais dela. Saturno resolveu assumir um outro modo de vida, resgatar os laços familiares e aceitar o amor de sua mãe.

Os conflitos íntimos impulsionam a necessidade de mudança. Observando suas falas, parece que todos estavam manifestando um alto grau de incongruência com sua tendência à atualização, assumindo um papel confuso e dividido: sabiam que não podiam fazer e faziam. Não conheciam outro jeito de ser e de fazer e precisavam sentir-se valorizados.

Fazendo referências aos efeitos de um grupo sobre a pessoa, Wood (1985) enfatiza que "ser integrante de um grupo, pode alterar a consciência individual e resultar em condutas tanto destrutivas quanto construtivas"(p.05). Tanto de um lado (mundo do crime), quanto de outro (crescimento), foram influenciados pela postura do grupo. Quando se inseriram no mundo do crime, estavam em busca de poder, porque, naquele momento, eram essas as figuras que se apresentavam como significativas.

Em seus estudos, Zaluar (2005) descobriu que essa busca está relacionada "a um 'etos da hipermasculinidade', que leva alguns jovens do sexo masculino a se arriscarem no tráfico

de drogas em busca do reconhecimento por meio da imposição do medo". Pelos depoimentos, era exatamente o que sentiram: o reconhecimento, mesmo que fosse pelo medo.

b* Adquiri conhecimento sobre mim

Saturno: Agora eu sei o que é o arrependimento! Hoje há um conhecimento, há um outro estágio da vida!

Saturno: Eu estou muito aberto a essas mudanças.

Urano: O que me levava a pensar que eu não merecia, era essa falsa humildade que eu tinha.

Saturno não se arrepende daquilo que fez, por ser uma interpretação distorcida de si mesmo, mas com a ampliação do self, se voltar a praticar os mesmos atos, isto teria um outro valor, outro significado. Atualmente, se arrepende de pequenas coisas que fez de errado, conseguindo perceber a diferença entre um ato e outro, porque hoje "*há um conhecimento, há um outro estágio da vida!*". Hoje, sentiria culpa se cometesse algum erro, pois está "*muito mais aberto a essas mudanças, a essas percepções*", o que faz a diferença entre o passado e o presente.

Urano achava que não merecia o que de bom pudesse estar acontecendo com ele. Percebeu que era uma falsa humildade do "*será que eu mereço?*" e que acabava se prejudicando, pois não aproveitava o que recebia. Deixava passar as oportunidades. Superou-se de um modo que consegue aceitar os acontecimentos e acredita que se "*está vindo para mim, eu mereço e eu estou fazendo e aproveitando*".

O conhecimento de si é o ponto inicial para se processar qualquer mudança. A consciência de suas ações leva a pessoa a ponderar sobre suas tomadas de decisão e de acordo com Gondra (1975), a viver numa maior intimidade com suas experiências. Referindo-se à abertura à experiência, Rogers (1995c, p.79) pondera que a pessoa está livre de barreiras que a

impeçam do seu experienciar e "a disponibilidade à consciência é uma boa medida dessa ausência de barreiras". Podem experienciar dor ou medo, amor ou raiva e se conscientizarem desse sentir como parte integrante do seu self.

c* Trabalhei os meus preconceitos

Saturno: Procurei exercer mais esse lado feminino!

Netuno: Procuro não demonstrar, mas dói por dentro!

Mercúrio: Eu não me perdoei!

Urano: Hoje eu vendo a imagem de ex-presidiário! É uma coisa que deu certo: o ex-presidiário! As pessoas gostam de ouvir tristeza!

Saturno percebe o quanto tem de rigidez e de tensões pelo seu corpo. Para resolver essa questão, procurou exercer o seu lado mais doce, mais flexível e mais feminino. Começou com a postura de lótus, uma posição feminina usada quando vai praticar meditação. Percebe que melhorou sensivelmente em relação à sua vida.

Para Netuno, está sendo muito difícil superar o seu próprio preconceito em relação a ganhar pouco, não ter uma profissão bem remunerada e ainda ter que andar com a caixinha de motoboy para poder sobreviver. Quando passa perto de alguém conhecido, principalmente das pessoas relacionadas com o mundo do crime, fica envergonhado com a sua nova profissão. Percebe que o preconceito e a dor são seus, pois as pessoas significativas de sua vida "*me aceitam, aceitam o meu trabalho e até acham importante esse caminho*". Apesar dessa compreensão e aceitação, ainda está sendo muito difícil lidar com seu próprio preconceito.

Mercúrio ainda não conseguiu trabalhar o perdão de si mesmo por ter praticado crimes e ter prejudicado pessoas. Urano deu a volta por cima em relação ao seu preconceito e vergonha de ser um ex-presidiário: "*Para eu dizer que era ex-presidiário eu não conseguia. Hoje eu vendo essa imagem!*". Percebe que contar a sua trajetória interessa às pessoas e causa

admiração, tirando proveito da situação. Parece que quando o preconceito é superado, as portas das oportunidades se abrem.

Um dos maiores impedimentos ao crescimento, é a própria pessoa. Gobbi e Missel (2002, p.33) abordam o auto-conceito como "a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo e de suas atitudes, capacidades e qualidades, falhas, possibilidades, limitações, tendo como base os juízos de valor e avaliações no que diz respeito ao próprio comportamento". O auto-conceito está fortemente vinculado à consciência que têm de si mesmos como pessoas que ainda não conseguiram superar certos preconceitos. Estão tendo dificuldades em aceitar certos aspectos de si mesmos.

Acredito que esses preconceitos estão vinculados ao sentido de poder. Todos perderam o poder de mando e agora precisam encontrar novas maneiras de se posicionar no mundo. Somente o tempo e a reflexão podem ajudá-los nesse empreendimento de busca de superação de si mesmos. Os preconceitos são internos. Contra os preconceitos que pertencem aos outros, nada podem fazer, mas com relação a si mesmos, podem ter todo o poder de mudança.

d* Desperdicei muitas oportunidades

Netuno: Desperdicei muita oportunidade na minha vida! Nossa!

Saturno: Minha arma só me meteu em confusão.

Uma das dores de Netuno é perceber que deixou passar as oportunidades de crescimento profissional. Teve todas as chances e não aproveitou nenhuma, pois não conseguiu paciência para superar os obstáculos. Lamenta essa atitude, mas não se arrepende, pois não tem como julgar a si mesmo quando estava com apenas dezoito anos. Sofre mais ainda ao ver seus amigos da polícia bem graduados, oficiais e sargentos. Percebe o quanto

perdeu na vida pela sua falta de habilidade: "*eu achava que eu tinha capacidade de conseguir pelos meus méritos*". Com isso, deixou as chances passarem.

Netuno está muito sofrido por essa tomada de consciência em sua vida. Está necessitando de um acompanhamento mais de perto para não voltar a tomar as mesmas atitudes de anos atrás e que lhe trouxeram tantos sofrimentos. Se continuar como está, inquieto consigo mesmo, poderá perder novamente as oportunidades por não enxergá-las de modo adequado.

Saturno percebe que, com sua arma, perdeu família, filhos e esposa. Precisou se afastar de tudo e de todos e viver se escondendo, mentindo, com nomes e endereços falsos. A falta de conhecimentos de si mesmo e da vida propiciaram essa caminhada por lugares obscuros. Com as atividades que desenvolve, acredita que pode "*ter a consciência do crime e me livrar disso*", não mais retornando às atividades anteriores.

No entender de Rogers (1991a, p.165), nessa nova fase de suas vidas, têm realizado um "confronto com elementos da sua experiência, que no passado tinham sido negados à consciência como demasiado ameaçadores, demasiado traumatizantes para a estrutura do eu". Parece que ainda estão na fase de tomada de consciência para, posteriormente, passar a acolhê-las como parte integrante de si mesmos, superando o confronto e o conflito.

Ao vivenciarem a ampliação do self, podem se descobrir como passíveis de erros e acertos, constituindo passo decisivo em direção a si mesmos. Desejar melhorar é descortinar as próprias defesas e buscar um meio de superá-las. O encontro com as sombras interiores é um processo bastante doloroso, conforme puderam constatar.

e* Compreendi as dificuldades do outro

Marte: A gente começa a ver as dificuldades que a pessoa tem para pagar uma coisa!

Marte: Hoje eu penso isso. Que antes eu não pensava não!

Mercúrio: Que eu já fiz muito isso também!

Marte alega que era por falta de conhecimento que praticava os crimes. Acreditava que, para conseguir um bem, precisava ser rico, ter o dinheiro todo em mãos. Como era de família pobre, achava que nunca ia conseguir nada na vida. Quando passou a compreender que, mesmo sendo pobre, uma pessoa teria condições de adquirir bens como carro, moto, bicicleta, mas enfrentando muitas dificuldades para efetuar o pagamento, mudou seu modo de pensar e de agir. Antes não pensava e não percebia nada disso.

Mercúrio, citando essa mudança de Marte, lembrou que ele também praticava os mesmos atos com pessoas que, às vezes, levavam tempo economizando para adquirir um bem e aí outro chegar, levar e vender por um preço irrisório, "*na boca de fumo*". Chega a ficar com raiva de si mesmo porque "*eu já fiz muito isso também*".

No meu entender, uma das maiores conquistas que a pessoa pode alcançar é quando consegue chegar à compreensão dos outros. Rogers (1991a, p.154) lembra que,

> Intimamente ligada a esta abertura à experiência, tanto interior como exterior, dá-se de um modo geral uma abertura e uma aceitação das outras pessoas. À medida que o indivíduo se torna capaz de assumir a sua própria experiência, caminha em direção à aceitação da experiência dos outros.

Essa abertura em relação aos outros mudou o rumo da vida de cada um. Essa aprendizagem significativa proporcionou-lhes uma nova forma de ser e de se posicionar diante do outro, passaram a compreender que outros também têm suas dificuldades e seus desejos, à semelhança deles.

f* Quero manter minhas conquistas

Mercúrio: Tem duas coisas que eu tenho hoje e que eu não abro mão: a minha liberdade e a minha tranqüilidade.

Saturno: Não posso mais perder uma conquista!

Mercúrio sabe que, se voltar para a bandidagem, vai perder aquilo que conquistou: sua liberdade e sua tranqüilidade. Não quer abrir mão do que conseguiu superando suas dificuldades. Hoje, pode deitar e dormir tranqüilo, sem se preocupar se alguém vai até a sua casa para matá-lo ou prendê-lo: "*boto a minha cabeça no travesseiro e durmo e passo até da hora de vir trabalhar*".

Pode ir até a padaria comprar pão, ir ao supermercado fazer o "*rancho*", sair e passear com a família. Saturno também vê as suas conquistas, pois agora tem nome, endereço, telefone, emprego, amigos, família: "*passei a ser eu*". Faz o que gosta, convive com pessoas que o aceitam. Ambos não vivem mais "*corridos*" da polícia.

Para preservarem a atenção positiva de outras pessoas, como afirma Pagès (1976), passaram "por falsificar alguns valores de sua experiência e percebê-la apenas por meio do valor que outrem lhes atribui". Como principiaram a ser orientados pela estrutura de referência interna, a ser o *locus* da própria experiência, estão com medo de perder o que conquistaram com tanto esforço e tanta dor. Estão se esquecendo que é uma conquista pessoal recente e que precisam permanecer orientados pela abertura à sua experiência. Rogers (1977b, p.57) afirma que "quanto mais o homem deposita em si mesmo o *locus* de suas opções, mais apto e corajoso se torna para 'desmascarar' propostas sociais falsas ou desumanizadoras", conduzindo assim o seu destino. São donos de si mesmos e precisam internalizar esse fato.

Quando entraram em contato com seu modo de agir perante a realidade, sentiram-se ameaçados. Na visão de Rogers (1992, p.222) quando adentraram a estrutura de referência interna, entraram em contato com as "experiências das quais nunca fora consciente,

experiências que contradizem profundamente a percepção que tem de si mesmo – e isto de fato é ameaçador". Urano aponta que é "*porque você já está acostumado só com as coisas erradas*" e o novo trás o medo porque é desconhecido e ainda não se sabe lidar com aquilo que não se conhece. O que ocorreu com esse grupo pode estar relacionado com o que Wood (1985, p.17) pondera, sobre o efeito do grupo para a pessoa.

> Os grupos parecem ter sido sempre, e continuam a ser, capazes de prover os meios para a alteração da consciência humana no sentido da redução do **stress**, da facilitação da auto-realização, da tomada de decisões inteligentes, de servir a funções religiosas e sociais, de facilitar mudanças perceptuais e sociais e de guiar e instruir a comunidade a partir de fontes de conhecimento que transcendem a pessoa privada. (grifo do autor)

Esse efeito dos grupos pode ser percebido em suas histórias de vida. Foram influenciados pelo mundo do crime, mas puderam vislumbrar um outro modo de vida nas atividades propostas pelo Projeto Pontilhado. Tambara e Freire (1999) lembram que a força interna que conduz ao crescimento, integração e socialização está sempre presente mesmo quando a pessoa apresenta comportamentos destrutivos ou anti-sociais. Acionaram o que havia de melhor dentro de si mesmos e puderam vislumbrar suas próprias experiências, internalizando-as.

4 – DESENVOLVIMENTO DA AUTO-ESTIMA

O desenvolvimento da auto-estima (consideração positiva de si) é fundamental para o crescimento da pessoa. Para Rogers (1977a, p.177) "há consideração positiva incondicional de si quando o cliente se percebe de maneira tal que todas as experiências relativas a si mesmo são percebidas, sem exceção, como igualmente dignas de consideração positiva". Nesse caso, a pessoa assume o papel de pessoa-critério para si mesma.

O seu centro de referência passa a ser interno e assim busca-se o que é melhor para si, desenvolvendo uma atitude de valor pessoal. Justo (2000) aborda que é uma necessidade adquirida e se desenvolve paralelamente à necessidade de consideração positiva por parte dos outros, uma necessidade de estima social. Ao conquistar a auto-estima, há a intenção de fazer uma avaliação do próprio valor.

A ausência de um sentimento de auto-estima abre espaço para caminhos tortuosos, que podem conduzir a comportamentos desadaptados e à depressão. O caminho da violência fica mais próximo, desaparecendo os motivos que levam à vontade de viver. O carinho, o afeto, a convivência salutar e o contato físico são fundamentais para o desenvolvimento saudável de qualquer pessoa.

Acreditei ser importante mostrar a definição de auto-estima dada por um dos colaboradores da pesquisa,

> Auto-estima para mim é cuidar de mim e do outro! Hoje eu não consigo mais ver um copo descartável ali! Eu vou lá, pego e jogo no lixo! Isso para mim é auto-estima: você se abaixar, pegar o copo, pegar a "*bagana*" de cigarro do outro e jogar no lixo. Isso é auto-estima! Isso é um cuidado com o outro, é um cuidado com a cidade! É essa auto-estima! (Urano)

Lembra Boff (2003) quando aborda o saber cuidar de si, do outro e de todas as coisas do Universo. Desvendar a si mesmo, observando o seu experienciar pode levar à elevação da estima por si mesmo e pelos outros, podendo ser percebido pelos que estão próximos. O resgate da auto-estima foi vivenciado, por alguns, de modo significativo.

a* Resgatei minha auto-estima

Vênus: O pessoal aqui do presídio vão todos atrás de mim aí então eu mostro as fotos! As minhas fotos que nós tiramos lá em São Paulo e Ji-paraná estão tudo aí!

Netuno: Para mim, ter essa confiança é o resgate da auto-estima.

Urano: Hoje eu consigo um emprego! O que mudou? É essa auto-estima que eu consegui!

Vênus: Quando eu era aplaudido dava vontade até de chorar! Parecia que não era preso! Eu esquecia que era preso!

Urano: Auto-estima para mim é cuidar de mim e do outro!

Para Vênus, as fotos são comprovações de que está falando a verdade e que realmente esteve naqueles lugares com aquelas pessoas, mesmo sendo uma pessoa privada da liberdade. Apresenta a quem quiser o seu troféu de conquista de sua auto-estima. Essas viagens lhe fizeram muito bem, resgatando alguns dos valores que havia perdido dentro do presídio: a possibilidade de ser uma pessoa comum e posar ao lado de uma pessoa famosa. Com muito orgulho na voz, afirma que mostra as fotos e pergunta: "*Quem é esse ator aqui que está junto de nós, lá no Aeroporto de Brasília? É o Arnaud Rodrigues*[54]*! E quem é esse aqui? Sou eu!*". Somente assim é que os colegas de prisão acreditam nele.

Para Netuno, a conquista de um emprego significou a confiança dos outros na sua capacidade, percebendo que "*nem tudo está acabado, apesar de tanto tempo*" que passou na prisão. Essa oportunidade possibilitou o resgate de sua auto-estima juntamente com o apoio incondicional da família. Urano foi em busca de cursos para aprimorar seus conhecimentos à respeito da nova profissão e isso também contribuiu para o seu desembaraço diante das pessoas, até mesmo para procurar emprego: "*É muito fácil eu conseguir emprego hoje! Hoje é como se tudo estivesse a meu favor! Hoje eu consigo!*".

---

[54] Artista, compositor, cantor e, na época, Secretário Estadual da Cultura no Estado do Tocantins.

Anteriormente, ele tinha vergonha de ser um ex-presidiário. Quase saia correndo quando as pessoas descobriam que havia passado pela prisão. A sua certeza de que atualmente tudo está a seu favor centra-se na conquista da sua auto-estima: "*Mas para eu reverter esse jogo, foi preciso todo esse jogo psicológico de Bizarrus, de exercícios de chão*[55]*, de buscar essa oportunidade que teve comigo!*". Ele aproveitou as oportunidades que surgiram para o seu crescimento.

A prisão tem mexido muito com a consideração que Vênus tem por si mesmo: "*Eles iam lá e aplaudiam a gente como se fosse um... qualquer pessoa!*". Por isso, sentia vontade de chorar quando era aplaudido, o que não fazia há mais de trinta anos, quando o pai morreu. Fazia um esforço para não chorar, mas "*a lágrima queria correr, um pouco assim... tive que me segurar*". Emocionou-se bastante.

Urano ampliou a sua visão do mundo e os cuidados que se deve ter com o planeta azul. A auto-estima que conseguiu resgatar foi fundamental para o seu crescimento pessoal e profissional, incluindo a humildade de se abaixar para pegar o que se joga no chão.

A necessidade de estima, de aprovação, de ser visto, de ser olhado e considerado positivamente faz parte do desenvolvimento sadio da pessoa. Pagès (1976) afirma que, quando uma pessoa, para preservar a atenção positiva de uma outra, falsifica alguns valores de sua própria experiência, para passar a percebê-lo pelo olhar do outro e do valor que esse outro lhe atribui, deixando de ser fiel a si mesmo, não observando o seu processo organísmico de valorização da própria experiência. Por isso, necessita da aprovação constante dos outros.

Os aplausos significaram aprovação, carinho e afeto pelo que estavam realizando. Esse gesto de carinho por parte da platéia trouxe a cada um deles a paz interior de que tanto necessitavam e o resgate da auto-estima. De acordo com Hycner (1995), houve um

[55] Grounding.

"esvaziamento psicológico", pois, pelo menos naquele instante, a platéia despiu-se de seus conceitos e pré-conceitos a respeito de presos. Roncalli (2000, p.36) afirma que

> A pessoa presa é sempre desconfiada, solitária, individual e é na representação da fantasia ou da realidade que se dá a transformação desse ser. Como? No exercício coletivo, no tocar, abraçar, falar, na convivência em grupo. É o cenário ideal para reflexão, para elevação da auto-estima e porque não afirmar da mudança, muitas vezes retratada na própria experiência de vida ou na representação do ato criminoso cometido.

A partir desta experiência, acredito que perceberam que poderiam ser capazes de realizar um trabalho de qualidade, muito além do mundo do crime. Naqueles momentos, sentiram a aceitação incondicional da platéia e isso foi fundamental para resgatarem a si mesmos. Talvez, aquelas pessoas que assistiram ao espetáculo não têm noção do quanto fizeram naquele simples gesto de aplaudir e de pé. Sentiram-se muito valorizados.

O desenvolvimento da consideração positiva de si, na qual experimentam as experiências relativas ao self, orientados pelo centro de referência interno, é um processo mais demorado e elaborado. Iniciou-se com a participação no espetáculo e cada qual desenvolveu esta experiência a seu modo e a seu tempo. Alguns conseguiram desenvolver a atitude positiva, em relação a si mesmos, não dependendo mais da aprovação dos outros. Segundo Rogers (1977a), eles mesmos desempenham o papel de pessoa-critério. Venceram as próprias dificuldades, não necessitando mais da aprovação dos outros para se sentirem bem, embora o reconhecimento ainda seja importante para o fortalecimento da auto-estima.

É pela afeição e pelo cuidado consigo que se pode expandir o self, abrindo as asas para vôos mais altos, no infinito de si mesmo.

5 - SENTIMENTOS VIVENCIADOS

A liberdade experiencial refere-se essencialmente à experiência vivida, aos fenômenos internos. É necessário ter liberdade para reconhecer e elaborar suas experiências e seus sentimentos, não necessitando negar ou deformar o campo perceptual, as opiniões e atitudes íntimas, em função de manter a afeição e o afeto das pessoas que representam um papel importante em sua auto-estima. Para Wood (1986), a compreensão, o interesse, a aceitação e o encorajamento são atitudes que curam. Quando a pessoa não é suprida em suas necessidades, pode se enveredar por caminhos tortuosos.

Rogers (1977a, p.163) observa que os termos sentimento e experimentar um sentimento designam "a **significação pessoal** de experiências com um acento afetivo ou emocional. A noção de sentimento abrange pois ao mesmo tempo a experiência afetiva e a significação cognitiva desta experiência, tal como é experimentada no seu contexto vivido, imediato". (grifo do autor). Os participantes experimentaram um sentimento muito forte de vergonha e um deles vivenciou profundamente a polaridade da esperança e desesperança. O anseio pela liberdade daqueles que ainda estão presos ficou mais acentuado.

a* Senti vergonha de mim mesmo

Plutão: Eu quis fazer teatro para poder sair dali de dentro! E a minha vontade foi tanta que a vergonha ficou de lado!

Plutão: Eu ficava calado! Era vergonha de ser preso**!**

Plutão: Quando eu vi que tinha gente conhecida eu fugi! Eu saí! Eu saí!

Mercúrio: Eu sinto vergonha de um dia ter passado por onde eu passei!

No seu desespero Plutão, queria sair de dentro do presídio nem que fosse por algumas horas e o meio que encontrou, que não fosse a fuga, foi a participação no Projeto. O seu desejo era tanto que "*a minha vergonha ficou de lado*". Entretanto, quando iniciou as

atividades continuou quieto e calado, ainda com vergonha de ser presidiário, especialmente no início. Muitas vezes, sentia vontade de falar e de participar, mas se omitia e acredita que "*talvez fosse por vergonha de me expor*". Somente na última retomada do Projeto, em 2004, que conseguiu estar mais solto, livre e falante. Uma das suas experiências mais marcantes durante sua participação foi a apresentação para os formandos da Polícia Militar na qual havia muitos dos seus ex-alunos. Nesse dia, havia mudado o texto de sua fala que, até então, era de um outro participante, apresentado parte de sua história, falando que tinha sido um policial. Naquele momento, Plutão sentiu mais do que nunca a dor de estar naquelas condições: preso por homicídio. A experiência foi mais forte quando, ao término do espetáculo, participou dos debates e, ao enxergar a platéia, relatou com profunda dor na voz: "*Eu estava mal! Eu estava ruim! Meio zonzo! Eu estava ruim!*". Então, fugiu daquele ambiente e demorou para se recuperar.

Mercúrio, ao se lembrar do seu passado, relata "*vergonha de um dia ter passado por onde eu passei!*". É uma postura muito parecida com a de Plutão: sempre quieto e calado, numa postura de quem realmente está envergonhado e não consegue nem falar. Encontrava-se numa fase de muita dor por perceber que tomou, desnecessariamente, caminhos tortuosos em sua vida: "*se quando eu nasci, trabalhasse e nunca tivesse feito nada errado, talvez hoje eu não estivesse aqui*". É a dor da percepção da realidade, a tomada de consciência. Mas esse é o caminho para o crescimento e como eles próprios disseram: é doloroso.

Plutão traz consigo o peso de ter sido um modelo para as crianças, adolescentes e adultos que praticavam esportes. Era uma pessoa admirada e tida como responsável e de repente se vê preso por delitos que não praticou. Dói muito ter sido preso e principalmente "*por uma coisa muito ruim*" que é o homicídio. De caçador, passou a ser o caçado e este fato mexeu profundamente na sua alma. Apresenta uma dor imensa que se exteriorizou como vergonha.

Vergonha: sentimento ou consciência da própria honra, dignidade, honestidade, Houaisss (2001) traduz bem o sentimento apresentado pelos colaboradores. A cobrança maior é deles mesmos, com relação ao que fizeram e por estarem na situação de presidiário. A consideração positiva de si ficou profundamente abalada quando encararam esta nova realidade. As experiências que vivenciavam estavam sendo percebidas como indignas de consideração positiva. Plutão sentiu-se ferido em sua dignidade, sua honra. A imagem de si mesmo foi esquadrinhada no momento que foi preso. Mercúrio sente-se da mesma forma. Vidas diferentes, caminhos opostos, mas o mesmo sentimento perante si mesmo. Justo (2000, p.59) enfatiza que

> À necessidade de consideração positiva dos outros acrescenta-se a necessidade de *consideração positiva de si mesmo*. É sentimento de consideração percebido com relação a certas experiências do self, independente da avaliação de outras pessoas. Vem a ser a necessidade adquirida, estreitamente relacionada com a exigência de apreciação da parte dos outros. Caso chegar a perceber todas as suas experiências como dignas de apreço, terá a pessoa *consideração positiva incondicional de si*. (grifo do autor)

Demonstram uma consideração positiva quase nula. A percepção de suas experiências está em desarmonia com a consciência que tem dela. Necessitam reavaliar o processo de desvalorização do self a que estão se impondo. Kinget (1977, p.65) afirma que

> ... o simples fato de se dar conta da presença, em si mesmo, de pensamentos e sentimentos proibidos, é tão penoso e humilhante, como a condenação por parte dos demais. O indivíduo se sente envergonhado e culpado; isto é, sua auto-estima baixa. E esta desvalorização da imagem do eu está diretamente oposta à tendência atualizante, a qual visa a conservação e a revalorização desta imagem.

A desvalorização da imagem de Plutão está transparente em sua postura corporal bem como a de Mercúrio. Eles não estão conseguindo a simbolização correta da experiência.

Necessitam refletir mais sobre essas vivências para que possam dar vazão ao curso natural da vida que é a tendência atualizante. Estão sofrendo muito; por isso, principalmente, por ficarem calados e não compartilharem suas dores. Sofrem porque deixaram a apreciação de si mesmos às pessoas-critério que realizam uma avaliação condicional deles. Nesse momento, o sistema de avaliação de si mesmos ainda é externa.

b* Tenho esperanças de melhorar minha vida

Netuno: Confio muito na lei da recíproca: você vai dar e você vai receber na mesma medida!

Netuno: O mundo está aberto para mim! Não vou me desesperar agora!

Netuno: A hora que terminar de cumprir essa pena tudo vai melhorar na minha vida!

A esperança se faz presente na vida de Netuno, que perdeu todas as oportunidades que a vida lhe deu quando se envolveu com o mundo do crime. A lei da recíproca "*você vai dar e você vai receber na mesma medida*" permeia seu pensamento e leva-o a acreditar que também vai ter outras oportunidades em sua vida, que vão aparecer pessoas para ajudá-lo, da mesma forma como ele ajuda a muitos. Percebe que o mundo se encontra aberto para si e por isso mesmo não vai se desesperar nesse momento. Acredita em seu potencial, pois tem muita facilidade para aprender. Tem consciência de que as oportunidades não serão as mesmas que perdeu, mas vão surgir outras e está atento para não deixá-las passar, por isso pretende retomar seus estudos para facilitar a sua concorrência com outras pessoas que não foram presas. Acredita que, assim que terminar de cumprir o restante da pena, as portas vão se abrir e "*Tudo vai melhorar na vida! As coisas vão começar a aparecer! Vão começar a surgir!*". Parece que nesse momento está muito pesado para Netuno entrar em contato com parcelas de sua história de vida, nas quais fez opção pela estrutura de avaliação externa.

Ao que demonstra, Netuno está se permitindo avançar na presentificação de sua dor. Seus sentimentos estão sendo expressos como se estivessem sendo vivenciados no aqui agora. Não tem como jogar ao outro a responsabilidade pelos acontecimentos de sua vida. As informações de Netuno jorraram com tamanha dor que me atingiram: senti-me sufocada na dor, como ele.

c* Desesperança que tenho

Netuno: As pessoas não vão nem medir o meu preparo! Pela minha condição de presidiário!

Netuno: Eu só queria uma oportunidade, que eu vou provar para mim e refletir ao meu redor, de que eu mudei!

Há uma forte ambigüidade: de um lado, a forte esperança e, por outro lado, Netuno apresenta um gemido, um lamento por aquele Netuno que deixou as oportunidades escorregarem entre seus dedos. Deixa transparecer uma profunda desesperança. Acredita que, hoje, as suas chances são pequenas para concorrer no mercado de trabalho, que terá que enfrentar muitas dificuldades, pois, por ser um ex-presidiário, as pessoas não irão medir o seu preparo, mas julgá-lo por esse período obscuro de sua vida. O fato de "*ser um condenado*" é um empecilho muito grande para as suas conquistas e, segundo Netuno, só quem poderá oferecer oportunidades são as pessoas que conhecem e convivem com a situação do presidiário, "*senão... pode esquecer!*". As pessoas não confiam em quem já passou pela prisão, pois "*foram dadas as oportunidades e as pessoas decepcionaram, erraram*" e, com isso, acabam generalizando, acreditando que todos os presidiários são incapazes de mudar. Netuno só quer uma oportunidade para provar para si e para os outros que mudou. Enquanto quiser provar para o outro, estará se utilizando de uma estrutura de referência externa.

Netuno está desesperançado diante do mundo e precisa de um acompanhamento mais de perto para poder superar essa fase de tomada de consciência para dar prosseguimento à sua vida com equilíbrio e tranqüilidade. Caso contrário, poderá optar por caminhos mais rápidos para alcançar seus objetivos. Está muito desamparado em sua dor, vivenciando uma solidão profunda, apesar de tantos amigos, que conhecem apenas aquele homem que nunca demonstrou estar arrasado. Com quem vai compartilhar a sua dor, se precisa manter essa imagem?

Para Rogers (1977a), parece que está existindo um desacordo entre o self e a experiência. Esse estado de discordância interna ou incongruente está afetando a percepção de Netuno e ocasionando um estado de profunda desesperança. Está em sofrimento antecipando uma situação que poderá não ocorrer e, se ocorrer, precisa estar tranqüilo para encontrar novos caminhos.

Se tiver dificuldades para superar essa fase, possivelmente o que tanto teme poderá ocorrer, pois poderá desistir de suas conquistas, na primeira barreira, e passará a culpar os outros por sua falta de sorte. Ele tem que provar primeiramente a si próprio que mudou. Essa queixa é muito parecida com a que usou durante suas tentativas para ser promovido no trabalho. Lembro da experiência de Urano quando o preconceito por ser ex-presidiário estava atrapalhando a sua procura de emprego. Após a superação de si mesmo, desse estado de desajustamento psíquico, Urano passou a usar a sua história em favor de si para poder vender seus produtos.

d* A liberdade esperada

Júpiter: Talvez uma das maiores glórias foi ver que muitos colegas meus já saíram!

Plutão: Eu quero sair daqui por onde eu entrei, ali!

Tanto Júpiter quanto Plutão acolhem a liberdade com muita esperança pela sua proximidade. Apesar de se encontrar preso, Júpiter fica muito satisfeito vendo os colegas que já conseguiram cumprir sua pena. A liberdade é o seu maior desejo: "*Não recebi essa glória maior, mas só do colega receber uma glória dessa, para mim é importante!*". Especialmente agora, que constituiu família, sente mais necessidade de estar do lado de fora dos muros para dar encaminhamento à sua vida. Desde que resolveu "*sair por onde entrou*", e não fugir mais, o peso do tempo que ainda tem que cumprir parece angustiá-lo muito. Muitas vezes, entra em crise, querendo desistir, mas, depois, retoma o desejo de cumprimento da pena.

Plutão afirma categoricamente que ele é inocente, mas que nunca vai "*contar essa verdade*" até mesmo porque sua filha está crescendo e ele precisa "*segurar isso aí*". Nas viagens junto com o Projeto, teve oportunidade para fugir, mas pretende "*sair daqui por onde eu entrei*" e provar que é inocente.

Parece que surgiu para eles a real liberdade de ser, aquela que não pode ser cerceada por imposições religiosas, políticas, sociais, porque é de natureza interior. Nem mesmo a pena de oitenta anos de Júpiter consegue impedir que ele sonhe e queira sobreviver para concretizá-la. O mesmo ocorre com Plutão quando sonha em voltar para casa e dar real valor às pessoas que ama. Sonham sempre! É a única arma de que dispõem para sobreviverem num mundo no qual até sonhar parece impossível. Assim como Boal (2000), que se sentia um ser alado: o seu pensamento voava, atravessava as paredes e atingia o infinito e Frei Betto (2003) quando afirma que a maior inimiga do preso é a imaginação, quando ele não sabe fazer uso dela.

Todos os participantes do Projeto determinaram a si mesmos que iam pagar a cadeia integralmente e sair por onde entraram. Essa postura foi fundamental para que as atividades do Projeto viessem a ser apenas aquelas que facilitam o caminho, para que pudessem traçar novos projetos de vida. Se fugissem em busca da liberdade continuariam presos... no medo.

Júpiter e Plutão estão passando por conflitos internos que abalam a estrutura do self impedindo a sua expansão. Rogers (1987, p.51) sugere que a pessoa, para superar seus conflitos, necessita reorientar-se buscando reorganizar suas atitudes baseadas em novos modelos. Desta forma, serão capazes de enfrentar novas situações que surgirem, adaptando-se às circunstâncias "... podendo encontrar satisfações mais saudáveis sob uma forma socialmente aceita", tanto para si quanto para os outros. Estão num emaranhado de sentimentos que os envolvem e impedem que possam vislumbrar uma nova forma de ser e de agir aliviando suas dores. Somente eles mesmos podem dar novo rumo e um novo direcionamento às suas vidas, aproveitando o que aprenderam, alçando vôos ao encontro de si mesmos.

6 - AUTOCONHECIMENTO

O conhecimento de si mesmo é uma das conquistas mais gratificantes para qualquer pessoa que se disponha a embrenhar-se no seu mundo íntimo. O direcionamento de nossas vidas está sempre vinculado à percepção que temos do mundo e das pessoas que nos rodeiam.

Na possibilidade de encenar parcelas de suas vidas, os participantes puderam entrar em contato com suas dificuldades, verificar onde estavam situados os grandes nós que impediam o crescimento, e aqueles que se dispuseram, puderam refletir sobre os seus posicionamentos diante da própria vida. Naquele momento, ver-se como expectador de si mesmo, percebendo que representava um papel e que é sempre o ator de seu próprio destino,

ver-se a si mesmo e ao outro na representação de um papel semelhante ao seu, toca a ferida da alma.

E, quando se escancara a ferida, dificilmente se pode ignorá-la: ou se procura a cura ou voltam a trilhar novamente os caminhos tortuosos. No desejo de mudança, alguns conseguiram ir mais a fundo e buscaram a cura da criança ferida. Mérito somente deles mesmos que se dispuseram a conhecer a si mesmo.

a* Importante é se conhecer

Mercúrio: Acho que é muito trabalho! Muito Reiki! Massoterapia!

Saturno: Eu entrei numa linha de terapia com muita vontade.

Mercúrio não tem muita certeza dos motivos que o levaram a se conhecer mais, a "*ser essa pessoa diferente, de falar mais, de abraçar mais!*". Credita à massoterapia (massagem ayurvédica[56]) e ao Reiki[57] as mudanças processadas. Fez o curso de massoterapia em que todos ficavam só de roupas íntimas e precisou colocar seus preconceitos e vergonha de lado: ou saía do curso ou enfrentava a situação. Outro desafio, como a decisão que teve de tomar quando entrou para o Projeto. Permaneceu no curso e conheceu a satisfação do tocar e ser tocado: "*E é só toque! Quinze dias! É! Isso é estranho!*". Não teve como fugir de si mesmo e descobriu os benefícios de ser tocado pelo outro: "*Era todo mundo embolado! Um por cima do outro! Todo mundo encostado!*". Descobriu o outro lado do toque: sem malícia e sem segundas ou terceiras intenções. Passou a abraçar as pessoas e receber abraços sem constrangimento.

Saturno participou de várias atividades que o ajudavam a ser uma pessoa com domínio de si mesma: Massoterapia, Tai-Chi-Chuan, Yoga, Alongamentos, Reiki, Biodança,

---

[56] Ayurvédica: técnica de massagem para o corpo, que busca o benefício físico, mental e energético.
[57] Reiki: técnica de imposição de mãos que trabalha o reequilíbrio energético dos chackras.

Eneagrama[58] I e II, Dramaturgia gestáltica, Psicoterapia, SAT[59] I, II, III, IV e V. Mergulhou em busca de si mesmo: "*São momentos quase que inexplicáveis essa busca interna*". Descobriu o prazer de desvelar-se para si mesmo, apesar de não ser fácil olhar para si e tirar as máscaras com as quais se enganou durante todos esses anos. Ao realizar os trabalhos de busca de si, percebe que se sente muito diferente: "*Leve! Flexível! Amoroso! Tolerante! Carinhoso! Doce! Me sinto e me vejo outra pessoa*". Como percebeu que pode viver de um outro modo, tem envidado esforços para trilhar novos caminhos. Necessita de apoio e acompanhamento nessa nova caminhada.

A importância do contato corporal é enfatizada por Moreno (1984) especialmente no início das atividades psicodramáticas. Para ele, na intervenção corporal, a pessoa assume compromisso com o que está realizando, além de uma melhor comunicação com aqueles que estão em volta. Esse recurso também é utilizado por Boal (1999) com a técnica do teatro do oprimido. E no curso de massagem ayurvédica, ministrado por Bodhigita (2003, p.3) é essencial e fundamental o tocar e ser tocado, sendo um trabalho essencialmente terapêutico e que "... traz benefícios em todos os níveis – físico, mental e energético". O conhecimento que o contato corporal proporciona vai além do próprio corpo. A pessoa percebe a si mesma e entra em contato suas defesas conscientes e inconscientes. Os outros trabalhos terapêuticos proporcionam, cada um a seu modo, o contato da pessoa com ela mesma, facilitando a busca sua interna.

Observei que aqueles que ficaram mais próximos do Luiz, trabalhando no Sest/Senat, conseguiram se aprofundar mais em busca de si mesmos. Rogers (1977a) diria que eles experimentam um sentimento de consideração positiva incondicional por Luiz que se transformou numa pessoa significativa para Mercúrio e Saturno. Como o Luiz é uma pessoa

---

[58] Eneagrama: "antigo sistema de desenvolvimento humano, que descreve os nove diferentes tipos de personalidade e suas inter-relações". Palmer (2000, p.23).
[59] SAT- Seekers After Truth (Buscadores da Verdade), workshop de uma semana em Brasília/DF.

que está sempre em busca de si mesmo, pode ter se transformado numa pessoa que facilita o crescimento dos outros, quando se dispõem para isto. Outros não se mobilizaram para essa busca interna, permanecendo estagnados, na mesmice de si mesmos.

b* Se conhecer é dolorido

Plutão: Mas, o auto-conhecimento em parte é dolorido.
Saturno: Fico mais sensível comigo e até mesmo com o outro.
Plutão: Parecia que eu ia ver pela primeira vez a minha história!
Urano: O meu crescimento foi a partir do momento que eu assumi meu erro!

Plutão passou pela experiência do auto-conhecimento e percebeu o quanto é dolorido desvelar-se para si mesmo e conhecer seus pontos fracos: "*você se imaginava que era forte, sentimentalmente falando*". Percebeu o quanto enganava a si mesmo mostrando ser uma pessoa desprovida de sentimentos. Atribui ao teatro essa sua nova percepção de suas experiências, o poder demonstrar seus sentimentos sem perder a si mesmo.

Para Saturno, foi muito dolorido encarar a si mesmo e se deparar com o seu lado obscuro. Apesar da dor, tem aprendido a lidar melhor consigo e com os outros: "*fico mais sensível comigo e até mesmo com o outro*". Tem se esforçado para manter suas conquistas. Ao encarar a si mesmo e à sua história, Plutão sentiu o quanto era dolorido: "*Parecia que eu ia ver pela primeira vez a minha história!*". E realmente pôde se olhar de frente e ver a ferida profunda de sua alma e o quanto estava fugindo desse perceber-se. Ainda está muito abalado com a sua prisão.

Urano só pôde crescer como pessoa quando passou a assumir o seu erro. Percebeu o quanto é dolorido olhar para as chagas que o consumiam internamente, mas o quanto é salutar curar as feridas. Não foi nada fácil assumir que estava errado e que trilhou caminhos tortuosos que não o levaram a lugar algum, somente à prisão e a um distanciamento de si mesmo.

Quando a pessoa começa a explorar o seu campo perceptual e percebe que simbolizou de modo distorcido as suas experiências, ele inicia o que Rogers (1992) denomina de a "dolorosa des- e re-organização" do self. Inicia então um lento e gradual processo de busca interna, bastante difícil porque precisa admitir à consciência partes de si que foram simbolizadas de modo distorcido.

Rosemberg (1977, p.65) lembra que

> o delicado ponto de equilíbrio entre facilitar novas percepções e evitar o sentimento de ameaça à estrutura do eu parece ser um fator crítico no andamento de processos terapêuticos. (...) Um "rearranjo" perceptual, por ínfimo que seja, encerra imenso potencial desencadeador. Mostra ao indivíduo que pode alterar sua visão de mundo sem os efeitos catastróficos que muitas vezes previa.

Apesar de o medo do novo ser desafiador e muito dolorido para o crescimento, quando a pessoa se imbui de ir em busca de si, percebe que as mudanças são menos assustadoras que parecem. Após a descoberta de si, expande-se rumo ao próximo, experienciando o companheirismo, a colaboração, o relacionamento interpessoal saudável. Adquiri a sabedoria da convivência.

Boff (2003, p.147) pontua que "cuidar de nossa saúde significa manter nossa visão integral, buscando um equilíbrio sempre por construir entre o corpo, a mente e o espírito e convocar o médico (corpo), o terapeuta (mente) e o sacerdote (o espírito) para trabalharem juntos visando a totalidade do ser". Os colaboradores têm procurado trabalhar com essa tríade mesmo sem estarem vinculados a uma religião. Hycner (1995, p.88) pontua que, a partir desse equilíbrio entre a mente, o corpo e a espiritualidade, a cura acontece porque a pessoa parte em busca de sua essência sagrada, pois "quando entramos em contato com o sagrado, tornamo-nos *aware* da terrível realidade de que somos todos, de fato, mais parecidos do que

diferentes". A descoberta do sagrado é o encontro com o sentido da vida de Frankl(2001). Rosemberg (1977, p.58) corrobora esse pensar quando postula que,

> O homem tem dado provas, muitas vezes dramáticas, de que para sobreviver em sua essência humana depende de metas que o ultrapassem. Sua vida precisa de um *significado* que o transcenda. A fé religiosa, o amor a outras pessoas, a crença no valor humano e o sentido missionário de uma causa têm representado alguns desses possíveis significados que o homem encontra para viver a sua vida e lutar por ela.

A transcendência tem feito parte daqueles que se predispuseram à busca da essência sagrada. Não é uma ligação à religião, mas à própria espiritualidade, ao transcendente, à natureza e ao Universo. Os colaboradores estão se sentindo melhor com essa busca interna. A dimensão espiritual refere-se, de acordo com Hycner (1995, p.81) à "... crença ou experiência de que não somos seres isolados. Ao contrário, somos parte de uma totalidade maior da existência e estamos inseparavelmente conectados uns com os outros". Rogers (1983b, 1987), em seus últimos escritos, corrobora essa idéia.

Com relação ao processo de crescimento, Rogers (1987) observa que esta compreensão é alcançada devagar, passo a passo, na proporção que a pessoa desenvolve uma força psíquica suficiente para suportar as dores de ver-se a si mesmo, sem máscaras, diante de novas percepções. Parece que essa atitude tem sido constante entre os colaboradores, conforme buscam a si mesmos, anseiam por novas descobertas, cada qual no seu tempo e na sua hora.

7 - IMPORTÂNCIA DO APOIO

O apoio das pessoas se apresentou como essencial para que pudessem mobilizar suas forças em prol de si mesmos. A confiança na capacidade de mudarem de vida e o suporte nos momentos difíceis são condições facilitadoras de crescimento. Falando das concretizações do cuidado, Boff (2003) parte do cuidado do nosso planeta até chegar ao cuidado com a nossa grande travessia, que é a morte. Na metade desse caminho, ele aborda o cuidado com os excluídos, afirmando que as atitudes assistencialistas e paternalistas não resolvem o problema.

Kinget (1977) pontua que os meios empregados para tranqüilizar, reconfortar ou encorajar são atitudes tutelares frequentemente empregadas para criar um clima de segurança, apresentando uma conotação paternalista e sendo um obstáculo ao crescimento e ao amadurecimento da pessoa. Pelo que pude perceber, é preciso ir além de dar o peixe: é preciso ensinar a pescar. Oportunizar para que possam dar um mergulho em si mesmos e pescarem a si próprios. Mas, para isso, necessitam da segurança afetiva por parte de pessoas-critério.

a* Se eu não tivesse apoio eu teria voltado para o mundo do crime

Mercúrio: Se eu tivesse saído e não tivesse Sest/Senat, não tivesse Marcelo, não tivesse ninguém eu teria 80% pra mim, eu tinha continuado na bandidagem.

Urano: E essa foi a importância do Sest/Senat, do Luiz!

Netuno: Ela só me deu está oportunidade, porque ela convive com isso.

Saturno: A realização de um projeto, de uma idéia louca que o Luiz comprou e que várias outras pessoas compraram e que graças a Deus tem dado certo.

Urano: Cada um teve uma importância muito grande na minha vida.

Netuno: Se você não tiver alguém para te dar oportunidade, uma família que te ampare, você vai voltar para o crime!

Saturno: Hoje para mim o que funcionou foi o conjunto de um todo que me deu graças a Deus essa oportunidade de hoje estar aqui falando.

Mercúrio tem certeza de que, se não tivesse tido pessoas que o apoiassem e nem o seu trabalho, quando saiu do presídio, estaria ainda no mundo do crime: "*se não fosse esse trabalho de terapia, o Bizarrus e o Luiz, eu teria voltado*". Urano pontuou a importância do apoio e do estímulo que buscou, especialmente, quando se está iniciando numa nova profissão. Se não fosse pelo encantamento do Luiz pelo pássaro de babaçu e tucumã, que tinha sido rechaçado por outras pessoas, Urano teria desistido de prosseguir por esse caminho. O elogio ao seu trabalho deu forças para prosseguir na nova profissão e, de uma visão de não ser nada, passou a ter uma visão "*mega*" daquilo que pode ser e fazer.

Netuno percebeu que somente conseguiu esse trabalho porque a pessoa que o empregou convive com essa realidade e o havia conhecido, a ele e sua família, dentro do presídio. Ela viu que "*que lá dentro, não tem só gente sacana não! Tem gente legal também! Tem gente boa lá também*". Esse conhecimento prévio ajudou-o a ter coragem para ir procurar uma oportunidade de trabalho, não pretendendo decepcionar essa pessoa que confiou nele. Fez questão de dizer que "*Lá eu lido com dinheiro. Dinheiro! Faço cobrança, faço depósito!*", numa alusão de que é uma pessoa confiável, mesmo sendo ex-presidiário. Lembra também que o apoio que tem recebido da família e dos amigos que não o discriminam tem sido de grande importância.

Para Saturno, foi fundamental o apoio de tantas pessoas que embarcaram em "*uma idéia louca que o Luiz comprou*", desenvolvendo um Projeto que deu certo, dando sustentação para que pudesse retomar a sua caminhada.

O sentir-se em família "*desde o porteiro lá da frente até aqui, o Sest/Senat para mim é uma família*" foi fundamental para Urano, que se sente à vontade para ir e vir e encontrar as pessoas com quem tem afinidade. Parece que é um porto seguro, no qual tem certeza de que vai encontrar apoio. Isso é real porque quando o seu pássaro de babaçu foi recusado pelas pessoas que lidam com artesanato "*não quiseram botar o meu trabalho porque acharam*

comum", foi buscar o acolhimento dessa "*família*" e encontrou o apoio e o estímulo necessários e suficientes para prosseguir nessa jornada, desvendando o mundo de uma nova profissão. Lembra da importância que cada uma das pessoas do Projeto teve na mudança do curso da sua vida. Sente-se grato pelo que recebeu e pensa numa forma de retribuição e verbalizou com entusiasmo a maneira que encontrou: "*Vou ser um mega e aí vai dar!*".

Netuno está consciente de que somente não retornou ao crime porque está tendo a oportunidade de trabalho, recendo apoio. Acredita que "*se você não tiver alguém para te dar oportunidade, uma família que te ampare, você vai voltar para o crime, não tem jeito!*". Muitos reincidem porque não têm ninguém que possa lhes dar o apoio e a sobrevivência que tanto precisam.

Saturno também relembrou as pessoas que estão inseridas nesse trabalho, além das atividades que lhe possibilitaram. "*a oportunidade de arrancar a minha própria máscara e deixar de ser aquele homem mascarado*", revendo a si mesmo. Sente-se agradecido pela oportunidade de ainda estar vivo e podendo falar sobre isso.

Os participantes foram unânimes na importância de pessoas-critério para que os ajudassem a superar a si mesmos e terem forças para recusarem as propostas tentadoras do mundo do crime. Gobbi e Missel (2002, p.35) pontuam que a avaliação incondicional de pessoas-critério ocorre quando "apresentam sentimentos de consideração incondicional para com o indivíduo, valorizando as diversas experiências de seu modo organísmico, permitindo a preservação e a valorização de seu ser". Foi o que ocorreu. Cada qual foi valorizado em seu modo de ser e aceitos como se apresentavam: com ou sem máscaras.

Para Kinget (1977), a pessoa-critério é aquela que tem um significado especial para a pessoa, representando papel relevante e importante na vida dela. É uma pessoa que serve de critério externo de avaliação, uma pessoa significativa no qual pode se espelhar: nos valores, nos critérios, no modo de ser e de agir.

Necessitaram partir de um centro de referência externo para poder superar seus conflitos e encontrar seu ponto de referência interno. Acredito que é essencial a figura da pessoa-critério para que possam buscar novos rumos para suas vidas.

B - PERCEPÇÃO DA PSICOLOGIA

Momentos terapêuticos são como o amor – nos tomam de surpresa. Não podemos nos determinar a amar. Quando ele vem ele flui através de nós. Vem a nós e flui de nós, e não podemos segurá-lo. Está além de nós.
Miller O'Hara

Abre as asas sobre nós!

Uma forma de acolhimento, de aconchego, de segurança! Eles demonstraram que era disso que estavam necessitando para poderem começar a acreditar em si mesmos. Mesmo sem saber para onde ir e o que fazer, procurei pontuar meu trabalho nos ensinamentos de Rogers que afirma que toda pessoa tem dentro si as verdades próprias. Toda pessoa tem uma tendência ao crescimento e a fazer escolhas acertadas. Para mim, acessar essa essência sagrada, conforme descrito por Hycner (1995) é fundamental para o crescimento.

Entretanto, com todo esse embasamento teórico, senti-me só, comigo mesma, sem saber bem que rumo tomar. Senti-me como Borja (2001) diante dos enfermos psiquiátricos da prisão onde cumpria pena: sem saber por onde começar. Resolvi pensar num grande ensinamento, cuja autoria se perdeu na minha memória: "quando adentrares o mundo interno do outro, vá devagar, peça licença e entre de joelhos, por estares penetrando na sua essência sagrada".

Cada um deles era um templo sagrado que merecia respeito, consideração e confiança e que necessitavam de um lugar onde poderiam contar com a segurança de um relacionamento sem críticas e sem julgamentos. Foi muito difícil, especialmente nos conflitos que permearam todo o Projeto. Eu era intimada a emitir uma opinião, como a possuidora da varinha mágica. Passei por momentos constrangedores. Eu não sabia onde começava a terapeuta e terminava a pessoa. Apesar do que aprendi com Rogers, eu ainda necessitava dessa varinha de condão que

me tornasse a solucionadora de todos os problemas. É que eu sentia muito forte toda a minha impotência diante dos fatos. Tinha certeza somente de uma coisa: o sentimento dessas pessoas precisava ser respeitado. E, por isso mesmo, nunca perguntei a nenhum deles o motivo de estarem presos. Falariam se quisessem e foi o que ocorreu.

Nesses momentos, Hycner (1995) me aponta que curar tem o significado de "tornar inteiro". E era preciso que eu tornasse inteira a relação de confiança para que eles pudessem restabelecer esse elo perdido junto das pessoas que os magoaram. Foram feridos, machucados, danificados em sua estrutura de self e estavam aos pedaços. Hycner pontua que isso ocorre porque o ser humano tornou sua vida desvinculada do âmbito espiritual e, com isso, vive uma vida amortecida na qual a racionalidade leva a pessoa a esquecer da própria existência. Se a cura está vinculada a algo maior, era preciso fazer também esse resgate junto aos participantes do Projeto. Parece que foram decisões acertadas, pois independentemente da crença ou descrença de cada um, conseguimos falar a mesma linguagem e acessar a energia do grande universo interno e externo para o crescimento de todos. Havia uma sinergia que, muitas vezes, durante o processamento das atividades, eu percebia que também havia sentido a mesma sensação ou imagem que estavam explicitando.

Foi um trabalho que me proporcionou muitas aprendizagens significativas. O'Hara (1983) tem razão! O amor e os momentos terapêuticos são a mesma coisa!

a* Eu não confiava na terapia

Saturno: No começo fiquei meio pé atrás com a terapia!
Netuno: Eu não podia evitar participar, porque era obrigado participar.
Mercúrio: Se não fosse esses trabalhos: a terapia, o Bizarrus, o Luiz... eu teria voltado!

Inicialmente, Saturno ficou desconfiado em relação à terapia. Foi como se fosse um "*experimento!*" para ver no que dava. Com o desenvolvimento das técnicas vivenciais foi se permitindo realizar um mergulho interior: "*Isso foi me fazendo acreditar, foi me fazendo experimentar, foi me fazendo viver e hoje eu estou aqui, falando disso!*". Gostou tanto que começou a participar de outros trabalhos terapêuticos, tendo sido convidado a fazer um wokshop para treino de terapeutas.

Netuno ficava com muita raiva quando nas reuniões (qualquer uma que fosse) percebia as falsidades dos colegas. Muitas vezes, chegou a falar que colegas estavam mentindo criando um clima tenso entre ele e os outros. Parou de se posicionar no grupo, mas "*eu ouvia muita mentira, muita falsidade e aquilo me corroía por dentro, me matava por dentro!*", chegando a desenvolver uma reação corporal extrema: sua boca estourava em feridas. Desconhecia que, para aquelas pessoas, aquilo que estavam contando era verdade, nem que fosse só o desejo de aprovação de pessoas que eles consideravam como significativas. Mercúrio se segurou na terapia, no espetáculo, no trabalho e na confiança que o Luiz depositou nele. Se não tivesse tido esta segurança, teria voltado para o crime.

Durante todos esses anos, aprendi que quando se fala em psicólogo, a primeira verbalização é: "*Eu não estou doido!*". E o outro pensamento que vem logo em seguida: "*Eu sou assim e pronto!*". É uma atitude de defesa diante do medo do novo. Em seu trabalho com doentes terminais, Kübler-Ross e Kessler (2004) aprenderam que

> Muitas pessoas entram em uma grave crise quando compreendem que não sabem quem realmente são; tentar conhecer a si mesmas pela primeira vez é uma tarefa assustadora. Elas percebem que sempre reagiram baseadas nas expectativas dos outros e se sentem inseguras quando se trata de descobrir como seu eu autêntico reagirá. (p.64)

E, no íntimo de cada um, permanece que o mais seguro é não entrar em contato com os conteúdos internos que estão latejando, porque isso vai doer. Acredito que talvez o desconhecimento dessa possibilidade de adentrar o mundo interno e dos ganhos advindos, desta atitude, pode levar a pessoa a adiar *ad infinitum* o olhar para dentro de si.

Apesar de todos os empecilhos apresentados, eles se permitiram entrar no seu mundo interno, apesar do medo. Foi uma conquista para quem se permitiu.

b* A terapia me ajudou a mudar

Mercúrio: Eu mudei de vida neste trabalho, na terapia.
Saturno: Esse estado de consciência hoje que eu tenho, devo muito à psicoterapia.
Urano: Começo a analisar e eu vejo o tanto que eu cresci!
Vênus: Aqueles encontros nossos? Mas dona Hercília! Ta doido! Hum!
Saturno: Esse estado de consciência hoje que eu tenho, devo muito à psicoterapia.
Saturno: Eu descobri que eu vinguei dos meus filhos nas sessões de psicologia.
Urano: E conquistar meu espaço dentro de casa foi igual no presídio!

Mercúrio não gostava de terapia, mas reconhece que mudou a sua vida "*neste trabalho, na terapia*". Como havia se predisposto a mudar de vida, foi ver "*se a terapia dá para ajeitar a minha vida...*". Participava de todos os encontros, procurando buscar forças para sair do mundo do crime. Saturno, por meio dos processos terapêuticos, adquiriu um estado de consciência de si mesmo, tanto corporal quanto psíquico. Consegue perceber os momentos em que não está "*bem psicologicamente*", em que está sabotando a si mesmo.

Urano também conseguiu crescer depois de ter acompanhamento psicológico além das outras atividades nas quais se inseriu: os cursos profissionalizantes e a participação no teatro. Vênus credita aos nossos encontros o equilíbrio que o grupo adquiriu e o afeto que ele conquistou junto aos colegas do presídio. Na sua espontaneidade, sempre sorridente, lembrou de todas as dificuldades vivenciada pelo Projeto. Relembrou saudoso do amigo que conquistou e que partiu e de Júpiter que "*não ia muito com a minha cara*", mas, com o qual está convivendo harmoniosamente.

Apesar de ter desenvolvido um estado de consciência de suas experiências, o equilíbrio psicológico e a percepção de quando não está bem, Saturno descobriu que, com todo o seu crescimento, ainda se utiliza de mecanismos de defesa para o seu sentimento de abandono.

Urano perdeu o chão duas vezes: quando entrou no presídio e "*quando eu voltei de novo para a sociedade*", retornando ao lar. Ficou longo tempo afastado de sua esposa e filhos, necessitando reconquistar o seu espaço: "*conquistar meu espaço dentro de casa foi igual lá no presídio! Se não fosse o trabalho psicológico!*". Acredita que é muito difícil a pessoa conseguir superar esses conflitos sem ajuda terapêutica.

A possibilidade de mudança fica mais fácil quando se pode compartilhar as dificuldades. O auto-conhecimento nos permite perceber de modo gradativo tudo o que precisa ser visto, remexido e transformado. O resultado dessa busca proporciona a ampliação da consciência, sobre os potenciais que se encontram adormecidos na essência sagrada. A possibilidade de trazer à tona os pontos frágeis e trabalhar as simbolizações distorcidas e as emoções conturbadas permite uma maior aproximação de si mesmo e dos outros, possibilitando a cura. Rogers (1992) afirma que estão apresentando um padrão organizado de percepções do self e do self-em-relacionamento tanto com os outros, quanto com o ambiente e

que todo esse novo modo de ser é fluído e mutável nos detalhes, entretanto, permanece estável nos seus elementos básicos.

Todos ainda estão processando as mudanças apresentadas e, a cada novo encontro consigo mesmos, que conseguem empreender, percebem que ainda há muito que caminhar.

c* Arranquei minhas máscaras

Saturno: Descobri que meu ego é raiva contida!

Saturno: No fundo, no fundo eu não era aquilo! Era mera interpretação!

Saturno: Tenho consciência de que somos atores. Estamos sempre interpretando.

Saturno sempre foi uma pessoa desconfiada, não acreditava em ninguém. Nos trabalhos terapêuticos a que se submeteu, descobriu no eneagrama, que o seu ego é a "*ira*", ou seja: raiva contida, rancor! Quando percebeu este fato, conseguiu lidar melhor com suas emoções, pois se tornou mais ponderado em suas atitudes, principalmente quando o lado machão aparece e quer dominar a sua vontade. Segundo Saturno, os nossos encontros psicoterapêuticos abriram as portas para buscar o auto-conhecimento.

Saturno tem consciência de seus erros do passado, praticou muitos delitos e incentivou muitas pessoas a cometerem crimes, mas não se vê como criminoso, pois "*eu interpretei assim*", a figura do poderoso, do "*fodão*". E quando estava nessa falsa interpretação de si mesmo percebia que "*no fundo, no fundo eu não era aquilo!*", mas não sabia agir de outra forma. Somente por meio dos trabalhos desenvolvidos conseguiu "*arrancar a minha própria máscara e deixar de ser aquele homem mascarado*" assumindo suas dores e procurando curá-las.

Quando participou do SAT III, descobriu que nunca deixou de ser um ator de si mesmo: "*na vida, estamos sempre interpretando, porque deixamos de ser o que somos*". Nos

momentos em que cometia os seus crimes "*eu sentia algo interno que não era eu: era mera interpretação*". Saturno tinha vontade de deixar de praticar suas ações no mundo do crime, de não fazer mais aquilo, mas não sabia o caminho. Por outro lado, ele sentia necessidade dessa interpretação que era o que o sustentava: o mostrar-se forte e poderoso. Mas, se permitiu conhecer seu mundo interno, encontrar a sua essência sagrada e a partir daí pôde arrancar suas máscaras. Saturno acredita muito nesse processo de busca da essência sagrada, acreditando que existe a possibilidade de recuperação: "*Muito rápido! Muito rápido!*".

Apresento parte do depoimento de Saturno, nas suas palavras:

> Graças a Deus, eu tive esse conhecimento dentro do trabalho terapêutico, com o trabalho da psicologia, que eu tenho feito. A sustentação durante esse Projeto que me deu uma consciência muito grande de que nós não passamos de meros atores porque deixamos de ser e de vivenciar a nossa existência.

A percepção de que a vida geralmente é uma representação só pode ser assimilada quando a pessoa se permite a troca de papéis.

Frei Betto (2003) recorda que o trabalho do teatro cria a possibilidade de a pessoa equacionar a sua existência no mundo e no mundo do presídio. Em sua experiência, quando foi preso político, promovia laboratórios sobre o modo como a pessoa veio parar na prisão e percebeu que na troca dos papéis: "era interessante quando aquele que tinha matado se via no lugar de vítima. Era o distanciamento que, pela primeira vez, ele tinha da própria atitude. Ele se via, inclusive, como juiz, tendo de decidir a pena. Isso foi criando toda uma reflexão crítica do problema deles". (p.43).

Ver-se em todos os papéis ajudou os colaboradores a perceberem que utilizavam máscaras, especialmente aquela em que o culpado é sempre o outro, defesa que inviabiliza o olhar para si mesmo. Eles exercitaram esse processo, pois numa das cenas do espetáculo, o protagonista retira a máscara emitindo gritos de dor; entretanto, ao final a máscara é

recolocada com prazer. Essa cena era discutida, durante os ensaios, favorecendo a reflexão sobre as máscaras que estavam usando.

Na minha postura terapêutica, eu procurava exercitar a confiança de que o grupo tinha a noção de suas feridas e sabia buscar a solução; entretanto, o mesmo não sucedia com os exercícios do teatro. O diretor ia direto à ferida, já que trabalhava com a história de vida deles e não tinha como não colocar o dedo na ferida emocional infeccionada.

d* Experimentei o amor incondicional

Saturno: Tive a oportunidade de encontrar e saber o que é o amor incondicional!

Uma das experiências mais surpreendentes para Saturno foi a descoberta do amor incondicional. Quando de sua participação no SAT IV, realizou uma vivência na qual pode "*encontrar e saber o que é esse amor incondicional*". Saturno conseguiu experienciar a si mesmo: "*tive uma experiência profunda sobre o amor*". O mais interessante para ele, chamando sua atenção, foi a concretização desse amor no aqui e agora: "*Parece que eu vi e que eu peguei!*".

Ele sempre havia ouvido falar sobre o amor incondicional, mas nunca havia vivenciado, não acreditando que existia. A partir do que experienciou, a sua percepção é de que "*o amor incondicional é o amor maior de todos*" porque "*é o amor que perdoa, que aceita, que é, que não é, um amor que não tem peso, um amor... como se diz: um amor incondicional!*". Essa experiência tocou Saturno profundamente, levando-o a perceber que o amor incondicional é "*de perdão profundo! Coisa de alma mesmo!*".

Ficou profundamente emocionado com o que vivenciou. Para ele no amor incondicional pode-se: "*Trabalhar a misericórdia! Trabalhar perdão! Trabalhar compaixão!*

Trabalhar aceitação! Trabalhar tudo em você!". Explicita como uma completude difícil de se manter, mas possível experienciar e refletir nas atitudes, perante a vida.

Foi uma experiência que marcou Saturno e a mim também, trazendo profundas reflexões sobre a formação do psicólogo. Falar sobre amor incondicional no nosso curso é como ser "lunático", usar uma linguagem não acadêmica, ou como um aluno, que expressou o seu desapontamento, de modo crítico e jocoso, numa Semana de Psicologia: "Parece que eu estou num congresso de cardiologista". Referia-se ao assunto que surgiu sem que nenhum dos componentes da mesa houvesse programado, estava se falando de coração. Todos foram unânimes em falar da importância de se deixar levar pelo coração diante da dor do outro, evidentemente, de modo empático. Havia as mais diversas abordagens nessa mesa redonda.

Parece que ainda é difícil sair do racionalismo e ter a possibilidade de ver o outro lado da existência que se encontra conturbado. Hycner (1995, p.84) aborda esse assunto,

> A repressão da espiritualidade cria também uma sociedade e indivíduos extremamente ansiosos. Quando as pessoas estão isoladas do sentido da relação com os outros e do sentido de uma realidade maior, experienciam ansiedade e vazio. Tal isolamento psicológico cria uma lacuna que anseia por ser preenchida. Como não pode ser preenchida por aquilo que almeja, precisa encontrar um substituto – dinheiro, drogas, sexo e até televisão – só consegue criar mais um desejo.

Incluo entre estes substitutos as atitudes criminosas, os delitos e o tráfico, atitudes que distanciam do amor incondicional que é por onde se deveria principiar a procurar a cura para a criança ferida. Dalai Lama (2000, p.146), referindo-se ao amor incondicional, pontua que,

> A compaixão e o amor não são artigos de luxo. Como origem da paz interior e exterior, são fundamentais para a sobrevivência de nossa espécie. Por um lado, são a não-violência em ação. Por outro lado, são a fonte de todas as qualidades espirituais: a capacidade de perdão, a

> tolerância e todas as demais virtudes. Além disso, são o que de fato dá sentido às nossas atividades e as torna construtivas.

Talvez, por tudo isso, Saturno tenha ficado extasiado por experienciar o que é esse amor incondicional, continuando a buscar o aprimoramento de si mesmo. Amor incondicional primeiro por si para, depois, surgir naturalmente para o outro. O cuidar de si. Deixei de duvidar se o amor por si mesmo era ou não uma atitude egoísta, quando passei a refletir sobre o primeiro mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Fui ensinada que eu deveria amar a Deus. Mas eu não sabia como, pois eu nem o conhecia. Era o meu raciocínio concreto de criança, há alguns anos passados. Compreendi essa máxima quando passei a olhá-la de trás para a frente: se eu não amar a mim, não posso amar ao meu próximo e, conseqüentemente, não posso realizar esse encontro com Deus. Resolvi a questão comigo mesma. E passei a praticar e a não ter mais medo de falar sobre isso.

Essa postura adquirida esteve presente neste trabalho e, quando Saturno traz a questão do amor incondicional, fica fácil compreender o entusiasmo que sentiu ao vivenciá-la, corroborando o que Rogers havia afirmado tantas vezes.

e* Aprendi a trocar de lugar, de papel com o outro

> ***Saturno***: Trocar de lugar e de papel com o outro.
>
> ***Saturno***: Quando eu me deparo com o machão eu busco esse outro lado.

Saturno começou a pôr em prática o amor incondicional que experienciou: é perceber a sua própria dor e a dor do outro. Está consciente das dificuldades que irá encontrar, pois não basta só sentir, tem que se transformar e, para isso, é preciso paciência para não colocar tudo a perder. Anteriormente, a sua reação diante de uma situação de raiva era de canalizá-la para a vingança. Aprendeu a processar essa raiva em outro nível, mais salutar para si e para os outros, a se questionar sobre o motivo de não estar querendo aceitar, de não perdoar e de não

se colocar no lugar do outro. A partir dessas reflexões consigo mesmo, ele procura acessar a sua essência sagrada, colocando-se no lugar do outro. Não é fácil para ele fazer todo esse diálogo interno, mas está buscando o seu crescimento, processando a sua vida num outro nível.

Apesar das buscas que tem realizado para superar a si mesmo, Saturno percebe que ainda existe um conflito entre o seu antigo jeito de ser e o seu modo atual de perceber a realidade. Acredita que talvez seja o medo de mostrar o lado doce, flexível e sensível, porque conhece bem o seu lado machão, inflexível e durão com o qual sempre conviveu e resolveu suas questões pessoais, de uma maneira violenta e agressiva. Quando acontece alguma situação conflituosa, busca o que aprendeu nas terapias que realizou para processar de um modo mais ajustado para si: "*Trocar essa situação por uma outra mais flexível, mais doce*".

Foi o trocar de papel e colocar-se no lugar dos outros, vivenciar todos os lados de uma mesma questão que possibilitou Saturno a compreender o que é a empatia, como é enfatizada por Rogers (1977a, p.179): "a percepção correta do ponto de referência de outra pessoa com as nuances subjetivas e os valores pessoais que lhes são inerentes (...) sem jamais esquecer de que estão relacionados às experiências e percepções da outra pessoa". É a capacidade de perceber o mundo da outra pessoa no "como se" fosse ela, sem jamais deixar-se perder no emaranhado da vida do outro. A forma que Saturno encontrou para poder entender as suas reações foi colocando-se do outro lado.

e* Invisto em mim mesmo

Saturno: Vale a pena investir em si.

Saturno tem investido muito em sua busca de conhecer novos caminhos para si. Durante toda a sua vida, seguiu por estranhos espaços pedregosos, o que resultou em sérios

prejuízos para si e para sua família. Descobriu a possibilidade de se conhecer e se encantou por vislumbrar uma nova maneira de ser e de agir. Tem investido seriamente no auto-conhecimento, apesar dos parcos recursos financeiros: "*É melhor eu pagar um curso*[60] *desses que é caro, mas investir em mim*". E realmente tem investido! Percebe que o retorno não é financeiro, mas para o crescimento de si mesmo. Essa busca interna tem propiciado que se cuide mais "*não só espiritualmente, mas fisicamente, psicologicamente!*". Não desistiu de si.

Investir no auto-conhecimento exige tempo, dinheiro e, principalmente, disponibilidade para acessar a estrutura de referência interna. Saturno fez a opção por si e envida esforços para participar dos workshops sobre o aprofundamento do auto-conhecimento. Tem o apoio do diretor da empresa em que trabalha, o que facilita seu afastamento por uma semana, quando precisa. Assim como Mercúrio, que também está na busca do auto-conhecimento, participando do SAT, em Brasília, e de workshops de biodança e eneagrama, nos finais de semana, em Porto Velho.

No trabalho psicoterapêutico, o processo de insight envolve aprendizagens significativas, a pessoa passa a defrontar-se tanto com a realidade que existe no interior do seu self quanto com a realidade externa; envolve a aceitação dos elementos até então negados ao self; a percepção dos seus padrões de comportamento; maior envolvimento com o outro e criação de novos planos envolvidos na expansão do seu conceito de self. Para Rogers (1995b), essa nova maneira deles se comportarem está em conformidade com o conceito recém organizado do self. Passos tímidos, modestos, mas bastante simbólicos que adquirirão, posteriormente, maior confiança e determinação.

Para Tambara e Freire (1999, p.51), as atitudes e os comportamentos anti-sociais, destrutivos ou irracionais são "expressões distorcidas de uma tendência positiva e construtiva que não obteve as condições necessárias para realizar sua função de crescimento, auto-

[60] SAT- Seekers After Truth (Buscadores da Verdade), workshop de uma semana realizado em Brasília/DF.

realização e socialização". É preciso que se ofereça condições favoráveis para a liberação da tendência atualizante e a psicologia deveria cumprir essa função, por meio da relação de ajuda e dos cuidados com o outro.

A relação de ajuda é vista por Rogers (1991a, p.43) quando "... uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida". Para Boff (2003), é a relação do cuidado que todos devem ter uns para com os outros, consigo mesmo e com o planeta que habitamos. Tanto a proposta de Rogers quanto a de Boff fazem sentido com as atividades psicoterapêuticas desenvolvidas, pois precisei ultrapassar as barreiras com relação ao que podia e ao que não podia ser feito, principalmente com relação às visitas domiciliares.

Senti-me amparada pela descrição de cuidados de Boff (2003, p.33),

> O que se opõe o descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um *ato*, é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (grifos do autor).

Muitas pessoas poderiam questionar esse meu jeito de ser, mas faria tudo de novo, com muito mais intensidade nos cuidados, com todos eles, pois acredito que o movimento para o crescimento foi, em grande parte, decorrência da presença ativa nos cuidados. Até mesmo na estrutura familiar, viram-se amparados, quando puderam compartilhar suas alegrias, tristezas e desavenças. Puderam desenvolver a capacidade de solucionar as dificuldades por si mesmos, quando sentiram que poderiam ser cuidados por alguém. Não estavam sós.

C - PERCEPÇÃO DA ARTE

Viver na plenitude é abandonar-se ao que se faz. Pouco importa que se trabalhe, que se fale com amigos, que se eduque uma criança, que se escute uma conversa, que se pinte um quadro, que se faça isso ou aquilo.
Wilhelm Reich

Apesar de envolver outras atividades, o Projeto ficou conhecido como "*Bizarrus*" que é o nome do espetáculo baseado em suas vidas.

Para a viabilização da proposta do Projeto, contaram com o apoio de voluntários e de alguns parceiros: "Este projeto só foi possível graças à parceria com o Governo do Estado de Rondônia, UNIR – Universidade Federal de Rondônia, através do Departamento de Psicologia e Empresas do setor de transporte urbano". (CD de divulgação/Sest/Senat/Porto Velho).

Foi por meio desse Projeto que alguns dos participantes saíram pela primeira vez do Estado de Rondônia, viajando duas vezes para São Paulo: a convite do Sesc/Nacional no evento Balaio Brasil, em 2000 e no Fórum Mundial Cultural com a apresentação do espetáculo no Centro Cultural do Teatro de São Paulo, em 2004. Viajaram também para cidades do interior do Estado de Rondônia: Ji-Paraná e Rolim de Moura.

Segundo o documento do Sest/Senat/Porto Velho, na primeira viagem realizada à São Paulo "tivemos a oportunidade de constatar a eficácia desse projeto, pois viajamos com os 16 atores/ presidiários, sem algemas e apenas com dois seguranças, sendo todos ainda do regime fechado com penas variando de 15 a 60 anos de reclusão". (CD divulgação/Sest/Senat/Porto Velho)

Essa é uma visão geral do Projeto que, desde 1999, vem passando por diversas dificuldades para a sua viabilização. Algumas foram superadas, mas a principal delas, que era manter a equipe coesa, com os profissionais atuando em suas áreas, foi desmantelada pela

saída do diretor do teatro. Com isso, inviabilizou-se qualquer busca de solução para o Projeto. Foram momentos de muita tensão e tristeza pelo encerramento de um trabalho que poderia render benefícios para todos os envolvidos.

A manutenção desse Projeto só foi possível pela atuação incansável de Luiz Carlos Marques que:

- assumiu apoiar total e irrestritamente todas as atividades do Projeto, disponibilizando o Sest/Senat para as atuações dos profissionais e como local dos ensaios e apresentações, sem ônus.

- sua atuação junto aos meios legais para liberação dos presidiários. Sem ele, o Projeto jamais teria saído do papel e de dentro do presídio.

- sua preocupação com os familiares, abrindo espaço na empresa para formação de um grupo para atendimento às esposas, visando a volta ao lar desses homens que estavam há alguns anos afastados e sem contribuir para a manutenção da família.

- a sua disponibilidade para os atendimentos domiciliares para apoio e ajuda daqueles que necessitavam, muitas vezes realizando visitas simplesmente por "visitar". Bem sabemos o quanto esse pequeno gesto foi significativo para eles e a família!

Lembrei-me da "Carta a Garcia" quando o filho de Hubbard (sd), autor do texto contou ao pai a sua grande descoberta: "Pai, o herói de Cuba não foi Garcia, foi Rowan, que levou a carta a Garcia!". Luiz foi o grande herói desconhecido que levou adiante esse trabalho de dignificação da pessoa, abrindo espaço para o aprendizado de todos os que tiveram a chance de participar desse trabalho. Como Rowan não perguntou onde e nem porque ou para quê, simplesmente foi à luta não desistindo diante das dificuldades (e quantas), desanimando muitas e muitas vezes, mas não desistindo, jamais. É necessário que outras empresas se

disponibilizem a trabalhar com a área social, especialmente com os estigmatizados, que pudessem propiciar o crescimento do outro, não visando somente o lucro imediato.

Enquanto o Projeto sobreviveu, as suas atividades variavam de um ano para outro (reiki, massoterapia, meditação, futebol, piscina), permanecendo fixos os encontros terapêuticos, os ensaios do teatro e os cuidados individualizados.

Em seus depoimentos, eles trouxeram questões referentes à percepção que tiveram dessas atividades. Alguns viram as saídas para os ensaios como um caminho rumo à liberdade, saindo dos muros do presídio, outros viram como possibilidade de fuga. Todos os que participaram tiveram mudanças significativas, outros citaram os benefícios desse trabalho. Foram lembradas também as experiências desagradáveis vivenciadas durante o Projeto, bem como as expectativas geradas pela participação, os ganhos pessoais que tiveram e a opinião sobre a diminuição da incidência e da reincidência na prisão.

a* Sair para ensaiar era a liberdade

Marte: Cada ensaio era um dia de liberdade!
Plutão: O importante era sair! Eu queria era sair daquele lugar ali!
Mercúrio: Eu participei mesmo só para sair lá de dentro!
Júpiter: O objetivo de sair para ensaiar era para poder fugir!

Para Marte, o seu objetivo inicial era participar do Projeto para poder sair do presídio, sentir um pouco de liberdade, especialmente quando estava no Urso Branco, que é o sistema penitenciário fechado. Sentia-se em liberdade quando ia para os ensaios. Achou divertido e se distraiu bastante. Plutão não se importava inicialmente com a disposição dos colegas que participavam do Projeto. O que mais queria era uma oportunidade de sair do presídio, nem que fosse por apenas algumas horas. Precisava cansar o corpo e dormir, como os outros faziam. Sair de dentro dos muros era o mais importante, naquele momento.

Por sua vez, Mercúrio precisou convencer o diretor do teatro a aceitar a sua participação no Projeto: "*ele sabia que eu não queria nada com nada mesmo*". Assim como para Marte e Plutão, o importante para Mercúrio era sair de dentro do presídio. Para Júpiter, o meio de se alcançar a tão sonhada liberdade era mediante a fuga e, para tanto, queria utilizar, inicialmente, a escola, e depois, o Projeto para realizar o seu intento.

Todos tinham um anseio muito grande pela liberdade. Estavam sufocados pelo ambiente fechado em que estavam vivendo, sem nenhuma atividade que lembrasse vida, movimento e crescimento. Estavam com as asas entanguidas, impedidas de alçarem vôos. O Projeto surgiu como a possibilidade de abrirem as asas para voarem, nem que fosse por apenas algumas horas. Para mim, parece que sentiram o Projeto como asas que se abrem e acolhem, sem pedir explicações. Não importa o motivo que levou cada um a querer abrir as suas asas. O importante é que foi oferecida essa possibilidade e coube a cada um aproveitar ou não o acolhimento sob as asas do crescimento.

b* Todos nós tivemos mudanças

Netuno: Todos nós que saímos, tivemos mudanças.

Júpiter: Comecei a sair para ensaiar e começou a mudar.

Marte: Acho que depois que eu decidi pagar a minha cadeia eu comecei a ter consciência de que as pessoas custam a pagar aquilo que compram.

Saturno: Eu percebi a mudança radical! Foi uma mudança radical que é a percepção que eu ganhei rapidamente da mudança.

Urano: Uma mudança radical que houve foi eu perceber o futuro. Consigo ver o futuro com uma outra visão.

Vênus: Quando eu vou entrar numa coisa errada eu penso bem!

Mercúrio: Hoje eu deito e durmo, sem me preocupar com nada!

Plutão: O Projeto me fez sentir emoção! Me conhecer mais! Tirar as máscaras! Valorizar os momentos!

Urano: Os prazeres pequenos que eu hoje sinto, nas coisas que antes eu passava por cima.

Netuno percebe que a parcela do Projeto nesse processo de mudança de todos é muito pequena. O Projeto apenas os "*introduziu à sociedade novamente, ao público, à vida*" e isso "*é importante para a pessoa, para o ego da pessoa*". O restante do caminho cada um tinha que andar com as próprias pernas. Júpiter estava desacreditado de si mesmo devido a tantos anos de cadeia que tinha para "*puxar*". A partir do momento que o Projeto entrou numa fase de ensaios em que eles tinham que sair do presídio, passou a gostar do trabalho e decidiu não fugir e cumprir a sua pena.

Por sua vez, Marte conseguiu perceber que as pessoas não precisavam ser ricas para obterem um carro, uma bicicleta ou uma moto e que, mesmo sendo pobre, uma pessoa pode adquiri-los. Não sabia que as pessoas passavam por dificuldades e se sacrificavam para adquirirem seus bens.

Saturno vivenciou uma mudança radical em sua vida. Passou a ter novas maneiras de perceber o mundo à sua volta, as pessoas e a si mesmo: "*através das atitudes, do conhecimento que eu fui tendo de mim, buscando entender o outro*". Conforme foi buscando essa mudança, Saturno percebeu também que não tinha mais vergonha de falar "*sou detento, sou ex-detento, fui preso*". Isso já não mais o incomodava. Urano também não tem mais vergonha de ser um ex-presidiário, e hoje tira proveito disso: "*as pessoas gostam de histórias tristes*". Percebe sua mudança como radical, pois passou a ver o futuro com uma outra visão e buscar as oportunidades sem precisar prejudicar as outras pessoas.

Vênus passou a refletir sobre suas atitudes: "*quando eu vou entrar numa coisa errada eu penso bem*". Sentiu-se responsável pela sua própria fala com relação às drogas perante os estudantes que assistiram ao espetáculo e participaram do debate. Isso pode significar que ele ainda não conseguiu abandonar o vício, mas, pelo menos, está mais consciente de sua

realidade. Mercúrio também obteve grandes conquistas. Hoje, se sente tranqüilo para ir e vir sem medo de ser preso. Sabe o valor da liberdade e da tranqüilidade de fazer coisas simples e corriqueiras como ir à padaria comprar pão ou passear com a família.

Da mesma forma, Plutão passou a valorizar os momentos mais simples de sua vida além de ter uma outra percepção de sua esposa e filha: a importância de cada uma delas para si. Uma outra mudança significativa foi ele conseguir desbloquear as suas emoções, se conhecendo mais. Descobriu que é uma pessoa sensível e que ama as pequenas coisas de sua vida. Acredita que foi o teatro que proporcionou essas mudanças: "*Você se conhecer! Você se respeitar e respeitar o outro! Isso eu vi muito!*".

Urano também percebeu o valor das coisas mais simples como os momentos vividos em família. Está mais próximo dos filhos, dos sobrinhos e da esposa. Descobriu a importância de estar presente junto à família.

Ninguém sai ileso de um encontro com o outro. Qualquer encontro provoca uma modificação nas duas ou mais pessoas. De alguma maneira, ao se tocar alguém, também se é tocado: toques corporais, emocionais ou energéticos. Todos os participantes foram tocados e tocaram em cada uma das pessoas que estavam nas situações de ajuda. Todos se sentiram tocados: mais profundamente ou mais superficialmente, até quem assistiu ao espetáculo.

Como o objetivo do Projeto era ajudar aqueles que estavam no presídio a se libertarem um pouco de suas amarras, percebi que uns conseguiram alçar grandes vôos, enquanto outros fingiam que voavam. Outros abriram suas asas, mas não conseguiram sair do lugar. De qualquer maneira, o movimento estava sendo feito e cada um tem a sua hora para processar a mudança e buscar sua essência sagrada. Parafraseando uma madrinha[61] que ganhei nesse meu grande aprendizado: "A imagem visual que tenho é de asas muito grandes, muito leves, muito

[61] Professora Doutora Ronilda Ribeiro, que muito contribuiu, junto com tantos outros professores da USP, na viabilização desse convênio de doutorado.

brancas... Há um forte contraste de luz e sombra nas imagens que visualizo". Para mim, essa imagem de luz e sombra contém um grande significado que é o momento que cada um tem para abrir e iluminar as próprias asas. Eles só conseguiram abrir as asas e voar porque havia disponibilidade interna para a mudança.

c* Os benefícios que o Projeto trouxe

Júpiter: Porto Velho foi escolhida por ter esse Projeto e o Ministro do Esporte, Lars Grael colocou uma fábrica de bolas aqui dentro do presídio!

Saturno: Eu queria mudar e não sabia como!

Urano: O Universo vai conspirando a seu favor e você vai conseguindo ver as coisas!

Mercúrio: Eu parei de estudar muito cedo. Agora com os adolescentes eu tenho que continuar os estudos.

Júpiter: Hoje eu tenho dinheiro para sustentar a minha família!

Marte: Eu acho que eu adquiri paciência. Pensar uma coisa de cada vez.

Saturno: O teatro me abriu as portas da mente

Urano: Quando você retém a informação é como se as coisas se afastassem de você!

Júpiter fez questão de falar que um dos benefícios trazido pelo Projeto foi a fábrica de bolas montada dentro do presídio. Acha que isso foi muito bom para os presos porque eles podem trabalhar e receber algum dinheiro. Por sua vez, Saturno estava disposto a sair do mundo do crime, mas não sabia como fazê-lo, estava sem rumo, sem um norte a seguir. Quantos não se encontram nessa situação de querer mudar de vida? Por isso, fala da importância do Projeto pela oportunidade que teve de participar e dar uma reviravolta em sua vida. Urano pontua a sua mudança de percepção diante do Universo que conspira a seu favor. É evidente que há o esforço de sua parte para que isso ocorra, além da equipe de trabalho que conjuga esforços para que essa aprendizagem significativa ocorra.

Mercúrio sente necessidade de continuar seus estudos, pois não tem nem o primeiro grau completo e, como monitor dos adolescentes, precisa voltar à escola. Hoje, Júpiter tem como sustentar a sua família, que foi constituída durante o tempo do Projeto. Conseguiu reverter a sua situação: do desejo de fuga ao desejo de pagar a cadeia e sair pelo portão da frente e, ao invés de receber o material de higiene de sua mãe, é ele quem se responsabiliza por si, pela esposa e pelo filho. Tem outro motivo para viver, pois tem a sua família, a sua profissão e os seus valores resgatados.

Marte acreditava que nunca ia poder ter nada na vida porque era pobre e que para possuir um carro, era preciso ter todo o valor em mãos. Por isso, era um sonho impossível! Era melhor praticar um assalto para conseguir os objetos de desejo. Desconhecia a possibilidade de pagar em prestações mensais. Como adquiriu novos conhecimentos, percebe que também conseguiu "*ter paciência de esperar, dar um passo de cada vez*", para adquirir aquilo que se deseja. Para ele, foi uma aprendizagem significativa. Hoje tem uma granja de ovos de codorna em parceria com um dos irmãos.

Para Saturno, foi o teatro quem abriu as comportas de sua mente a partir dos exercícios psicodramáticos, mostrando que há "*vários caminhos e inúmeras possibilidades de ser eu e deixar de interpretar*". Tem consciência de que não é um processo fácil "*mas é possível!*". Essa aprendizagem está ajudando nas atividades que desenvolve com os adolescentes infratores, do Projeto Vida Livre e da Casa do Adolescente, e com os egressos do Projeto Re-egresso do Sest/Senat. Desenvolve atividades do teatro do oprimido com esses grupos. Percebe que "*aquilo que se aprende e não se passa para o outro, morre*".

Assim como Urano, que acredita que, na vida, é preciso trocar, "*que as idéias têm que ser trocadas, que se você não trocar, você enche, estagna ali e pronto! Não desenvolve mais o seu trabalho!*". Quando passou por algumas dificuldades financeiras, Urano percebeu que precisava soltar e liberar algumas informações que estava retendo. Notou que "*quando você*

retém a informação é como se as coisas se afastassem de você!". A partir dessa consciência adquirida, passou a compartilhar, a trocar e a receber.

O cuidar é uma arte e toda atitude de cuidado traz aprendizagens muito significativas para o cuidador. A arte de curar e de ser curado exige a participação de quem está envolvido nesse processo de crescimento. Observando cada um deles no seu processo de ser, de crescer e de curar, constatei a essência do sagrado dentro deles. Essa realidade interna é intocável por quem quer que seja. Somente pode tocá-la a própria pessoa que se dispõe a descobri-la e acioná-la para o seu processo de cura.

d* Percebi a diminuição da incidência e da reincidência

Júpiter: Mais gente saiu, não voltou!
Vênus: Se o Bizarrus fosse antes de eu vir para cá a primeira vez, eu não estava aqui na cadeia não!
Urano: Se não fosse o Projeto não tinha como eu estar aqui!
Saturno: Esse projeto não dá mais para parar.

Júpiter observa que, daqueles que realmente participaram do Projeto, muito mais pessoas saíram do presídio e não retornaram. Relembra os colegas que conseguiram se estabelecer criando pequenas empresas, como no caso de Urano, que trabalha com artesanato, e um outro que abriu uma mercearia. Lembrou ainda daqueles que estão no Sest/Senat e um outro que também está empregado numa outra empresa. Sabe que todas essas pessoas contaram com o apoio do Projeto, acreditando que, quando não se tem esse apoio, encontram as "*portas fechadas e ele vai começar a armar de novo e vai ter aquele rodízio de voltar ao sistema penitenciário*". Ressalta a importância de o preso ter um acompanhamento quando sair do presídio.

Vênus aponta que se o espetáculo *Bizarrus* tivesse aparecido na sua vida, antes de ser preso, com certeza não estaria na cadeia. Todo esse trabalho ajudou-o a mudar muita coisa em sua vida, mas não especifica quais foram essas mudanças. Dá a entender que seria o mundo das drogas. Acredita também que outras pessoas seriam beneficiadas e "*não iam estar aqui na cadeia não*". Ficou muito impressionado com sua responsabilidade perante os alunos que assistiram à peça.

Urano e Saturno parecem bastante realistas de como estariam suas vidas se ainda persistissem no mundo do crime: com a idade deles, já estariam mortos ou ainda presos, se tivessem sorte. Assim como falou Mercúrio, que teve a sorte de ser preso e encontrar o Projeto e poder sair do mundo do crime. Para Urano, se não fossem essas atividades, já não estaria mais vivo. Tem certeza de que um é "*um Projeto que deu certo! Que dá certo!*". É um fã incondicional do Projeto e do Sest/Senat, assim como o Marco D'Alacqua, voluntário que cantava no espetáculo. Estejam onde estiverem, se surgir uma oportunidade, falam bem do Projeto e tentam "*mudar a visão das pessoas*" com relação aos presidiários.

Para Saturno, "*esse Projeto não dá mais para parar*". Pontua que todos levarão uma "*dívida muito grande para o outro lado*", pois ainda há muitas pessoas que, infelizmente, ainda dependem desse trabalho e dessa ajuda. Afirma, categoricamente que, "*não dá mais para parar esse trabalho*" devido à sua importância para tantos outros que necessitam. "*Hoje eu vivo esse trabalho! Eu gosto desse trabalho! Faço com amor! Com a maior dedicação! Porque eu sei que ali está minha fonte de vida!*". Acredita que ainda se pode fazer alguma coisa para se dar um outro rumo à realidade daqueles que vivem encarcerados.

O Projeto não é responsável pela diminuição da reincidência, apenas propiciou a todos um lento e complexo despertamento, desenvolvimento e amadurecimento da essência do sagrado: todas as potencialidades íntimas que estavam adormecidas despertaram para o próprio crescimento. Foi o facilitador. Por isso que Vênus foi enfático ao afirmar que se o

Projeto tivesse existido antes em sua vida jamais teria sido preso e, quem sabe, não teria se envolvido com o vício da droga. Se, nessa época, estivesse disponível para as atividades do Projeto, com certeza, teria acessado a sua interioridade e tomado outro rumo na sua vida.

Todos têm possibilidade de acessar o caminho do sagrado, sua estrutura de referência interna. Basta estar disposto e encontrar um curador que o guie com segurança para esse encontro consigo mesmo. O trabalho de cura tem que ser preventivo para dar mais resultados. Desenvolver atividades de reflexão e encontro consigo mesmo com as crianças e os jovens adolescentes é uma possibilidade de se atuar preventivamente na cura. Para isso, as escolas e os bairros estão à espera de alguém que resolva abrir as suas asas e ajudá-los a voar, oportunizando o crescimento.

e* Tivemos experiências desagradáveis

Netuno: Resolvi não falar! E eu nunca mais falei! Muitas vezes, a minha gengiva aqui por dentro, estourava!

Plutão: O que me incomoda nos debates é a exposição! Você está exposto ali!

Netuno: Mentir é fácil! É muito fácil mentir! Ainda mais quem faz teatro!

Marte: Quando as pessoas falam assim um negócio que eu acho que eu não estou devendo, eu não gosto!

Netuno sentiu fortemente as desavenças que ocorreram especialmente nas fases iniciais do grupo. Depois que se iniciaram os debates com os estudantes que assistiam a peça, ficou pior. Parece que, a partir daí, Netuno ficou ainda mais ressentido porque conhecia muito bem os bastidores do grupo, que nem os estudantes ou voluntários tinham conhecimento. Netuno ouviu muitas mentiras e, como ele próprio não mente, resolveu não falar mais nos debates. Fechou em si mesmo. Deixou também de falar nos grupos de encontro porque sentia que deturpavam, lá fora, o que era verbalizado, durante o processamento das atividades. Disse

que "*não podia evitar participar, porque era obrigado participar: do teatro, do debate, das reuniões, das nossas reuniões, de tudo!*". Mesmo com todas essas dificuldades, esteve presente durante todos esses anos, faltando algumas vezes.

A conseqüência de esse calar-se ficou marcada em seu corpo, a sua gengiva sangrava e seu pensamento o martirizava por não ter falado: "*Estourava porque eu ouvia muita mentira, muita falsidade e aquilo me corroíam por dentro! Me matava por dentro! E eu segurava aquilo e me fazia mal! Estourava isso aqui meu!*". Sofreu bastante por ver muita falsidade e mentira e não poder fazer nada. Para Netuno, é muito fácil mentir especialmente para quem faz teatro. É fácil chorar, rir, mentir, basta querer. E quando mostrava isso para os colegas eles não gostavam e ficavam com raiva. Nos últimos encontros, permitiu-se falar mais porque resolveu não se envolver com essas questões. Parece que se sentia melhor quando o grupo de encontro tinha menos pessoas. Pode ser que tinha mais confiança e se sentia mais à vontade com esses colegas.

Plutão não participava dos debates com os alunos, porque se sentia exposto diante de pessoas que conhecera quando era policial e professor de esportes. Não gosta de lembrar de sua situação e nem de falar sobre ela, especialmente, com pessoas que não conhece e que querem entrar na sua intimidade, especialmente quando perguntam o motivo de estar preso: "*Porque que você está aí? O que você fez?*". Parece que sua ferida ainda sangra, mesmo transcorridos os seis anos de prisão.

Marte não gosta quando é chamado à atenção por alguma coisa que não está devendo. Consegue falar o que está sentindo na hora, mas, depois, não guarda mágoa e nem fica com raiva de ninguém. Na discussão que tiveram quando vieram nessa última viagem à São Paulo, discutiu com algumas pessoas, em especial, com o diretor do espetáculo, pelas caixas de figurinos perdidas, Não sabe se vai ser prejudicado por esta atitude, mas foi "*só no calor do*

momento!". Não ficou magoado com ninguém: "*Eu gosto do Marcelo! Só que ele não mede as coisas para falar!*".

Foram muitos os "*tropeços*[62]" no desenvolvimento das atividades. Uma delas foi a necessidade de lidar com as diferenças de pensar, de sentir e de agir. Especialmente no início dos trabalhos, muitas e muitas vezes, não sabia o que fazer e nem como agir. Nas dificuldades que encontravam, buscavam a "*psicóloga*" porque sentiam que eu tinha a solução, a receita, a varinha mágica que, num toque de segundos, solucionaria os conflitos do grupo. Ledo engano. Assim como os outros, eu nunca tinha trabalhado com pessoas que moram em prisões. Para mim, tudo isso era novidade, assim como o era para os outros voluntários. O único recurso que eu tinha eram os ensinamentos de Rogers (1991a, 1992) afirmando que toda pessoa é sábia, que tem dentro de si os recursos para a auto-cura, que somente ela poderia ter acesso à sua essência do sagrado. Quando eu me sentia desamparada e nem os ensinamentos de Rogers pareciam suficientes, apelava para a minha essência do sagrado, buscando a proteção das forças do Universo, que se encontram disponível. Nunca falhou. São os momentos mágicos, como Rogers (1987) formulou, de encontro com o outro.

f* Tinha minhas expectativas na participação

Marte: Aquela expectativa de ganhar uns troquinhos!

Plutão: Eles falavam para mim que era legal, me convencendo!

Não somente Marte, mas todos os participantes do Projeto ficavam na expectativa de que pudessem ganhar algum dinheiro. Outro motivo de extensas discussões e desgastes no grupo. Algumas vezes, puderam usufruir de cachês e cestas básicas para as famílias, mas como o Projeto não tinha patrocínio, muitas vezes, acabavam ganhando muito pouco. Marte

[62] Fala de um deles no espetáculo.

traduz bem a expectativa do grupo: "*A cada ensaio a gente já ficava ansioso com a expectativa mesmo de melhora! Sempre naquela expectativa de ganhar um dinheiro! Aquela expectativa de ganhar uns troquinhos!*". Mas mesmo não ganhando conforme suas expectativas, considera que foi muito bom participar do Projeto.

Plutão ficava admirado com o comportamento e o entusiasmo dos colegas de pavilhão. Como precisava ocupar o seu tempo para não pensar nos rumos que a sua vida tomou, ficou na expectativa de poder entrar para o grupo. Não se importava com os tipos de atividades que eles participavam (natação, hidroginástica, trabalho psicoterápico), na realidade, queria apenas poder sair dos "*muros*" do presídio.

Os caminhos para o encontro da essência do sagrado são os mais variados e estranhos, muitas vezes, imperceptíveis. Cada um justifica o desejo de participação no Projeto. Mesmo quando manifestam o desejo de mudar, ainda assim, não acreditam que isso possa acontecer. Se fosse dito que a finalidade do Projeto seria a mudança interior, provavelmente iriam responder que não precisariam disso, que estavam muito satisfeitos consigo e que só queriam mudar de vida. Entretanto, para uma mudança externa, é imprescindível uma mudança interna, ir ao encontro de si mesmo. Foi o que fizeram. Oportunizaram a si mesmos um novo modo de vida.

g* Tive ganhos importantes

Saturno: No Projeto eu ganhei tudo de volta!

Júpiter: Eu construí uma vida!

Netuno: Eu estou tendo um grande aprendizado!

Mercúrio: A gente vai se conformando mais um pouco com a vida!

Saturno: Trabalhei os meus preconceitos.

Saturno, que havia perdido tudo no mundo do crime quando foi preso, conseguiu resgatar tudo: "*família, filhos, esposa e vida sem confusão*". Como vivia em função de manter uma boa aparência, sempre se preocupava com o que os outros pudessem pensar dele. Percebeu então que a auto-regulação precisa de uma referência interna. Interessante é que sempre se preparou muito em função dos outros e hoje é para si que se prepara. Percebeu que continua do mesmo jeito, não mudou nada, só que não se importa mais com o julgamento das pessoas. Considera que foi "*o único Projeto que deu certo na minha vida*", no qual teve uma aprendizagem significativa ,conseguindo mudar o rumo de sua história de vida. Percebeu que é o dono de seu caminho.

Júpiter considera uma grande glória recebida na sua vida ter constituído uma família: hoje tem uma esposa e um filho. Sua vida se transformou. Ele, que vivia sofrendo por não conhecer o seu primeiro filho, tem uma fonte de apoio que sacia sua ânsia de amor, carinho e afeto. Sente que, hoje, tem uma referência no mundo fora do presídio, além dos pais. Sua vida se transformou. Possui uma família.

Mesmo com as dificuldades de relacionamento com o grupo, Netuno percebe que com a participação no Projeto está "*tendo um grande aprendizado*", que alguns companheiros aprenderam e se desenvolveram muito mais do que ele porque entraram de cabeça, e ele tem dificuldades, por isso, percebe que absorveu menos do Projeto.

Inicialmente, Mercúrio participou somente por participar; não queria "*nada com nada mesmo*". Depois "*fui pegando gosto pela coisa, fazendo terapia, fui fazendo um bocado de cursos*" e, com isso, conseguiu se ver e se perceber de uma outra forma e a aceitar mais os revezes da vida. Começou a perceber que podia e era capaz de fazer coisas que não pertencessem ao mundo do crime. Por isso, verbalizou: "*a gente vai se conformando mais um pouco com a vida*" em referência à percepção da realidade. A partir daí pôde modificar também o curso de sua história de vida.

Saturno era preconceituoso com relação a algumas situações como "*sobre o homossexualismo, sobre a prostituição, sobre o pobre, o negro, a colocação social, de o outro ter e eu não ter*". Ter trabalhado esses preconceitos, ajudou-o a se perceber e conviver melhor com as diferenças.

Ao resgatarem o sagrado, de dentro de si mesmos, e processarem a mudança, conseguiram conquistas preciosas. O mérito é de cada um que conseguiu superar a si mesmo, mesmo tendo o Projeto mostrado o caminho.

Depois de ouvir a gravação várias vezes, ler e reler todos esses depoimentos, fiquei pensando na maneira como a nossa sociedade tem tratado as feridas emocionais da alma de algumas pessoas: abandonando primeiro e trancafiando depois. Não quero entrar em discussão política ou ideológica que não consegue mudar o preconceito das pessoas. Pude verificar este fato quando da mudança do Estatuto da Criança e do Adolescente. Foi apresentado com tanto espalhafato e, na realidade, os preconceitos continuavam iguais, talvez até mais arraigados porque as pessoas tinham outros motivos para o seu preconceito: a proteção que o ECA[63] dava para os pequenos (crianças) e grandes (adolescentes) bandidos. Nessa época, eu trabalhava na Justiça da Infância e da Juventude e não se podia falar em "menor" porque despertava preconceitos.

---

[63] Estatuto da Criança e do Adolescente.

Lembrei-me de um aluno, há alguns anos atrás. Era um verdadeiro militante em prol da igualdade social e dos direitos humanos, amigo dos pobres e oprimidos e também dos estigmatizados. Durante o processamento de um exercício de reflexão, numa das aulas, abriu sua alma e expôs a sua ferida, expressando com muita dor:

"Professora, eu tinta certeza de que eu não era preconceituoso, mas desde o dia em que estávamos num grupo de trabalho e dividindo o lanche e o refrigerante, no 'boca a boca' comecei a desenvolver uma reflexão a meu respeito. Eu estava junto de um amigo, portador do vírus HIV, e quando ele passou a garrafa de refrigerante, após bebê-la, como todos os outros o fizeram, naquele exato momento, eu vacilei com medo. E eu tinha todo o conhecimento dos meios de transmissão dos vírus! Percebi o quanto eu era fachada, pois o preconceito estava presente".

Se o ocorrido foi uma aprendizagem significativa para esse aluno, para mim foi um motivo para eu também começar a abrir a minha alma na busca de atitudes pré-conceituosas, ainda presentes.

Eu sei que não posso mudar o que está enraizado nos preconceitos da sociedade, mas posso, pelo menos, me dispor a olhar para os meus, procurando fazer a minha parte para a melhoria de vida de algumas pessoas. Acredito muito que as atitudes das pessoas são contagiosas. São iguais a uma pequena pedrinha que se joga no meio de um lago de águas tranqüilas e serenas, quando ela bate na água, forma pequenos círculos de ondas que vão tomando todo o lago gradualmente, mais forte no começo e, depois, esmaecendo. E conforme a pedrinha vai descendo para se alojar no fundo do lago, ela vai interferindo, mobilizando, modificando, contagiando toda a estrutura do lago. Assim é com qualquer pessoa que faça a sua parte para a melhoria de algum habitante desse Planeta Azul!

D - PERCEPÇÃO DA PROFISSÃO

O ócio, que trabalha em favor do amolecimento do caráter, é também morbo que enferma o *constructo* do ser psicológico, danificando-o mortalmente.
Joanna de Ângelis

Apesar de inicialmente não ser considerado como objeto de pesquisa, o trabalho surgiu como fundamental para a saída do mundo do crime. De nada adiantaria o teatro e a terapia se os participantes não tivessem meios de sobrevivência. Poder sustentar a si e à família, mesmo que com um salário irrisório, possibilitou a todos eles o resgate do papel de provedores e capazes de outra atividade que não fosse o mundo do crime. Sentiram-se valorizados e úteis por estarem contribuindo financeiramente para as despesas familiares.

Amatuzzi (1980, p.47) apresenta as diferenças entre emprego e profissão

> Profissão é professar algo. É pôr sua vida naquilo. Já no emprego a gente visa só o salário. A profissão é o trabalho por convicção. O emprego é o trabalho por dinheiro. Na profissão você se compromete com o que está fazendo, porque acredita naquilo. Você faz voto de. No emprego você se compromete materialmente a cumprir as condições que garantem o salário.

Os participantes foram unânimes quanto ao apoio e ao trabalho remunerado para os auxiliarem, nessa nova opção de vida. Atitude nada fácil frente às ofertas que recebem para retornarem ao mundo do crime. Propostas muitas vezes tentadoras e irresistíveis para quem está ganhando muito pouco. Somente uma vontade férrea de mudança pôde fortalecê-los nessa decisão. Entretanto, acredito que muitos ainda precisam de um apoio mais próximo, uma presença mais constante dos voluntários do Projeto para que se sustentem nessa decisão.

a* Eu valorizo o meu trabalho

Netuno: Esse negocinho que eu estou hoje, eu valorizo demaaais! Valorizo muito!

Saturno: Eu estava aberto para o trabalho.

Quando ainda jovem, Netuno teve todas as oportunidades de ter um bom emprego e estar bem profissionalmente, mas não soube esperar o tempo necessário para as conquistas. Poderia estar muito bem hoje, se tivesse superado as dificuldades pelas quais passou. Até mesmo com relação aos estudos, não teve a paciência e o discernimento para terminar, diante de tantos empecilhos. O emprego simples que tem hoje é muito valorizado porque está possibilitando que sobreviva e que não volte para o mundo do crime. Está ciente de todas as oportunidades que deixou passar.

Saturno, quando saiu do presídio, foi contratado para trabalhar no Sest/Senat como monitor dos adolescentes, cumprindo liberdade assistida; com isso pôde recusar os convites para retornar ao mundo do crime.

A valorização do trabalho, por mais simples que seja, deve partir da própria pessoa. Se o próprio trabalhador não dá um significado de crescimento à sua atividade produtiva, fica inviável qualquer atitude de afastamento do mundo do crime.

b* É difícil se manter com pouco dinheiro

Netuno: O dinheiro é bem limitado. Só dá para minha manutenção!

Netuno: É difícil se manter com pouco dinheiro!

Urano: Coloquei um objetivo na vida: de ganhar um real por dia!

Mercúrio: Como eu ganho pouco, todos os dias é uma tentação!Todos os dias! Todos os dias!

Saturno: Foi uma adaptação ruim ter pouco dinheiro!

Foram unânimes em colocarem as dificuldades que tiveram para se adaptarem ao ganhar pouco. Todos tiveram muito dinheiro nas mãos, mas não conseguiram conservá-lo. Netuno, apesar de trabalhar muito e ganhar pouco, resolveu ficar distante do crime mesmo sendo difícil se manter com pouco dinheiro. Acha complicado, mas "*não é impossível!*". A dificuldade maior é a adaptação de não ter o que é supérfluo.

Urano, quando saiu do presídio, se viu numa situação na qual não tinha como sustentar sua família e resolveu colocar um objetivo para si mesmo: "*ganhar um real por dia!*". Com isso, estaria contribuindo, de alguma forma, para o sustento da família. Para Mercúrio, que diz ter "*colocado na minha cabeça que eu ia tentar desse jeito*", todo dia é uma provação de que pode se manter com pouco dinheiro e longe do mundo do crime. Para ele é um teste que faz consigo mesmo para provar que pode "*sair da bandidagem!*". Saturno também passou pela mesma situação ruim de adaptar-se a ganhar pouco: "*Eu acho que é conquista! São passos! É devagar!*". Com isso, conseguiu superar a si mesmo, exercitando a paciência de ir devagar a suas conquistas pessoais e financeiras.

Todos trazem a superação das dificuldades, do enfrentamento de si mesmos para não retornarem ao mundo do crime: Urano conseguiu ampliar sua oficina, comprar um computador e ser instrutor de biojóias; Mercúrio está com a sua "*casinha*" tão sonhada; Saturno já tem o seu meio de locomoção e tem investido muito no seu autoconhecimento;

Marte tem sua granja, Júpiter seu salão, que faz de tudo, não sendo só corte de cabelo e Netuno, o emprego que valoriza muito.

c* Está dando para sobreviver

Urano: Está dando para sobreviver! Está dando! Vichi! Claro que dá**!**
Mercúrio: Porque a gente pega pouco dinheiro e não sabe o que faz!
Netuno: O dinheiro é bem limitado. Só dá para minha manutenção!
Júpiter: Aqui dentro, eu sobrevivo porque eu tenho um salão.

Quando fica desanimado diante de uma dificuldade, Urano faz uma retrospectiva de sua vida, observa o crescimento de sua oficina, as vendas, as encomendas, a produção diária, percebe o quanto está distante do início de sua carreira como autônomo e que ainda tem possibilidades de melhorar: "*Está dando para sobreviver! Está dando! Vichi! Claro que dá! Mas, poderia ficar melhor!*". Quer crescer mais ainda.

Mercúrio, inicialmente, sentia-se perdido diante do pequeno salário que recebia, mas conseguiu perceber que o salário é só para o básico: "*tem que comprar aquilo e a gente trabalha para comer mesmo!*". Trazia tristeza no olhar e determinação na voz. Com isso, melhorou sua ansiedade quando percebeu que não tinha outro jeito de resolver a situação, a não ser se adaptando, ganhando pouco e regrando as despesas, evitando se envolver em dívidas.

Para Netuno, "*o dinheiro é bem limitado, só dá para minha manutenção*" e para "*ajudar o meu filho e minha mãe ajudo sempre no que eu posso*". Precisou cortar o supérfluo (festas, carros, motos) e percebeu que está conseguindo sobreviver com esse pouco, sem necessitar cortar o lazer. Não dá para extrapolar, mas está disposto a continuar nessa caminhada. Júpiter conseguiu fazer um curso de cabeleireiro e está sobrevivendo dentro do presídio com essa

nova profissão. Com isso, consegue sustentar a sua esposa e seu filho com o dinheiro que ganha. Não precisa mais da ajuda do pai e da mãe para suas necessidades pessoais.

d* Se eu não tivesse trabalho eu teria voltado para o crime

Netuno: Eu acho que eu não cometi crimes ainda, nessa saída porque tive essas oportunidades do trabalho.

Saturno: Saí do presídio acompanhado desse Projeto.

Mercúrio: Se eu tivesse de novo na rua eu teria continuado no crime.

Netuno está consciente de que se não tivesse trabalho teria voltado para o crime, pois é uma questão de sobrevivência e Saturno não retornou ao tráfico porque "*saí do presídio em liberdade condicional acompanhado desse Projeto*", o que lhe deu forças para recusar propostas de reinserção no mundo do crime. Mercúrio também teria retornado ao crime se não tivesse tido a oportunidade de um trabalho.

Parece que o trabalho remunerado é o sustentáculo para aqueles que saíram do presídio. Todos foram categóricos ao afirmar que, se não tivessem um meio de sobrevivência, teriam retornado ao crime, pois necessitam suprir as necessidades básicas de alimento. Demonstraram que o aprendizado de uma nova profissão possibilita a sobrevivência e é fundamental para aqueles que passaram por uma prisão, além da superação dos próprios preconceitos.

e* Aprendi uma profissão

Júpiter: Depois do Projeto eu consegui fazer um curso de cabeleireiro.
Urano: Quero ver se eu começo a caminhar sozinho mesmo!
Mercúrio: Eu já aprendi muita coisa!

O aprendizado de uma profissão foi fundamental para que eles sobrevivessem, sem necessitar voltar para o crime. Júpiter fez um curso de cabeleireiro e montou um salão dentro do presídio. Urano fez vários cursos e aprendeu a trabalhar com artesanato, participando de exposições e feiras nacionais. Mercúrio está fazendo cursos (móveis com o bambu, tapeçaria chilena, artesanato) preparando-se para caminhar com suas próprias pernas, caso venha a perder o emprego. Para eles, esse aprendizado os ajudou nessa nova caminhada rumo a uma conquista pelo próprio esforço, diferente do mundo do crime.

f* Tem pessoas que não reconhecem meu esforço

Urano: As pessoas não vêem o quanto que eu ralei, batalhei e a perseverança que eu tive e tenho até hoje!
Netuno: Outras pessoas não acreditam que esteja trabalhando! A polícia muito menos!

Algumas pessoas que passaram a conhecer o trabalho de Urano comentam que ele tem muitas coisas, inclusive uma oficina, que ele "*está de boa*"; entretanto, não sabem o esforço que faz para o seu crescimento: "*não vêem o quanto que eu ralei, batalhei e a perseverança que eu tive e tenho até hoje*". Sente que o reconhecimento é menor que o esforço que tem feito para chegar onde está e que seria importante ser mais valorizado. As pessoas não percebem o seu crescimento.

Netuno sente também essa falta de reconhecimento pelo esforço que tem feito para sair do crime. Alguns não reconhecem o seu esforço e, muitas vezes, chegam a duvidar que

esteja trabalhando honestamente, dizendo que está "*escondendo o jogo e o dinheiro, disfarçado de motoboy*". Infelizmente a polícia também pensa assim.

O reconhecimento pelos outros do esforço que têm despendido para sair do mundo do crime é muito importante. Rogers (1977a) pontua que é a necessidade de consideração positiva pelo outro, a necessidade da estima social.

g* Eu amo o que eu faço

Saturno: Eu gosto! Eu amo o que eu faço
Urano: Eu amo o que eu faço!
Mercúrio: Eu estou aqui para aprender também!

Urano conseguiu encontrar na atividade de artesão uma satisfação muito grande. Sente-se realizado pelo que tem conseguido. Disse que é muito melhor que ser policial. Acredito que está relacionado aos benefícios que tem como artesão: conhecer outras cidades, viajar, conhecer pessoas, ser valorizado e elogiado pelo que faz. Sente-se útil e produtivo. Gosta dessa sua nova atividade porque pode explorar a sua criatividade e ainda ganhar dinheiro. É visto e valorizado como pessoa.

Saturno nunca teve a pretensão de trabalhar como monitor de jovens e surpreendeu-se por estar tão envolvido nessa nova atividade. Também ama o que faz, realizando as tarefas com prazer, mostrando-se sempre disponível para esse trabalho. Mercúrio ficou muito satisfeito quando saiu do trabalho na portaria da empresa e passou para a função de monitor dos adolescentes infratores, cumprindo pena em regime de liberdade assistida. Percebe que é uma oportunidade de crescimento para si.

1 - MEU TRABALHO COM OS ADOLESCENTES

a* Eu me vejo neles

Mercúrio: Estou tendo a oportunidade de trabalhar eu mesmo, vendo o que os moleques estão fazendo!

Saturno: Quase desisti de trabalhar com os adolescentes porque eu me via neles!

Mercúrio: Eu tenho que trabalhar a minha própria raiva!

Saturno: Estou aliviando a minha alma!

Mercúrio e Saturno trabalham suas questões pessoais junto aos adolescentes infratores. Relembram como eram, como foram e como reagiram em relação ao que vivenciaram: a teimosia em não querer ouvir o que os outros tinham a dizer. Parece que a onipotência dessa fase se manifesta com muita intensidade em alguns deles. Mercúrio vê a si mesmo observando o que os jovens estão fazendo "*porque eu fazia antigamente e não conseguia perceber*" onde estava errando. Assim como os "*meninos*"! Procura ajudá-los passando a informação de como é a vida dentro de uma prisão, mas observa que alguns que "*não acreditam*" e dizem "*Que nada!*". Mercúrio sofre com isso porque sabe qual é o destino deles, se não optarem por uma mudança de vida.

Saturno pensou em desistir de trabalhar com os adolescentes, mas descobriu o motivo: "*eu me via neles!*". Percebeu que agiu da mesma forma quando era adolescente, pois quando a sua mãe falava, ele não respondia e continuava fazendo as coisas erradas. Assustou-se com a semelhança de comportamento e se percebeu: "*Nossa! Como eu pratiquei coisas erradas também!*". Com suas questões pessoais resolvidas, desistiu de abandonar o trabalho. Quando resolveram suas questões pessoais, Mercúrio e Saturno passaram a se identificar com o trabalho, vendo a chance de ajudarem e orientarem esses adolescentes.

Uma outra questão trabalhada por Mercúrio é a sua própria raiva contida com a qual nunca quis entrar em contato. Com esse trabalho, defrontou-se com ela e não sabia muito bem

o que fazer. Com a ajuda dos trabalhos terapêuticos conseguiu ter consciência da raiva e agora sabe como lidar com esse sentimento. Saturno também percebe que esse trabalho com os adolescentes está entrando em contato com seus processos internos: "*aliviando a minha alma!*". Tanto Saturno quanto Mercúrio procuram passar para os adolescentes o aprendizado que tiveram com todo o trabalho do Projeto. Saturno deixa claro na sua fala: "*Eu procuro passar isso para eles! Porque eu sei que dá certo. Aqui no Projeto, já colhemos bons resultados fantásticos*".

Trabalhar as questões pessoais junto aos adolescentes infratores tem proporcionado crescimento. Nesse contato, eles relembram como eram e a sua reação frente aos acontecimentos de suas vidas. Parece que a onipotência dessa fase se manifestou com muita intensidade na sua vida e que, agora, eles vêem-na reproduzida nos jovens.

b* Eles têm falta de afeto e de atenção

Saturno: Eu vejo nos adolescentes a falta de afeto/atenção.

Saturno: Eu sei aonde é a dor deles!

Saturno: O amor incondicional tem me ajudado no trabalho com os meninos!

Ao desenvolver seu trabalho junto aos adolescentes em regime fechado, Saturno percebeu a estrutura familiar "*extremamente*" abalada e o quanto eles têm de falta de afeto e de atenção em suas vidas. Com isso, esses adolescentes passaram a interpretar "*uma figura que ele não é!*" assustando e deixando com medo até os próprios agentes responsáveis pela segurança da Casa do Adolescente: "*Esse adolescente é perigoso, matou oito, matou três!*".

Saturno vê neles a sua fragilidade, a falta de afeto, de atenção e de estrutura familiar: "*Assim como foi a minha história todinha!*". Os adolescentes também se utilizam de máscaras, como Saturno o fez; por isso, ele consegue perceber onde está a dor de cada um

daqueles meninos, assustados com a vida. Passou então, a utilizar com os jovens, exercícios que ele aprendeu, para que eles pudessem parar e refletir um pouco sobre suas vidas.

Como já passou pela mesma situação que os adolescentes, Saturno consegue perceber exatamente as dores que estão sentindo. Aliado a esse sentir, o seu experienciar do amor incondicional, desenvolvido num dos cursos do qual participou, levou-o a se aproximar muito mais daqueles jovens, que ainda se encontram desorientados.

c* Eu aprendo com os adolescentes

***Mercúrio*:** A cada dia vou aprendendo mais um pouco!

Saturno: Eu aprendo muito mais do que eu ensino!

O trabalho como aprendizagem foi trazido pelos adolescentes como uma forma de crescimento tanto para Mercúrio quanto para Saturno e Urano. Ao desenvolver as atividades com os adolescentes, Mercúrio percebe que aprende muito com eles. Quando entrou no Projeto Vida Livre, não sabia como agia um monitor de adolescentes, até que encontrou seu modo de ser para com eles. Saturno, em suas atividades com os adolescentes e com os egressos do presídio, tem encontrado oportunidades de aprender, levando-o a refletir sobre sua vida.

2 - MEU TRABALHO COM BIOJÓIAS

Urano: Quando a gente abre assim ele sempre traz uma idéia! E eles pensam que eu estou agindo... Mas é uma troca!

Urano: Esse é o meu objetivo produzir muito mesmo, mas com qualidade.

Urano: A gente tem como preservar a natureza e dar emprego para muita gente!

Urano: O mercado ele é justo porque ele oferece oportunidades!

Urano, em sua nova profissão como criador de biojóias da Amazônia, está disposto a aperfeiçoar cada vez mais o seu trabalho para que possa ter qualidade. Para tanto, tem investido em maquinário e cursos de aperfeiçoamento. Descobriu que esse trabalho tem uma grande vantagem, porque se trabalha com o que a natureza dispõe, não havendo necessidade de se ter um capital de giro para adquirir as sementes, pois elas são encontradas na floresta. Outra descoberta importante é a preservação, porque não há necessidade de se destruir nada para encontrar as sementes que estão pelo chão: "*Você criou, pensou, pode ir lá e desenvolver!*". Está muito satisfeito com o que faz, pois percebe que há um grande mercado à disposição para os seus trabalhos. Quando se dispõe a ensinar as pessoas da comunidade, tem consciência de que não é por bondade, e sim porque também aprende muito quando a pessoa traz idéias: "*é uma troca*".

O trabalho é uma forma de crescimento que permite a elevação da auto-estima e que se transforma num suporte ao afastamento do mundo do crime; reconquista o espaço dentro da família e se configura como lugar de valorização pessoal. O trabalho passa a ser peça fundamental para se acreditar no próprio potencial de ser útil. O trabalho é como se fossem mãos que agarram as rédeas da própria vida. Boff (2003, p.121) faz uma referência às mãos que trabalham: "No contexto de nossa reflexão, a mão que agarra corporifica o modo-de-ser-trabalho. Agarrar é expressão do poder sobre, da manipulação, do enquadramento do outro ou das coisas ao meu modo de ser".

É o poder sobre o direcionamento da própria vida. Sem o trabalho tudo o que foi feito e realizado a partir deste Projeto não teria surtido efeito. Nem os aplausos, nem a beleza do espetáculo, nem as parcas horas de liberdade. Se não tivessem tido a oportunidade de trabalharem as suas dores, de se depararem com suas máscaras, não teriam mudado a percepção das experiências e, possivelmente, continuariam nesse ciclo de sair e retornar ao presídio. Com relação a esse poder sobre si mesmo, Tambara e Freire (1999, p.50) pontuam que

> Todo ser humano possui uma força interna de crescimento, de integração e de socialização que está sempre presente, mesmo quando suas atitudes e o seu comportamento tornam-se destrutivos ou anti-sociais. O que ocorre, nestes casos, é que a *tendência atualizante* do indivíduo teve a sua expressão impedida ou distorcida pelas condições desfavoráveis de sua existência. (grifo dos autores)

Tudo no Universo funciona numa sincronia. É o processo de viver do homem, o autoconhecimento produzindo uma mudança na simbolização das experiências e, conseqüentemente, levando a uma mudança de postura diante das necessidades de se ter um trabalho no qual possa buscar o seu sustento, de maneira saudável para si mesmo e para os outros.

E - PREDISPOSIÇÃO À MUDANÇA

No momento em que se recupera o respeito por si mesmo, recupera-se o respeito pelo outro, porque o respeito por si mesmo, dá-se no respeito recíproco.
Humberto Maturana

A predisposição para a mudança de vida foi considerado pela maior parte deles como fundamental nesse processo de crescimento. Rogers (1992, p.255) lembra que a pessoa só poderá explorar a si mesma e especialmente "as áreas de conflito assim que se sentir capaz de suportar a dor, e que irá experimentar uma mudança de percepção assim que essa experiência puder ser tolerada pelo self".

Alguns dos participantes olharam de modo mais efetivo para as suas áreas de conflito, mesmo que isso causasse dor, admitindo que a postura até então adotada só havia causado aborrecimentos: estavam presos. Assim o fizeram porque havia a predisposição para sair dessa vida de crimes. Wood (1983, p.48) pondera que esse experienciar são "... momentos de movimentos interior, quando uma pessoa se torna mais integralmente a sua realidade – não é provocada pelo terapeuta; é uma manifestação na pessoa da capacidade natural e da tendência para cura e crescimento".

Não foram as atividades desenvolvidas que objetivaram a mudança, elas apenas proporcionaram as condições para que essa predisposição interna se manifestasse. Os colaboradores se predispuseram à mudança em momentos diferentes: quando ainda estavam no presídio; na observação do comportamento daqueles que participavam do teatro; durante o transcorrer das atividades do Projeto; na apresentação do espetáculo ou nos debates com os alunos.

a* A mudança é uma decisão interna

Mercúrio: Eu botei aquele negócio na minha cabeça: que eu tenho que mudar! Vamos ver se dá certo!

Saturno: Só acontece a sua parte a partir do momento que você se predispõe!

Plutão: Na verdade quem tem que falar para ele mesmo é o próprio preso: "Eu quero me ressocializar! Eu quero!"

Netuno: O mais importante de tudo é o próprio eu: eu preciso mudar, eu preciso melhorar!

Urano: Eu tinha três objetivos: era sobreviver e sair pela porta da frente!

Netuno, Júpiter, Mercúrio, Urano e Plutão foram unânimes em dizer que a decisão de mudança tem que partir da própria pessoa, pois de nada adiantam as oportunidades, se não souberem aproveitar. Mercúrio acredita que, se a pessoa falar para si mesma que vai conseguir mudar, "*ele muda totalmente*", basta querer. A sua decisão partiu quando percebeu que tudo o que conquistava era perdido. Resolveu experimentar mudar de vida para poder conservar suas conquistas.

Para Saturno, as oportunidades aparecem, mas nem todos sabem como aproveitá-las. Acredita que "*tem que partir do preso esse querer*", pois quando você está aberto, que você se "*predispõe de coração, de corpo, alma, espírito*", consegue enfrentar as dificuldades e as crises que surgem. Considera também que é muito importante estar disponível para os trabalhos terapêuticos, por mais que doa encarar as simbolizações distorcidas que introjetou durante o percurso: "*por mais que doesse, que falasse da minha infância, que falasse do crime, que falasse que era mentira, que eu visse que eu não era aquele cara forte. Que realmente eu era um mole! Um frouxo! Um... até mesmo um covarde!*". Para ele, não foi fácil encarar a si mesmo, mas estava disponível para a mudança.

Plutão enfatizou a necessidade de a pessoa desejar a mudança. A ressocialização, acredita que são "*falácias*" dos projetos, só é processada quando a pessoa fala para si mesma:

"*Eu quero me ressocializar!*" e não esperar por outros que a escolham para a ressocialização, não esperar das pessoas que digam que vão ressocializar esse ou aquele! Para ele, tudo depende da tomada de decisão: não se contaminar dentro do presídio, não se envolver nas atividades criminosas, não pular o muro. Percebe que há muitas pessoas que desejam e "*querem sair e trabalhar*", mas não são todas. Algumas gostam do presídio e gostam de ficar ali. Ou seja, tomam a decisão de permanecer no mundo do crime.

Para Netuno, as oportunidades também surgem para todos, mas "*o mais importante de tudo é o próprio eu: eu preciso mudar, eu preciso melhorar*". Pontua que essa decisão depende somente da pessoa, tem que partir dela. Urano traz os seus três objetivos como suporte para a sua decisão. Percebeu que a sua sobrevivência estava sendo vivenciada de maneira distorcida e mudou seu foco: foi para o Projeto. O "*sair pela porta da frente*" foi outra decisão que fortaleceu o seu processo de mudança. Quanto ao terceiro objetivo, parece que ainda está uma ferida muito aberta que ficou até difícil de falar dela, mas acredita que o tempo "*é um remédio muito bom*" para resolver questões inacabadas.

A predisposição à mudança tem um forte componente individual. Eles mesmos o disseram. Rogers (1991a, p.33) pontua que "... toda pessoa é uma ilha, no sentido muito concreto do termo; a pessoa só pode construir uma ponte para comunicar com as outras ilhas se primeiramente se dispôs a ser ela mesma e se lhe é permitido ser ela mesma". Eles fizeram uma revisão de si, quando foi dada a oportunidade. Puderam parar e refletir sobre suas vidas, o que estavam fazendo consigo, possibilitando uma ajuda efetiva. Partiram da estrutura de referência interna e conseguiram processar mudanças em si mesmos.

O caminho mais seguro para se atingir a estrutura de referência interna de uma pessoa é permitir que nos conduza, porque, como nos aponta Rogers (1987, p.112), "o melhor guia é o cliente". Cada um sabe melhor dos seus conflitos dolorosos e o caminho da cura.

b* Tomei a decisão de mudar de vida dentro do presídio

***Marte*:** Eu fui recapturado em 1997 e foi aí que eu decidi pagar mesmo e sair dali. Eu não pensava mais fazer nada errado!

***Mercúrio*:** A cadeia era como se fosse para eu me ajeitar na vida: agora você vai ter que se arrumar ou então você vai se enrolar na sua vida!

***Netuno*:** Antes de eu sair do fechado, eu já estava disposto a mudar. O que me levou a acordar? Eu!!! Estou com trinta e dois anos... já!

***Urano*:** Eu vou mudar. Porque senão desse jeito não vai dar para mim!

***Saturno*:** Eu preciso sair dessa vida! Eu não agüento mais!

Marte não sabe quando iniciou a sua decisão de mudar. Acredita que foi o tempo que o ajudou a pensar diferente e tomar a decisão de pagar a sua cadeia, antes de entrar para o Projeto. Lembra-se que, quando foi recapturado em sua última fuga, decidiu não cometer mais erros e sair do presídio. Mercúrio percebeu que estava "*enrolado*" quando "*caiu*" a segunda vez e que era hora de processar uma mudança em sua vida. "*Cair na cadeia*" foi como "*um puxão de orelha*". Decidiu pagar e não fugir, apesar das várias chances que teve para realizar tal ato, até mesmo porque não podia ficar em Porto Velho e nem podia ir para a Bolívia, os dois lugares de referência para ele. Ficou sem chão.

Netuno estava disposto a mudar mesmo antes de sair "*do fechado*"[64] quando percebeu que estava com trinta e dois anos e que havia perdido os melhores anos de sua vida ficando preso. Lembrou de seu filho e sua mãe que sofrem com a sua situação e resolveu pagar a cadeia e não ficar nesse sair para a colônia penal e retornar para o presídio. Por outro lado, Urano percebeu o quanto ainda praticava de coisas erradas dentro do presídio e decidiu que ia mudar a sua situação porque notou que, do modo como agia, não ia dar para ajeitar a sua vida.

Saturno conseguiu perceber que havia chegado ao fundo do poço e, com o apoio da família, conseguiu sair. Considera que isso é uma exceção no mundo do crime, porque

[64] Antes de sair do presídio. Hoje está na Colônia Penal com a possibilidade de sair para trabalhar e retornar para dormir.

geralmente quando se chega ao fundo, dificilmente se consegue retomar a caminhada para a saída. Quando aconteceu o "*ato de estar preso fisicamente e perceber que eu estava enrolado*", conscientizou-se de que precisava mudar de vida. Até então, a prisão era um desafio a ser enfrentado por quem se considerava maior que Deus. Com essa nova percepção da realidade, decidiu não continuar planejando fugas. Percebeu que poderia pagar sua cadeia e sair dessa vida, pois não agüentava mais esse jeito de viver do mundo do crime.

As simbolizações distorcidas foram introjetadas numa busca de manterem a integridade do self e não estavam perceptíveis à consciência. Quando foram presos ou recapturados, perceberam que algo não ia bem, que estavam trilhando caminhos em prejuízo próprio. Justo (2000, p.46) aponta que "reagimos não à realidade objetiva, mas à nossa representação (correta ou errônea) da realidade". Eles passaram a se permitir uma maior abertura a si mesmos. Principiaram o reconhecimento de suas vivências interiores e passaram à representação da realidade mais condizente com a nova percepção de si mesmos.

c* Comecei observando os participantes

***Plutão*:** Eu pensei que se isso faz bem para eles eu também quero isso!

***Urano*:** É isso que eu quero!

Plutão e Urano sentiram-se mobilizados pelas mudanças dos outros. Urano começou a observar o relacionamento daqueles que estavam no Projeto e percebeu o quanto havia perdido por se tornar uma pessoa mais fechada, quando entrou para a polícia. Decidiu que queria recuperar a alegria e o bom humor. Plutão superou o seu medo e a sua vergonha de se expor, quando percebeu que os colegas que participavam do Projeto, estavam diferentes dos demais: a diferença era física, emocional e no humor. Percebia que "*eles estavam e vinham sempre com bom astral, não tinham depressão*", viviam tocando violão e sempre brincavam, apesar de estarem presos. Decidiu que também queria isso para si.

O conceito que a pessoa tem de seu self exerce influência bastante dominadora sobre seu comportamento. Se essa percepção for baseada numa elaboração simbólica distorcida, resulta em tensões, de acordo com Rogers (1992). Essas experiências sensoriais e viscerais do organismo podem começar a emergir na consciência quando se entra em contato com outra pessoa que experimenta melhoras em seu conceito de self conforme Rogers (1977a). Havia, entre eles, o desejo de mudar de vida e os companheiros foram os motivos para se lançarem e se permitirem novas experiências.

d* Minha decisão de mudar foi na apresentação

***Júpiter*:** Na apresentação eu já peguei o gosto pela coisa!
Porque agora eu tenho responsabilidade!

Somente Júpiter tomou a decisão de mudar na apresentação do espetáculo. O seu objetivo ao participar do Projeto foi com a intenção de fugir; entretanto, com o desenrolar das atividades, modificou seu modo de pensar mesmo diante de tantos anos de cadeia, que ainda teria que cumprir. Começou a processar a mudança quando da apresentação do espetáculo. A partir daí, não pensava mais em fugir, porque percebeu que ainda era capaz de ter responsabilidades e que o seu desejo era de "*não prejudicar o colega e nem o Diretor da peça*". A partir daí, pensou também em reconstituir sua vida.

Foi a partir da consideração positiva dos outros, da mesma sociedade que o condena, que Júpiter pôde resgatar a si mesmo. Segundo a postulação de O'Hara (1983), a sua energia curadora pôde fluir livremente numa direção saudável, se permitindo a novas percepções de si mesmo, simbolizando essas experiências de modo criativo e positivo.

e* Nos debates com os alunos

***Vênus*:** Está lá o ator do Bizarrus! Esse cara aí dava entrevista para os alunos! Eu penso duas vezes, antes de fazer uma coisa errada!

Vênus continuava a fazer coisas erradas dentro da cadeia, provavelmente se referindo ao uso de drogas. Relata que "*depois que eu entrei no Bizarrus, quando eu vou entrar numa coisa errada eu penso bem!*". Após sua participação nos debates com os estudantes, sentiu-se mais responsável e, atualmente, faz um esforço para sair das drogas com vergonha de ser preso e isto ser divulgado entre os estudantes.

Vênus, que está distante da família há muitos anos, sente-se responsável pelos estudantes a quem aconselhou para não entrar no mundo das drogas. Assumiu esse compromisso consigo porque os estudantes para quem falou se tornaram pessoas significativas. A necessidade de Vênus de consideração positiva pelos outros é uma necessidade universal que faz parte dos seres humanos, oferecendo uma sensação de segurança, que se exterioriza conforme a noção do eu se desenvolve, como pontua Rogers (1977a).

Não é tão simples a satisfação dessa necessidade, porque a pessoa precisa de uma gama extensa de experiências. Um outro fator importante é que a consideração positiva manifestada por pessoas significativas (pessoas critério) pode se tornar uma força condutora do comportamento, mais forte que o próprio processo de avaliação organísmico. Ou seja, a pessoa passa a considerar as direções indicadas por essas pessoas-critério e não as experiências que provêm do seu próprio modo de sentir, que satisfaria sua tendência atualizante. Vênus está conduzindo seu comportamento em função desses estudantes quando deveria deixar-se guiar por si mesmo para poder possibilitar a ocorrência de uma mudança mais efetiva e ele poder conquistar a saída definitiva do presídio.

De acordo com Rogers (1987), a ajuda psicológica a uma pessoa se dá quando existe nela um grau de desconforto provocado por uma situação de desequilíbrio. A partir daí pode-se buscar uma ajuda efetiva. Os colaboradores puderam ser ajudados nesse processo de mudanças porque estavam em conflito com aquilo que eram e o que agora desejavam ser. Desejavam sair do mundo do crime, o que provocava o estado de tensão, mas ainda não sabiam como e o Projeto se apresentou como uma alternativa.

Justo (2000, p.26) observa que

> ...a *tendência à auto-realização* e à *auto-imagem* (*self*) explicam todo o *procedimento do indivíduo* (atitudes, ações e reações). A tendência ao crescimento é o elemento dinâmico do psiquismo; o self o orienta na direção de valores, objetivos que lhe interessam ou que, erroneamente ou não, lhe parecem vantajosos e alcançáveis. A auto-imagem joga papel decisivo na vida. (grifos do autor).

Alguns foram capazes de enfrentarem a si mesmos e simbolizaram suas novas experiências que foram aceitas pela consciência e organizadas em relação à estrutura do seu self. Passaram a selecionar as experiências que melhor se encaixavam com os seus conceitos de self. Mudaram o conceito de self e, assim, mudaram a simbolização de suas experiências. (ROGERS, 1977a).

Para outros, a mudança se processou mais superficialmente. Rogers (1987) pondera que, nos casos em que havia ausência de tensões mais profundas, o êxito se deu em função do tratamento pelo ambiente. Explica que

> ... um grupo de delinqüentes pode ser progressivamente desviado das suas atividades delinqüentes para uma boa convivência social sem nunca sentir com acuidade a diferença entre os seus próprios padrões originais e os da comunidade desde que encontrem um líder melhor e lhes sejam dadas oportunidades de divertimento. (p.45).

Olhando sob essa perspectiva penso que, para alguns, ocorreram mudanças significativas, profundas e, para outros, as mudanças apenas arranharam a estrutura do self. Não há dúvidas de que Marcelo se tornou um líder diferenciado que apresentou para eles uma nova visão de mundo. A psicoterapia surgiu como um apoio a essa nova visão do Universo e a aprendizagem de uma profissão, na pessoa e no pensar do Luiz, confirmou esse novo olhar.

Há grandes possibilidades de que, para alguns, ocorreram mudanças significativas profundas, um ajustamento psicológico, uma integração no self numa nova percepção do mundo. Rogers (1995b, p.57) aponta que se a pessoa organiza as suas experiências perceptuais (atitudes, impulsos, habilidades, incapacidades), a experienciação que têm dos outros e da realidade "são livremente assimiladas em um sistema organizado e consistente, disponível à consciência...", possibilitando o ajustamento psicológico. Desta forma, eles conseguiram ficar bem consigo mesmos.

Boal (1999, p.61) ajuda a configurar esse entendimento quando afirma que

> O ator, como todo ser humano, tem suas sensações, suas ações e reações mecanizadas, e por isso é necessário começar pela sua *desmecanização*, pelo seu amaciamento, para torná-lo capaz de assumir as mecanizações da personagem que vai interpretar. As mecanizações da personagem são diferentes das mecanizações do ator. É necessário que o ator volte a sentir certas emoções e sensações das quais já se desabituou, que amplifique a sua capacidade de sentir e se expressar. (grifos do autor).

Como eles eram atores de suas próprias experiências, interpretavam os papéis de si mesmos, o que acarretava contato obrigatório com suas próprias reminiscências do passado, eles transitavam pelas emoções remexendo as dores profundamente escondidas. Boal (1995) recomenda que os atores não somente sintam as emoções, mas que racionalizem essas emoções, levando-os a compreenderem as causas e as origens de suas experiências. No caso deles, ficava muito difícil porque interpretavam os próprios papéis. Acredito que, por isso,

muitos não gostavam de ir para a terapia porque sabiam que precisavam trabalhar os conteúdos que emergiram, mas não se dispunham a fazê-lo diante de outras pessoas.

Boainaim (1996, p.137) afirma que o processo terapêutico, centrado na pessoa, favorece a "emergência de vivências transpessoais e espirituais (...) e que tais vivências, ao menos potencialmente, mostram-se bastante promissoras como elemento propiciador de crescimento e transformação psicológica...". Os colaboradores tinham razão em não quererem entrar em contato com as novas percepções do self, porque como atores, abriam as feridas e, como participantes de um grupo de encontro, chegavam em estados modificados de consciência e ficava difícil negar as novas experiências, como se não existissem. Mesmo com o desejo de mudarem de vida, eles não queriam entrar em contato com seus conteúdos porque doíam muito. Um deles chegou a verbalizar que achava bom eu estar viajando porque não ia mexer com nada.

A predisposição interior para dar um novo rumo na vida foi preponderante. Embora não soubessem como fazê-lo. As atividades do Projeto foram ferramentas que possibilitaram novas simbolizações às suas experiências. Miller O'Hara (1983, p.102) pontua que

> A energia curadora flui em nós e brota de surpresa. E, se estamos disponíveis, ela nos moverá para a ação que é natural e harmoniosa com a nossa situação. Da mesma forma o vento tocará música numa harpa quieta... Tornamo-nos um instrumento através do qual a cura pode ocorrer.

Eles se permitiram! Deixaram que a energia da cura tocasse as cordas de suas vidas, num embalo doce e saudável de si mesmos!

F – TÉRMINO DO PROJETO

Antes de tentar se modificar, impedir ou evitar algo que não gosta em si mesmo, é mais efetivo conservar isto, e se tornar mais consciente de que existe.
John Stevens (1988, p.18)

Para mim, é muito difícil falar da morte do Projeto Pontilhado que tinha tudo para ser vida: dar vida a tantas almas desesperançadas, esquecidas do mundo, no submundo da prisão. Acredito que Vinicius de Moraes (2005, p.93) traduz parte dos meus sentimentos.

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

a* Sentimos falta do Projeto

Vênus: Nós só lamentamos por ele não ter voltado! Se nós pudéssemos voltar de novo, era uma grande coisa!

Vênus: Se um dia eles voltarem e eu não voltar, parabéns para quem fica e agradeço!

Mercúrio: Hoje o Projeto acabou não sei porque, mas tenho esperança que vai voltar!

Saturno: O teatro não morreu!

Marte: A gente vem trabalhar todo dia! Eu não estou sentindo muita falta mais não!

Vênus sentiu muito o término do Projeto, lamentando não ter continuado com suas atividades para beneficiar outros colegas, não entendendo e não sabendo o motivo do seu término. Queria saber se o Marcelo ia voltar ou não e que todos estavam com saudades. Se o Projeto retomasse suas atividades voltaria a participar: "*Com o maior prazer eu voltava! Voltava não! Eu volto!*". E também participaria de qualquer outro projeto que fosse criado. Na sua ânsia pelo retorno, até abriria mão de sua participação, daria apoio e iria assistir às apresentações. Fez uma analogia com jogadores de futebol: "*Vai ficando velho, vai desgastando e chega lá e o técnico: você vai ter que mudar. O cara tem que agüentar!*". Como se estivesse se condenando por ser uma pessoa que não pudesse mais contribuir, apesar do seu desejo de fazê-lo.

Mercúrio também sentiu muito o término do Projeto, mas estava se preparando, fazendo oficinas de teatro para quando do retorno de Marcelo. Ainda conservava essa esperança.

Para Saturno, não houve a morte do Projeto, apenas Marcelo tinha saído e, por isto, o espetáculo *Bizarrus* deixou de existir. Entretanto, evita entrar no teatro (do Sest/Senat) porque, quando o faz, se emociona, porque foi aí que contou a sua história de vida: "*contei a minha história de criança, a minha história de adolescência, o meu mundo do crime*".

Marte, cuja entrevista foi uma das últimas que realizei, referindo-se ao Projeto, sabia que tinha sido encerrado, mas não estava sentindo tanta falta dessa vez porque estava trabalhando e que "*agora não pesa muito não!*". Anteriormente, quando estava no presídio, sentiu muito mais.

Os colaboradores ficaram mobilizados pelos vários términos do Projeto. Os que estavam no presídio sentiram muito mais, porque era a oportunidade que tinham de sair em "*liberdade*" por algumas horas. Fiquei imaginando o quanto foi ruim para eles, mas eles tinham uma aceitação pela vontade e decisão do Marcelo que era surpreendente. Em nenhum

momento, criticaram ou fizeram comentários desairosos a respeito. Talvez pelo fato de terem passado por uma prisão, aceitam com mais facilidade as decisões do outro, mesmo que não verbalizem o quanto estão magoados. Confesso que eu fui muito mais rígida e severa em meus julgamentos e comentários. Fiquei com muita raiva.

Foram tantas idas e vindas de "termina e recomeça" que acabou afetando a todos. Era um Projeto sério que tinha tudo para dar certo e continuar suas atividades no presídio. Pelo menos, esta era a minha compreensão quando precisei optar entre o Projeto Vida Livre com os adolescentes em regime de liberdade assistida, e o Projeto Pontilhado, com os presidiários. Não foi bem uma escolha porque no "*Bizarrus*" estavam precisando de um profissional de psicologia para trabalhar os conteúdos psíquicos que emergiram ao se buscar "racionalizar" as emoções. Eram intensos conteúdos inconscientes que estavam vindo à tona. Os conflitos vivenciados em família ressurgiam com uma força descomunal e atingiam a todos. Somente agora é que percebo que os conflitos vivenciados se referiam ao passado, quando saíram de casa e se embrenharam no mundo do crime. Como o Diretor do espetáculo fazia questão de frisar que eram uma família, todos estes conflitos foram se manifestando no grupo. Por isso, existiram tantos conflitos no grupo. É evidente que muitos outros fatores influenciaram também.

O desânimo tomou conta de todos, especialmente, daqueles que estavam no presídio. Ninguém entendia o que tinha ocorrido, embora aceitassem a decisão do Diretor de Arte. Aprendi com eles o que era aceitação. Senti-me traída e desconsiderada como profissional, pois, em nenhuma das vezes em que Marcelo encerrou as atividades, fui comunicada, ficava sabendo por acaso, ou quando ia para o meu horário de encontro com o grupo e não havia grupo.

Saturno afirmou a importância de se desenvolverem projetos nesse formato para auxiliar outras pessoas que estão privadas da liberdade. Mas é com grande consternação que

constato que o compromisso assumido pelos trabalhadores do Projeto foi só mais um que chegou "*pra arriar na cabeça do malandro*", como colocou Saturno quando foi apresentado ao Projeto.

Todos conseguiam verbalizar o quanto que estava doído esse encerramento de um Projeto que foi tão importante para todos. Ouso afirmar que o sentimento de família nasceu em cada um que se viu envolvido nesse trabalho devido à forte aliança que foi formada.

Abrindo as asas da minha imaginação, pergunto: fomos uma família? Podemos ter esperanças de um novo encontro familiar?

Tagore (1996, p.98), "de repente, não mais que de repente" (Vinicius) serenou meus sentimentos:

Ó Grande Rei, não perdi
a esperança em tua graça:
conservo em mim tanta vileza,
tantas vergonhas, todavia
não perdi a esperança.
Ninguém sabe como a tua providência,
secretamente, tece uma rede mágica,
oculta aos olhos de todos.
Na hora por ti fixada,
sem se esperar, quem sabe de onde,
chega o impossível, manifestando-se
em sua própria luz,
sempre esperado,
sempre em vestes do possível.

Tu és a Testemunha Interior
neste tímido país;
às ocultas,
de coração em coração,
de casa em casa,
tua virtude misteriosa
vigia e trabalha
noite e dia.

Ò Grande Rei,
não perdi a esperança!

G -CAMINHOS PARA TIRAR UMA PESSOA DO CRIME

Para punir um homem retributivamente é preciso injuriá-lo. Para reformá-lo, é preciso melhorá-lo. E os homens não são melhores através de injúrias.
Bernard Shaw

Elevar o nível de consciência das pessoas para que possam fazer escolhas nas quais se sintam melhor, que sejam mais saudáveis, parece ser um dos pontos fundamentais para afastá-las de comportamentos que trazem prejuízos para si e aos outros.

Em seus depoimentos, os colaboradores mencionaram os recursos que se pode utilizar para auxiliar aquelas pessoas que se encontram encarceradas, também internamente, e que não conseguem vislumbrar o caminho para tomarem um outro rumo na vida. O único recurso que juridicamente se tem utilizado é "matriculá-los" em boas escolas que ensinam as técnicas mais sofisticadas de se cometer crimes, que ampliam o contato entre esses "estudantes" facilitando a permanência no submundo.

De acordo com Urano e Saturno, quem fica nesse sai e retorna ao presídio é porque aprendeu bem o que foi ensinado. Plutão descobriu uma fórmula para evitar se contaminar por esses ensinamentos. Júpiter perdeu a consciência de que era um ser humano com desejos, valores e responsabilidade. Havia se perdido no consumo de drogas por ter sido seduzido por alguém que, provavelmente, foi também um excelente aprendiz do mundo do crime.

Se há caminhos que conduzem ao crime, com certeza há "*uma luz no fim do túnel*"[65], que leva ao crescimento!

[65] Jargão muito utilizado entre eles, trazido pelo diretor de arte.

a* A sociedade deve assistir mais de perto

Saturno: A sociedade para recuperar o ser humano deveria assistir mais de perto!
Saturno: Esse fluxo que nós temos de oitenta por cento de volta para a prisão, nós também podemos ter ele na recuperação.
Júpiter: Hoje eu acho que posso pegar qualquer trabalho que o pessoal jogar aqui dentro!
Urano: Lá no presídio a gente não conversa o que é conversado aqui no Sest/Senat!
Mercúrio: Hoje a realidade é essa: você sai com uma sacolinha e vai fazer o que?
Saturno: Esse trabalho recupera não só o preso, mas qualquer ser humano.

Saturno acredita que "*a sociedade para recuperar o ser humano deveria assistir mais de perto*", conhecer mais profundamente a realidade daqueles que estão nas cadeias, abandonando os rótulos que "*o preso é irrecuperável*". Acredita que existem pessoas que realmente praticam o mal, mas o índice dos presos com esse perfil é menor que aqueles que necessitam de um apoio e acompanhamento mais de perto. Há a possibilidade de que o índice de oitenta por cento seja revertido e "*podemos ter ele na recuperação*". Ou seja, menos pessoas dentro dos presídios e casas de detenção. Entretanto, fala que "*é preciso ter muita coragem, muito empenho, muita responsabilidade, muito compromisso consigo, com Deus, com o Universo, com essas pessoas*".

Júpiter, depois de ter passado pelas experiências do Projeto, sente-se capaz de desenvolver qualquer outra atividade dentro do presídio, como teve a oportunidade de fazer. Foi outra mudança que ocorreu na sua vida, pois sem o Projeto "*eu não teria essa capacidade*". Essa sua experiência foi fundamental para a realização de um outro projeto dentro do presídio. Urano diz que "*dentro do presídio as pessoas não têm perspectiva de vida*"; por isso, se ouve um tipo de conversa que vai diminuindo a auto-estima do preso: "*Você não vai ter emprego! Ninguém vai te dar oportunidade!*". Esta fala vai tomando conta das pessoas, fazendo com que realmente acreditem que não vão ter oportunidades e, por isso,

não se mobilizam para mudar de vida. E isso "*vai aumentando só o seu lado mau"*, mantendo esta visão negativa. Observa que "*lá no presídio a gente não conversa o que é conversado aqui no Sest/Senat: auto-estima, o que você fez, onde foi o teu erro, onde foi que você errou*", o que os ajudaria a procurarem um outro modo de existir.

Mercúrio comenta que na realidade "*você sai com uma sacolinha e vai fazer o quê?*". Não há um preparo para ao preso sair e nem acompanhamento ou oportunidade de trabalho. A única coisa que se sabe fazer e nem precisa de esforço é o retorno ao mundo do crime. Para Saturno, esse tipo de trabalho que foi desenvolvido "*recupera não só o preso, mas qualquer ser humano que se permita*". A recuperação para ele significa a pessoa arrancar as máscaras e deixar de interpretar papéis, e esse trabalho pode ser feito tanto nas prisões.

b* O teatro pode recuperar as pessoas

Saturno: Implantar isso em mais lugares para recuperar um número maior de pessoas. É dessa forma que tem que ser feito!

Júpiter: Eu acredito que não tenha coisa melhor para ressocializar um preso do que o teatro!

Plutão: O teatro beneficia pessoas que estavam vivendo como eu.

Saturno acredita também que o modo de se trabalhar, como aconteceu no Projeto, incluindo atividades variadas como teatro, trabalho terapêutico, profissão e o acompanhamento, propiciam o autoconhecimento e a saída do mundo do crime. Para ele, o que funciona é esse conjunto de atividades e não trabalhos isolados. A implantação de projetos desse tipo em outros lugares, no Brasil e no mundo, ajudaria a "*recuperar um número maior de pessoas*", porque, nas cadeias, existem vidas que estão se acabando por falta de um acompanhamento mais de perto. Pontua que a pena alternativa é uma outra solução para muitos casos que não precisam passar pelo tormento do mundo prisional, de uma

comunidade que sofre sem esperança de uma melhora. O aprendizado de uma profissão solucionaria em parte os conflitos vivenciados por aqueles que estão desempregados e não sabem como fazer para mudar o rumo de suas vidas. Saturno afirma que "*as cadeias estão gritando por socorro"* e compete a nós a solução desse conflito.

Júpiter tem certeza de que não tem "*coisa melhor para ressocializar um preso do que o teatro*", ajudando a pessoa a ter consciência e responsabilidade, fundamentais para uma pessoa mudar de vida. Plutão é da mesma opinião, enfatizando que o teatro ajuda pessoas como ele que tinham vergonha de estarem presos. Vênus, fã incondicional do Projeto, ou mais especificamente do espetáculo, afirma entusiasticamente que deveria haver "*outros projetos que fosse igual ao Bizarrus! Isso aí ajudava muita coisa na vida!*".

c* Importante é ter a confiança das pessoas

Mercúrio: Eu chamo o Luiz de louco porque pegar quatro ex-detentos e botar para fazer segurança do prédio!

Netuno: Os amigos nunca me trataram com nenhuma indiferença, nunca viraram as costas para mim!

Netuno: A minha família! Eles sempre me deram apoio. Nunca, nunca me abandonaram!

Mercúrio encontrou "*um que nem o Luiz*" que teve a coragem de colocar ex-presidiários para fazer a segurança da empresa: "*jamais eu vou encontrar, na minha vida, um cara que faça isso comigo*". Essa confiança foi fundamental para que não voltasse para a "*bandidagem*" e envidasse esforços para superar as dificuldades que surgiram depois que saiu da cadeia. Netuno só pôde superar as dificuldades para sair do mundo do crime porque sempre contou com a confiança da família e dos amigos. Eles nunca o abandonaram, nunca viraram as costas, sempre o apoiaram e continuaram acreditando nele. Nunca o trataram como "*um coitadinho*". Acredita que tem uma parcela de contribuição nesse modo de ser dos

amigos e familiares: ele nunca demonstrou estar arrasado, mesmo nas piores situações, ele nunca se entregou ao desânimo.

De acordo com os colaboradores da pesquisa, há meios de se auxiliar as pessoas a não entrarem no mundo do crime e ajudarem aquelas que se encontram privadas da liberdade. Para eles, as pessoas são passíveis de mudança e Tambara e Freire (1999, p.50) afirmam que

> O anseio básico de todo indivíduo é sempre o de buscar o crescimento, o desenvolvimento de suas potencialidades e a integração com os outros seres humanos. A motivação básica de todas as ações humanas é sempre a de buscar mais vida. Por trás de gestos destrutivos, anti-sociais e irracionais está presente ainda, mesmo que de uma forma distorcida ou irreconhecível, este anseio de vida e de crescimento.

A essência do sagrado existe dentro de cada pessoa. O anseio de crescimento, a necessidade de uma vida sem medo, a predisposição de buscar o melhor para si, encontram-se em estado latente a espera de ser despertado. É preciso iluminar o caminho para aqueles que estão na escuridão de si mesmos, sem um norte ou um direcionamento. Para Amatuzzi (1980), somente o amor maduro é que leva uma pessoa à ação. É um sentimento ativo que envolve compromisso, responsabilidade de decisão.

Todas as atividades do Projeto foram realizadas com muito amor, apesar dos vários conflitos e dificuldades que tiveram que ser superadas. Como os comportamentos das pessoas são introjetados a partir de suas experiências, eles puderam entrar em contato com um outro tipo de experiência que proporcionou a mudança de percepção do mundo, das pessoas e de si mesmos. Acredito que essa amorosidade tenha sido fundamental para os resultados obtidos. Rosemberg (1977, p.55) pondera sobre as dificuldades que as pessoas têm que enfrentar quando se dispõem a buscar a si mesmo

> Nesta busca de chegar mais próximo de ser ele mesmo, o indivíduo enfrenta hoje uma estrutura social cujas coordenadas são confusas e instáveis. Embora os padrões tradicionais de conduta continuem a ser reforçados e transmitidos pelas instituições socializadoras – família, as escolas, os órgãos oficiais -, movimentos atuais apontam fatos perturbadores e despertam questionamentos profundos.

O encarceramento tem provado que é uma forma muito inadequada para esse despertar. Encarcera-se na esperança de que a pessoa, por si só, descubra o caminho das pedras, o que se observa é que precisa ter uma referência a seguir. Fiquei muito impressionada com os depoimentos de Mercúrio e Marte quando disseram que não sabiam que o pobre pode conseguir adquirir o que deseja. Eles não sabiam o que faziam. Lembrei-me de Jesus, o homem de Nazaré, quando, no seu último suspiro, trouxe do mais profundo de sua alma amorosa: "Pai! Perdoai-lhes! Eles não sabem o que fazem!". E é bem isso mesmo o que eles disseram. E pensar que pode haver muitos mais com essa desinformação. Ninguém repassou a eles esse conhecimento, de que o pobre pode também adquirir bens, nem a escola e nem a família.

Não é somente o enfrentar a si mesmo, eles precisam rever os seus posicionamentos diante das outras pessoas. Urano sentia vergonha de ser ex-presidiário, mas, quando processou seus próprios preconceitos, nos trabalhos terapêuticos, passou a utilizar esse fato para se promover e vender os seus produtos. Passou a tirar proveito de uma situação que o constrangia. Boal (1999) articula bem o papel que a pessoa desempenha na sociedade como uma representação: somos todos atores no nosso dia a dia, atores de nós mesmos!

Rogers, em sua entrevista a Frick (1975), explica que, no estudo que realizou junto a delinqüentes, não conseguiu comprovar a sua hipótese. O que apurou foi o contrário. Quando a pessoa tem um grau de autocompreensão razoável de si mesmo, uma compreensão de seu

self, de sua situação perante o mundo e de seu modo de ser, ela se torna muito menos suscetível de se tornar um delinqüente ou um criminoso.

Como eles representavam a si mesmos no espetáculo, vivenciar os mais variados papéis do mundo do crime, utilizando-se da técnica psicodramática do teatro do oprimido, tiveram a possibilidade de expressar suas dores contidas. O teatro, o encontro terapêutico, a profissão, as terapias alternativas e o acompanhamento/apoio mais próximo de cada um dos participantes surgem como possibilidade de facilitar escolhas mais saudáveis para si e para os outros.

IX -CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que me levou a trabalhar com os presidiários foi a crença no potencial humano de auto-regulação, nessa capacidade inerente de a pessoa direcionar a vida em busca de algo melhor para si e na tendência atualizante de todas as coisas do Universo. Acreditei também que, de alguma forma, profissionalmente, eu pudesse ser útil nesse processo e ajudar no alívio de suas dores, facilitando o acesso à estrutura de referência interna, por meio das técnicas vivenciais e experienciais.

Numa pesquisa preliminar, realizada por acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia/UNIR, em 2000, os presidiários puderam verbalizar o que sentiram em relação a si mesmos e às atividades desenvolvidas pelo Projeto Pontilhado. Trouxeram o resgate dos valores, o restabelecimento da auto-estima e da confiança em si mesmos sem pontuarem, de modo objetivo, as mudanças pelas quais passaram. Mas, para mim, era importante saber quais foram os valores que eles resgataram, de que forma restabeleceram a auto-estima e como conseguiram confiar mais em si mesmos. Era importante ficar claro como conseguiram realizar esse acesso à estrutura de referência interna, e facilitar uma nova percepção de si e do mundo bem como a relação entre o teatro e a psicologia como facilitadores desse crescimento.

Trabalhei então com a hipótese de que pudessem processar mudanças significativas em suas vidas; entretanto, jamais imaginei que os resultados pudessem ser tão visíveis e que passassem por mudanças tão radicais como eles mesmos disseram. Acredito que nem eles pensaram que pudessem vivenciar essa expansão de suas potencialidades construtivas.

Para a realização desta pesquisa, busquei viabilizar a construção dos meios disponíveis para a confirmação, ou não, do processo de mudança que eles verbalizaram. A única forma de acesso à estrutura de referência interna deles seria a partir dos próprios depoimentos. Então, estabeleci, como objetivo, verificar como que eles haviam se organizado para repensar e planejar as próprias vidas a partir das experiências vivenciadas nas atividades do Projeto. Nos depoimentos, os colaboradores foram claros quanto aos meios que encontraram para processarem as mudanças, cada um de sua forma e no seu tempo.

Inicialmente, procurei pesquisar apenas a relação da psicologia com a arte, porque a profissão era algo maior, que fugia às possibilidades do teatro e da psicoterapia. Sem ter um planejamento efetivo e intencional, a aprendizagem de uma profissão surgiu com o apoio de um outro participante do Projeto, que colocou a empresa que administrava, como auxiliar nesse processo. Foi fundamental a inserção da aprendizagem profissional e do apoio às novas modalidades para o auto-sustento, pois, a partir daí, as atividades se desenvolveram como numa espiral, sempre rumo ao crescimento.

Outro objetivo proposto, em continuidade ao anterior, que era a verificação de como todas essas experiências favoreceriam que eles retornassem ao meio de onde haviam se afastado durante alguns anos. Para cada um deles, a conquista do meio social, familiar e pessoal foi um processo muito individual que envolvia persistência, paciência e, principalmente, mudança dos próprios preconceitos. Alguns conseguiram perceber que eram os seus preconceitos que atrapalhavam a busca de uma melhora de vida.

Todo esse trabalho estava vinculado a um núcleo gerador que era o self em relação-com-a-si-mesmo e o self em relação-com-os-outros e que foi o desencadeador de todo o processo de mudança. A percepção do self contribuiu para que pudessem refletir sobre as atitudes que estavam em prejuízo de si mesmos. Essa expansão do self foi realizada por meio da livre expressão dos sentimentos, trabalhada intensamente nas técnicas

teatrais/psicodramáticas e nos grupos de encontro nos quais processavam o diálogo consigo mesmos e com os outros.

A vivência da troca de papéis, nas ações psicodramáticas do teatro, foi fundamental para abrirem as comportas do mundo interno. Essa relação dialógica auxiliava no alívio de suas dores, no contato com suas dificuldades internas, na consciência das máscaras utilizadas e, conseqüentemente, favoreciam o melhor desempenho na profissão. Com a ajuda dos depoimentos, pude acessar, por meio do próprio olhar deles, o modo como expressaram as mudanças referentes ao self.

Verifiquei que os exercícios do teatro, aliados ao grupo terapêutico, possibilitaram a libertação das barreiras psicológicas que impediam o crescimento. Nos exercícios ligados ao teatro, havia uma postura diretiva e autoritária do diretor, entretanto, permeada de atenção e carinho. Tanto que a admiração pelo diretor de arte ainda é muito grande. É considerado por alguns dos participantes com um pai castrador, mas afetuoso. Eles necessitavam desses limites, já que a maior parte deles não os teve, no seu processo de desenvolvimento da personalidade.

Por outro lado, eu procurava criar uma atmosfera livre de pressões, críticas, julgamentos ou direção, como é a orientação da abordagem centrada, para possibilitar o despertar dessas forças criadoras e construtivas. Nos momentos do encontro do grupo, na psicoterapia individual, na situação de orientação esporádica daqueles que a buscavam, sempre procurei manter uma atitude de escuta livre de julgamentos. Sempre evitei perguntar o motivo de estarem presos.

Nos seus depoimentos, revelaram a mim situações, sentimentos e atitudes que os conduziram ao processo de expansão do self e à revisão de suas vidas, proporcionadas por meio das experiências e vivências no grupo de teatro, na psicoterapia e no desempenho de sua profissão.

Para a compreensão dos depoimentos, inicialmente, categorizei os elementos significativos que proporcionaram a nova percepção de suas experiência em: Desvelar do self, Percepção da Psicologia, Percepção da Arte, Percepção da Profissão, Predisposição à mudança, Término do Projeto e Caminhos para tirar uma pessoa do crime. Cada categoria de elementos significativos foi detalhada com a própria fala deles.

Ao se referirem ao **Desvelar do self**, apresentaram os caminhos que provocaram as mudanças e dentre os quais, pontuaram que a percepção de si foi a porta de entrada para que pudessem pensar em mudar de vida. Cada um deles apresentou a forma como conseguiu adentrar o seu mundo interno e de lá resgatar o melhor de si. O contato corporal, abraçando outras pessoas, especialmente outros homens, tornou possível que se desfizessem de muitos preconceitos, que foi fundamental para que se permitissem receber, dar e trocar afeto. Na percepção do outro, falaram das mudanças visíveis que perceberam nos colegas que participar das atividades do Projeto. Ao se referirem ao despertar da consciência, lembraram das conquistas que tiveram ao ter uma visão mais ampliada de si e do outro, especialmente no que se refere às conquistas adquiridas. No desenvolvimento da auto-estima, apontaram para a forma como resgataram o respeito e o afeto por si mesmos e o quanto foi importante desenvolverem a consideração positiva por si. Quando abordaram os "sentimentos vivenciados" no despertar de si mesmos, revelaram o emergir de suas angústias, o contato com as dificuldades que buscavam superar. O processo do "auto-conhecimento" foi considerado como uma ferramenta para o crescimento, sendo valorizada também a importância do apoio, especialmente nos momentos de crise, especialmente quando saem do presídio.

A **Percepção da Psicologia** a partir das atividades psicoterápicas, surgiu nos depoimentos, mostrando que, inicialmente, não confiavam na terapia, motivo pelo qual não queriam participar, e acabavam indo porque era obrigatória a participação em todas as

atividades desenvolvidas pelo Projeto. Entretanto, posteriormente, tiveram uma outra visão pois alguns verbalizaram que a terapia os ajudou a mudar, enfatizando os pontos em que foram beneficiados pelo processo psicoterapêutico. Outra informação fundamental foi a possibilidade que tiveram de demonstrar a si mesmos que era possível entrar em contato com conteúdos internos que os prejudicavam, verbalizando que haviam arrancado as máscaras para poderem se olhar de maneira mais condizente com suas experiências.

Um dos depoimentos mostrou a importância de se buscar o auto-conhecimento e vivenciar a essência sagrada. O experimentar o amor incondicional modificou a vida e a percepção do depoente, que foi tocado profundamente, percebendo que existe dentro de si o processo da tendência atualizante. Quando disseram que aprenderam a trocar de lugar e de papel com o outro, deu para perceber a extensão em que se processou a expansão do self, pois era uma atitude inviável anteriormente. O processo de busca do crescimento foi estimulado, pois o investimento em si mesmo esteve presente em várias pessoas que passaram pelo Projeto, demonstrando a importância de se manter o processo de busca de si e não perder as conquistas adquiridas.

Quanto à **Percepção da Arte**, informaram a importância das atividades psicodramáticas para o conhecimento de si mesmos, entrando em contato com questões mal resolvidas, experienciando o olhar dos outros sobre seus atos. Eles puderam sair de seu pequeno mundo, colocando-se no lugar do outro, observando as conseqüências de seus atos. Inicialmente, para alguns, a participação no Projeto se deu em função de sentirem as saídas para os ensaios, como momentos de liberdade, que haviam perdido e também como possibilidade de alcançar essa liberdade por meio de uma eventual fuga.

Os próprios colaboradores observaram que todos tiveram mudanças, de alguma forma. Uns mais, outros menos, mas todos se sentiram mobilizados para buscar o conhecimento de si mesmos. Lembraram também os benefícios trazidos pelo Projeto para suas vidas, permitindo

que tivessem uma nova percepção de si, a aprendizagem de outras atividades profissionais, trazendo benefícios para o presídio com a implantação da fábrica de bolas. Foram categóricos quando disseram que perceberam a diminuição da incidência e da reincidência daqueles com os quais participaram intensamente nas atividades desenvolvidas pelo Projeto. Em alguns depoimentos, nomearam os colegas que conseguiram superar o estigma de ex-presidiário e as dificuldades de se inserirem no mercado de trabalho, montando o próprio negócio ou se mantendo em empregos, não retornando ao presídio.

Foram lembrados os conflitos vivenciados durante as atividades do Projeto, especialmente no início, pontuando que tiveram experiências desagradáveis, que não foram poucas. Diversos obstáculos tiveram que ser transpostos para a continuidade do Projeto, principalmente aquelas que envolviam problemas entre os dirigentes, participantes, voluntários e a empresa que dava apoio, oferecendo o local para os ensaios, apresentação e encontros psicoterápicos. Cada um deles teve um motivo diferente para participarem do Projeto. Alguns tinham somente expectativas na participação, recordando que os colegas falavam o quanto era bom participar do Projeto, outros desejavam algum retorno financeiro. Outros lembraram que tiveram ganhos importantes, ao participarem das atividades, nomeando em que setores da sua vida se processou esse crescimento.

Ao se referirem à **Percepção da Profissão**, demonstraram que aprenderam a valorizar o trabalho, por mais simples que fosse e o quanto é importante desenvolver um trabalho no qual se ocupa o tempo e há retorno financeiro. Entretanto, eles têm consciência do quanto é difícil se manter com pouco dinheiro, especialmente, para quem estava acostumado a ganhar muito e suprir suas necessidades básicas, as supérfluas, além da satisfação da necessidade de poder e de estima pelos outros, através do dinheiro. Contudo, têm consciência também de que estão sobrevivendo com esse parco salário, satisfazendo as necessidades básicas, conseguindo

suas conquistas materiais (casa, moto, cursos, ampliação de oficina) mesmo não tendo o tanto que ganhavam com o mundo do crime.

Um fato fundamental, constatado por todos eles, foi que se não tivessem trabalho, teriam voltado para o crime, demonstrando a importância de se oferecer a oportunidade do aprendizado de novas formas de atuação no mercado de trabalho, descobrindo nichos de possibilidade de ganhos financeiros para a sobrevivência. Ao pontuarem que aprenderam uma profissão, mostraram que há outras possibilidades, mas que tem que partir da disponibilidade para esse aprendizado e para mudança de atividade profissional. Apesar do esforço que alguns estão fazendo para superar a si mesmos, percebem que ainda há pessoas que não reconhecem o esforço que fazem, numa postura de ainda estigmatizar as pessoas que passaram por prisões, como se não pudessem dar outro rumo em suas vidas, mesmo com muito esforço físico, emocional e espiritual.

O esforço envolvido no crescimento persiste quando dizem que amam o que fazem, provando que a atuação profissional, quando realizada com amor, propicia a revelação do melhor de si, contribuindo também para o crescimento dos outros. Falaram sobre o trabalho com os adolescentes e o quanto questionaram a sua adolescência quando adolescentes, pois se viam neles, no que faziam, diziam, teimavam e não ouviam. Necessitam, ainda, trabalhar os próprios conteúdos relacionados com o "adolescente ferido", especialmente quando sentem a falta de atenção e de afeto, como fora na sua juventude. Disseram que aprenderam com os adolescentes, já que se viam num espelho, o reflexo de si próprios, com muita onipotência. O trabalho com biojóias, foi a forma que um deles encontrou para sair do mundo do crime e se tornar um micro empresário, não medindo esforços para o aprendizado de novas técnicas envolvendo crescimento pessoal e profissional, tornando-se monitor de cursos.

Foram unânimes em pontuar que a **Predisposição à mudança** é básica e essencial para qualquer projeto que vise facilitar o crescimento das pessoas que se encontram em

prisões ou de qualquer outro tipo de instituição. A pessoa só recebe os benefícios se estiver determinada a mudar de vida e a abandonar o mundo do crime com suas facilidades e perigos. Abordaram que a mudança é uma decisão interna, pontuando que de nada adianta se a pessoa não se predispõe a sair da vida do crime. Precisa querer encontrar novos caminhos de crescimento, embora não sejam fáceis. Alguns disseram que tomaram a decisão de mudar de vida, quando ainda estavam no presídio e isso foi essencial para abraçarem a proposta do Projeto e investirem na credibilidade do mesmo. Outros abordaram que iniciaram a processar o desejo de participação nas atividades do Projeto quando começaram observar os participantes, seu modo alegre e saudável, mesmo estando presos, além de mencionarem outras mudanças visíveis, falaram também da possibilidade de poderem estar fora dos muros do presídio. Outros observaram que a decisão de mudar foi na apresentação do espetáculo, quando viram a seriedade do Projeto e que se viram capazes de desempenhar papéis aceitos pela sociedade que assistiu às suas performances e os aplaudiu de pé. O momento de reflexão sobre a responsabilidade dos atos, de um dos colaboradores, apareceu quando foi realizado os debates com os alunos, momento em que se viu responsável pela sua fala de orientação aos estudantes sobre o mundo das drogas, do vício e do crime.

Ao se referirem ao **Término do Projeto**, conseguiram relatar os sentimentos vivenciados com a interrupção das atividades, em seus diferentes momentos. Pode-se perceber um *continuum* do sentimento de extrema perda, de muita dor até um sentir mais calejado pelas tantas oscilações nas atividades. Observaram que é um trabalho que não deveria parar, pois poderá ser um meio de ajudar as pessoas que estão encarceradas, que querem sair do mundo do crime, mas que desconhecem as trilhas que levam a outros caminhos e ao crescimento.

Finalmente, ao falarem sobre os **Caminhos para tirar uma pessoa do crime**, propuseram que a sociedade deve assistir mais de perto, oferecendo subsídios, acompanhamento, apoio e atenção para aqueles que estão predispostos a sair da vida

criminosa. Sentiram que um apoio diferenciado propicia olharem para si mesmos, tirando as máscaras com que interpretam as simbolizações distorcidas, adquirindo um maior controle sobre suas emoções e, conseqüentemente, sobre si mesmos. Acreditam que o teatro pode recuperar as pessoas e que deve ser outro caminho para ajudar alguém que está sofrendo dentro de uma prisão.

Mas, aliado a tudo isso, é importante ter a confiança das pessoas, especialmente daquelas que estão próximas, como os familiares e amigos, que demonstram que eles ainda são dignos de confiança, que são capazes de processarem mudanças, desde que se ofereçam as condições necessárias e suficientes. Pessoas que acreditem que existe uma possibilidade de mudança e de crescimento, desde que se ofereça as condições adequadas e suficientes, um ambiente favorável que facilite o despertar do processo de auto-regulação, permitindo que se manifeste a tendência atualizante, facilitaando o processo de expansão do self e o crescimento.

Neste estudo, foi possível observar que os presidiários trouxeram todas as experiências que os conduziram ao resgate de suas próprias vidas, ao desenvolvimento de relacionamentos mais saudáveis, na área pessoal, familiar, social e profissional. Conseguiram verbalizar as repercussões da psicologia, da arte e o papel fundamental da nova profissão em suas vidas e de como essas atividades os auxiliaram no modo como processaram uma percepção ampliada do self, antes mesmo de saírem do presídio. Pontuaram, também, que o retorno à vida cotidiana se deu junto a muitas dificuldades, que ainda precisam ser superadas.

O desenvolvimento dessa pesquisa possibilita uma reflexão mais profunda, mais analítica do processo de cada um deles, observando processos de aprendizagens significativas desde que se procure oferecer as condições necessárias e suficientes ao crescimento. As mudanças ocorridas no modo de ser de cada um contribuíram para a expansão do self e uma

transformação de si mesmos, ficaram evidentes nos depoimentos, embora estejam sendo processadas.

Outro fato importante foi a necessidade de um acompanhamento mais profundo e mais diferenciado, nos momentos em que eles necessitavam, implicando numa disponibilidade de horários e numa predisposição interna. É preciso pensar na possibilidade de se desenvolver trabalhos de cuidados mais efetivos, nos quais se possa, efetivamente, ajudar as pessoas encarceradas a superarem seus conflitos, acreditarem em si próprios e trabalharem para diminuir seus próprios preconceitos. Propiciar oportunidades de auto-sustento e da família é dar a eles o direito de exercerem a sua cidadania de modo responsável.

Acredito que esse estudo observou que existe a possibilidade de se contribuir para a melhoria da vida das pessoas que estão nos presídios, proporcionando novas possibilidades de se trabalhar a saída da prisão por meio de atividades como a psicologia, o teatro e a profissão. São recursos que podem ser utilizados para o desenvolvimento da pessoa, mesmo sabendo do quanto é difícil a transformação dos quadros de valores e de consciência de qualquer pessoa, quando ocorreram simbolizações distorcidas das experiências vividas.

Aponto para a importância de se oferecer, dentro dos presídios, atividades que elevem a auto-estima e estimulem o auto-conhecimento, favorecendo o crescimento pessoal e interpessoal. As atividades apresentadas nesta tese mostraram-se eficazes, pois houve o trabalho psicodramático com as simbolizações distorcidas, o que facilitou aos participantes reverem as feridas e buscarem uma forma de sobrevivência, utilizando a estrutura de referência interna.

A capacidade de auto-cura pôde ser possibilitada a partir da psicologia, da arte e da profissão, por meio de um despertar da esperança. Esperança de um mundo melhor!

REFERÊNCIAS[66]

AGUIAR, M. **O Teatro Terapêutico**: escritos psicodramáticos. Campinas, SP: Papirus, 1990.

AMATUZZI, M.M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v.13, n.1, p.5-10, 1996.

AMATUZZI, M.M. **Crescimento e ajuda**: veredas em Psicologia. São Paulo: Cortez, 1980.

AMATUZZI, M.M. **O resgate da fala autêntica**: filosofia da psicoterapia e da educação. Campinas/SP: Papirus, 1989.

ANDRÉ, M. E. D. A de. A Abordagem Qualitativa de Pesquisa. In: **Etnografia da prática escolar**. 4.ed. Campinas/SP: Papirus, 2000.

BALESTRIN, M. Uma experiência de trabalho psico-corporal, centrado na pessoa, dentro de um presídio. **Revista das Faculdades Franciscanas.** v.3, n.2, p.09-22, 1985.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2004. Série Pesquisa em Educação. V.3

BIAGGIO, A. M.B. Kolberg e a "comunidade justa": promovendo o senso ético e a cidadania na escola. **Psicologia**: reflexão e crítica. Porto Alegre, 1997, v.10, n.1, p.47-69.

BOAINAIN JÚNIOR, E. **Transcentrando**: tornar-se transpessoal – elementos para uma aproximação entre a abordagem centrada na pessoa e a psicologia transpessoal. 1996. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BOAINAIN JÚNIOR, E. **Tornar-se transpessoal**: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus, 1998.

BOAINAIN JÚNIOR, E. **Grupos transcentrados**: investigando a utilização de uma metodologia "rogeriana" grupal para exploração e desenvolvimento de potencialidades transpessoais. 2003. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BOAL, A. **Teatro do oprimido**: e outras poéticas políticas. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

[66] De acordo com:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. *NBR 6023*: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BOAL, A. **O arco-íris do desejo**: método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 2.tiragem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOAL, A. A liberdade na prisão. **Mudança de cena II**: o teatro construindo cidadania. Edição especial da conferência internacional em setembro de 2000. Estado de Pernambuco. p.16-23.

BOAL, A. Entrevista. In: RAMALHO, C. Luz no fim do túnel. **Revista Link UK**. Publicação do British Council Brasil. Janeiro/fevereiro/março de 2003.

BODHIGITA. M. Massagem Ayurvédica: a técnica criada por Kusum. **Informativo de massagem ayurvédica no Brasil**. Ano 1, Nº 1, maio, 2003.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 9e. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1999.

BORJA, G. **A loucura cura**: um manifesto psicoterapêutico. São Paulo: Esfera, 2001.

BURTON, A. **Teorias operacionais da personalidade**. Coleção Psicologia Psicanalítica. RJ: Imago, 1978.

CAMARGO, M. S. **Terapia penal e sociedade**. Campinas/SP: Papirus, 1984.

CABRAL, A. S. O.; VIANA, C. P. L.; SILVA, P. M. A; SOUSA, P.O e SILVA, S.B. **O teatro e a Psicologia como terapêutica na reabilitação de apenados**: um estudo sobre o Grupo Teatral Sem...Nexo Com...Plexo. Porto Velho, dez/2000. Relatório de Pesquisa. Universidade Federal de Rondônia/UNIR.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DALAI LAMA. **Uma ética para o novo milênio**. 8e. São Paulo: Sextante, 2000.

DUTRA, E.M.S. O trabalho corporal como um recurso facilitador da experienciação. **Estudos de Psicologia**, vol.1, nº1, 1996, p.56-66. UFRN

EVANS, R. I. **Carl Rogers**: o homem e suas idéias. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

FERNANDES, A. Projeto Drama. **Mudança de cena II**: o teatro construindo cidadania. Edição especial da conferência internacional em setembro de 2000. Estado de Pernambuco. p.39-43.

FONSECA, A.H.L. **Abordagem centrada na pessoa**: de raízes e desdobramentos. Texto sob revisão. Maceió: 1996.

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1993.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**. 14e. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREI BETTO; FREIRE, P. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 14e. São Paulo: Ática, 2003.

FRICK, W. B. Entrevista com o Dr. Carl Rogers. In: **Psicologia humanista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. Cap.3, p.108-140.

FURLONG, D. **A cura total**: como despertar e desenvolver o seu poder de curar. São Paulo: Cultrix, 1997.

GAWAIN, S.; KING, L. **Vivendo na luz**: guia para a transformação pessoal e planetária. São Paulo: Pensamento, 1998.

GOBBI, S.L.; MISSEL, S.T. Vocabulário. In: **Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa**. 2e. São Paulo: Vetor, 2002. p.15-164.

GOLDSTEIN, K. **La naturaleza humana a la luz de la psicopatologia**. Buenos Aires: Paidós, 1961.

GONDRA, J.M. **La psicoterapia de Carl Rogers**: sus orígenes, evolucion y relacion com la psicologia cientifica. Bilbao: Vizcaina, 1975.

HALL, C. S. & LINDSEY, G.: Teoria Organísmica. In.: **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Herder, 1972. Cap. VI, p.329 - 371.

HERITAGE, P. Teatro nas prisões. **Metaxis** – revista do teatro do oprimido. CTO – RIO. Ano I, n. 1, dez. 2001. p. 32-33.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBBARD, Elber. **Uma mensagem a Garcia**. (brochura, sem data).

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa:** psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

JESUS, S.T. **Castelo interior ou moradas**. 11e. São Paulo: Paulus, 2003.

JOCENIR. **Diário de um detento**: o livro. 2e. São Paulo: Labortexto, 2001.

JUSTO, H. **Cresça e faça crescer**. 6e. Canoas/RS: La Salle, 2000.

KAMINSKI, K.; SQUEFF, L. Eles tomaram o poder. **Veja**. e.1689. Ano 34. n.8 28 de fevereiro de 2001.

KINGET, M. O Método Não-diretivo. In: ROGERS, C. R. e KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. Vol.I. Primeira Parte. 23-140.

KÜBLER-ROSS, E. **A roda da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

KÜBLER-ROSS, E.; KESSLER, D. **Os segredos da vida**. 2e. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LOFFREDO, A.M. Gestalt-terapia. In: **A cara e o rosto**: ensaio sobre Gestalt-terapia. São Paulo: Escuta, 1994. Cap. 1, p.25 - 87.

LOPES, R. **Prisioneiras de uma mesma história**: o amor materno atrás das grades. 2003. 155 f. Projeto de Qualificação (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LÜDKE , M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

MARX, M. H.; HILLIX, W. A. Teorias organísmicas. In.: **Sistemas e teoria em psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1974. p.503 - 600.

MASSOLA, G.M. **Sistema penitenciário**: reforma ou reprodução, um estudo da APAC de São José dos Campos. 2001. 470 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MAY, R. **Liberdade e destino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MEIHY, J.C.S.B. **Canto de morte kaiowá:** história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MILLER O'HARA, M. Psicoterapia centrada na pessoa: tecnologia da mudança ou busca de conhecimento. In: ROGERS, Carl R. **Em busca de vida**: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução N.196. 10.10.1996.

MORAES, V. **Nova antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MORATO, H.T.P.; SCHMIDT, M.L.S. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATTO, H.T.P. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. Cap.6, p.115-128.

MORATO, H.T.P.; SCHMIDT, M.L.S. Aprendizagem significativa: informação e narrativa. **Interações**, v.3, n.5, jan/jun, p.67-74, 1998.

MORATO, H.T.P. Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda? In: ROSENBERG, R.L. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987. Cap.2, p.24-44.

MORENO, J.L.; ENNEIS, J.M. **Hipnodrama e psicodrama**. São Paulo: Summus, 1984.

OTTOBONI, M. **Ninguém é irrecuperável**: APAC, a revolução do sistema penitenciério. 2e. São Paulo: Cidade Nova, 2001.

PAGÈS, M. **Orientação não diretiva em psicoterapia e psicologia social**. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Edusp, 1976.

PALMER, H. **O eneagrama**: compreendendo-se a si mesmo e aos outros em sua vida. 4e. São Paulo: Paulinas, 2000.

PRADO, A.C. **Cela forte mulher**. São Paulo: Labortexto, 2003.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O.M. Experimentos com histórias de vida. **Enciclopédia aberta de ciências sociais.** Cap.2, p.14-43, 1984.

QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: CERU/FFLC/USP, 1983. Coleção Textos, 4.

RAMALHO, C. Luz no fim do túnel. **Revista Link UK**. Publicação do British Council Brasil. Janeiro/fevereiro/março de 2003.

REICH W. **O Assassinato de Cristo**. 4e. São Paulo: Martins Fontes,1995a.

REICH, W. **A função do orgasmo:** problemas econômico-sexuais da energia biológica. 19e. São Paulo: Brasiliense, 1995b.

REICH, W. **Escuta Zé ninguén!** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

REICH W. Os pais como educadores: a coacção a educar e suas causas. In.:REICH, W.; SCHIMIDT, V. **Psicanálise e educação.** Lisboa: J. Bragança, 1975.

ROCHA, L.C. **Vidas presas**: uma tentativa de compreender a tragédia da criminalidade junto às suas personagens oprimidas. 1984. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1984

ROCHA, L.C. **A prisão dos pobres**. 1994. 282 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

RODRIGUES, H. **Vidas do Carandiru**: histórias reais. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

ROGERS, C.R. **A pessoa como centro.** São Paulo: EPU, 1977b.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte/MG: Interlivros, 1975.

ROGERS, C.R. **Um jeito de ser.** São Paulo: EPU, 1983b.

ROGERS, C.R. **Psicoterapia e consulta psicológica.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. 3e. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ROGERS,C.R. **Tornar-se pessoa**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

ROGERS, C.R. **Terapia centrada no cliente.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROGERS, C.R. **Grupos de encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ROGERS, C. R. e KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977a. Vol.I.

ROGERS, C.R. Aprender a ser livre. In. ROGERS, C.R.; STEVENS, B. **De pessoa a pessoa.** 4e. São Paulo: Pioneira, 1991b. p.53-77.

ROGERS, C.R. Em busca de uma perspectiva moderna dos valores: o processo valorizador na pessoa madura. In. ROGERS, C.R.; STEVENS, B. **De pessoa a pessoa.** 4e. São Paulo: Pioneira, 1991c. p.13-32.

ROGERS, C.R. Aspectos significativos da terapia centrada no cliente. In: WOOD, J. K. et al. **Abordagem centrada na pessoa.** Vitória/ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995a. Parte I: Seis artigos seminais de Carl R. Rogers. p.17-38.

ROGERS, C.R. Algumas observações sobre a organização da personalidade. In: WOOD, J. K. et al. **Abordagem centrada na pessoa.** Vitória/ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995b. Parte I: Seis artigos seminais de Carl R. Rogers. p.39-69.

ROGERS, C.R. Conceito de pessoa em funcionamento pleno. In: WOOD, J. K. et al. **Abordagem centrada na pessoa.** Vitória/ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995c. Parte I: Seis artigos seminais de Carl R. Rogers. p.71-95.

ROGERS, C.R. A equação do processo da terapia. In: WOOD, J. K. et al. **Abordagem centrada na pessoa.** Vitória/ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995d. Parte I: Seis artigos seminais de Carl R. Rogers. p.97-124.

ROGERS, C.R. Pessoas ou ciência? Uma equação filosófica. In: WOOD, J. K. et al. **Abordagem centrada na pessoa.** Vitória/ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995e. Parte I: Seis artigos seminais de Carl R. Rogers. p.125-155.

ROGERS, C.R. As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica de personalidade. In: WOOD, J. K. et al. **Abordagem centrada na pessoa.** Vitória/ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995f. Parte I: Seis artigos seminais de Carl R. Rogers. p.157-179.

ROGERS, C.R. et al. **Em busca de vida**: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. 2e. São Paulo: Summus, 1983a.

ROGERS, C.R.; STEVENS, B. **De pessoa a pessoa.** 4e. São Paulo: Pioneira, 1991.

ROGERS, C.R.; WOOD, J. K. Terapia centrada no cliente: Carl R. Rogers. In: BURTON, A. **Teorias operacionais da personalidade**: Coleção Psicologia Psicanalítica. RJ: Imago: 1978. p.192-233.

ROGERS, Carl Ranson et al. **Em busca de vida**: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983a.

ROJAS-BERMÚDEZ. **Introdução ao Psicodrama**. São Paulo: Mestre-Jou, 1970.

RONCALLI, A. Teatro nas prisões: uma possibilidade de resgate da cidadania. **Mudança de cena II**: o teatro construindo cidadania. Edição especial da conferência internacional em setembro de 2000. Estado de Pernambuco. p.36-38.

ROSENBERG, R.L. Terapia para agora. In: ROGERS, C.R. **A pessoa como centro.** São Paulo: EPU, 1977. Cap.II, p.49-68.

RUSCHE, R.J. **Teatro**: gesto e atitude investigando processos educativos através de técnicas dramáticas, com um grupo de presidiários. 1997. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SALDANHA, V. **A psicoterapia transpessoal**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1999.

SANTOS, R,M.S. **Sonho possível**: o teatro como instrumento de transformação e conscientização do indivíduo encarcerado. 1994. 099 f. Dissertação (Mestrado em Artes - Teatro) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SANTOS, B. Capacitação para um novo futuro. **Mudança de cena II**: o teatro construindo cidadania. Edição especial da conferência internacional em setembro de 2000. Estado de Pernambuco. p.70-73.

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v.12 (2), p.29-47, 2001.

SERVIÇO SOCIAL DO TRANSPORTE/SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO TRANSPORTE/PORTO VELHO. **Projeto Cultural "Pontilhado"**. CT.SEST/SENAT-CAPIT-10/DROP/N.º182/2000.

SERVIÇO SOCIAL DO TRANSPORTE/SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO TRANSPORTE/PORTO VELHO. **Divulgação dos trabalhos sociais**. 1 CD-ROM.

SOARES, A R. **Comunicação educativa para os presidiários**. 1992. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STEVENS, J.O. **Tornar-se presente**: experimentos de crescimento em gestalt-terapia. 9e. São Paulo: Summus, 1988.

TAGORE, R. **Noibeddo**: oferta. São Paulo: Paulinas, 1996.

TAMBARA, N.; FREIRE, E. **Terapia centrada no cliente**: teoria e prática: um caminho sem volta. Porto Alegre/RS: Delphos, 1999.

THIOLLENT, M. O processo de entrevista. In: **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3e. São Paulo: Polis, 1982. Cap.III, p.79-99.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VARELLA, D. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, H.A. A experiência feminina na prisão. **Metaxis** – a revista do teatro do oprimido. CTO – RIO. Ano I, n. 1, dez. 2001. p.30-31.

WOOD, D. W. Retrospecto: Homeostase. In: **Princípios de filosofia animal**. São Paulo: Polígono, 1973. Cap.14, p.349-356.

WOOD, J. K. Efeito da pessoa. **Estudos de Psicologia**. Revista do Instituto de Psicologia/PUCCAMP. Campinas, v.3, n.1 e 2, p.43-59, abr/ago. 1986.

WOOD, J. K. Efeito do grupo. **Estudos de Psicologia**. Revista do Instituto de Psicologia/PUCCAMP. Campinas, v.2, n.2 e 3, p.05-19, ago/dez. 1985.

WOOD, J. K. et al. **Abordagem centrada na pessoa**. Vitória/ES: Fundação Cecílio Abel de Almeida, 1995.

WOOD, J. K. Outros aspectos criativos em psicoterapia. **Estudos de Psicologia**. Revista do Instituto de Psicologia/PUCCAMP. Campinas, v.4, n.2, p.55-68, jul/dez. 1987.

WOOD, J. K. Terapia de grupo centrada na pessoa. In: ROGERS, C.R. et al. **Em busca de vida**: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. 2e. São Paulo: Summus, 1983. p.45-87.

ZALUAR, A. “Hipermasculinidade” leva jovem ao mundo do crime. **Folha de São Paulo**. 12.07.2004. Entrevista ao jornalista Antônio Góes.